

Subsídios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa  
XI

---

OBRAS  
DE  
GIL VICENTE

Com revisão, prefacio e notas de Mendes dos Remedios

TOMO PRIMEIRO

LVMEN



14627  
15 | 6 | 18

COIMBRA

FRANÇA CAMADO — EDITOR

---

1907

## PREFACIO

---

### I

Que dizer ainda e mais uma vez do poeta-dramaturgo Gil Vicente, uma das mais lidimas glorias da patria literatura ?

Se documento imprevisto arrancado ao mysterio d'algum archivo ou bibliotheca nos não vier trazer mais algumas achegas para a sua biographia teremos de nos resignar a fazer maior ou menor numero de conjecturas e a formular hypotheses mais ou menos verosimeis — desde o anno e o logar do seu nascimento até ao processo mental da sua complexa e extraordinaria obra.

Isto não quer dizer que, para não remontar senão ha pouco tempo, relativamente, nós não tenhamos avançado depois que os benemeritos Barreto Feio e Gomes Monteiro prestaram ás letras patrias o valioso e inestimavel serviço da sua edição de Hamburgo de 1834 <sup>1</sup>. Mas

---

<sup>1</sup> Para a bibliographia do poeta vejam-se as obras citadas no *Auto da Festa, obra desconhecida com uma explicação previa* pelo Conde de Sabugosa, Lisboa, 1906, 1 vol., pg. 21-23. No vol. 18, pg. 305, do *Dicc. Bibliographico* de Innocencio vêem citados alguns jornaes que

os dados forrageados nas proprias obras do poeta sam deminutos, como teremos occasião de ver adeante, e nem sempre incontroversos, e os contemporaneos não nos legaram nenhum elemento que podesse satisfazer a nossa legitima curiosidade neste ponto<sup>1</sup>.

Que surprezas nos reservará o futuro? Continuaremos na ignorancia em que laboramos por enquanto? Esclarecer-se-ham as duvidas que encobrem ainda a vida e a obra do nosso genial escriptor? Temos muita fé nas pesquisas dos archivos e das bibliothecas. Quem olha para o que no nosso país, na historia da literatura e da arte, tēem feito investigadores como D. Carolina Michaëlis, Sousa Viterbo, Joaquim de Vasconcellos, Leite de Vasconcellos, o grupo de trabalhadores que dirige e sustenta o *Archivo Historico Portugues* e tantos mais, fundadamente pode esperar que de todas essas fadigas alguma coisa hade derivar que esclareca esses e outros pontos — obscuros ou ainda não vistos — da nossa historia geral.

---

publicaram artigos commemorativos, muitos d'elles, seja dito de passagem, sem outro merito que não seja o litterario — quando o tēem, por occasião da celebração do centenario vicentino em Lisboa. Numa bibliografia minuciosa não poderá esquecer-se nunca o nome do sr. Menéndez y Pelayo que se occupa do nosso poeta na *Antología de Poetas liricos Castellanos desde la formación del idioma hasta nuestros días*, vol. vii, pg. CLXIII-CCXXV com aquella pasmosa erudição e tão criterio que é de uso encontrar-se em trabalhos seus.

<sup>1</sup> Apenas o humanista André de Resende, contemporaneo, deixou consignada a affirmação de ser Gil Vicente simultaneamente *auctor e actor*. Cfr. o «Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente», que precede a ed. de Hamburgo, pg. xiv.

A prova eloquente destas affirmações deduz-se do que se tem passado precisamente com Gil Vicente. E' de hontem ainda o formosissimo estudo do sr. Conde de Sabugosa, que precede e elucida o *Auto da Festa* arrancado pela varinha magica do muito carinho literario ao seu longo sonno de seculos. O conhecimento da epoca e do meio em que se educou e desenvolveu o genio do poeta, bem como das personagens com quem viveu e á sombra d'algumas das quaes a sua musa inspirada achou vigoroso alento, permittem-nos fazer com segurança numerosas inducções sobre o seu caracter e temperamento literario. Se não temos na nossa mão por enquanto, a chave de mais d'um enyigma que anda preso á sua biography, os dados laboriosamente adquiridos e postos a claro pelo paciente e benedictino labor d'um Brito Rebello <sup>1</sup> ou d'um Braamcamp Freire <sup>2</sup> muito nos fazem já avançar no desejo, aliás natural, de adquirir um conhecimento, quanto possivel completo, do genial creador do theatro portugues.

Nas poucas e breves paginas que vam lêr-se quereriamos synthetizar o que, á hora actual,

---

<sup>1</sup> Cfr. as *Ementas Historicas*. II — *Gil Vicente. Estudos por Jacinto Ignacio de Brito Rebello, Lisboa, 1902*, trabalho honestissimo, que deitou abaixo muita pretendida erudição.

<sup>2</sup> A proposito da edição do *Auto da Festa* do sr. Conde de Sabugosa, publicou o sr. Braamcamp Freire, sob o pseudonymo de *Silex* em *O Jornal do Commercio*, de Lisboa, fev. de 1907, n.º 15:915, 15:916, 15:917, 15:918, 15:919, 15:922 e 15:926 uma serie de artigos, baseados em parte em investigações proprias e ineditas, e em que contesta algumas das hypotheses até hoje geralmente aceites e outras formuladas pelo sr. Conde de Sabugosa no seu estudo.

está assente sobre esta figura primacial da noosa historia literaria, de modo a dar os elementos indispensaveis a quem ler a sua obra para uma melhor intelligencia e comprehensão della.

## II

E antes de mais. Fazendo incluir as obras de Gil Vicente na nossa collecção — *Subsídios para o estudo da historia da literatura portuguesa* — não pensamos em fazer uma obra de critica, de alcance philologico ou linguistico. Este trabalho já ha annos nos foi, no seu conjunto, promettido, e delle se desempenhará — e oxalá que brevemente — quem pela sua competencia e pela especialização dos seus estudos indicado está para prestar esse relevante serviço á literatura portuguesa<sup>1</sup>. O que quisemos foi facilitar o conhecimento do genial creador do theatro portugues, offerecendo um texto cuidado, correcto e economico a todos aquelles a quem o amor ou o dever profissional aconselha ou impõe o conhecimento das nossas mais legítimas glorias literarias. Não

---

<sup>1</sup> O sr. dr. Leite de Vasconcellos prepara uma edição total das obras de Gil Vicente, bem como a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, de quem, em breve, teremos uma edição das *Barcas* na collecção de Strasbourg, onde a illustre romanista nos deu já dous volumes dos *Lusiadas*, com um prefacio encantador, que muito valoriza a edição. Cfr. sr. Conde de Sabugosa, *ob. cit.*, pg. 94.

são as edições do fundador do theatro português taes nem tantas que possam dispensar todas quantas a boa vontade e o desejo de ser util possam fornecer aos estudiosos. Eis a enumeração completa dessas edições até á hora actual:

1.<sup>a</sup> — *Compilaçam de todalas obras de... a qual se reparte em cinco liuros. O primeiro he de todas suas obras de devaçam. O segundo as Comedias. O terceiro as Tragicomedias. O quarto as Farças. No quinto as obras meudas. Emprimio-se em Lixboa em casa de Joam Aluarez impressor del Rey nosso Senhor. Anno de MDLII. E no fim: Acabou-se de emprimir esta copilaçam das obras de ... em Lixboa em casa de Joam Alvarez impressor del Rey nosso Senhor, na Vniuersidade de Coimbra aos x. 15. dias do mes de Setembro de MDLXII annos. Vam nestes cabos assinados todos os liuros por Luis Vicente por se nam poderem emprimir nem vender outros por outras pessoas que nam tem o privilegio de sua alteza que no principio ray impresso por que somente os que forem assinados se conhecera serem desta impressam e per licença da pessoa a quem se o privilegio concedeo. & Fol. de 4 folh. innumer., 262 numer. irregularmente, texto em caracteres gothicos a duas columnas, sendo a numeração em algarismos arabicos até fol. 9, e d'ahi em diante romana.*

Desta edição conhecem-se apenas os seguintes exemplares: o da Bibliotheca Nacional de Lisboa <sup>1</sup>, o da Bibliotheca Real de Mafra <sup>2</sup>, o da Torre do Tombo, o da Livraria Fernando

<sup>1</sup> Falta desde a fl. 245 em deante.

<sup>2</sup> Completo, mas muito aparado.

Palha <sup>1</sup> antes do bibliophilo João Vieira Pinto, e outro que pertenceu a Manoel Osorio Negrão. Fóra de Portugal só é conhecido o exemplar de Gottingen por onde foi feita a edição de Hamburgo <sup>2</sup>.

Esta edição, a que podemos chamar *princeps*, foi precedida da publicação d'alguns dos autos em folhas avulsas e volantes, impressas á medida que as circunstancias de occasião ou as necessidades do momento o exigiam, do que é prova evidente o *Auto da Festa*, de que pode ver-se o *fac-simile* na edição do sr. Conde de Sabugosa.

2.<sup>a</sup> — A segunda edição intitula-se: *Cópilas cam de todalas obras de ... Vam emendadas pelo Santo Officio como se manda no catalogo d'este Reyno.* E no fim: *Foy impresso em a muy nobre & sempre leal cidade de Lixboa por André Lobato. Anno de MDLXXXVI. 4.<sup>o</sup> de 2 folh. innumer., 28 irregularmente numeradas e 281.*

Edição, como bem pode calcular-se, mutilada não sómente em muitas passagens, como até

<sup>1</sup> Perfeito.

<sup>2</sup> Um pouco mutilado.

Cita-se ainda um exemplar em poder d'um parente do sr. dr. Leite de Vasconcellos. O sr. Conde de Sabugosa enumera tambem um exemplar pertencente ao famoso bibliophilo Gayangos e abona-se com esta passagem de Gallardo: « El exemplar de esta rarissima edicion que tivemos á la vista perteneciente a D. Pascual Gayangos está bastante mutilado por el Santo Oficio ... ». Mas é bem evidente por estes dizeres que a edição de que se trata é a 2.<sup>a</sup>, de 1586, como pôde vér-se em Gallardo no *Ensayo de una biblioteca española de libros raros e curiosos*, iv, pg. 1566. Ahi se diz que ao referido exemplar faltam inteiramente *Rubena*, *Dom Duardos*, a maior parte da *Fragoa d'amor*, o *Velho da Horta*, os *Almocreves*, e outras muitas cousas.

em autos inteiros; mas é tam rara como a primeira, conhecendo-se apenas alguns exemplares. Traz o prologo-dedicatoria que o auctor dirigiu a D. João III e que precedia, na primeira edição avulsa, a tragicomedia *D. Duardos*. « E' o melhor merecimento d'ella » escreve o sr. Brito Rebello <sup>1</sup>. Possue um exemplar a Bibliotheca Nacional. E' de advertir que alguns exemplares trazem a data do anno anterior — 1585, o que, junto a uma ou outra diferença de texto pôde erradamente fazer crer na existencia d'outra edição.

3.<sup>º</sup> — *Obras de Gil Vicente correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. T. Barreto Feio e J. Gomes Monteiro*. Hamburgo, 1834, 8.<sup>º</sup>, 3 vols., o 1.<sup>º</sup> com XLIV-387 pag., o 2.<sup>º</sup> com 535 e o 3.<sup>º</sup> com 402. Alguns exemplares apresentam rosto diverso trazendo a declaração de terem sido impressos em « *Paris, officina typographica de Fain & Thunnot, 1843* ».

Da forma como foi realizado este trabalho e do criterio a que obedeceu dão conta na *Advertencia* exarada no 1.<sup>º</sup> vol. os seus meticolosos editores.

« Corrigimos todo o logar, escrevem, onde nos pareceo manifesto o erro typographic... Em quanto á ortographia, assentamos aproximar-nos da moderna, nunca porém de maneira que a pronuncia soffresse alteração, dando uma voz moderna pela antiga. Conservamos pois *sam* e *som* por *sou*, *devaçao* por *devocão*, *concrusão* por *conclusão* e outras similhantes. Finalmente assentamos nada omittir do que se achava impresso na 1.<sup>a</sup> edição <sup>2</sup>. »

<sup>1</sup> *Ob. cit.*, pg. 64.

<sup>2</sup> Cfr. a *Advertencia*, pg. vii.

A isto ha apenas a accrescentar que no vol. II de pag. 185 a 189 foi seguida a edição de 1586 por no logar respectivo se achar mutilado o exemplar de Gottingen, e que no mesmo volume, a pag. 440 faltam *tres* versos.

4.<sup>a</sup> — *Obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1852; 3 vols. o 1.<sup>o</sup> com LX-387 pag., o 2.<sup>o</sup> com 527 e o 3.<sup>o</sup> com 392 e duas de indices. Pertence esta edição á *Bibliotheca Portugueza*, que publicou igualmente as obras de Bernardim Ribeiro (1 vol.), Camões (3 vols.), Francisco de Moraes (3 vols.) e o *Primeiro Cerco de Diu* de Francisco d'Andrade (1 vol.).

Ficará essa nossa edição, se for levada a bom termo, constituindo a 5.<sup>a</sup> das *Obras completas do Poeta*.

Obedecendo aos intuitos modestos que tēem inspirado todas as que na nossa collecção já foram publicadas, ou venham por ventura, ainda, a sê-lo, não nos demoveu do proposito a circunstancia de não termos á mão a edição *princeps* do poeta. Guiados pelas duas últimas edições seguimos amoravel e cuidadosamente o plano que emprehendemos e assim apresentamos ao publico hoje o primeiro volume, em que incluimos exclusivamente as *Obras portuguesas* do nosso poeta, guardando para um segundo volume as *Obras bilingues* e reservando para um terceiro e ultimo aquellas que foram escriptas somente em *lingoa espanhola*<sup>1</sup>.

Não nos pareceu que a circunstancia de aparecer em algumas dessas composições um

---

<sup>1</sup> No ultimo volume daremos o *vocabulario* e aditaremos quaequer notas que julgarmos indispensaveis a um melhor conhecimento do texto.

ou outro romance em espanhol, de resto, encantador na sua melopeia cadente e popular, imposesse o classificá-las no segundo volume. Aqui se encontrarão, pois, essas composições.

O nosso modesto papel de vulgarizadores d'algumas das obras primas da nossa historia literaria preenche uma lacuna, que já se fazia sentir pela tal ou qual raridade das duas edições anteriores, fornecendo aos mestres e alumnos dos nossos lyceus e das nossas escolas livres um texto cuidadoso da grande figura do renascimento em Portugal. Que esse intuito nos absolva da infracção em que incorremos fugindo á distribuição do theatro Vicentino em obras de *devoção*, *comedias*, *tragicomedias*, *farças* e *obras meudas*. Esta classificação tem bastante de artificial, como todos sabem, para ser respeitada.

Por outro lado a conhecida classificação em theatro *hieratico*, *aristocratico* e *popular* também não resiste a uma analyse feita em presença dos proprios textos. Quer isto dizer que a distribuição em harmonia com o idioma escolhido pelo nosso grande dramaturgo seja a melhor, a preferivel?

Longe d'isso. Basta notar que das *Barcas*, as duas primeiras estão escriptas em portugues, e a ultima, a da *Glória*, está escripta em espanhol, e todavia, é claro, o pensamento desse trecho maravilhoso da obra Vicentina só se integra numa harmonia logica em todas tres.

Mas o que nos dirige aqui é sómente um intuito didactico, que em nada, de resto, atraiçõa a obra do Poeta. O professor da historia literaria portuguesa, como o da historia da lingoa, dirigir-se-ha em primeiro logar ao texto que mais lhe interessa — ao que na sua tota-

lidade ou quasi está exarado na lingoa em que precisamente Gil Vicente é um dos mais exímios cultores e mestres<sup>1</sup>. Com este criterio procedemos e dirigimos o nosso trabalho.

## III

Seria da maior importancia fixar tanto a data do nascimento de Gil Vicente, como a do apparecimento das suas numerosas creações dramaticas. A fixação dessa chronologia habilitar-nos-hia a resolver mais d'um ponto literario, como os que respeitam á influencia que o poeta soffreu dos seus contemporaneos espanhóes. Na carencia de noticias externas foi á propria obra do poeta que se acolheram os biographos no ambicionado encalço de informações. Era natural.

Logo no *Auto pastoril castelhano*, representado em 1502, diz o pastor Gil Terron ao seu companheiro Bras :

*Conociste á Juan Domado,  
Que era pastor de pastores?  
Yo lo vi entre estas flores,  
Con gran hato de ganado,  
Con su cayado real,  
Repastando en la frescura,  
Con favor de la ventura:*

<sup>1</sup> Gil Vicente marca a transição entre a lingoa archaica e a moderna, escreve o sr. J. J. Nunes, mas pelas falas que põe na boca dos seus personagens pertence mais aquella do que a esta. Vid. a sua interessantissima obra *Chrestomathia archaica, excerptos da*

Perante este texto é evidente que o Poeta conheceu D. João II, que elle designa sob o cryptonimo de *Domado*, ou seja *damado*, isto é, *estimado, querido*.

No mesmo auto algumas scenas adiante é empregado o adjectivo *damada*, nesta accepçāo. Pergunta o pastor Gil Terron :

*Quien es la esposa que hubiste?*

Ao que responde o companheiro Silvestre :

*Teresuela mi damada*

que logo merece estas palavras de elogio a Bras :

*Dios! que es moza bien chapada,  
Y aun es de buen natio,  
Mas honrada del lugar.*

Sendo assim e tendo aquelle monarcha falecido em 1495, o poeta devia, para o conhecer, contar, a essa data, alguns annos. Quantos é que é impossivel de fixar.

Mas eis outros dados que se afiguram mais claros.

Parece não poder haver duvida de que foi o proprio Gil Vicente quem desempenhou o papel d'aquelle *Doutor Justiça Maior do Reino, da Floresta de Enganos*, que convida a Moça a entrar no seu gabinete onde elle estuda :

*Recontadme el hecho vueso,  
Y entrad bien sin temor.*

e a quem ella replica :

*Sabeis que, Senhor Doutor ?  
Vós pareceis-me travesso.*

logo elle se apressa a retorquir, para lhe tranquillizar o alvoroço :

*Ya hice sesenta y seis,  
Ya mi tiempo es pasado.*

Esta comedia foi representada em 1536. Portanto teríamos a esta data o poeta com sessenta e seis annos, vindo o seu nascimento a ser em 1470. Isto é claro. O peior é que vinte e quatro annos antes de 1536 já elle dizia que contava os seus sessenta. Com effeito n'O *Velho da Horta*, em que com toda a probabilidade quem representava o papel de Velho era tambem o nosso poeta, lê-se :

*Havei ma ora vergonha  
A cabo de sessenta annos,  
Que sondes já carantonha.*

Ora esta farça foi representada em 1512, o que nos dá uma data que não só não concorda com a anterior, mas que é inverosimil <sup>1</sup>. Em vez de 1470 teríamos 1452 !

Como se isto não fosse bastante surge agora o *Auto da Festa* e numa das scenas a Velha, dando a razão porque não quer casar com Gil Vicente declara terminantemente :

*He logo mui barregudo  
e mais passa dos sessenta.*

<sup>1</sup> Sr. Brito Rebello, 78.

Suppõe o sr. Conde de Sabugosa que este Auto foi feito e representado em 1535 e ahi temos de novo approximadamente como verosimil o anno de 1470<sup>1</sup>.

Querendo-se portanto, escreve o sr. Braamcamp Freire, tirar dados biographicos destes trechos, tam bom fundamento temos para suppor Gil Vicente nascido em 1470 como em 1452, e, note-se, qualquer destas datas não se oppõe ao que está averiguado acerca da duração da vida do poeta. Delle sabemos que ainda vivia em 1536 e que já era morto em 16 de abril de 1540, tendo talvez fallecido nos fins do anno precedente. Se nasceu em 1470 viveu setenta annos; se nasceu em 1452 alcançou os oitenta e sete ou oitenta e oito, idade proyecta certamente, mas nada impossivel<sup>2</sup>.

Não param aqui as illações que podem deduzir-se de passagens da obra de Gil Vicente. Na carta que elle mandou de Santarem a El Rei D. João III sobre o tremor de terra, que foi a 26 de janeiro de 1531, depois de contar como procedera com os frades esmorecidos com a « tormenta da terra, que ora passou » termina: « E porem saberá V. A. que este auto foi de tanto seu serviço que nunca cuidei que se offerecesse caso em que tão bem empregasse o desejo que tenho de o servir, *assi vizinho da morte como estou...* »<sup>3</sup>.

« Vizinho da morte » por estar então gravemente doente, como suppõe o sr. Brito Rebello, ou porque era velho, idoso, porque tinha certamente mais de sessenta e um annos, porque

<sup>1</sup> Vid. *ob. cit.*, pg. 65.

<sup>2</sup> *O Jornal do Commercio*, já cit., n.º 15:916.

<sup>3</sup> Vid. *adeante*, pg. 398.

roçava pelos oitenta, porque, finalmente, não nascera em 1470, mas annos antes, nas approximações de 1452, como opina o sr. Braamcamp Freire <sup>1</sup>?

Se aceitarmos os dados deste erudito e consciencioso investigador teremos de suppor que o Poeta só começou a escrever aos cincuenta annos, visto que a sua primeira obra dramatica — o *Auto da Visitação* — é do anno de 1502. Mas é preciso confessar que se o facto nada tem de inverosimil, é contudo estranho e pouco frequente. Teremos, portanto, de nos contentar com a data um pouco vaga do ultimo quartel do seculo xv, se não quisermos inclinar-nos para o anno mais geralmente acceite de 1470, isto até que algum novo documento permitta interpretar e harmonizar os dados colhidos das obras do Poeta e que deixamos referidos, ou pô-los inteiramente de parte, como ditos de gracejo e de zombaria do seu auctor <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *O Jornal do Commercio*, ibid.

<sup>2</sup> Quem poderia colher notas biographicas nestes versos do poeta?..

Gil Vicente o autor  
Me fez seu embaixador,  
Mas eu tenho na memoria  
Que para tão alta historia  
Naceo mui baixo doutor.  
Creio que he da Pederneira  
Neto dum tamborileiro ;  
Sua mãe era parteira.  
E seu pae era albardeiro...

*Auto da Lusitania*, III, 274.

Outros dizeres do mesmo auto tornam inverosimil qualquer apropriação á pessoa do poeta. E' pura phantasia e gracejo, o que não é bem o caso, parece-nos, dos logares citados no texto.

Ha tambem muito de conjectural no que se refere aos filhos de Gil Vicente. Com os nomes dos pais e o da terra da naturalidade acontece o mesmo. Barbosa Machado limita-se, certamente porque não conheceu outros dados, a escrever que os pais « eram de illustre extracção » <sup>1</sup> e, dizem outros biographos, assim como já coube em sorte a muitos varões illustres, varios logares teem sido mencionados como sua patria. Guimarães, Barcellos e Lisboa, disputam entre si esta honra <sup>2</sup>. A tradição aponta Gil Vicente como filho dum ourives. Seria este um tal Vicente Fernandez, a quem D. Manoel em carta de 4 de Maio de 1509 deu quitação « de toda a prata nossa que recebeo » e a quem chama « nosso ourives » <sup>3</sup>?

E' possivel. A respeito dos filhos ha dous sobre os quaes não resta a menor duvida — Luis Vicente, o colleccionador e editor das obras de seu Pai, a quem foi attribuido por João Baptista de Castro <sup>4</sup> o auto *D. Luis de los Turcos* ou dos *Cativos*, que Faria e Sousa attribue a outro filho de Gil Vicente, de identico nome, e que é naturalmente composição do Infante D. Luis <sup>5</sup>, e Paula Vicente, a famigerada dama da Infanta D. Maria, filha de D. Manoel, de quem a lenda, mais do que a historia, pôde dizer que fôra auctora dum

<sup>1</sup> *Bibl. Lusit.*, verb. « Gil Vicente ».

<sup>2</sup> Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente, na ed. de Hamburgo, pg. x.

<sup>3</sup> Vid. o *Doc. n.º IV* publicado pelo Sr. Brito Rebello in. ob. cit., pg. 102.

<sup>4</sup> *Mappa de Portugal*, II, pg. 320.

<sup>5</sup> Vid. o *Ensaio*, já cit., da ed. de Hamburgo, pg. xvi.

volume de comedias, hoje perdido, e que ajudava seu Pai na composição e representação das suas obras <sup>1</sup>. O Sr. Brito Rebello acrescenta mais dous filhos — Belchior Vicente e Valeria Borges <sup>2</sup>.

Qual dos filhos do Poeta se partiu para a India em procura de gloria e de fortuna? O Luis ou o Belchior? Ou é outro filho do Poeta o que emprehendeu esta viajem <sup>3</sup>? Porque parece indubitavel que um filho do grande comediographo fez realmente tal viajem. Faria e Sousa regista a tradição duma forma pouco sympathica para o glorioso fundador do theatro portugues, pois diz que o Pai mandara o Filho para a India movido pela inveja dos seus talentos, affirmatione inverosimil que se não abona, demais, com documento de nenhuma especie.

O escriptor mais antigo onde encontramos este conto, escrevem os auctores da edição de Hamburgo, é Faria e Sousa, ... que se deve consultar com summa desconfiança pela apparente avidez e irreflexão com que acolhia quantas anedoctas andavam na boca do vulgo e com que muitas vezes faz os mais acerbos ultrajes á memoria daquelles mesmos, cujo caracter é seu maior empenho ennobrecer <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *A Infanta D. Maria de Portugal*, pg. 43.

<sup>2</sup> *Ob. cit.*, pg. 72 e seg.

<sup>3</sup> *Silex in — O Jornal do Commercio*, n.<sup>o</sup> 15:917 dá como indiscutivel ter o poeta cinco filhos. « E' certo, escreve, ter o poeta... cinco filhos dos quaes quatro se chamaram Belchior Vicente, Paula Vicente, Luis Vicente e Valeria Borges, sendo muito provavel que ao primo-genito tivessem posto o nome de Vicente Fernandes ».

<sup>4</sup> *Log. cit.*, pg. vx

---

Que um filho de Gil Vicente esteve na India deduz-se duma passagem dos *Commentarios* de Affonso d'Albuquerque, por signal que em contradição com uma outra das *Lendas da India*<sup>1</sup>, mas nada indica que não tivesse ido por espirito de aventura, por cobiça ou por gloria. A affirmação de Faria e Sousa é portanto absolutamente gratuita.

Que diremos, agora, sobre o ponto tam litigioso — se o poeta dos Autos é tambem o artista que cinzelou a custodia dos Jeronymos fabricada, como se sabe, com o primeiro ouro que do Oriente se recebeu e que é uma maravilha de execução manual? Ninguem, durante tres seculos, discutiu nem aventurou sequer uma duvida, porquanto só apparecia a caracteristica literaria do Plauto português<sup>2</sup>. Mas em 1881 Camillo Castello Branco na *Historia e Sentimentalismo* pretendeu provar serem personagens differentes o poeta e o ourives. Antes delle, escondida nas folhas manuscritas dalguns nobiliarios do seculo XVII e do seguinte, se encontrava já aquella asserção, apresentada sem base documental, sem fundamento em noticias contemporaneas, inventada, ao que parece, somente, para tirar de cima da prosapia dos descendentes de Gil Vicente, poeta, o labeo de provirem de um mecanico, como succederia no caso delle tambem haver sido ourives<sup>3</sup>. Pode dizer-se que, á hora actual, tudo milita em favor da opinião que

---

<sup>1</sup> Cfr. Sr. Sousa Viterbo no *Archivo Historico*, I, 221.

<sup>2</sup> Sr. Sousa Viterbo, *ibid.*

<sup>3</sup> *O Jornal do Commercio*, cit.

unifica os dous artistas, o da penna e o do cinzel numa mesma personagem. O Sr. Sousa Viterbo revela-se ainda indeciso. A obra literaria de Gil Vicente parece-lhe vasta de mais para, só por si, absorver toda a actividade dum homem. Embora elaborada durante trinta annos, essa obra é muito variada e copiosa, affirma o duto escriptor, convindo advertir que nem todas as suas poesias meudas, nem todas as suas peças dramaticas chegaram a ser incluidas na collecção ordenada por seus filhos. Alem disso elle não se dedicava unicamente a imprimir e a escrever as suas comedias. A semelhança de Molière tinha de as ensaiar e de entrar no seu desempenho, compondo as musicas que acompanhavam algumas dellas <sup>1</sup>.

Estas considerações, discutiveis ainda assim, filhas dum espirito meticulozo que só se convence em presença de *documentos*, de *factos*, e não de meras conjecturas ou aventuroosas *hypotheses*, e sem duvida formuladas tambem quando lhe acudiam á lembrança os nomes do Sr. Theophilo Braga, que primeiro sustentou a identificação, depois a não-identificação, e do Sr. Brito Rebello que primeiro defendeu a dualidade e por ultimo se inclina para o juizo contrario, estas considerações, repetimos, sam insubsistentes em presença da prova documental que, por uma feliz *pirraça* da sorte foi precisamente parar ás mãos deste ultimo laborioso escriptor, o mais incansavel e criterioso de quantos tēem investigado a vida do iniciador do nosso theatro.

Esse documento é nada menos que uma carta de 4 de fevereiro de 1513 registada no

---

<sup>1</sup> *Log. cit.*

principio do verso da folha 20 do livro XLII da Chancellaria del Rei D. Manoel pela qual Gil Vicente, *ourives da rainha Sua muito amada e presada irmã*, é nomeado mestre da balança da moeda da cidade de Lisboa.

Ao lado do registo desta carta mão contemporanea, provavelmente o encarregado de fazer os summarios para se elaborar o indice da chancellaria, — e com letra semelhante á do guarda-mór Fernão de Pina, se não é delle, o que lhe daria um altissimo valor, diz o seguinte; — *Gil Vicente trovador e mestre da balança* — <sup>1</sup>.

Estas palavras, escreve o Sr. Braamcamp Freire, escriptas em vida de Gil Vicente por pessoa que não podia adivinhar as futuras duvidas acerca da identidade do poeta e do ourives; por pessoa que tinha faculdade especial para dentro da Torre do Tombo anotar livros da Chancellaria régia nesta e, note-se, em varias outras folhas; estas palavras, repito, dadas todas as circunstancias acima especificadas, revestem-se de tal auctoridade e peso que equivalem a um documento, authentico, coevo, sem falta de nenhum requisito para merecer inteira fé em toda a parte; com tal força, em summa, que só outro documento o poderia destruir. Não ha sophismas argutos, não ha subtilezas artificiosas, que tenham o poder de nem de leve abalar o credito daquellas palavras, escriptas em hora feliz. Gil Vicente ourives e Gil Vicente poeta foram o mesmo homem <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Pode ver-se o *Doc.* em *fac-simile* no Sr. Brito Re-bello, ob. cit., pg. 94, ou no *Occidente*, vol. xxv, n.º 844, de 10 de junho de 1902, pg. 128.

<sup>2</sup> *O Jornal do Commercio*, n.º 15:922.

## IV

Nós teríamos uma indicação preciosa sobre a evolução mental do nosso grande poeta e uma base para resolver varias duvidas que suscita a sua extraordinaria actividade literaria nas rubricas que antecedem as suas obras — se estas fossem mais numerosas, mais completas e mais exatas. Infelizmente não só o colleccionador se julgou desobrigado de registar certas circunstancias que para nós, por minimas, seriam sempre de grande valor, mas que de certo elle reputou insignificantes e secundarias, mas ainda não procedeu com o devido escrupulo nas que tam avaramente deixou exaradas.

Apesar de tudo são interessantissimas e dellas será forçoso aproveitarmo-nos enquanto prova em contrario lhes não destruir o depoimento.

E' assim que sabemos que a primeira obra <sup>1</sup> que o Poeta escreveu foi o *Auto da Visitação*

<sup>1</sup> No *Cancioneiro de Garcia de Resende* vê-se figurar o nome de Gil Vicente entre os dos poetas que entraram na *Processo* palaciano de *Vasco Abul*, offerecendo o seu *Parecer* á Rainha D. Leonor nestes termos :

Senhora.  
Vossa Alteza me perdõe,  
Eu acho muito danado  
Este feito processado,  
Em que manda que razõe.  
Vae a cura tam errada,  
Vae o feito tão perdido,  
Vae tam fóra da estrada,  
Que, a moça condemnada,  
Vas Abul fica vencido

.....

Suppõe o Sr. Brito Rebello (*ob. cit.*, pg. 14) que estas trovas devem ser de 1494, mas o Sr. Braamcamp

---

que é de 1502, e a ultima a *Floresta de Enganos* de 1536. Durante este periodo de trinta e quatro annos Mestre Gil, como lhe chama a rubrica do *Cancioneiro de Resende*, elaborou, architectou e representou a sua tam vasta, tam complexa, tam original e tam riquissima obra, que lhe dá jus a que o consideremos uma sublime individualidade, digna de figurar ao lado dos melhores engenhos de todos os tempos e de todos os países.

Alcançando ainda o reinado de D. João II († 1495), em que deveria passar-se o seu periodo de formação intellectual e artistica, aprendendo a lavrar e cinzelar o ouro e a prata ao mesmo tempo que estudava a theologia, de que se mostra tam abalisado conhecedor, o direito e a philosophia, que tanto se reflectem nas suas comedias, as lingoas, sobretudo, o latim, que era, aliás, idioma vulgarmente conhecido e usado, ia tambem tomando nota e registando esses factos minusculos dos costumes e crenças do povo que a um futil escriptor teriam passado inteiramente despercebidos, nas que nelle tomam tam singular e impressivo relevo; assistiu ao glorioso reinado do faustoso D. Manoel (1495-1521)

*Rei que o mundo mandou*

como elle proprio escreve nas sentidas endechas que consagrou á sua morte, e passou o periodo mais brilhante e mais fecundo da sua vida precisamente durante metade do

---

Freire examinando esta opinião conclue « que o *Processo de Vasco Abul* é do anno de 1509, do mesmo anno do *Parecer*, e por tanto que o monologo da *Visitação*, escripto em 1502 é a mais antiga obra conhecida de Gil Vicente.

longo reinado de D. João III (1521-1557) ou sejam dezoito annos, visto que Gil Vicente deveria ter falecido, talvez, por 1539, como se deduz d'um documento da epoca<sup>1</sup>. Endereçando um Romance á acclamação deste monarca escreve

Desanove de Dezembro  
 Perto era do Natal,  
 Na cidade de Lisboa  
 Mui nobre e sempre leal,  
 Foi levantado por Rei  
 Dos Reinos de Portugal  
 O Principe D. João  
 Principe Angelical.

.....

Tinha razão em lhe chamar *Principe Angelical*, porque o Poeta encontrou em D. João III

<sup>1</sup> Extractado pelo Conde de Raczynski (*Les arts en Portugal*, 212) e pelo Sr. Brito Rebello (*Ob. cit.*, 108) e na integra archivado pelo Sr. Sanches de Baena (*Gil Vicente*, 44). Diz-se que elle proprio composera o seguinte epitaphio para a sua sepultura, em Evora :

O grão juizo esperando  
 Jaço aqui nesta morada  
 Désta vida tão cançada  
 Descançando.

Perguntas-me quem fui eu,  
 Attenta bem pera mi,  
 Porque tal fui como ti,  
 E tal hasde ser como eu.  
 E pois tudo a isto vem,  
 O' leitor do meu 'conselho,  
 Toma-me por teu espelho,  
 Olha-me e olha-te bem.

No *Ms. n.º 341* da Bibl. da Univ. de Coimbra anda um desenho do sarcophago, que foi reproduzido pelo Sr. Brito Rebello, *ob. cit.*, pg. 88, que tem tanta authenticidade como o retrato do poeta, o qual não passa duma vulgar gravura de origem alema que o Sr. Sanches de Baena aproveitou no seu trabalho. O grande poeta tem hoje uma estatua no frontão do Theatro de D. Maria II em Lisboa, que é trabalho do escultor Assis. Vid. a grav. respectiva no *Occidente*, numero já cit., pg. 121.

um desvelado amigo e protector. A aura de favor e de benevolencia que vinha já do reinado de D. Manoel de quem elle fôra, por ventura, mestre de rhetorica <sup>1</sup> não o abandonou nunca. Nem num só momento, nessas occasiões em que a Corte portuguesa celebrava alguma solemnidade intima ou religiosa, Gil Vicente se achou ausente <sup>2</sup>. D. João III, quando chegasse á idade da razão e a sua educação estivesse formada ou quasi, não poderia esquecer quem tam carinhosamente o saudara ainda no berço. De facto, o *Auto da Visitação* « procedeu de húa visitação, que o autor fez ao parto da muito esclarecida Rainha Dona Maria, e nascimento do muito alto e excellente Príncipe D. João, o terceiro em Portugal deste nome », e é assim que o saúda :

De todos tan deseado  
Este príncipe excelente  
Oh qué Rey tiene de ser !

.....

<sup>1</sup> O facto tem sido afirmado sem bases de maior importancia. Mas agora *Silex* invoca pela primeira vez o depoimento dum *Nobiliario quinhentista* onde se lê : « Dom amtonyo dalmeyda filho deste dom luiz (de Meneses) foy casado com dona valerya borges filha de gyll uisemte mestre que foy de reytorica delrey dom manoel de que teue... » Vid. *Log. cit.*, n.º 15:916.

<sup>2</sup> Numa *Carta Regia* de 29 de novembro de 1520 lê-se : « Que a Camara em tudo o que dissesse respeito ás festas que se iam effectuar [pela entrada de D. Manoel com a Rainha sua Esposa, em Lisboa] ouvisse e seguisse as indicações de Gil Vicente, a quem estavam incumbidas “allguás das cosas e autos, q se am de fazer p.<sup>a</sup> a emtrada nosa e da R.<sup>a</sup> ” ». Na despesa feita com taes festas figura uma verba que diz : A Gil Vicente de fazer os cadasfalsos para a entrada d'elrei e da rainha — 40\$000 rs. Cfr. Freire de Oliveira, *Elementos para a Hist. do Municipio de Lisboa*, I, 513 e fim da nota na pag. 523.

Será Rey Don Juan tercero,  
Y heredero  
De la fama que dejaron,  
En el tiempo que reinaron  
El segundo y el primero  
Y aun los otros que pasaron.

.....

A esta representação, « primeira coisa, que o auctor fez », assistiram D. Manoel, a Rainha D. Beatriz sua mäi e a Duqueza de Bragança, sua filha.

Em espanhol, como o requeria naturalmente o desejo de mais agradar a D. Maria, fallando-lhe a sua lingoa materna, o monologo que Gil Vicente recitou na propria camara da parturiente é, não obstante a sua simplicidade, a feliz eclosão d'um talento já amadurecido, que ensaiava apenas o seu primeiro vôo timidamente, como é natural, pois, não obstante as boas graças da Côrte não poderia elle contar com o efeito que despertaria a sua invençao. E tudo estava nisto. Se o gelo da indifferença ou a malquerença da inveja e da intriga o salteassem desde principio o seu zelo esmoreceria, a sua vontade entibiar-se-hia, e nós não poderíamos contar com tantas obras maravilhosas, fructo do seu saber. Mas não. Quando a ruindade desses sentimentos procurar um dia alvejá-lo então já o poeta estará seguro do seu talento e a setta ervada nunca poderá ferí-lo ou magoá-lo. Então já elle dominará como rei absoluto na scena portuguesa, que creára, e aos seus adversarios poderá responder fabulando essa linda farça a que pôs o nome de *Ignés Pereira*. Agora, á primeira tentativa não lhe faltou o estímulo.

Foi a propria Rainha-velha, D. Beatriz, quem pedio ao auctor « isto mesmo lhe representasse

ás matinas do Natal ». Era cousa nova em Portugal e a Rainha gostára, annota a rubrica do texto.

Seria, de facto, « cousa nova » em Portugal? Merece Gil Vicente o titulo de creador, de pai do theatro portugues?

Quando nós procuramos estudar as circunstancias que poderiam ter influido no desabrochar do talento dramatico de Gil Vicente, não encontramos em Portugal mais do que simples manifestações do culto religioso a que só por amplificação podemos dar o nome de theatro liturgico. Em Portugal devia succeder o mesmo que succedera em Italia, em França, em Espanha, o mesmo que succedera na velha e culta Grecia, o mesmo, em summa, que em toda a parte, guardadas as modalidades da mesología social<sup>1</sup>. Não ha religião sem mysterio e sem culto. Ao complexo de idéas e sentimentos que traduzem a concepção do infinito corresponde sempre e em toda a parte o culto exterior revestido de maior ou menor grandeza. Na idade-média a idéa religiosa absorve a mentalidade dos povos, domina-os, impõe-se-lhes. E' a epoca em que o Pontifice reina como soberano universal disputando a autonomia mesmo aos sceptros imperiaes. Gregorio VII

---

<sup>1</sup> « Nadie que conozca á fondo nuestra historia literaria de la edad media ignora que aquí, como en la mayor parte de Europa, el drama nació en el templo, se desarroló bajo sus augustas bóvedas, tardó mucho en secularizarse, y más aún en perder por completo su carácter religioso ». Cañete no prologo da ed. *Farsas y Eglogas al modo y estilo pastoril y castellano fechas por Lucas Fernández*, Madrid, 1867, pg. xli.

ou Innocencio III tiveram outro prestigio que faltou a Henrique IV ou aos representantes da casa de Hohenstaufen.

Organizam-se as cruzadas, levantam-se os templos majestosos. E' á sombra da Igreja que se elabora por assim dizer toda a vida politica e social e por consequencia toda a actividade literaria.

A Igreja é para o povo da idade-média a casa em que, reunido nos mesmos pensamentos e nas mesmas esperanças consoladoras, passa uma parte da sua vida, a melhor. Os officios mais longos são os que elle prefere. E' para responder a este desejo que o clero em certas epochas intercala no officio a representação figurada de certos factos da historia religiosa. Tal é o drama liturgico<sup>1</sup>. O christianismo desde as suas origens, tam dramaticas e tam impressionantes, narradas em paginas d'uma poesia inegualavel nos Evangelhos e primeiros escritos da literatura ecclesiastica, até ás primitivas luctas sanguinolentas que fizeram baquear milhares de crentes e de martyres, com a sua longa phalange de santos e santas, os seus thaumaturgos, os seus mysterios e milagres, offerecia um vasto thema ás imaginações imbuídas de fé dos povos medievais. Todos os sentimentos desde a confiança, a alegria e o prazer, até ao medo e terror panico, que ás vezes tomava formas collectivas pathologicas, tudo achava largo pasto para se recrear. O povo concorria ás igrejas dominado pelo mysticismo e na sua ingenuidade assistia, não como mero espectador, frio e impassivel, mas interessado ao vivo, sentindo ou experimen-

---

<sup>1</sup> Vid. René Doumic, *Histoire de la Littérature française*, Paris, 1906, pg. 61.

tando as lagrimas e os risos que as representações lhe despertavam. De todos os mysterios do christianismo o do Nascimento do Redemptor ou o da sua morte, foram dos mais celebrados e dos mais queridos das multidões. E os templos de Espanha, França, Italia, Allemanha e Inglaterra eram o palco onde essas scenas ora suaves, ora tragicas, tinham o seu desempenho ingenuo, mas sincero e commovido.

Mas veio com o tempo o abuso. Os membros da igreja perderam pouco a pouco o prestigio de que o seu caracter sacerdotal e sagrado os revestia. A ambição, e as paixões mundanas dominavam-nos. Peiores do que os seculares, abusavam das suas immunidades e dos seus privilegios para vexarem os povos. De toda a parte se levantavam clamores. Pedia-se uma reforma na Igreja, que alcançasse desde os membros á cabeça, isto é, desde a mais baixa clericia até ao Pastor dos Pastores. Wiclis e João Huss, não menos que S. Catharina de Sena ou Jeronymo Savonarola, cada um segundo o seu temperamento, eram o porta-voz dos clamores, que eram geraes e não privativos duma ou doutra nação. O renascimento começava a desenhar-se desde o seculo XIV e accentua-se no immediato, tempo a que com propriedade se pode já chamar dos pre-reformadores<sup>1</sup>. O renascimento e a reforma é que deram o golpe mortal no theatro liturgico. A fé inge-

---

<sup>1</sup> Gaston Bonet-Maury estudou este periodo indispensavel para a comprehensão do movimento reformador no seu livro *Les précurseurs de la Réforme et de la liberté de conscience dans les pays latins du XII<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1904, 1 vol.

nua, impregnada de candura e sinceridade dos povos que assistiam a mysterios, que levavam por vezes dias e dias a desempenhar, fora substituida pelo rizo zombeteiro e sceptico. Por debaixo do currão do pastor, figura obrigada nas scenas do Nascimento, o espectador começou a descobrir o rufião desordeiro e bulhento. Tornou-se portanto necessário prohibir estes espectaculos como perigosos á moralidade publica e offensivos do decoro religioso. Foi o que se fez em Portugal, onde as *Constituições dos Bispados* registam essas proibições — acabando com os bailes, com os descantes, com os banquetes e os jogos que tinham logar quer nos templos, quer nos adros, e que se realizavam a pretexto, sobretudo, das solemnidades religiosas. A tal ponto chegou esse abuso que os bispos tiveram de prohibir expressamente qualquer representação « ainda que seja da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, ou da sua Resurreição e nacença ». Por estas proibições, embora tardias, pois se encontram em documentos dos principios do seculo xvi, podemos imaginar o que havia em Portugal sobre motivos dramaticos anteriormente a Gil Vicente. E' ler este auctor e vêr que laço de filiação o pode ligar aos seus hypotheticos predecessores. Ver-se-ha então que o theatro de Gil Vicente dista imensamente destes ensaios amorphos e ainda inclassificaveis. O assumpto é para elle muitas vezes, apenas, um pretexto determinado pela occasião ou pelo logar. A breve trecho, quando julgarmos o seu vôo ainda o dum plumitivo, vê-lo-hemos librar-se nos ares, com majestade, galhardamente. E então elle aproveitará tudo para nos dar uma acção movimentada, cheia de polichromia e de luz: — a canção popular,

o vilancico, a musica, a dança, as allusões picarescas a factos e pessoas conhecidas...

Ao lado destes elementos populares, que o genio do nosso extraordinario escriptor aproveitou habilmente, outros se lhe offereciam, e esses não já nacionaes, mas oriundos da vezinha Espanha. Até que ponto é que essa influencia estranjeira dominou o nosso poeta?

Tres escriptores espanhoes devem aqui ser lembrados: Juan del Encina, Bartolomé Torres Naharro e Lucas Fernández, porque todos elles mantem com o nosso genial auctor affinidades mais ou menos importantes.

Juan del Encina (1469-1534) é sobretudo conhecido pelas suas eglogas que o sam unicamente pelo nome, diz Fitzmaurice-Kelly, pois, em rigor, não passam de desenvolvimentos dramaticos de themes primitivos com uma accão positiva, ainda que elementar<sup>1</sup>. Educado em Salamanca, protegido dos Duques de Alba, depois do Papa seu compatriota Alexandre VI, ordenou-se, cantando a sua primeira missa em Jerusalém e regressando por ultimo a Salamanca, onde se julga ter fallecido.

As vezes o thema das suas composições é religioso, mas outras é profano como o da mais celebre de todas, a *Egloga de Plácida y Vitoriano*, que tira o nome das duas principaes personagens que « amandose igualmente de verdaderos amores, habiendo entre si cierta discordia, como suele acontecer, Vitoriano se va y deja á su amiga Plácida, jurando de nunca más la ver ».

---

<sup>1</sup> *Historia de la literatura española desde los orígenes hasta el año 1900*, pg. 174.

Depois de varias peripecias, algumas bastante escabrosas, Plácida suicida-se, mas pela intervenção dos falsos deuses gentilicos — Venus, Cupido, Mercurio — resuscita e volta a « esta vida como de antes era ».

No *Proemio* que antecede a edição do *Teatro completo* de Encina emprehendida pela Real Academia Espanola<sup>1</sup> Cañete, depois de haver passado em revista as obras do seu illustre compatriota diz: « Vemos, pois, que ainda que não deva ter-se a Encina por pai da comedie, nem por verdadeiro fundador do theatro espanhol, as suas obras dramaticas são em extremo interessantes para a historia do nosso primitivo theatro e encerram bellezas dignas de estudo quer se considerem sob o ponto de vista meramente scenico, quer no que respeita á versificação e ao estylo »<sup>2</sup>.

Não discutindo agora esta maneira de ver do erudito e auctorizado escriptor o que é indubitable é que Encina desempenhou nas origens do theatro espanhol um papel importantissimo, sendo as suas obras estimadissimas e largamente vulgarizadas. A principio Encina soffreu as criticas dos maledicentes. Na 1.<sup>a</sup> Egloga diz o pastor Mateo:

Yo conozco bien tus obras  
Todas no valen dos pajás.

Ao que Juan, que não é outro senão o proprio Encina, contesta:

Y no dudo haver errada  
En algun mi viejo escrito,  
Que cuando era zagalito

<sup>1</sup> Madrid, 1893, 1 vol.

<sup>2</sup> *Ob. cit.*, pg. XLVIII.

No sabía cuasi nada.  
 Mas agora va labrada  
 Tan por arte mi labor,  
 Que aunque sea remirada  
 No habrá cosa mal trovada,  
 Si no miente el escritor <sup>1</sup>.

Que o dramaturgo espanhol foi conhecido em Portugal e, não apenas literariamente, mas pela *scena*, pela *representação*, dá-o a entender o conhecido trecho da *Miscelanea* de Garcia de Resende, — em que se allude a Gil Vicente :

E vimos singularmente  
 Fazer *representações*,  
 D'estilo mui eloquente,  
 De mui novas invenções :  
 Elle foi que inventou  
 Isto cá, e o usou  
*Com mais graça e mais doutrina*  
 Posto que *Juan del Encina*  
 O pastoril começou.

Era natural que assim fôsse e que, como escreve o sr. Menéndez y Pelayo, Gil Vicente encontrasse os seus modelos na lingoa em que escrevia <sup>2</sup>. Como se sabe o espanhol era uma lingoa tão conhecida e tam usada em Portugal, como a nossa propria.

Vinha de longe essa influencia e por muito tempo ainda se deveria conservar. Com uma côrte tam faustosa, opulenta e culta como a portuguesa, e tam estreitamente unida á sua vezinha e comarcã, seria inverosimil que aqui não encontrassem echo os acontecimentos dignos de o terem e que realmente o tinham. Gil Vicente conheceu, pois, as eglogas de

<sup>1</sup> *Ob. cit.*, pg. 9.

<sup>2</sup> Vid. *Antología de poetas liricos castellanos*, já cit., pg. CLXX.

Encina o que, de resto, uma simples leitura torna bem patente e já foi demonstrado desde os editores da edição de Hamburgo em 1834 até ao sr. Brito Rebello em 1902<sup>1</sup>.

Como presume este ultimo escriptor o começo do *Auto del repelon* posto que diferente na essencia, deve ter sido a nota que despertou no cerebro de Gil Vicente a idéa do seu monologo da *Visitação*. Neste auto introduz Encina dous pastores — *Piernicurto* e *Johan Paramas*, aos quaes « *ciertos estudiantes repelaron* »; o ultimo d'estes entra em scena exclamando :

Apartá, y hacé llugar !  
Dejá entrar, cuerpo del cielo !

.....

Aqui seria só o pensamento, mas noutrós lugares é por vezes a propria repetição verbal. Deminue isto em alguma cousa os meritos do nosso auctor<sup>2</sup>? Absolutamente nada. Gil Vicente é muito superior ao seu modelo de quem, como de Lucas Fernández ou de Torres Naharro, podia, afinal, colher a inspiração de muitas das suas scenas ou episodios, mas nada mais.

Ora se o primeiro dos auctores espanhoes é inferior ao nosso Gil Vicente, muito mais o são os outros dous. Em Lucas Fernández

<sup>1</sup> Cfr. o Prefacio da ed. de Hamburgo e a obra do Sr. Brito Rebello, já cit., pg. 17 e seg.

<sup>2</sup> « Gil Vicente, escreve o Sr. Menéndez y Pelayo, vale más, mucho más que Juan del Enzina, y en sus últimas obras apenas conserva nada de él, pero es cierto que empezó imitándole en lo sagrado y en lo profano, y que tardó mucho em abandonar esta imitación ». *Ob. cit.*, pg. CLXX.

existe a mesma transição do sagrado para o profano. Na *Egloga ó farsa* e no *Auto ó farsa* do Nascimento de Jesus Christo, ha como em Gil Vicente a mesma vivissima realidade com desenfado que algumas vezes attinge a insolencia, graciosas disputas e jogos de pastores, intercaladas na *Egloga* de burlas de devotos e ermitães, cujos abusos e gracejos o poder ecclesiastico como o civil egualmente perseguiam <sup>1</sup>.

Torres Naharro, esse tem mais condições technicas que o nosso escriptor, era mais homem de theatro, mas era menos poeta. As suas composições, admiraveis muitas vezes pela força satyrica e pelo vivo e penetrante da observação realista, approximam-se mais da comedia moderna, tém estrutura mais regular, mas menos alma.

Gil Vicente no meio da sua desordem aristophanica faz pensar e sonhar mais do que Torres Naharro <sup>2</sup>. Que Gil Vicente o conhecia, parece indubitavel.

Da *Propaladia* faz parte a comedia *Aquilana* em que figura como na *Comedia do Viuvo* um principe disfarçado por amor. Simples coincidencia? Mas se o não é, como explicar esse facto sendo a obra de Gil Vicente do anno de 1514 ao passo que a *Aquilana* nem ao menos figura na 1.<sup>a</sup> ed. da *Propaladia*, que é de 1517 <sup>3</sup>?

<sup>1</sup> *Ob. cit.*, pg. LXXX.

<sup>2</sup> Cfr. o bellissimo *Estudio preliminar* do Sr. Menéndez y Pelayo que antecede o vol. II da *Propaladia de Bartolomé de Torres Naharro* [publicada na collecção *Libros de Antaño nuevamente dados á luz por varios aficionados, Madrid*], pg. xxvi.

<sup>3</sup> *Ibid.*, pg. CXLI.

Confiemos em que investigações futuras aclararão este como outros pontos interessantes da biographia do nosso illustre escriptor dramatico.

## V

Voltemo-nos agora para a obra do poeta, para um exame interno das fulgurações do seu talento tam variado e tam complexo. Nenhum poeta como elle, no periodo antigo da nossa historia literaria, encerra uma lição mais perfeita e mais viva da nossa estructura mental e moral. Ora serio, ora zombeteiro, umas vezes sceptico e indiferente, outras profundo philosopho crente e moralista, elle retrata admiravelmente a incerteza e o desequilibrio da epoca, na phase de transformação que lenta e surdamente se começava de operar. Lendo-se e meditando-se, comparando-se através da sua propria obra é que se vê de que poderosa maleabilidade era dotado o seu genio.

Com uma instrução vasta, como competia a um bom humanista do seu tempo, essa instrução não cansa nem suffoca o espirito. A expressão é quasi sempre d'uma rara diaphaneidade facilmente apprehensivel, não obstante a phraseologia meio presa ainda ao periodo archaico da nossa lingoa.

A sua erudição dos mysterios do christianismo sente-se á vontade dentro d'uma versificação facil, ligeira e expontanea, mais admiravel ainda quando se cinge á letra dos textos sagrados, que elle traduz com uma docura digna

da penna d'um João de Deus, como quando, por exemplo, diz da Virgem :

Direita vara de Arão,  
Alva sobre quantas forão,  
Sancta sobre quantas são.  
E seus cabellos polidos  
São fermosos em seu grado  
Como manadas de gado,  
E mais que os campos floridos,  
Em que anda apascentado<sup>1</sup>;

Ou como quando segue rigorosamente a Job numa das suas lamentações mais tocantes :

Eu creio, Mundo, que o meu redemptor  
Vive, e no dia mais derradeiro  
Eu o verei Redemptor verdadeiro  
Meu Deos, meu Senhor e meu Salvador.  
Eu o verei, eu  
Não outrem por mim, nem com olho seu,  
Mas o meu olho, assim como está...

Ou :

.....  
Senhor, homem de mulher nascido  
Muito breve tempo vive miserando  
E como flor se vai acabando  
E como a sombra se vai consumindo...<sup>2</sup>

Note-se aqui o emprego do verso mais solemne e apropriado á materia, pois em vez de metros curtos usa o dodecasyllabo não em estancias liricas, impropias do theatro, como já o havia feito Juan del Encina, mas combinado com o seu hemistichio, o que dá um

<sup>1</sup> *Auto da Mofina Mendes*, adeante publicado. Cfr. pg. 6.

<sup>2</sup> *Auto da Historia de Deus*, adeante publicado. Cfr. pg. 158. O texto de Job que Gil Vicente traduz quasi passo a passo é o cap. xix, v.v. 25, 26, 27 e xiv, v.v. 2, 3, 13, etc.

movimento agil e constitue na realidade um novo ritmo *aptum rebus agendis*<sup>1</sup>.

O seu pensamento eleva-se por vezes ás maiores alturas, tocando com delicadeza nos dogmas religiosos para lhes aproveitar o que baste ao seu fim. Debalde se procurará em taes passagens um vislumbre sequer da sua musa zombeteira e irreverente. Não. O que lhe provoca a indignação ou o riso não sam as verdades da religião, que elle conhece e respeita, mas os homens que as pregam sem nenhuma sinceridade nem respeito. Contra esses é implacavel. Não ha em toda a obra vicentina nenhuma classe que mais fosse perseguida pelo latego cruel e des piedado da zombaria — do que a clerical. O Papa, os cardeaes, os arcebispos e bispos, os conegos e sobretudo os frades merecem-lhe as maiores censuras. Na *Barca da Gloria* quando o Papa apôs o Conde, o Duque, o Rei, o Imperador, o Bispo, o Arcebispo, o Cardeal, faz a sua entrada em scena e diz para o Diabo :

Sabes tú que soy sagrado  
Vicario en el santo templo ?

ouve esta resposta, que poderia ter saído da penna de Ulrich de Hutten :

Cuanto mas de alto estado,  
Tanto mas es obligado  
Dar á todos buen ejemplo,  
Y ser llano,  
A' todos manso y humano.  
Cuanto mas ser de corona,  
Antes muerto que tirano,

---

<sup>1</sup> Sr. Menéndez y Pelayo, *Antologia*, etc., já cit., pg. CLXXVII.

Antes pobre que mundano,  
 Como fue vuestra persona.  
 Lujuria os desconsagró,  
 Soberbia os hizo daño ;  
 Y lo mas que os condanó  
 Simonía com engaño.  
 Venid embarcar <sup>1</sup>.

Aqui estão compendiados os vicios de que precisamente era accusado o clero, sem excluir o seu chefe supremo. Nem humildade, nem abnegação, nem pureza. Por isso na *Feira* o Seraphim clama :

A' feira, á feira, igrejas, mosteiros,  
 Pastores das almas, Papas adormidos ;  
 Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,  
 Buscae as çamarras dos outros primeiros  
 Os antecesores <sup>2</sup>.

No mesmo Auto diz Mercurio :

... Clerigos e frades  
 Já não tem ao Ceo respeito,  
 Mingúa-lhes as santidades,  
 E cresce-lhes o proveito <sup>3</sup>.

Na *Barca do Inferno* apresenta-nos o poeta um frade com « húa moça pela mão, e vem dan-sando, fazendo a baixa com a boca » <sup>4</sup>. E' este o typo do frade que mais frequentemente Gil Vicente nos apresenta — o frade licencioso e

<sup>1</sup> *Auto da Barca da Glória*, representado « ao muito nobre D. Manoel » em Almeirim, 1519. Cfr. a ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 300.

<sup>2</sup> *Auto da Feira*, representado « ao mui excellente Principe El-Rei D. João III », em Lisboa, pelas matinas do Natal, de 1527. Adeante publicado ; cfr. pg. 49.

<sup>3</sup> Adeante, pg. 46.

<sup>4</sup> Adeante publicado a pg. 95 e seg. ; cfr. pg. 105.

folgasão, que resume a vida nestes dizeres da *Fragoa d'Amor*:

Aborrece-me a coroa,  
 O capello e o cordão,  
 O hábito e a feição,  
 E a vespora e a noa,  
 E a missa e o sermão :  
 E o sino e o badalo,  
 E o silencio e a deciplina,  
 E o frade que nos matina ;  
 No espertador não fallo,  
 Que a todos nos amofina.  
 Parece-me bem bailar  
 E andar n'hūa folia,  
 Ir a cada romaria  
 Com mancebos a folgar <sup>1</sup> :

.....

O remedio para semelhante mal não se esquece Gil Vicente de o apontar fazendo dizer a este frade :

Somos mais frades qu'a terra  
 Sem conto na Christandade,  
 Sem servirmos nunca em guerra.  
 E havião mister refundidos,  
 Ao menos tres partes delles,  
 Em leigos, e arnezes nelles  
 E mui bem apercebidos,  
 E então a Mouros co'elles <sup>2</sup>.

Nesta pintura nada havia de exagerado nem de falso. Não era uma satyra, nem uma caricatura. Era um retrato. O que o demonstra é a fidelidade da galeria de typos que esmalta as obras do poeta, e a circunstancia de condizer com o meio social e religioso da epoca. Começava a desenhar-se no horizonte politico

<sup>1</sup> *Fragoa d'amor*, na ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 347.

<sup>2</sup> *Ibid.*, pg. 345.

de Portugal a nuvem dia a dia mais negra da decadencia. Já elle nos aponta « as gentes d'agora... de mui perversa maneira », sem o cuidado no cumprimento dos deveres religiosos, « dormindo a prazer »<sup>1</sup>; a justiça aviltando-se em « negras sentenças »<sup>2</sup> « muito corcovada, com a vara torcida e a balança quebrada »<sup>3</sup>. Estimam-se no Paço em bem pouco as antigas virtudes, os fidalgos vam desapparecendo, sendo « mais propinquos dos arados, que parentes dos Menezes »<sup>4</sup>, etc.

O clérigo acha seu filho com optimas qualidades para entrar na corte e dá esta razão :

Medraria este rapaz  
Na corte mais que ninguem,  
Porque lá não fazem bem  
Senão a quem menos faz.  
Outras manhas tem assaz,  
Cada húa muito boa :  
Nunca diz bem de pessoa,  
Nem verdade nunca a traz.  
Mexerica que por nada  
Revolverá San Francisco ;  
Que pera a Corte he hum visco,  
Que caça toda a manada<sup>5</sup>.

E como para viver nesse meio palaciano, que seduz pelos prazeres que proporciona, não basta querer, mas sam necessarias qualidades de familia, de caracter, de fortuna, dahi o typo

<sup>1</sup> Cfr. adeante *Auto da Mofina Mendes*, pg. 16.

<sup>2</sup> *Floresta de enganos*, comedia representada « ao muito alto e poderoso Rei D. João III » em Evora, 1536. Diz a rubrica final « com sua musica se acabou esta comedia, que é a derradeira... que fez Gil Vicente em seus dias ». Vid. para a confirmação do texto, ed. de Hamburgo, vol. II, pag. 161.

<sup>3</sup> Cfr. ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 341.

<sup>4</sup> Adeante publicada. Cfr. pg. 350.

<sup>5</sup> *Ibid.*, pg. 343.

do fidalgo ridiculo, de escassa renda, mas embofia e presumpçoso, que pretende sustentar escudeiros, capellães e ourives, como se fosse senhor de grandes terras é que o nosso poeta se compraz em pôr bem em fôco, como a chaga clerical, dirigindo a uma e outra a ponta de fogo das suas ironias...

Mas como Gil Vicente não era exclusivamente poeta cortezão e palaciano, como elle tambem escrevia para o povo e por elle era saboreado, dahi o alargar-se o quadro dos seus typos dramaticos. Veja-se por exemplo aquella esposa infiel que toda se amofina porque « estando já embarcado para a India seu marido, lhe vierão dizer que estava desaviado, e que ja não ia, e ella de pezar está chorando » e em que o typo do espanhol fanfarrão, ubere de rebolarias, é traçado, com duas pinceladas geniaes, na scena com a linda Ama, a tal que chora pela imprevista reapparição do marido, que regressa afinal da India, enquanto esse espanhol na rua, e um português dentro de casa, pôem a sua virtude em talas :

Quiero destruir el mundo,  
 Quemar la casa, es la verdad,  
 Despues quemar la ciudad ;  
 Señora, en esto me fundo.  
 Despues si Dios me dijere,  
 Cuando allá con él me viere,  
 Que por sola una muger...  
 Bien sabré que responder,  
 Cuando á ello veniere <sup>1</sup>.

Que diremos dos seus typos de « medicos », verdadeiros precursores dos de Molière, como

<sup>1</sup> *Auto da India*, comedia feita em Almada e representada á « muito catolica Rainha D. Leonor », em 1519. Vid. a Ed. de Hamburgo, vol. III, pg. 36.

já escreveu o Sr. Menendez y Pelayo? A sua phantasia é tam rica, que na *Farça dos Fisicos*, os quatro figurantes destacam perfeitamente cada um na sua integra modalidade: Mestre Philippe, o apologista da mézinha popular, sempre agarrado ao bordão « entendeis? »; Mestre Fernando, praxista, mettendo os seus dous dedos de latim; Mestre Anrique, tambem com o seu « habeis mirado? », ridiculo com a sua explicação de que o doente « tem o sol na cabeça do verão que passou », e enfim Mestre Torres, astrologo, sempre « si, si », . . . e tudo isto num movimento ordenado, cheio de variedade, de colorido e de acção <sup>1</sup>.

E os seus « juizes » como o da *Beira* em que figura tambem aquelle bailador, que parece um hysterico, sempre a dansar — hufá!, hufá! — clamando ao juiz:

Eu bailei em Santarem  
Sendo os Iffantes pequenos.  
E bailei no Sardoal,  
E de contino me vem  
Bailar, sem haver alguem  
Que me ganhe em Portugal <sup>2</sup>?

E o da *Floresta de enganos* que a Moça introduziu muito passinho em casa, a quem tira a seguir a loba, as luvas, o sombreiro, a béca de velludo, enfiando-lhe depois a fraldilha, soqueixando-lhe a beatilha e mandando-o fazer

<sup>1</sup> Vid. a ed. de Hamburgo, vol. III, pg. 300. A rubrica desta farça é das mais deficientes. Diz apenas: « Segue-se a farça chamada *Auto dos Fisicos*, na qual se tractão huns graciosos amores de hum clérigo ».

<sup>2</sup> *O Juiz da Beira*, farça representada « ao muito nobre e christianissimo Rei D. João III » em Almeirim, 1525. Cfr. a ed. de Hamburgo, vol. III, pg. 187.

que peneirasse até que a Velha chega e com  
graça impagável se lhe dirige :

Peneirae, ma ora, bem,  
Que não sois nova na terra.  
Hui, cadelinha,  
Onde jeitas a farinha <sup>1</sup>?

E o lavrador que gasta toda a fazenda des-  
vairado por um amor senil, tão bem retratado  
naquelle homem honrado e muito rico que  
tinha « húa horta » <sup>2</sup>?

E os judeos casamenteiros <sup>3</sup>? e as alcovi-  
teiras <sup>4</sup>? e as ciganas? <sup>5</sup> e os negros <sup>6</sup>?

Quam longe estamós de Encina, de Lucas  
Fernández e de Torres Naharro! Os typos  
de Gil Vicente movem-se, agitam-se, gritam,

<sup>1</sup> Cfr. a Ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 160.

<sup>2</sup> *O Velho da Horta*, farça representada ao « mui serenissimo » Rei D. Manoel em 1512.

<sup>3</sup> Por ex., na farça *Ignês Pereira* representada ao « muito alto e poderoso Rei D. João III no seu convento de Thomar » em 1523.

<sup>4</sup> O typo da proxeneta já havia sido apresentado na *Tragicomedia de Calisto y Melibea*, mais conhecida pelo nome de *Melibea*, atribuída, sem fundamento, parece [Fitzmaurice-Kelly, *ob. cit.*, pg. 179] a Fernando de Rojas. Como typo literario a *Celestina* ficou conhecissima tanto em Espanha como em Portugal. A alcoviteira da *Barca do Inferno* tem com ella bastante semelhança. *Celestina* não foi, porém, sómente uma creacão de phantasia. Veja-se o bellissimo estudo do Sr. Maximiano Lemos — *Amado Lusitano, a sua vida e a sua obra*, Porto, 1907, pg. 35-38.

<sup>5</sup> *Farça das Ciganas* representada ao « muito alto e poderoso » D. João III, em Evora, 1521 e *Auto da Festa*, ed. Sabugosa, cit.

<sup>6</sup> Por ex. no *Clerigo da Beira*, representada « ao muito poderoso e christianismo Rei D. João III », em Almeirim, 1526. Leia-se o interessantissimo *Padre Nossa* e *Salve Rainha* na lingoagem que Gil Vicente põe na boca dos negros. Adeante publicado, pg. 342.

cantam, bailam, bem dentro do seu meio, exprimindo-se cada qual segundo a camada donde saiu e em harmonia com a sua idiosincrasia.

Nem sujeição a formulas, nem a modelos. Tude vive dentro do país e do seu scenario e ambiente.

As ciganas e os pretos exprimem-se no seu calão. Para os poder apresentar em scena tão bem Gil Vicente teria de os estudar e apanhar em flagrante. Não pode haver duvida sobre isso.

Os pastores fallam uma lingoagem popular, como convinha. E por toda a parte e sempre, o mesmo movimento, a mesma bizarria de cores e de vida, tudo expresso numa versificação abundante, simples, manando como dum fonte inexgotavel, sem exforço e cheia de limpidez.

E não vá suppor-se que elle seja um critico irreverente, para o qual nada haja de respeitável e digno de elogio. Ao contrario. O que lhe dá uma grande auctoridade moral é a sua independencia sem arrogancias, é a sua cortezia seu servilismo. A Côrte e os Fidalgos que a frequentam merecem-lhe as mais eloqüosas referencias quando a sua penna o podia fazer sem desdouro. Às vezes tempera os seus versos numa tinta levemente graciosa, finissima nos seus traços de humorismo <sup>1</sup>. E é toda uma vasta galeria a que perpassa diante de nós: D. Manoel, D. João III, a Infanta D. Beatriz, que foi Duqueza de Saboia, a Infanta D. Isabel, o Infante D. Fernando, Fidalgos, Damas do Paço, etc., a quem elle,

---

<sup>1</sup> Sr. Conde de Sabugosa, *ob. cit.*, pg. 10 e seg.

quando vinha a propósito, como na *Nao d'amores* cumprimenta gentilmente :

Oh lusida côrte, formosa, leal,  
 Dourada, e honrada, de manhas e galas,  
 Espelho de todas as galas e fallas,  
 Perfeitos amantes do culto real,  
 Venhais em tal hora, illustres senhores,  
 Fermosas senhoras, ó Damas mui bellas <sup>1</sup>.

.....

Para variar os seus quadros Gil Vicente aproveitou, como ninguem o fez entre nós, a riquissima veia da tradição popular, tudo o que, como o canto, a musica, o baile, podiam dar alegria e colorido ás suas phantasias dramaticas. Um dos maiores encantos desta admiravel obra é, sem duvida, a integração que nella fez o poeta de *romances* e *vilancicos*, cantigas, chacotas, folias, que ou seriam sobejamente conhecidos e até recitados de cór, como acontece sempre que a alma popular os inspira, ou teriam, pelo menos, a consagração dos espiritos superiores que os ouviam.

Alguns delles sam graciosissimos no seu symbolismo como o

Por las riberas del rio  
 Limones coge la virgo <sup>2</sup>,

feita no gosto da barcarola lirica do *Canc. da Vaticana* que começa : « Per ribeira do rio »

<sup>1</sup> Cfr. ed. de Hamburgo, II, 295.

<sup>2</sup> No *Auto dos Quatro Tempos*, representada « ao mui nobre e prospero D. Manoel, nos paços da Alcaçova, na Capella de S. Miguel » por occasião das Matinas do Natal. [ Pg. 83 do vol. I da ed. de Hamburgo ].

ou levemente ironicas e maliciosas como a cantada pelo preto

La bella mal maruvada <sup>1</sup>

ainda citada em outro lugar <sup>2</sup>.

Por vezes não temos desgraçadamente mais do que o primeiro verso ou a indicação simples da cantiga que o poeta escolhera, como a « *Llevadme por el rio* » <sup>3</sup>.

Ha algumas cantigas deliciosissimas e trechos inspirados no mais apurado sentimento, que permitem collocar Gil Vicente entre os nossos poetas liricos de mais fina emotividade. Alguns exemplos.

No *Auto pastoril Portugues* entra Catharina pastora cantando :

Tirae os olhos de mim,  
Minha vida e meu descanso  
Que me estaes namorando.

.....  
Os vossos olhos, senhora,  
Senhora da formosura,  
Por cada momento de hora  
Dão mil annos de tristura :  
Temo de não ter ventura,  
Vida, não m'esteis olhando,  
Que me estais namorando <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Fragoa d'Amor*, representada « na festa dos desposorios do mui poderoso e catholico rei... D. João III », em Evora, 1525. [Id., vol. II, pg. 333] e

<sup>2</sup> *Auto da Lusitania*, representada « ao mui alto e poderoso Rei D. João III », no nascimento de D. Manoel, em 1532. [Id., vol. III, pg. 294].

<sup>3</sup> *Cortes de Jupiter*, festa « ao muito alto e poderoso Rei D. Manoel », representada nos Paços da Ribeira, em Lisboa, 1519. [Id., vol. II, pg. 413].

<sup>4</sup> Este Auto foi representado « ao muito alto e poderoso Rei D. João III », em Evora, pelo Natal de 1523. Veja-se a pg. 27 desta nossa ed.

Ou est'outra em espanhol :

Tú te pensarás que el canto  
No sirve sino al placer ?  
Pues yo te hago saber  
Que a los mas tristes es planto <sup>1</sup>.

Que sentimento e doçura não transpiram nestes versos que Cismena apartada de sua mái declama :

O' minha mãe ! onde estais ?  
Minha mãe, onde me vou ?  
Minha mãe, não me buscais ?  
Vós bem sei que suspirais,  
Porque os suspiros que eu dou  
São os mesmos que vós dais <sup>2</sup>.

A toada lyrical e sentimental traduz-se muitas vezes no poeta no symbolismo do amor. Elle é o legitimo continuador dessa psychose que os trovadores glosaram de mil modos. « Morrer de amor », escreveu-o elle varias vezes. E' como o Principe explica a morte de Felicio na *Rubena* <sup>3</sup> e o Ermitão a paixão de Corisanda no *Amadis de Gaula* <sup>4</sup>, como, zombando, Ainandria responde a Flerida no *D. Duardos* <sup>5</sup>, como Felipa vaticina a morte dum dos açôres que a seguem

<sup>1</sup> Vid. *Triumpho do Inverno* « representada ao muito alto e excellente Principe D. João III », em Lisboa. [ Ed. Hamburgo, vol. II, pg. 454 ].

<sup>2</sup> Vid. *Comedia de Rubena*, repartida em tres scenas. « Ao mui poderoso e nobre Rei D. João III », em 1521. [ Ed. Hamburgo, vol. II, pg. 35 ].

<sup>3</sup> Já cit., pg. 64.

<sup>4</sup> *Amadis de Gaula*, representada ao « muito excellente Principe e christianissimo Rei D. João III », em Evora, 1533. [ Ed. Hamburgo, vol. III, pg. 288 ].

<sup>5</sup> *Dom Duardos* « 1.ª tragicomedia sobre os amores de Dom Duardos, Principe de Inglaterra... » representada ao serenissimo Principe e poderoso Rei D. João III. [ Ed. Hamburgo, vol. III, pg. 208 ].

na *Serra da Estrella*<sup>1</sup> e como, enfim, para não alongar mais as citações, Ayres Rosado no *Quem tem farelos*<sup>2</sup>? lê do seu cancioneiro a cantiga que começa

Pois amor me quer matar

.....

Conhecia bem a alma dos seus compatriotas o grande psychologo, e a tendencia que todos elles tinham para se transformarem em outros tantos Mancias cujo nome lhe não esqueceu citar por duas vezes<sup>3</sup>.

Ingenuos, entusiastas, amorosos, taes elles são, taes no-los pinta, com as suas phantasias, as suas superstições, os seus prazeres, a sua propria lingoagem, as suas maneiras. A sua musa diverte-se e, no seu perpassar rapido, ora canta alegres canções, ora soluça ternas endechas. Por vezes revela sublimidade e grandeza elevando-se em altos voos de concepção, que nos assombram pelo arrojo. Ahi temos o *Auto da Alma*<sup>4</sup>. Um critico estranjeiro que estudou a obra vicentina não duvidou considerá-lo como o prototypo do *Fausto* de Goethe<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> *Serra da Estrella*, tragicomedia pastoril feita e representada ao muito poderoso e catholico Rei D. João III », em Coimbra, 1527. Vid. esta minha ed., pg. 249.

<sup>2</sup> *Quem tem farelos?* Farça representada ao « muito excellente e nobre Rei D. Manoel » nos Paços da Ribeira, em Lisboa, 1505. [Ed. Hamburgo, vol. III, pg. 11].

<sup>3</sup> *Velho da Horta*, adeante publicada, pg. 307 e *Farça dos Almocreves*, id., pg. 336.

<sup>4</sup> *Auto da Alma*, representado « ao muito nobre e poderoso D. Manoel », em Lisboa, nos Paços da Ribeira, na noute de Endoenças, em 1508. Vid. adeante pg. 72 e seg.

<sup>5</sup> « This piece, escreve o Sr. E. Prestage, perhaps Gil Vicente's greatest hieratical work, has been named by

Que estamos em presença duma das mais bellas creações do nosso auctor não ha duvida. E' um verdadeiro drama theologico o que se desenrola dentro da accão, toda symbolica e ideal. « Assi como foi cousa muito necessaria, diz a rubrica do auto, haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse húa estalajadeira, pera refeição e descanço das almas que vão caminhantes para a eternal morada de Deus.

Esta estalajadeira das almas he a Madre Santa Igreja; a mesa é o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração trata a obra seguinte. » Assim imaginou Gil Vicente a idea da tentação, exposta em todos os theologos da dogmatica christã. A alma dotada de « livre alvedrio, entendimento, e vontade » lucta, indecisa e timida, entre o principio do bem — o Anjo, e o principio das trevas — o Diabo. Astuto e ardiloso este, como seria fatal no conceito dum poeta christão, acaba por ser derrotado e vencido. O Diabo de Gil Vicente não tem as visagens que aterram, como na concepção dantesca duma elabo-

---

a French critic, M. Ducarme, the prototype of Goethe's "Faust"; but, true as this may be as regards the general idea, there is as notable a contrast in the treatment and details as between the minds of their respective authors, the one a mediaeval Catholic, the other an eighteenth-century Protestant. » Vid. *The portuguese Drama in the sixteenth century — Gil Vicente*, separata do *Manchester Quarterly*, de Julho 1897, pg. 16. A analyse do trabalho de Ducarme foi feita minuciosamente pelo Sr. Alfredo da Cunha na *Rev. Intellectual contemporanea* de Maio de 1886 num artigo transcripto em folhetim do *Diario de Noticias* de 7 de Junho de 1902.

ração metaphisica e theologica. A' sua obra convinha mais a personagem como a tinha imaginado a phantasia popular :

O Diabo he demo  
Porque he o rapaz tão subtil em extremo,  
Que não ha bugio tão mal inclinado <sup>1</sup>.

No *Auto da Cananea* que se prende por um laço logico bem visivel ao *Auto da Historia de Deos* o poeta põe na boca do espirito infernal estas palavras :

Como rapaz escolar,  
Que lh'esqueceo a lição,  
E sabe que lhe hão de dar ;  
Assi sei que heide apanhar  
Desta vez hum estirão <sup>2</sup>.

No *Auto da Alma* como em toda a obra do poeta não ha a sujeição a canones, nem a formulas mais ou menos consagradas. O poeta revindica sempre a maior liberdade, ainda quando trata de assumptos que parece estariam naturalmente indicados na sua genese e finalidade. Nada mais significativo do que a scena da tentação de Christo no auto da *Historia de Deos*. Para os fins de Gil Vicente as phrases biblicas nesta scena não colheriam perante os espectadores o efecto das que o poeta preferiu aproveitar.

<sup>1</sup> *Auto da Historia de Deus* representado ao « muito alto e poderoso D. João III e á Serenissima e mui esclarecida Rainha D. Caterina », em Almeirim, 1527. Vid. adeante, pg. 153.

<sup>2</sup> *Auto da Cananea* « a rogo da muito virtuosa e nobre Senhora D. Violante, abbadessa do mosteiro de Odivelas... », 1534. Vid. adeante, pg. 189.

Apontando o mal, como lepra que contamina e enoja e o bem como miragem que atrai, o Tentador offerece a Christo um deslumbramento, o que?

Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,  
 Aldeia Galega, a Landeira, e Ranginha,  
 E de Lavra a Coruche? Tudo he terra minha.  
 E desde Camora até Salvaterra,  
 E desde Almeirim bem até Herra,  
 E tudo per alli,  
 E a terra que tenho de cardos e pedras,  
 Que vai desde Cintra até Torres Vedras,  
 Tudo he meu. Olha pera mi,  
 Verás como medras!<sup>1</sup>

Aqui, como na scena das joias do *Fausto*, é com a antevisão dos prazeres, da riqueza e do luxo que o Diabo manobra. Mephistopheles raciocina como o podia fazer o cerebro dum livre pensador, libertino e cheio de voracidade sensual, do seculo xix. O oiro cega, desnorteia. Margarida, ingenua, simples e bella, succumbe diante da grosseria brutal do seu tentador. Em Gil Vicente ha mais idealidade como convinha, de resto, á sua figuração, mas a tentação é identica. Voltando-se para a Alma o Diabo convida-a a ataviar-se para ter o deslumbramento e a seducção da formosura:

Vesti ora este brial,  
 Mettei o braço por aqui:  
 Ora esperae:  
 Oh como vem tam real!  
 Isto tal  
 Me parece bem a mi:  
 Ora andae.  
 Huns chapins haveis mister  
 De Valença: — ei-los aqui.

<sup>1</sup> Vid. *adeante*, pg. 170.

Agora estais vós mulher  
De parecer.  
Ponde os braços presumptuosos... <sup>1</sup>

.....

Não ha, talvez, entre a creaçāo dos dois poetas laço de parentesco, que permitta aventar a hypothese de ter Goethe bebido a sua concepção no poeta portugues do seculo xvi. O extraordinario auctor do *Fausto* não conhecia presumivelmente o portugues, nunca ouviria fallar em Gil Vicente. Entretanto não resta menos ao fundador do nosso theatro a gloria de ser o predecessor d'uma concepção tão arrojada, que deu ao seculo xix uma das suas obras mais gloriosas. E por causa dessa approximação, já agora fatal, a obra de Gil Vicente, posta no seu seculo e no momento da maior crise intellectual e religiosa que o mundo ainda vio, será sempre devidamente admirada. Demais neste pequeno poema dramatico o poeta intercalou trechos d'uma sublimidade admiravel, inspirados no que a musa christā tem de mais perfeito e grandioso, como é por exemplo, a oração de Santo Agostinho que começa :

Alto Deos maravilhoso,  
Que o mundo visitaste <sup>2</sup>

.....

não menos admiravel que a que inicia a accāo no ditirambo formosissimo do Anjo :

Alma humana formada  
De nenhā cousa, feita  
Mui preciosa,  
De corrupção separada <sup>3</sup>

.....

<sup>1</sup> Vid. adeante, pg. 77.

<sup>2</sup> Adeante, pg. 86.

<sup>3</sup> Adeante, pg. 73.

Era justo que esta symphonia dramatica etherea e celestial terminasse por um dos mais sublimes canticos de que se orgulha a liturgia catholica — o *Te Deum laudamus* — cantando o qual, todas as personagens do Auto, levando a alma em triumpho, vão adorar o tumulo do Redemptor, conforme resa a letra da rubrica.

Em toda a sua obra dá Gil Vicente mostras de ser um grande pensador obrigando o leitor a deter-se para admirar quer a belleza da forma, suave, facil e expontanea, quer o conceito profundo, largo, imprevisto. Já se tem feito por vezes a approximação daquelle passo do *Frei Luis de Sousa* em que o Romeiro designando o seu proprio retrato diz que é — *Ninguem* — com o da *Farça da Lusitania* onde figura « hum homem, vestido como pobre e este se chama *Ninguem* ». O symbolismo é esplendido e, como applicação, d'um realismo epigrammatico sangrento. *Todo-o-Mundo*, o symbolo opposto, é representado como um rico mercador :

Eu hei nome *Todo o Mundo*  
E meu tempo todo inteiro  
Sempre he buscar dinheiro,  
E sempre nisto me fundo.

ao que o outro replica

Eu hei nome *Ninguem*,  
E busco a consciencia<sup>1</sup>.

É, como se vê, o triumpho do mal na escravidão do interesse. Como these é simplesmente admiravel. Mas se Garrett podia, de facto, no logar apontado proceder por uma reminiscencia,

---

<sup>1</sup> Vid. Ed. de Humburgo, vol. III, pg. 289.

aliás facil e natural, do seu illustre predecessor, é de crêr, que lhe acudisse antes á sua tam rica phantasia outro logar similar, mais notavel ainda pelo vigor dos contrastes. Referimo-nos áquella passagem da *Barca do Inferno* em que se vê o *Parvo* approximar-se da *Barca da Glória* e gritar ao anjo seu timoneiro:

Hou da barca !

ANJ. Tu que queres ?

PAR. Quereis-me passar alem ?

ANJ. Quem és tu ?

PAR. Não sou ninguem <sup>1</sup>.

Só a penna d'um homem verdadeiramente superior podia traçar esta scena profundamente philosophica, alta pelo seu significado, tocante pela simplicidade expressiva e que nos surprehende tanto como nos agrada. Deante desta e d'outras revelações de tam culto espirito é que não é temeridade nenhuma afirmar que Gil Vicente é uma das figuras proeminentes do Renascimento, não sómente peninsular, mas europeu.

Ha ainda uma nota particularmente sympathica e que antes de terminar estas linhas forçoso é deixar aqui consignada em destaque, como de justiça — é o amor ao ninho paterno, ao bello país glorioso que lhe foi berço, o envaidecimento confessado com galhardia e cavalheirismo pelas bellezas e triumphos que o esmaltam.

Toda a *Exhortação da guerra* é um hymno patriotico

Oh famoso Portugal  
Conhece teu bem profundo,  
Pois até ó pólo segundo

<sup>1</sup> Vid. adeante, pg. 103.

Chega o teu poder real  
 Avante, avante, Senhores,  
 Pois que com grandes favores  
 Todo o ceo vos favorece :  
 El-rei de Fez esmorece  
 E Marrocos dá clamores <sup>1</sup>

.....

Os versos continuam na mesma toada entusiastica e viril, apparecendo a seguir Achilles que se dirige aos Prelados como mais indiferentes, talvez, aos brios guerreiros, desta forma :

O' prelados, não dormais,  
 Clerigos, não murmureis.  
 Quando Roma a todas velas  
 Conquistava toda a terra,  
 Todas donas e donzelas  
 Davão suas joias bellas  
 Pera manter os da guerra.  
 O' pastores da Igreja,  
 Moura a seita de Mafoma,  
 Ajudae a tal peleja,  
 Que açoutados vos veja,  
 Sem apellar para Roma.  
 Deveis de vender as taças  
 Empenhar os breviairos,  
 Fazer vasos das cabeças  
 E comer pão e rabaças  
 Por vencer vossos contrairos <sup>2</sup>.

.....

Que soberbo hymno que a *Fama* entoa a Portugal!

Que de glorias com alegria de coração não vêem memoradas naquellas soberbas redondilhas tam cantantes e tam sonoras e tam

<sup>1</sup> *Exhortação da Guerra*, representada « ao muito alto e nobre Rei D. Manoel », em Lisboa, 1513. Cfr. adeante, pg. 217.

<sup>2</sup> *Ibid.*, pg. 219.

agradaveis aos ouvidos e olhos d'um coração amante do seu País! Como o poeta se desvanece em fazer resurgir Marte para que elle, como deus da guerra e das victorias, preste vassalagem ao pequeno e glorioso reino <sup>1</sup>!

- E como ainda se compraz no formosissimo romance composto naquelle gosto tradicional tam seu, que as sereias deviam cantar, — muito bem cantado — e onde as glorias de Portugal se elevam como uma hostia de ouro entre as visões das terras do sol, os pomares do oriente e o sangue rubro da forte raça dos dynastas portugueses <sup>2</sup>!

### MENDES DOS REMEDIOS.

---

<sup>1</sup> Cfr. *Cortes de Jupiter*, adeante, pg. 238.

<sup>2</sup> Vid. Ed. de Hamburgo, vol. II, pg. 478.

## ADVERTENCIA

---

Alguns erros, embora facilmente corregiveis, escaram á revisão; dentre elles se apontam, por mais importantes, os seguintes: *Contemlação* [ pg. 14, l. 39 ], *thesouso* [ pg. 54, l. 36 ], *levada* [ pg. 88, l. 33 ], *chocathada* [ pg. 328, l. 29 ], *em* [ pg. 351, l. 21 ], etc., em vez de *contemplação*, *thesouro*, *lavada*, *chocalhada*, *eu*:

Auto de Mofina Mendes.

## F I G U R A S.

### *PROLOGO.*

HUM FRADE.

---

A VIRGEM.  
PRUDENCIA.  
POBREZA.  
HUMILDADE.  
FÉ.  
O ANJO GABRIEL.  
S. JOSEPH.  
ANDRÉ.  
PAYO VAZ.  
PESSIVAL.  
MOFINA MENDES.  
BRAZ CARRASCO.  
BARBA TRISTE.  
TIBALDINHO.  
ANJOS.

---

*A obra seguinte foi representada ao excellente Príncipe e muito poderoso Rei Dom João III, endereçada ás matinas do natal, na era do Senhor 1534.*

## AUTO DA MOFINA MENDES.

---

*Entra primeiramente hum Frade, e a modo de prégação diz o que se segue.*

### FRADE.

Tres cousas acho que fazem  
Ao doudo ser sandeu ;  
Húa ter pouco siso de seu,  
A outra, que esse que tem  
Não lhe presta mal nem bem :  
E a terceira,  
Que endoudece em gran maneira,  
He o favor ( livre-nos Deos )  
Que faz do vento cimeira,  
E do toutiço moleira,  
E das ondas faz ilheos.

Diz Francisco de Mairões,  
Ricardo, e Bonaventura,  
Não me lembra em que escritura,  
Nem sei em quaes distinções,  
Nem a cópia das razões ;  
Mas o latim  
Creio que dizia assim :  
*Nolite vanitatis debemus confidere de his, qui capita sua posuerunt in manibus ventorum &c.*

Quer dizer este matiz  
Antre os primeiros que traz :  
Não he sesudo o juiz,  
Que tem geito no que diz,  
E não acerta o que faz.  
Diz Beocio — *de consolationis*,  
*Origenes — Marci Aureli,*  
*Sallustius — Catelinarium,*  
*Josepho — speculum belli,*  
*Glosa interliniarum ;*  
*Vicentius — scala cœli,*  
*Magister sententiarum,*

*Demosthenes, Calistrato ;*  
 Todos estes concertáro  
 Com *Scoto*, livro quarto.  
 Dizem : Não vos enganeis,  
 Letrados de rio torto,  
 Que o porvir não no sabeis,  
 E quem nisso quer pôr peis  
 Tem cabeça de minhoto,  
 O' bruto animal da serra,  
 O' terra filha do barro,  
 Como sabes tu, bebarro,  
 Quando ha de tremer a terra,  
 Que espantas os bois e o carro ?  
 Pelos quaes *dixit Anselmus*,  
 E *Seneca*, — *Vandaliarum*,  
 E *Plinius* — *Choronicarum*,  
*Et tamen glosa ordinaria*,  
 E *Alexander* — *de aliis*,  
*Aristoteles* — *de secreta secretarum* :

*Albertus Magnus*,  
*Tullius Ciceronis*,  
*Ricardus, Ilarius, Remigius*,  
 Dizem, convem a saber :  
 Se tens prenhe tua mulher,  
 E per ti o composeste,  
 Queria de ti entender  
 Em que hora ha de nascer,  
 Ou que feições ha de ter  
 Esse filho que fizeste.

Não no sabes ; quanto mais  
 Committerdes falsa guerra,  
 Presumindo que alcançais  
 Os secretos divinaes  
 Que estão debaixo da terra.  
 Polo que, diz *Quintus Curtius*,  
*Beda* — *de religione christiana*,  
*Thomas* — *super trinitas alternati*,  
*Augustinus* — *de angelorum choris*,  
*Hieronymus* — *d'alphabetus hebraice*,  
*Bernardus* — *de virgo ascentionis*,  
*Remigius* — *de dignitate sacerdotum* ;

Estes dizem juntamente  
 Nos livros aqui allegados :  
 Se filhos haver não pôdes,  
 Nem filhas por teus peccados,  
 Cria desses engeitados,  
 Filhos de clérigos pobres.

Pois tens saco de cruzados,  
Lembro-te o rico avarento,  
Que nesta vida gozava,  
E no inferno cantava :  
Agua, Deos, agua,  
Que lhe arde a pousada.

Mandárao-me aqui subir  
Neste sancto amphitheatro,  
Para aqui introduzir  
As figuras que hão de vir  
Com todo seu apparato.  
He de notar,  
Que haveis de considerar  
Isto ser contemplação  
Fóra da historia geral,  
Mas fundada em devação.

A qual obra he chamada  
Os mysterios da Virgem ;  
Que entrará accompanhada  
De quatro Damas, com quem  
De menina foi criada.  
A húa chamão Pobreza,  
Outra chamão Humildade ;  
Damas de tanta nobreza,  
Que tod'alma que as préza  
He morada da Trindade.

A' outra, terceira dellas,  
Chamão Fé por excellencia ;  
A' outra chamão Prudencia.  
E virá a Virgem com ellas,  
Com mui fermosa apparencia.  
Será logo o fundamento  
Tractar de saudação,  
E depois deste sermão,  
Hum pouco do nascimento ;  
Tudo per nova invenção.

Antes disto que dissemos,  
Virá com musica orpheia  
*Domine labia mea,*  
*E Venite adoremus*  
Vestido com capa alhea.  
Trará *Te Deum laudamus*  
D'escarlata húa libré :  
*Jam lucis ortu sidere*  
Cantará o *benedicamus*,  
Pola gran festa que he.  
*Quem terrā, pontus, æthera*

Virá muito assocegado  
 N'hum sendeiro mal pensado,  
 E hum gibão de tafetá,  
 E húa gorra d'orelhado.

*Em este passo entra nossa Senhora, vestida como rainha, com as ditas donzellas, e diante quatro anjos com musica : e depois de assentadas, começão cada húa de estudar per seu livro, e diz a*

## VIRGEM.

PRU. Que ledes, minhas criadas ?  
 Que achais escripto hi ?  
 Senhora, eu acho aqui  
 Grandes cousas innovadas,  
 E mui altas pera mi.  
 Aqui a Sibylla Cimeria  
 Diz que Deos será humanado  
 De húa virgem sem peccado ,  
 Que he profunda materia  
 Para meu fraco cuidado.

## POBREZA.

ERUTHEA profetiza  
 Diz aqui tambem o que sente :  
 Que nascerá pobremente,  
 Sem cueiro nem camiza,  
 Nem cousa com que se aquente.  
 HUM. E o propheta Isaias  
 Falla nisso tambem ca :  
 Eis a Virgem conceberá,  
 E parirá o Messias,  
 E frol virgem ficará.

## FÉ.

Cassandra d'elrei Priámo  
 Mostrou essa rosa frol  
 Com hum menino a par do sol  
 A Cesar Octaviano,  
 Que o adorou por Senhor.  
 PRU. *Rubrum quem viderat Moïsem*  
 Sarça, que no ermo estava,  
 Sem lhe pôr lume ninguem ;

O fogo ardia mui bem,  
E a sarça não se queimava.

## FÉ.

Significa a Madre de Deos ;  
Esta sarça he ella so ;  
E a escada que vio Jacob,  
Que subia aos altos ceos,  
Tambem era de seu voo.

PRU. Deve de ser por rezão  
De todas perfeições cheia  
Toda, quemquer que ella he.

HUM. Aqui a chama Salomão  
*Tota pulchra amica mea,*  
*Et macula non est in te.*  
E diz mais, que he *porta cœli*  
*Et electa ut sol,*  
Balsamo mui oleroso  
*Pulchra ut lilium* gracioso,  
Das flores mais linda flor,  
Dos campos o mais fermoso :  
Chama-lhe *plantatio rosa*,  
*Nova oliva speciosa*,  
*Mansa columba Noe*,  
Estrella a mais luminosa.

## PRUDENCIA.

*Et acies ordinata,*  
Fermosa filha d'elrei  
De Jacob, *et tabernacula*  
*Speculum sine macula,*  
*Ornata civitas Dei.*

FÉ. Mais diz ainda Salomão :  
*Hortus conclusus, flos hortorum,*  
*Medecina peccatorum,*  
Direita vara de Arão,  
Alva sobre quantas forão,  
Sancta sobre quantas são.

E seus cabellos polidos  
São fermosos em seu grado  
Como manadas de gado,  
E mais que os campos floridos,  
Em que anda apascentado.

PRU. He tão zeloso o Senhor,  
Que quererá seu estado  
Dar ao mundo per favor,

Por húa Eva peccador,  
Húa virgem sem peccado.

## VIRGEM.

Oh ! se eu fosse tão ditosa  
Que com estes olhos visse  
Senhora tão preciosa,  
Thesouro da vida nossa,  
E por escrava a servisse !  
Que onde tanto bem se encerra,  
Vendo-a ca entre nós,  
Nella se verão os ceos,  
E as virtudes da terra,  
E as moradas de Deos.

*Neste passo entra o anjo Gabriel, dizendo :*

## GABRIEL.

Oh ! Deos te salve, Maria,  
Cheia de graça graciosa,  
Dos peccadores abrigo !  
Gosa-te com alegria,  
Humana e divina rosa,  
Porque o Senhor he comtigo.  
VIR. Prudencia, que dizeis vós ?  
Que eu muito turbada sam ;  
Porque tal saudaçam  
Não se costuma antre nós.

## PRUDENCIA.

Pois que he auto do Senhor,  
Senhora, não esteis turbada ;  
Tornae em vossa color,  
Que, segundo o embaixador,  
Tal se espera a embaixada.  
GAB. O' Virgem, se ouvir me queres,  
Mais te quero inda dizer.  
Benta es tu em mereceres  
Mais que todas as mulheres,  
Nascidas, e por nascer.

## VIRGEM.

Que dizeis vós, Humildade ;  
Que este verso vai mui fundo,  
Porque eu tenho por verdade  
Ser em minha calidade  
A menos cousa do mundo ?

HUM. O anjo, que dá o recado,

Sabe bem disso a certeza.  
Diz David no seu tractado,  
Qu'esse sp'rto assi humilhado  
He cousa que Deos mais préza.

## GABRIEL.

Alta Senhora, sab'ras,  
Que tua sancta humildade  
Te deu tanta dignidade,  
Que hum filho conceberás  
Da divina Eternidade.  
Seu nome, será chamado  
Jesu e Filho de Deos ;  
E o teu ventre sagrado  
Ficará horto cerrado ;  
E tu — Princeza dos Ceos.

## VIRGEM.

Que direi, Prudencia minha ?  
A vós quero por espelho.

- PRU. Segundo o caso caminha,  
Deveis, Senhora Rainha,  
Tomar com o Anjo conselho.
- VIR. *Quomodo fiat istud,*  
*Quoniam virum non cognosco ?*  
Porque eu dei minha pureza  
Ao Senhor, e meu podér,  
Com toda minha firmeza.

## GABRIEL.

*Spiritus sanctus supervenit in te ;*  
E a virtude do Altissimo,  
Senhora, te cubrirá ;  
Porque seu filho será,  
E teu ventre sacratissimo  
Per graça conceberá.

- VIR. Fé, dizei-me vosso intento,  
Que este passo a vós convem.  
Cuidemos nisto mui bem,  
Porque a meu consentimento  
Grandes dúvidas lhe vem.  
Justo he que imagine eu,  
E que estê muito turbada.  
Querer quem o mundo he seu,  
Sem merecimento meu,  
Entrar em minha morada ;  
E húa summa perfeição,

De resplendor guarnecido,  
 Tomar pera seu vestido  
 Sangue do meu coração,  
 Indigno de ser nascido !

E aquele que occupa o mar,  
 Enche os ceos e as profundezas,  
 Os orbes e redondezas ;  
 Em tão pequeno logar  
 Como poderá estar  
 A grandeza das grandezas !

GAB. Porque tanto isto não peses,  
 Nem duvides de querer,  
 Tua prima Elisabeth  
 He prenhe, e de seis meses.

E tu, Senhora, has de crer,  
 Que tudo a Deos he possivel,  
 E o que he mais impossivel,  
 Lhe he o menos de fazer.

VIR. Anjo, perdoae-me vós,  
 Que com a Fé quero fallar.  
 Pedirei sinal dos Ceos.

FÉ. Senhora, o podêr de Deos  
 Não se ha de examinar.

Nem deveis de duvidar,  
 Pois sois delle tão querida

GAB. E d'abinicio escolhida :  
 E manda-vos convidar ;  
 Para madre vos convida.

VIR. *Ecce ancilla Domini,*  
 Faça-se sua vontade  
 No que sua Divindade  
 Mandar que seja de mi,  
 E de minha liberdade.

*Em este passo se vai o Anjo Gabriel, e os anjos à sua partida tocão seus instrumentos, e cerra-se a cortina.*

\*  
 \*      \*

*Juntão-se os Pastores para o tempo do nascimento.*  
*Entra primeiro André e diz :*

ANDRÉ.

Eu perdi, se s'anoutece,  
 A asna ruça de meu pae.  
 O rasto por aqui vai,

Mas a burra não parece,  
Nem sei em que valle cai.  
Leva os tarros e apeiros,  
E o currão co'os chocalhos,  
Os çamarros dos vaqueiros,  
Dois sacos de pães inteiros,  
Porros, cebolas e alhos.

Leva as peas da boiada,  
As carrancas dos rafeiros,  
E foi-sc a pascer folhada ;  
Porque bêsta despeada  
Não pasce nos sovereiros.  
E s'ella não parecer  
Atás per noite fechada,  
Não temos hoje prazer ;  
Que na festa sem comer  
Não ha hi gaita temprada.

*Entra Payo Vaz e diç :*

**PAYO VAZ.**

Mofina Mendes he ca  
C'hum fato de gado meu ?

**AND.** Mofina Mendes ouvi eu  
Assoviar, pouco ha,  
No valle de João Viseu.

**PAY.** Nunca esta moça socega,  
Nem samica quer fortuna :  
Anda em saltos como pêga,  
Tanto faz, tanto trasfega,  
Que a muitos importuna.

**ANDRÉ.**

Mofina Mendes quanto ha,  
Que vos serve de pastora ?

**PAY.** Bem trinta annos haverá,  
Ou creio que os faz agora :  
Mas socêgo não alcança ;  
Não sei que maleita a toma.  
Ella deu o sacco em Roma,  
E prendeu elrei de França :  
Agora anda com Mafoma,  
E pôz o turco em balança.

Quando cuidei que ella andava  
Co' o meu gado onde sohia,  
Pardeos ! ella era em Turquia,  
E os Turcos amofinava,  
E a Carlos Cesar servia.

Diz que assi resplandecia  
 Neste capitão do ceo  
 A vontade que trazia,  
 Que o Turco esmoreceo,  
 E a gente que o seguia.  
 Receou a guerra crua  
 Que o Cesar lhe promettia ;  
 Entances *per aliam via*  
*Reverte sunt in patria sua*  
 Com quanta gente trazia.

*Entra Pessival.*

PESSIVAL.

Achaste a tua burra, Andrel ?  
 AND. Bofá não. Pes. Não pôde ser.  
 Busca bem, leixa o fardel ;  
 Que a burra não era mel,  
 Que a havião de comer.

ANDRÉ.

Saltarião pêgas nella,  
 Por caso da matadura ?  
 Pes. Pardeos ! essa seri'ella !  
 E que pêga seria aquella,  
 Que lhe tirasse a albardura ?  
 PAY. Mas crê que andou per hi  
 Mofina Mendes, rapaz ;  
 Que, segundo as cousas faz,  
 Se isto não for assi,  
 Que não seja eu Payo Vaz.  
 Ora chama tu por ella,  
 E aposto-te a carapuça,  
 Que a negra burra ruça  
 Mofina Mendes deu nella.  
 AND. Mofina Mendes ! ah Mofina Men !  
 MOF. Que queres, André ? que has ? (de longe)  
 AND. Vem tu ca, e vê-lo-has ;  
 E se has de vir, logo vem,  
 E acharás aqui tambem  
 A teu amo Payo Vaz.

*Entra Mofina Mendes e diz*

PAYO VAZ.

Onde deixas a boiada,  
 E as vacas, Mofina Mendes ?  
 MOR. Mas, que cuidado vós tendes  
 De me pagar a soldada,

- Que ha tanto que me retendes ?  
**PAY.** Mofina, dá-me conta tu  
 Onde fica o gado meu.  
**MOF.** A boiada não vi eu,  
 Andão lá não sei per hu,  
 Nem sei que pascigo he o seu.  
 Nem as cabras não nas vi,  
 Samicas c'os arvoredos ;  
 Mas não sei a quem ouvi  
 Que andavão ellas per hi  
 Saltando pelos penedos.  
**PAY.** Dá-me conta rez e rez,  
 Pois pedes todo teu frete.  
**MOF.** Das vacas morrêrão sete,  
 E dos bois morrêrão tres.

**PAYO VAZ.**

- Que conta de negregura !  
 Que taes andão os meus porcos ?  
**MOF.** Dos porcos os mais são mortos  
 De magreira e ma ventura.  
**PAY.** E as minhas trinta vitellas  
 Das vacas, que te entregárão ?  
**MOF.** Creio que hi ficárão dellas,  
 Porque os lobos dezimárão,  
 E deu ôlho mao por ellas,  
 Que mui poucas escapárão.

**PAYO VAZ.**

- Dize-me, e dos cabritinhos  
 Que recado me dás tu ?  
**MOF.** Erão tenros e gordinhos,  
 E a zorra tinha filhinhos,  
 E levou-os hum e huni.

**PAYO VAZ.**

- Essa zorra, essa malina,  
 Se lhe corrêras trigosa,  
 Não fizera essa chacina ;  
 Porque mais corre a Mofina  
 Vinte vezes qu'a raposa.  
**MOF.** Meu amo, já tenho dada  
 A conta do vosso gado  
 Muito bem, com bom recado ;  
 Pagae-me minha soldada,  
 Como temos concertado.

## PAYO VAZ.

- Os carneiros que ficárão,  
E as cabras, que se fizerão ?  
Mof. As ovelhas reganháramo,  
As cabras engafecêramo,  
Os carneiros se afogáramo,  
E os rafeiros morrêramo.  
Peso. Payo Vaz, se queres gado,  
Dá ó demo essa pastora :  
Pagalh'o seu, va-se embora  
Ou ma-orá,  
E põe o teu em recado.

## PAYO VAZ.

- Pois Deos quer que pague e peite  
Tão daninha pegureira,  
Em pago desta canseira  
Toma este pote de azeite,  
E vae-o vender á feira ;  
E quiçaes medrarás tu,  
O que eu comtigo não posso.  
Mof. Vou-me á feira de Trancoso  
Logo, nome de Jesu,  
E farei dinhèiro grosso.  
Do que este azeite render  
Comprarei ovos de pata,  
Que he a cousa mais barata  
Qu'eu de lá posso trazer.  
E estes ovos chocarão ;  
Cada ovo dara hum pato,  
E cada pato hum tostão,  
Que passará de um milhão  
E meio, a vender barato.  
Casarei rica e honrada  
Per estes ovos de pata,  
E o dia que for casada  
Sahirei ataviada  
Com hum brial d'escarlata,  
E diante o desposado,  
Que me estara namorando :  
Virei de dentro bailando  
Assi dest'arte bailado,  
Esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça,  
e andando enlevada no bailo, cai-lhe, e diz

## PAYO VAZ.

Agora posso eu dizer,  
E jurar e apostar,  
Qu'es Mofina Mendes toda.

PES. E s'ella baila na voda,  
Qu'está ainda por sonhar,  
E os patos por nascer,  
E o azeite por vender,  
E o noivo por achar,  
E a Mofina a bailar ;  
Que menos podia ser ?

*Vai-se Mofina Mendes, cantando.*

## MOFINA MENDES.

« Por mais que a dita m'engeite,  
« Pastores, não me deis guerra ;  
« Que todo o humano deleite,  
« Como o meu pote d'azeite,  
« Ha de dar comsigo em terra. »

*Entrão outros pastores, cujos nomes são Braz Carrasco, Barba Triste, e Tibaldinho ; e diz*

## BRAZ CARRASCO.

Ó Pessival meu vezinho !

PES. Braz Carrasco, dize, viste  
A burra desse outeirinho ?  
BRA. Pergunta tu a Tibaldinho,  
Ou pergunta a Barba Triste,  
Ou pergunta a João Calveiro.

TIB. O fato trago eu aqui,  
E a burra eu a metti  
Na corte do Rabileiro.  
Nós deitemo-nos per hi.  
Andamos todos cansados,  
O gado seguro está :  
E nós aqui abrigados  
Dormamos senhos bocados,  
Que a meia noite vem ja.

\*

\* \*

*Em este passo se deitão a dormir os pastores ; e logo se segue a segunda parte, que he húa breve contemplação sobre o Nascimento.*

## VIRGEM.

O cordeiro divinal,  
 Precioso verbo profundo,  
 Vem-se a hora  
 Em que teu corpo humanal  
 Quer caminhar pelo mundo.  
 Desde agora  
 Sahirás ao campo mundano  
 A dar crua e nova guerra  
 Aos imigos,  
 E glória a Deos soberano  
*In excelsis, et in terra*  
*Pax hominibus.*

Sahirá o nobre leão,  
 Rei do tribu de Judá,  
*Radix David* ;  
 O duque da promissão  
 Como esposo sahirá  
 Do seu jardim :  
 E o Deos dos anjos servido,  
*Sanctus, sanctus*, sem cessar  
 Lhe cantando,  
 Vereis em palhas nascido,  
 Sem candea e sem luar,  
 Suspirando.

E porque a noite he quasi meia,  
 E sāo horas que esperemos  
 Seu nascer,  
 Ide, Fé, por essa aldeia  
 Accender esta candea,  
 Pois outras tochas não temos  
 Que accender ;  
 E sem serdes perguntada,  
 Nem lhes vir pela memoria,  
 Direis em cada pousada  
 Qu'esta he a vela da glória.

*Em este passo Joseph e a Fé vāo accender a candea, e a Virgem com as Virtudes, de giolhos, a versos rezão este*

## P s a l m o.

## VIRGEM.

Ó devotas almas felis,  
 Para sempre sem cessar  
*Laudate Dominum de cælis,*

*Laudate eum in excelsis,*  
Quanto se pôde louvar.

PRUDENCIA.

Louvae, anjos do Senhor,  
Ao Senhor das altezas,  
E todalas profundezas,  
Louvae vosso criador  
Com todas suas grandezas.

HUMILDADE.

*Laudate eum, Sol et Luna,*  
*Laudate eum, stellæ et lumen,*  
*Et lauda, Hierusalem,*  
Ao Senhor que te enfuna  
Neste portal de Bethlem.

VIRGEM.

Louvae o Senhor dos ceos,  
Louvae-o, agua das aguas,  
Que sobre o ceo sois firmadas ;  
E louvae o Senhor Deos,  
Relampagos e trovoadas.

PRUDENCIA.

*Laudate Dominum de terra,*  
*Dacrones et omnes abyssi,*  
E todas diversidades  
De nevoas e serra,  
Ventos, nuvens et eclipsi,  
E louvae-o, tempestades.

HUMILDADE.

*Bestiæ et universa*  
*Pecora, volucres, serpentes,*  
Louvae-o, todalas gentes,  
E toda a causa diversa,  
Que no mundo sois presentes.

*Vem a Fé com a vela sem lume, e diz*

JOSEPH.

Não vos anojéis, Senhora,  
Pois estais em terra alheia,  
Ser o parto sem candea,  
Porque as gentes d'agora  
São de mui perversa veia.  
Todos dormem a prazer,

Sem lhes vir pela memoria  
 Que por fôrça hão de morrer ;  
 E não querem accender  
 A sancta vela da glória.

## HUMILDADE.

Devião ter piedade  
 Da Senhora peregrina,  
 Romeira da christandade,  
 Que está nesta escuridade,  
 Sendo Princeza divina,  
 Pera exemplo dos senhores,  
 Pera lição dos tyrannos,  
 Pera espelho dos mundanos,  
 Pera lei aos peccadores,  
 E memoria dos enganos.

## FÉ.

Não fica por lh'o prégar,  
 Não fica por lh'o dizer, .  
 Não fica por lh'o rogar ;  
 Mas não querem acordar,  
 Com pressa de adormecer.  
 Delles fazem que não ouvem,  
 E elles ouvem muito bem ;  
 Delles fazem que não vem,  
 E delles que não entendem  
 O que vai nem o que vem.

Sem memoria nem cuidado  
 Dormem em cama de flores,  
 Feita de prazer sonhado :  
 Seu fogo tão apagado  
 Como em choça de pastores ;  
 A vossa divina vela,  
 Vossa eterna candeia,  
 Feita de cera mais bella,  
 Em cidade nem aldeia  
 Não ha hi lume para ella.

Todo o mundo está mortal,  
 Posto em tão escuro porto  
 De húa cegueira geral,  
 Que nem fogo, nem sinal,  
 Nem vontade : tudo he morto.

**VIR.** Prudencia, i vós co'ella,  
 Que nas horas ha hi mudança :  
 E accendei ess'outra vela,  
 Que se chama da esperança,

E lhes convem accendê-la.  
 E dizei-lhe que o pavio  
 Desta vela he a salvação,  
 E a cera o poderio  
 Que tem o livre alvedrio,  
 E o lume a perfeição.

Jos. Senhora, não monta mais  
 Semear milho nos rios,  
 Que querermos por sinaes  
 Metter couzas divinaes  
 Nas cabeças dos bugios.

Mandae-lhe accender candeias,  
 Que chamem ouro e fazenda,  
 E vereis bailar baleias ;  
 Porque irão tirar das veias  
 O lume com que se accenda.  
 E á gente religiosa  
 Manda-lhes velas bispaes ;  
 A cera, de renda grossa ;  
 Os pavios, de casaes ;  
 E logo não porão grossa.

#### PRUDENCIA.

Senhora, a meu parecer,  
 Para esta escuridade  
 Candeia não ha mister ;  
 Que o Senhor qu'ha de nascer  
 He a mesma claridade ;  
*Lumen ad revelationem gentium*  
 He profetizado a nós,  
 E agora se ha de cumprir :  
 Pois para que he ir e vir,  
 Buscar lume para vós,  
 Pois lume haveis de parir ?

Nem deveis de estar afflita,  
 Para lhe guisar manjar ;  
 Porque he fartura infinita,  
 He chamado *Panis vita*,  
 Não tendes que desejar.  
 E se para seu nascer  
 Tão pobre casa escolheo,  
 Não vos deveis de doer,  
 Porque onde elle estiver  
 Está a côrte do Ceo.

Se cueiros vos dão guerra,  
 Que os não tendes por ventura,  
 Não faltará cobertura

A quem os ceos e a terra  
Vestio de tal formosura.

*Em este passo chora o Menino, posto em hum  
berço: as Virtudes cantando o embalão, e o Anjo  
vai aos pastores, e diz cantando.*

ANJO.

- « Recordae, pastores ! »  
 AND. Hou de lá, que nos quereis ?  
 ANJO « Que vos levanteis. »  
 AND. Para que, ou que vai lá ?  
 ANJO « Nasceu em terra de Judá  
      « Hum Deos so, que vos salvará. »  
 AND. E dou-lhe que fossem tres :  
 Eu não sei que nos quereis.  
 ANJO « Que vos levanteis. »

ANDRÉ.

Quero-m'eu erguer, em tanto  
Veremos que isto quer ser.  
Sempre m'esquece o benzer  
Cada vez que me levanto.

ANJOS. (cantando.)

- « Ah pastor ! ah pastor ! »  
 AND. Que nos quereis, escudeiros ?  
 ANJO « Chama todos teus parceiros,  
« Vereis vosso Redemptor. »

ANDRÉ.

Não durmaes mais, Payo Vaz,  
Ouvireis cantar aquillo.

- PAY. Ora tu não ves que he grillo ?  
 Vae-te d'hi, aramá vas,  
 Que eu não hei mister ouvi-lo.  
 AND. Pessival, acorda ja.  
 PES. Acorda tu a Braz Carrasco.  
 BRA. Não creio eu, não, em San Vasco,  
 Se me tu acolhes lá.

ANDRÉ.

- Levanta-te d'hi, Barba Triste.  
 BAR. Tu que has, ou que me queres ?  
 AND. Que vamos ver os prazeres,  
 Que eu nem tu nunca viste.  
 BAR. Pardeos, vae tu se quizeres,  
 Salvo se na refestella  
 Me dessem bem de comer ;  
 Senão leixa-me jazer,

Que não hei de bailar nella :  
 Vae tu lá embora ter.  
 Acorda a Tibaldinho,  
 E ó Calveiro e outros tres,  
 E a mi cobre-me os pés ;  
 Então vae-te meu caminho,  
 Que eu hei de dormir hum mez.

## ANJO.

- Pastores, ide a Belem.  
 AND. Tibaldinho, não te digo  
 Que nos chama não sei quem ?  
 TIB. Bem no ouço eu, porém  
 Que tem Deus de ver comigo ?

## ANDRÉ.

- Isso he parvoejar.  
 Levantae-vos, companheiros,  
 Que por valles e outeiros  
 Não fazem nego chamar  
 Por pastores e vaqueiros.  
 ANJO Pera a festa do Senhor  
 Poucos pastores estais.  
 PAY. Vós bacelo quereis pôr,  
 Ou fazer algum lavor,  
 Que tanta gente ajuntais ?

## ANDRÉ.

- Vós não sois officiaes  
 Senão de guardardes gado.  
 BRAZ Dizei, Senhor, sois casado ?  
 Ou quando embora casais ?  
 AND. Oh como es desentoado !  
 ANJO Quisera que foreis vós  
 Vinte ou trinta pegureiros.  
 PAYO Antes que vós deis tres voos,  
 Bem ajuntaremos nós  
 Nesta serra cem vaqueiros.

## ANJO.

Ora trazei-os aqui,  
 E esperae naquelle estrada,  
 Que logo a Virgem sagrada  
 A Hierusalem vai per hi  
 Ao templo endereçada.

*Tocão os anjos seus instrumentos, e as Virtudes, cantando, e os pastores, bailando, se vão.*

Auto Pastoril Portuguez.

## F I G U R A S.

*PROLOGO.*

VASCO AFFONSO.

---

CATHERINA.

JOANNE.

FERNANDO.

MADANELLA.

AFFONSO.

INEZ.

MARGARIDA.

CLERIGOS.

---

*O seguinte Auto foi representado ao muito alto e poderoso Rei nosso Senhor Dom João, terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Evora pelo Natal, era do Senhor de 1523.*

## AUTO PASTORIL PORTUGUEZ.

---

*Entra primeiramente hum lavrador, por nome Vasco Affonso, e diz :*

### VASCO AFFONSO.

Pois que ja entrei aqui,  
Não se me escusa fallar.  
Eu sou d'alem de Thomar,  
E casei em Almeirim,  
Alli mesmo no logar.  
Agora, agora, agora  
Esta doma que lá vai  
Soma que casei embora  
Sem liçença de meu pae ;  
E diz que a não quer por nora.  
E seu pae er assi,  
Porque se casou furtada,  
Nem chique nem mique, nem nada  
Dão a ella nem a mi,  
Assi pola desnevada.  
De maneira,  
Qu'elles tem birra de nós,  
Dizem que nem giesteira,  
Pois que nos casamos sos;  
Não temos na panasqueira.  
Porém amor lhe tenho eu,  
E ella samicas a mi,  
Que ella o diz soma assi ;  
— Porque elle não tem de seu,  
Meu pae deu-me, e eu fugi. —  
E juramento faço ós ceos,  
Que derão tantas a enha esposa,  
Qu'he pera dar graças a Deos ;  
Porque bem como raposa  
Lhe tirárão a ella os veos.  
Ora o nosso cura er,  
Porque se paga d'ella,  
E sequaes andou com ella,  
Soma vonda que não quer  
Receber-nos a mi e a ella.

Mas raivar,  
Que ja recebidos semos :  
Dentro bem no meu linhar  
Todos os verbos dissemos,  
Que se dizem ó casar.

Dizião a mi lá delles,  
Que quem casa por amores  
Não vos he nega dolores ;  
Emperol, que sabem elles ?  
Deos faz dos baixos maiores.  
Aguardae.  
Digo agora que casei  
Sem licença de meu pae  
E d'enha mãe : eu herdarei,  
Ou sabeis corno isto vai ?

A mim dizem-me que não ;  
E s'he daquella maneira,  
Não herdo eira nem beira.  
Mas não semelha razão,  
Mas sinifica cempreira ;  
Que se fóra a cachopa peca ou charra,  
Ou algúna zanguizarra,  
Preguiçosa ou comedora,  
Que bradassem muito embora.

Mas taes vos fossem assim  
As pulgas da vossa cama.  
Soma abonda que minh'ama  
Me dixe lá em Almeirim,  
( Não sei como s'ella chama )  
— Vae, sandeu,  
A Elvora por alvaral  
D'elrei, que te dem o teu,  
Como passar o Natal. —  
E a isto vinha eu.

E hum Gil... hum Gil... hum Gil...  
( Que ma retentiva hei ! )  
Hum Gil... ja não direi :  
Hum que não tem nem ceitil,  
Que faz os aitos a elrei,  
Elle me fêz,  
E tirou de minha aquella,  
Muito inda emque me pez,  
Que entrasse ca na capella  
Previcar hum antremez.

Aito cuido que dezia,  
E assi cuido que he :  
Mas ja não aito, bofê,

Como os aitos que fazia,  
 Quando elle tinha com que.  
 Mas o mundo he ja desgorgomelado ;  
 Todo bem se vai ó fundo :  
 O dinheiro anda acossado,  
 E o prazer vagabundo.

Abonda : entrarão porém  
 Treze trolocutores ;  
 Estes são todos pastores :  
 Da serra d'Estrella vem  
 Em preito com seus amores.  
 Atimar.

Entrará Branca fallando  
 Com Inez; ambas a par  
 Cantando de quando em quando,  
 E ás vezes suspirando  
 Entre cantar e cantar.

Entrará enha sobrinha,  
 E Constança das Ortigas,  
 Que em todo o val das Corigas,  
 Nem na villa mui asinha,  
 Não jazem taes raparigas.  
 E, como entrar,  
 Sahirá a bailar Valejo,  
 O galinheiro que em Thomar  
 Chamava ao coelho — conejo ;  
 Esse mesmo ha de bailar.

E por festa a Ramalhoa  
 Bailará com Pero Luz,  
 Vestido no seu capuz ;  
 E farão a entrada boa  
 Do bailo c'o sinal da cruz.  
 Pé-de-ferro,  
 Bofá hum bom escudeiro,  
 Bom homem lá per seu êrro,  
 Ledo, humilde, prazenteiro,  
 Salvos nega se m'eu êrro ;

Este sahirá a terreiro  
 Com húa regateira baça,  
 Que, quando vende na praça,  
 Tange ás vezes hum pandeiro.  
 Estes ambos terão graça.

A cristaleira,  
 E o almotacel pequeno  
 Bailarão á derradeira,  
 E tanger-lhe-ha o Moreno,  
 Que sabe os bailos da Beira.

Frades virão vinte e sete,  
 Que vem de furtar melões ;  
 E virão tres hortelões.  
 Que trarão preso hum grumete  
 Sem jaqueta nem calções.  
 E acabado  
 Que os frades todos andarem  
 Hum contrapasso trocado,  
 E os outros atimarem,  
 Sera o aito atimado.

\*  
 \*      \*

*Entra Catherine pastora cantando, com o gado.*

CATHERINA.

« Tira os olhos de mim,  
 « Minha vida e meu descanso,  
 « Que me estaes namorando. »  
 Cha cha cha, raiváramo ellás :  
 Samicas doudejais vos ?  
 S'eu lá vou, veremos nós  
 Se sondes cabras, s'aquellas.  
 O Decho se chantou nellás !  
 Cha cha cha, reira de morte.  
 Nem no mato, nem na corte,  
 Não pôde o Decho co'ellas.  
 « Tira os olhos de mim,  
 « Minha vida e meu descanso,  
 « Que me estaes namorando. »  
 « Os vossos olhos, senhora,  
 « Senhora da formosura,  
 « Por cada momento de hora  
 « Dão mil annos de tristura :  
 « Temo de não ter ventura.  
 « Vida, não m'esteis olhando,  
 « Que me estais namorando. »

*Vem Joanne, e diz*

CATHERINA.

A que vens, Joanne, ca ?

JOAN. Bofás samicas não sei.  
 St'outra doma te catei  
 Casuso, e não eras lá ;  
 Perguntei a ta mae por ti.  
 CAT. Tu a minha mae por mi ?

- JOAN. A bem, digo ; — qu'he de Catalina ? —  
 E ella estava mofina,  
 Disse-me ; — e que lhe queres assi ? —  
 Bem sei eu ja ella aventa  
 Qu'ando eu comtigo á choca ;  
 Que quando te eu trougue a roca,  
 J'ella estava rabugenta.
- CAT. Não te empaches de mim, não.  
 Cha cha cha, demoninhadas.
- JOAN. Pois sicaes te quero a osadas  
 Grande bem, se vem á mão.  
 Sempre eu hei de ser comtego  
 Lá detraz da casa ó sol.
- CAT. Joanne, vae fazer prol :  
 Que tens tu de ver começo ?  
 Jesu ! como me amofina !
- JOAN. Ja tu aqui es, Catalina,  
 Com tua destempera ?
- CAT. Si :  
 Ora vae-te aramá d'hi.
- JOAN. Alguem t'a ti empipina.

## CATHERINA.

- Quem m'ha a mim d'empipinar ?
- JOAN. Póde ser qu'alguem te engane.
- CAT. Digo que te vas, Joanne,  
 Que não te quero escutar.  
 Cuidas tu que sam menina ?
- JOAN. E dei-t'eu a roca, Catalina,  
 E subi em cima da pereira,  
 E tu agora á derradeira  
 Jogas começo almolina !

## CATHERINA.

- Que fallas, ou que has comtego,  
 Que tudo isto não te presta ?
- JOAN. Pardeos, forte birra he esta,  
 Que tomaste hoje começo !  
 Porqu'es ma dia entirrada ?  
 Eu não quero de ti nada,  
 Senão abraçar como amiga.
- CAT. Quem te désse húa gran figa  
 Nos olhos bem pespegada !

## JOANNE.

- He essa a tua saia nova ?  
 Mostra ca a ver que lan tem.

CAT. Joanne !

JOAN. Catalina !

CAT. Ora bem,

O demo t'a ti faz a cova.

JOAN. Tomaé lá ! esta vos he ella !

CAT. Tal foste com Madanella,

E sempre chufou de ti :

Pois qu'esperas tu de mi,

Que sam mais valente qu'ella ?

JOANNE.

Ó Dexemo que t'eu digo,  
Que porque isso he ja sabido,  
Ando eu assi tranzido,  
E o demo anda comeigo.  
Renego ora d'enha mãe,  
Porque as lagrimas me sâe  
O dia que te não vejo ;  
E tu tens-me tal entejo,  
Que os esp'ritos se me cãe.

CATHERINA.

Choros maos chorem por ti :-

Quem te manda a ti chorar ?

JOAN. Tu m'has de fazer botar

Mui cedo per esse chão per hi.

Não sejas ora entirrada,

Catalina minha dama ;

Que cedo hei d'ir á feira,

E eu farei de maneira

Que tu sejas bem toucada.

Não m'arrarão alsenetes,

E tambem enxaravia.

CAT. Aperfia tu, perfia,

Que c'o Dexemo te mettes.

JOAN. Que cachopa esta, e que vida !

CAT. Cuidas que som Margarida,

Que andavas pola chufar ?

JOAN. Eu ?

CAT. A bem.

JOAN. Atimar.

CAT. Mas vae-te c'o a ma ida.

JOANNE.

Cant'eu não sei que te fige,

Que tal escandola me tens.

CAT. Mas não sei a que ca vens ;

Que a ninguem tanto mal quige.

JOAN. Por bem querer, mal haver.

CAT. Ora tens bem de comer.

JOAN. Isso he foscas mui asinha,  
Por me metter rebentinha ;  
Mas perol não t'hei de crer.

CATHERINA.

Vae, vae, Joanne, bugiar,

Não andes como alpavardo.

JOAN. Viste ja o meu saio pardo ?  
Se m'o ves has de raivar,  
Que m'está tão bem, tão bem ...  
Que demo he isto ? dirás tu.

CAT. Oh como es parvo ! Jesu !  
Não falles ante ninguem.

JOANNE.

Oh ! commendo ó demo a vida

A que a eu arrepincho !

Catalina, se me eu incho,

Por esta que me va de ida.

A India não está hi ?

Que quero eu de mi aqui ?

Melhor sera que me va.

CAT. E a mi que se me dá ?  
Eis Fernando vem alli.

*Entra Fernando, e diz*

CATHERINA.

Venhas embora, Fernando !

Eu t'esperei á portella.

FER. Parece ca Madanella ?

CAT. Spera que a andas buscando !

Ja me tu a mi entejaste ?

JOAN. Ah si, Catalina ?

FER. Tu vas-te

Andar polos chavascais.

JOAN. Ah si, Catalina ?

CAT. Ora nó mais ;

Abonda que me deixaste.

JOANNE.

Ah si, Catalina ?

FER. Não diz

Pera hu foi Madanella.

CAT. Porque perguntas por ella ?

FER. Porque a fortuna quiz.  
 CAT. Dores de morte te dem.  
 JOAN. Ah si, Catarina ? Ora bem,  
       Se xe m'eu isso soubera,  
       Nunca t'eu a roca dera,  
       Que trougue de Santarem.

MADANELLA. (de longe.)

Hai Catalina ! Catalina !

FER. Aquella te he Madanella.

CAT. Hou !

FER. Pera ca vem ella.

JOAN. Mui grande he minha mofina !

Olha ca pera ond'estou.

CAT. O' diabo que t'eu dou !

JOAN. Amen que m'eu encommendo,  
       E não m'estarei moendo  
       Na desenteria em que estou.

*Vem Madanella e diz :*

MADANELLA.

Affonso parece ca ?

Eu não sei onde elle anda.

FER. Inda dura essa demanda ?

MAD. Inda dura e durará.

FER. Oh caiso mal comedido !

Ando eu por ti perdido,  
       E andas-me assoviando.

CAT. Queres tu do pão, Fernando ?

FER. Estarei bem aviado,  
       E muito bem corregido.

MADANELLA.

Viste Affonso, Catalina ?

CAT. Sabes tu onde elle s'ia ?

FER. Não lh'o digas.

MAD. Que porfia  
       De Fernando e de mofina !

FER. Grande odio me tem.

JOAN. E Catalina a mi tambem.

MAD. Catalina, onde estava elle ?

CAT. Ei-lo vem : não he elle aquelle ?

JOAN. Aquelle he elle, que alli vem.

*Vem Affonso, e diz*

MADANELLA.

Affonso, venhas embora.

AFF. Não vejo eu Inez aqui.

MAD. Olha, olha para mi,  
 Que não sam feia ma ora.  
 AFF. Viste-me Inez ca andar ?  
 CAT. Casuso a vi eu estar ...  
 AFF. Naquelle outeiro ?  
 CAT. A bem.  
 AFF. Perguntou-te por alguem ?  
 CAT. Por Joanne.  
 AFF. Ora andar.  
 Por mi não perguntou nada ?  
 CAT. Não.  
 AFF. Raiva moida !  
 CAT. Por Joanne he ella perdida.  
 JOAN. Está ella logo enganada.  
 (de longe.)  
 INEZ. Catalina ! hai Catalina !  
 CAT. Aquella he ella que retina ..  
 Inez, vem ca, mana, vem.  
 JOAN. Se tu me quizeras bem,  
 Não na chamáras, malina ;  
 Mas do malquerer te vem.

*Vem Inez, e diz*

AFFONSO.

Venhas embora, Inez !  
 INEZ. Joanne, queres belotas ?  
 Mais quero eu ás tuas botas  
 Qu'a dous Affonsos nem tres.  
 JOAN. Oh Catalina !  
 CAT. Oh Fernando !  
 FER. Oh Madanella !  
 MAD. Oh Affonso !  
 Oh quando, quando  
 Me quereras algum bem !  
 AFF. Oh Inez ! quanto mal tem  
 Esta maleita, em que ando !

INEZ.

Oh Joanne ! quão amiga  
 Que sam do teu bom doairo !  
 JOAN. Se não tens outro repairo,  
 Cant'eu não sei que te diga.  
 FER. Isto chamão amor louco,  
 Eu por ti e tu por outro.  
 Rogo-te aramá, Madanella,  
 Pois ma ora te vi, e nella  
 Que m'escutes ora hum pouco.

Porque algorrem se m'entende,  
 Eu a doma que passou  
 Este braço me ganhou,  
 Emperol gansei perende  
 Abonda que hum de cem,  
 Hum de cem e hum vintem.  
 Meu pae er tem bem de seu,  
 E não tem filho, nega eu :  
 Está attento ca, Madanella,  
 Vem agora a Pascoella,  
 Casemo-nos tu e eu.

## MADANELLA.

Catalina he minha amiga,  
 Sei que se paga de ti.

CAT. Fernando, por meu mal te vi,  
 Como lá diz a cantiga.

JOAN. Oh ! commendo ó Decho a praga !  
 Gingrae lá com taes cachopas,  
 Leix'as quem de ti se paga.

CAT. E tu porque não faes sopas  
 Com Inez, pois que te affaga ?

## INEZ.

Agora lhe fio eu  
 Húa camiza de linho.  
 Queres, Joanne, toucinho  
 Com pouco de pão do meu ?

AFF. E a mi raiva que me aperte.

INEZ. Vae-te, que não quero ver-te :  
 Não tens tu ahi Madanella ?  
 Falla, falla tu co'ella.  
 Ó diabo dou a morte :

Como he partuno, Jesu !

MAD. Affonso.

AFF. Pezar ora de san Pego !

MAD. E assi o faes tu começo ?  
 Bofá ! ansi mao es tu ?  
 Não sei que houveste comtego.

FER. Maos lobos m'acabem ja !

CAT. Guarde-te Deos earamá :  
 Pois que seria de mi !  
 Mas casemo-nos eu e ti.

JOAN. E Joanne raivará ?  
 Pois, pardeos, bem te servi.  
 Comego seja essa dança,  
 Não andes assi do vento.

CAT. Toda m'ora eu arrebento  
Pola tua maridança,  
AFF. Sabes, Joanne, que façamos ?  
Vamo-nos todos tres.  
JOAN. Vamos,  
E busquemos outras tres.  
Eu te farei a ti, Inez,  
Que me jejúes os ramos.

*Vem Margarida, pastora, que achou húa imagem de nossa Senhora, e tra-la escondida n'hum feixe de lenha, e diz :*

MARGARIDA.

Ai, manas, que eu achei !  
CAT. Onde ?  
MAR. Na serra em cima.  
MAD. Que he, Margarida prima ?  
MAR. Quasi, quasi não o sei.  
INEZ. Chufas ?  
MAR. Não, pard eos, amigas.  
CAT. Rogo-te que nô-lo digas.  
MAR. Mas he para adivinar ;  
E quemquer que o acertar,  
Eu a fartarei de migas.

INEZ.

Sera algum cugumelo ?  
MAR. Não, que tem olhos e mãos.  
CAT. São caçapos temporãos.  
MAD. Mas samicas pesadelo.  
CAT. Onde o trazes ?  
MAR. Na lenha.  
CAR. He raposo, Deos mantenha.  
MAR. Si raposo ; teu pae torto.  
INEZ. Ourico cacheiro morto.  
MAR. Não he cousa que pel tenha.

MADANELLA.

Mas sabeis que he leitão,  
Que tem couro e não tem pelle ?  
MAR. Leitão ? isso vos era elle.  
INEZ. Elle não ha de ser cão.  
MAR. Nem ave, nem cousa viva  
Nem morta.  
CAT. O' cativa !  
E tem pés e mãos e olhos ?  
MAR. E narizes e giolhos ;  
Nem he cousa mansa nem esquia.

## CATHERINA.

- Rogo-te que digas que he,  
 Que isso parece patranha.
- MAR. Tenho-a eu por façanha,  
 E não pequena, abofé.
- CAT. Não o deffengules mais.
- MAR. Se attentegas estaes,  
 Muito asinha vos direi  
 O que vi e que achei,  
 Com tanto que me creais.
- Chegando á Pena furada,  
 Áquem da Virgem da Estrella,  
 Achei ser húa donzella,  
 Bofá donzella dourada :  
 E como a vi, como digo,  
 Saltou tal tremor comigo,  
 Porque ella reluzia,  
 Que estava se fugiria ;  
 Tal claror tinha comsigo.
- E hum menino brincando  
 Com seis ou sete donzelas ;  
 Sanctas parecião ellias.
- MAD. Isso seria sonhando.
- MAR. Mas antes bem acordada.  
 Não me quereis vós crer nada ?
- CAT. Dize, dize, Margarida.
- MAR. Pois chufa tu, Madanella,  
 Que nossa Senhora era ella !
- CAT. Oh !
- MAR. Por minha vida.
- Assim seja eu bem casada,  
 E Deos se lembre de mim.
- CAT. Que te dixe, mana, emfim ?
- MAR. Chamou-me, bem assombrada,  
 E eu queria chorar,  
 E ella foi-me affagar.
- CAT. E que te dixe despois ?
- MAR. Que deixasse andar os bois,  
 E que me fosse ao logar.  
 E fosse ao nosso cura, e digo  
 Que vi a Virgem Maria,  
 E que ella lhe promettia  
 De lhe dar hum bom castigo,  
 Que horas nnnca lhe rezou,  
 Nem della soes se acordou.
- FER. Houveras-lhe de dizer  
 Que não lhe escapa mulher.

- INEZ. O' demo que eu o dou !  
 Eu vos direi : he elle tal  
 Que a filha de Janaffonso  
 Foi-lhe pedir hum responso,  
 E elle fallava-lhe em al.  
 AFF. Alguns delles vão per hi,  
 E na estremadela assi  
 Não lhes fica moça boa.  
 JOAN. Bom machado na coroa,  
 Que ficasse logo alli !

FERNANDO.

Seixo calvo.

- AFF. Mas settada.  
 MAD. Arrocho d'azumbugeiro.  
 CAT. Mas pousada de palheiro,  
 E fogo, e á porta fechada.  
 AFF. Mas bom feixe lagariço.  
 INEZ. Penedo.  
 MAD. Tranca.  
 CAT. Sumiço.  
 MAR. Eu quero-o ir avisar,  
 Ca lhe cumpre de rezar,  
 E tornar-se a seu serviço.  
 Por esta cruz, manas minhas,  
 Qu'ella está delle assanhada.  
 INEZ. Oh Virgem nossa avogada  
 Que os gados encaminhas !  
 CAT. Quem m'a vira !  
 INEZ. Quem lá fôra !  
 MAD. Tu, prima, naceste embora.  
 MAR. Se viras o cachopinho,  
 Tão fermoso e sesudinho,  
 Filho de nossa Senhora !  
 Tudo eu hei de dizer  
 Ao nosso cura tá ó cabo,  
 E ó priol.  
 INEZ. Esse diabo  
 Nunca te ha de querer crer.  
 AFF. E do priol disse algorrem ?  
 MAR. Não fallou nem mal nem bem.  
 JOAN. Tambem elle he bom piloto.  
 AFF. Mas he valente minhoto,  
 Qu'apanha as frangas mui bem.

JOANNE.

- Dou ja ó Decho o reixelo.  
 FER. E Pero Gil, capellão,

## Auto Pastoril Portuguez

---

Que lhe dizes ?

- JOAN. Que varão !  
Como lh' ellas vem a pêllo,  
Nenhūas lhe escaparão.  
AFF. E Janaffonso Altos-pés ?  
FER. Tambem esse he bom freguez,  
E muito gamenho zote.  
JOAN. Hontem lhe dei eu hum mote  
Sobr'isso, bem portuguez.  
Vão-se earamá casar,  
E não andar de soticapa.  
Juro a Deos, s'eu fôra papa,  
Eu lhes seccára o cantar.  
MAR. Não me bula aqui ninguem  
Neste meu feixe de lenha ;  
Atá que eu va e venha  
Não veja ninguem qu'aqui vem.  
Porque eu vou a chamar,  
Que venhão com devação  
Os melhores do logar  
A levar em procissão  
O que a Virgem me quiz dar.

Vai-se.

AFFONSO.

- Cant'eu não me posso ter,  
Vejamos o que isto he.  
JOAN. Vejamos por tua fé,  
Que gran cousa deve ser.

Desata Affonso o feixe e diz

AFFONSO.

- Ella omagem m'affegura :  
Oh Senhora Virgem pura !  
CAT. Quem vos trouge a esta serra ?  
FER. Ponde os giolhos em terra.  
AFF. Ponhamo-la nesta verdura.

E posta a imagem, diz

JOANNE.

- Pois não sabemos rezar,  
Façamos-lhe hūa chacota,  
Porque toda a alma devota  
O que tem, isso ha de dar.  
FER. Façamos, que bem sera.  
CAT. Joanne, tir'-te tu lá.  
Dá-me tu a mão, Fernando.

FER. Nisso estava or'eu cuidando.  
Madanella, vem tu ca.

MADANELLA.

Com Affonso quero eu.  
AFF. Inez mana, eu comtigo,  
Que nunca tão grande amigo  
Em tua vida tens de teu.  
INEZ. Porque andas bugiando ?  
MAD. Ora fuge lá, Fernando.  
JOAN. Onde não ha concordança,  
Não ha hi festa nem dança :  
Nem estemos perfiando.

*Vem Margarida com quatro Clerigos, e diz*

FERNANDO.

Oh corpo de Deos sagrado !  
Quanto zote que ca vem !  
MAR. Não quizestes vós perem  
Condecer no meu mandado ?  
Ora seja ja embora.  
Padres, vêdes a Senhora  
Que eu achei bem acasuso.  
CLE. Jesu ! eu estou confuso !  
2.º C. Deos te salve, Emperadora !

Hymno *O gloriosa Domina*

resado a versos pelos Clerigos á imagem de Nossa Senhora.

« O' gloriosa Senhora do mundo,  
« Excelsa princeza do ceo e da terra,  
« Fermosa batalha de paz e de guerra,  
« Da sancta Trindade secreto profundo !  
« Sancta esperança, ó madre d'amor,  
« Ama discreta do filho de Deos,  
« Filha e madre do Senhor dos Ceos,  
« Alva do dia cor i mais resplendor !  
« Fermosa barreira, ó alvo e fito,  
« A quem os profetas direito atiravão !  
« A ti, gloriosa, os Ceos esperavão,  
« E as tres pessoas hum Deos infinito.  
« O' cedro nos campos, estrella no mar,  
« Na serra ave phenix, húa so amada,  
« Húa so sem mácula e so preservada,  
« Húa so nascida, sem conto e sem par !  
« Do que Eva triste ao mundo tirou  
« Foi o teu fructo restituidor ;

« Dizendo-te *ave* o embaixador,  
 « O nome de *Eva* te significou.  
 « O' porta dos paços do mui alto Rei,  
 « Camera cheia do Spirito Sancto,  
 « Janella radiosa de resplendor tanto,  
 « E tanto zelosa da divina lei !  
 « O' mar de sciencia, a tua humildade,  
 « Que foi senão porta do ceo estrellado ?  
 « O' fonte dos anjos, ó horto cerrado,  
 « Estrada do mundo para a divindade,  
 « Quando os anjos cantão a glória de Deos,  
 « Não são esquecidos da glória tua ;  
 « Que as glórias do filho são da madre sua,  
 « Pois reinas com elle na côrte dos Ceos.  
 « Pois que faremos os salvos por ella,  
 « Nascendo em miseria, tristes peccadores,  
 « Senão tanger palmas e dar mil louvores  
 « Ao Padre, ao Filho e Esprito, e a ella !

(Aqui ordenão sua chacota ; e a letra da cantiga he a seguinte).

Todos.

« Quem he a desposada ?  
 « A Virgem sagrada.  
 « Quem é a que paria ?  
 « A Virgem Maria.  
 « Em Bethlem, cidade  
 « Muito pequenina,  
 « Vi húa desposada  
 « E Virgem parida.  
 « Em Bethlem, cidade  
 « Muito pequenina,  
 « Vi húa desposada  
 « E Virgem parida.  
 « Quem he a desposada ?  
 « A Virgem sagrada.  
 « Quem he a que paria ?  
 « A Virgem Maria.  
 « Húa pobre casa  
 « Toda reluzia,  
 « Os anjos cantavão,  
 « O mundo dizia :  
 « Quem he a desposada ?  
 « A Virgem sagrada.  
 « Quem he a que paria ?  
 « A Virgem Maria ».

*E com esta chacota se despedirão.*

Auto da Feira.

## F I G U R A S.

---

MERCURIO.	DOROTHEA.
TEMPO.	MONECA.
SERAPHIM.	GILBERTO.
DIABO.	NABOR.
ROMA.	MATHEUS.
AMANCIO VAZ.	JUSTINA.
DENIZ LOURENÇO.	VICENTE.
BRANCA ANNES.	LEONARDA.
MARTA DIAS.	MERENCIANA.
TESAURA.	THEODORA.
JULIANA.	GIRALDA.

---

*A obra seguinte he chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excellente Principe ElRei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, ás matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.*

## AUTO DA FEIRA

---

*Entra primeiramente Mercurio, e posto em seu assento, diz :*

### MERCURIO.

Pera que me conheçais,  
E entendais meus partidos,  
Todos quantos aqui estais  
Affinae bem os sentidos,  
Mais que nunca, muito mais.  
Eu sou estrella do ceo,  
E despois vos direi qual,  
E quem me ca descendeo,  
E a que, e todo o al  
Que me a mi aconteceo.

E porque a estronomia  
Anda agora mui maneira,  
Mal sabida e lisongeira,  
Eu á honra deste dia  
Vos direi a verdadeira.  
Muitos presumem saber  
As operações dos ceos,  
E que morte hão de morrer,  
E o que ha de acontecer  
Aos anjos e a Deos,  
E ao mundo e ao diabo.  
E o que sabem tem por fé ;  
E elles todos em cabo  
Terão um cão polo rabo,  
E não sabem cujo he.  
E cada hum sabe o que monta  
Nas estrellas que olhou ;  
E ao moço que mandou,  
Não lhe sabe tomar conta  
D'hum vintem que lh'entregou.

Porém quero-vos prégar,  
Sem mentiras nem cautelas,  
O que per curso d'estrellas  
Se poderá adivinhar,  
Pois no ceu nasci com ellas.

E se Francisco de Mello,  
Que sabe sciencia avondo,  
Diz que o ceo he redondo,  
E o sol sôbre amarello ;  
Diz verdade, não lh'o esconde.

Que se o ceo fôra quadrado,  
Não fôra redondo, senhor.

E se o sol fôra azulado,

D'azul fôra sua côr,

E não fôra assi dourado.

E porque está governado  
Por seus cursos naturaes,  
Neste mundo onde morais  
Nenhum homem aleijado,  
Se for manco e corcovado,  
Não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes  
Vos trazem tão compassados,  
Que todos quantos nascestes,  
Se nascestes e crescestes,  
Primeiro fostes gerados.  
E que fazem os poderes  
Dos sinos resplandecentes ?  
Fazem que todalas gentes  
Ou são homens ou mulheres,  
Ou crianças innocentes.

E porque Saturno a nenhum  
Influe vida contina,  
A morte de cada hum  
He aquella de que se fina,  
E não de outro mal nenhum.  
Outrosi o terremoto,  
Que ás vezes causa perigo,  
Faz fazer ao morto voto  
De não bulir mais comsigo,  
Cantá de seu moto proprio.

E a claridade encendida  
Dos raios piramidaes  
Causa sempre nesta vida  
Que quando a vista he perdida,  
Os olhos são por demais.

E que mais quereis saber  
Desses temporaes e disso,  
Senão que, se quer chover,  
Está o ceo para isso,  
E a terra pera a receber ?  
A lua tem este geito :

Ve que clérigos e frades  
 Ja não tem ao Ceo respeito,  
 Mingúa-lhes as santidades,  
 E cresce-lhes o proveito.

*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicæ, secundum Joannes Montereigo :*

Mars, planeta dos soldados,  
 Faz nas guerras conteudas,  
 Em que os reis são ocupados,  
 Que morrem de homens barbados  
 Mais que mulheres barbudas.  
 E quando Venus declina,  
 E retrográda em seu cargo,  
 Não se paga o desembargo  
 No dia que s'elle assina,  
 Mas antes por tempo largo.

*Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer, Capricornius positus in firmamento cœli :*

E quanto ao Touro e Carneiro,  
 São tão maos de haver agora,  
 Que quando os põe no madeiro,  
 Chama o povo ao carniceiro  
 SENHOR, c'os barretes fóra.  
 Depois do povo agravado,  
 Que ja mais fazer não pôde,  
 Invoca o sino do Bode,  
 Capricornio chamado,  
 Porque Libra não lhe acode.

E se este não has tomado,  
 Nem touro, carneiro assi,  
 Vae-te ao sino do pescado,  
 Chamado *Piscis* em latim,  
 E seras remediado :  
 E se piscis não tem ensejo,  
 Porque pôde não no haver,  
 Vae-te ao sino do Cranguejo,  
*Signum Cancer*, Ribatejo,  
 Que está alli a quem no quer.

*Sequuntur mirabilia Jupiter, Rex regum, dominus dominantium.*

Jupiter, rei das estrellas,  
 Deos das pedras preciosas,  
 Mui mais precioso qu'ellas,  
 Pintor de todalas rosas,  
 Rosa mais fermosa dellas ;  
 He tão alto seu reinado,  
 Influencia e senhoria,

Que faz per curso ordenado  
Que tanto val hum cruzado  
De noite como de dia.

E faz que húa nao veleira  
Mui forte, muito segura,  
Que inda que o mar não queira,  
E seja de cedro a madeira,  
Não preste sem pregadura.

*Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.*

No zodiaco acharão  
Doze moradas palhaças,  
Onde os sinos estão  
No inverno e no verão,  
Dando a Deos infindas graças.  
Escutae bem, não durmais,  
Sabereis por congeituras  
Que os corpos celestiaes  
Não são menos nem são mais  
Que suas mesmas granduras.

E os que se desveláram,  
Se das estrellas souberão,  
Foi que a estrella que olháram,  
Está onde a puzerão,  
E faz o que lhe mandáram.  
E cuidão que Ursa maior,  
Ursa minor e o Dragão,  
E *Lepus*, que tem paixão,  
Porque hum corregedor  
Manda enforcar hum ladrão ?

Não, porque as constelações  
Não alcanção mais poderes,  
Que fazer que os ladrões  
Sejão filhos de mulheres,  
E os mesmos paes varões.  
E aqui quero acabar.  
E pois vos disse atéqui  
O que se pôde alcançar,  
Quero-vos dizer de mi,  
E o que venho buscar.

Eu sam Mercurio, senhor  
De muitas sabedorias,  
E das moedas reitor,  
E deos das mercadorias :  
Nestas tenho meu vigor.  
Todos tractos e contractos,  
Valias, preços, avenças,

Carestias e baratos,  
 Ministro suas pretenças,  
 Até as compras dos çapatos.  
 E porquanto nunca vi  
 Na côrte de Portugal  
 Feira em dia de Natal,  
 Ordeno húa feira aqui  
 Pera todos em geral.  
 Faço mercador-mor  
 Ao Tempo, que aqui vem ;  
 E assi o hei por bem.  
 E não falte comprador.  
 Porque o tempo tudo tem.

*Entra o Tempo, e arma húa tenda com muitas cousas,*  
*diz :*

TEMPO.

Em nome daquelle que rege nas praças  
 D'Anvers e Medina as feiras que tem,  
 Começa-se a feira chamada das Graças,  
 A' honra da Virgem parida em Belem.  
 Quem quizer feirar,  
 Venga trocar, qu'eu não hei de vender ;  
 Todas virtudes qu'houverem mister,  
 Nesta minha tenda as podem achar,  
 A trôco de cousas que hão de trazer.  
 Todos remedios especialmente  
 Contra fortunas ou adversidades  
 Aqui se vendem na tenda presente,  
 Conselhos maduros de sans calidades  
 Aqui se acharão.  
 As mercadorias damos e rezão,  
 Justiça e verdade, a paz desejada,  
 Porque a Christandade he toda gastada  
 So em serviço da opinião.  
 Aqui achareis o temor de Deos,  
 Que he ja perdido em todos Estados ;  
 Aqui achareis as chaves dos Ceos,  
 Muito bem guarnidas em cordões dourados ;  
 E mais achareis  
 Somma de contas, todas de contar  
 Quão poucos e poucas haveis de lograr  
 As feiras mundanas ; e mais contareis  
 As contas sem conto qu'estão per contar.  
 E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo,  
 Se forão perdendo de dias em dias,  
 Com a vontade que déste ó Messias

Memoria o teu anjo que ande comigo,  
 Senhor, porque temo  
 Ser esta feira de maos compradores,  
 Porque agora os mais sabedores  
 Fazem as compras na feira do Demo,  
 E os mesmos diabos sao seus corretores.

*Entra hum Seraphim enviado por Deos a petição  
 do Tempo, e diç :*

SERAPHIM.

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,  
 Pastores das almas, Papas adormidos ;  
 Comprae aqui pannos, mude os vestidos,  
 Buscae as çamarras dos outros primeiros  
 Os antecessores.  
 Feirae o carão que trazeis dourado ;  
 O' presidentes do crucificado,  
 Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores  
 Do tempo passado.  
 O' Principes altos, imperio facundo,  
 Guardae-vos da ira do Senhor dós Ceos ;  
 Comprae grande somma do temor de Deos  
 Na feira da Virgem, Senhora de mundo,  
 Exemplo de paz,  
 Pastora dos anjos, luz das estrellas.  
 Á feira da Virgem, donas e donzellias,  
 Porque este mercador sabei que aqui traz  
 As cousas mais bellas.

*Entra hum Diabo com húa tendinha diante de si,  
 como bufarinheiro, e diç :*

DIABO.

Eu bem me posso gabar,  
 E cada vez que quizer,  
 Que na feira onde eu entrar  
 Sempre tenho que vender,  
 E acho quem me comprar.  
 E mais vendo muito bem,  
 Porque sei bem o que entendo ;  
 E de tudo quanto vendo  
 Não pago sisa a ninguem  
 Por tracto que ande fazendo.

Quero-me fazer á vela  
 Nesta sancta feira nova.  
 Verei os que vem a ella,  
 E mais verei quem m'estrova  
 De ser eu o maior della.

- TEM. Es tu tambem mercador,  
Que a tal feira t'offereces ?  
DIA. Eu não sei se me conheces.  
TEM. Fallando com salvantor,  
Tu diabo me pareces.

## DIABO.

Fallando com salvos rabos,  
Inda que me tens por vil,  
Acharás homens cem mil  
Honrados, que são diabos,  
Que eu não tenho nem ceitil.  
E bem honrados te digo,  
E homens de muita renda,  
Que tem divedo comigo.  
Pois não me tolhas a venda,  
Que não hei nada comtigo.

## TEMPO. (ao Seraphim.)

- Senhor, em toda maneira  
Acudí a este ladrão,  
Que me ha de danar a feira.  
DIA. Ladrão ? Pois haj'eu perdão,  
Se vos metter em canceira.  
Olhae ca, anjo de bem,  
Eu, como cousa perdida,  
Nunca me tolhe ninguem  
Que não ganhe minha vida,  
Como quem vida não tem.  
Vendo dessa marmelada,  
E ás vezes grãos torrados,  
Isto não releva nada ;  
E em todolos mercados  
Entra a minha quintalada.  
SER. Muito bem sabemos nós  
Que vendes tu cousas vis.  
DIA. Hi ha de homens ruis  
Mais mil vezes que não bôs,  
Como vós mui bem sentis.  
E estes hão de comprar  
Disto que trago a vender,  
Que são artes de enganar,  
E cousas para esquecer  
O que devião lembrar.  
Que o sages mercador  
Ha de levar ao mercado  
O que lhe comprão melhor ;

Porque a ruim comprador  
Levar-lhe ruim borcado.

E mais as boas pessoas  
São todas pobres a eito ;  
E eu por este respeito  
Nunca tracto em cousas boas,  
Porque não trazem proveito.  
Toda a glória de viver  
Das gentes he ter dinheiro,  
E quem muito quizer ter  
Cumpre-lhe de ser primeiro  
O mais ruim que puder.

E pois são desta maneira  
Os contractos dos mortaes,  
Não me lanceis vós da feira  
Onde eu hei de vender mais  
Que todos á derradeira.

SER. Venderás muito perigo,  
Que tens nas trevas escuras.

DIA. Eu vendo perfumaduras,  
Que, pondo-as no embigo,  
Se salvão as criaturas.

As vezes vendo virotes,  
E trago d'Andaluzia  
Naipes com que os sacerdotes  
Arreneguem cada dia,  
E joguem té os pellotes.

SER. Não venderás tu aqui isso,  
Que esta feira he dos ceos :  
Vae lá vender ao abisso  
Logo, da parte de Deos.

DIA. Senhor, apello eu disso.  
S'eu fosse tão mao rapaz,  
Que fizesse fôrça a alguem,  
Era isso muito bem ;  
Mas cada hum veja o que faz,  
Porque eu não forço ninguem.  
Se me vem comprar qualquer  
Clerigo, leigo ou frade  
Falsas manhas de viver,  
Muito por sua vontade ;  
Senhor, que lh'hei de fazer ?

E se o que quer bispar  
Ha mister hypocrisia,  
E com ella quer caçar ;  
Tendo eu tanta em porfia,  
Porque lh'a hei de negar ?

E se húa doce freira  
 Vem á feira  
 Por comprar hum inguento,  
 Com que voe do convento ;  
 Senhor, inda que eu não queira,  
 L'hei de dar aviamento.

## MERCURIO.

Alto, Tempo, apparelhar,  
 Porque Roma vem á feira.

DIA. Quero-me eu concertar,  
 Porque lhe sei a maneira  
 De seu vender e comprar.

*Entra Roma, cantando.*

## ROMA.

« Sôbre mi armavão guerra ;  
 « Ver quero eu quem a mi leva.  
 « Tres amigos que eu havia,  
 « Sôbre mi armão porfia ;  
 « Ver quero eu quem a mi leva. »  
 Vejamos se nesta feira,  
 Que Mercurio aqui faz,  
 Acharei a vender paz,  
 Que me livre da canceira  
 Em que a fortuna me traz.  
 Se os meus me desbaratão,  
 O meu socorro onde está ?  
 Se os Christãos mesmo me matão,  
 A vida quem m'a dara,  
 Que todos me desacatão ?

Pois s'eu aqui não achar  
 A paz firme e de verdade  
 Na sancta feira a comprar,  
 Cant'a mi dá-me a vontade  
 Que mourisco hei de fallar.

DIA. Senhora, se vos prouver,  
 Eu vos darei bom recado.

ROM. Não pareces tu azado  
 Pera trazer a vender  
 O que eu trago no cuidado.

## DIABO.

Não julgueis vós pola cõr,  
 Porque em al vai o engano ;  
 Ca dizem que sob mao panno  
 Está o bom bebedor :  
 Nem vós digais mal do anno.

## ROMA.

DIA. Eu venho á feira direita  
 Comprar paz, verdade e fé.  
 A verdade pera que ?  
 Cousa que não aproveita,  
 E aborrece, pera que he ?  
 Não trazeis bôs fundamentos  
 Pera o que haveis mister ;  
 E a segundo são os tempos,  
 Assi hão de ser os tentos,  
 Pera saberdes viver.

E pois agora á verdade  
 Chamão Maria peçonha,  
 E parvoice á vergonha,  
 E aviso á ruindade ;  
 Peitae a quem vo-la ponha,  
 A ruindade digo eu :  
 E aconselho-vos mui bem,  
 Porque quem bondade tem  
 Nunca o mundo sera seu,  
 E mil cancelas lhe vem.

Vender-vos-hei nesta feira  
 Mentiras vinta tres mil,  
 Todas de nova maneira,  
 Cada húa tão subtil,  
 Que não vivais em cancela ;  
 Mentiras pera senhores,  
 Mentiras pera senhoras,  
 Mentiras pera os amores,  
 Mentiras, que a todas horas  
 Vos nasção dellas favores.

E como formos avindos  
 Nos preços disto que digo,  
 Vender-vos-hei como amigo  
 Muitos enganos infindos,  
 Que aqui trago comigo.

Rom. Tudo isso tu vendias,  
 E tudo isso feirei  
 Tanto, que inda venderei,  
 E outras sujas mercancias,  
 Que por meu mal te comprei.  
 Porque a trôco do amor  
 De Deos, te comprei mentira,  
 E a trôco do temor  
 Que tinha da sua ira,  
 Me déste o seu desamor :  
 E a trôco da fama minha

E sanctas prosperidades,  
Me déste mil torpidades ;  
E quantas virtudes tinha  
Te troquei polas maldades.

E pois ja sei o teu geito,  
Quero ir ver que vai ca.

DIA. As cousas que vendem lá  
São de bem pouco proveito  
A quemquer que as comprará.

*Vai-se Roma ao Tempo e Mercurio, e diz :*

ROMA.

Tão honrados mercadores  
Não podem leixar de ter  
Cousas de grandes primores ;  
E quant'eu houver mister  
Deveis vós de ter, senhores.

SER. Sinal he de boa feira  
Virem a ella donas taes ;  
E pois vós sois a primeira,  
Queremos ver que feirais  
Segundo vossa maneira.

Ca, se vós a paz quereis,  
Senhora, sereis servida,  
E logo a levareis  
A trôco de sancta vida ;  
Mas não sei se a trazeis.  
Porque, Senhora, eu me fundo  
Que quem tem guerra com Deos,  
Não pôde ter paz c'o mundo ;  
Porque tudo vem dos ceos,  
Daquelle poder profundo.

ROMA.

A trôco das estações  
Não fareis algum partido,  
E a trôco de perdões,  
Que he thesouro concedido  
Para quaesquer remissões ?  
Oh ! vendei-me a paz dos ceos,  
Pois tenho o poder na terra.

SER. Senhora, a quem Deos dá guerra,  
Grande guerra faz a Deos,  
Que he certo que Deos não erra.  
Vêde vós que lhe fazeis,  
Vêde como o estimais,  
Vêde bem se o temeis ;  
Attentae com quem lutais,

Que temo que cahireis.

ROM. Assi que a paz não se dá  
A trôco de jubileus ?

MER. O' Roma, sempre vi lá  
Que matas peccados ca,

E leixas viver os teus.  
E não te corras de mi :  
Mas com teu poder facundo  
Assolves a todo o mundo,  
E não te lembras de ti,  
Nem ves que te vas ao fundo.

ROM. O' Mercurio, valei-me ora,  
Que vejo maos apparelhos.

MER. Dá-lhe, Tempo, a essa Senhora  
O cofre dos meos conselhos :  
E podes-te ir muito embora.

Hum espelho hi acharás,  
Que foi da Virgem sagrada.  
Co'elle te toucarás,  
Porque vives mal tocada,  
E não sintes como estás :  
E acharás a maneira  
Como emendas a vida :  
E não digas mal da feira ;  
Porque tu seras perdida,  
Se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,  
Que tudo te vem de cima,  
Polo que fazes ca em fundo :  
Que, offendendo a causa prima,  
Se resulta o mal segundo.  
E tambem o digo a vós,  
E a qualquer meu amigo,  
Que não quer guerra comsigo :  
Tenha sempre paz com Deos,  
E não temerá perigo.

DIABO.

Preposito Frei Sueiro,  
Diz lá o exemplo velho,  
Dá-me tu a mim dinheiro,  
E dá ao demo o conselho.

*Depois de ida Roma, entrão douz lavradores, hum per nome Amancio Vaz, e outro Deniz Lourenço, e diz :*

AMANCIO VAZ.

Compadre, vas tu á feira ?

DEN. A' feira, compadre.

- AMA. Assi ;  
 Ora vamos eu e ti  
 O' longo desta ribeira.  
 DEN. Bofá, vamos.  
 AMA. Folgo bem  
 De te vir aqui achar.  
 DEN. Vas tu lá buscar alguem,  
 Ou esperas de comprar ?

## AMANCIO VAZ.

Isso te quero contar,  
 E iremos patorneando,  
 E er tambem aguardando  
 Polas moças do logar.  
 Compadre, enha mulher  
 He muito destemperada,  
 E agora, se Deos quizer,  
 Faco conta de a vender,  
 E da-la-hei por quasi nada.  
 Qu'eu quando casei com ella  
 Dizião-me, — hétega he ;  
 E eu cuidei pola abofé  
 Que mais cedo morresse ella,  
 E ella anda inda em pé.  
 E porque era hétega assim  
 Foi o que m'a mim danou :  
 Avonda qu'ella engordou,  
 E fez-me hétego a mim.

## DENIZ LOURENÇO.

- Tens boa mulher de teu :  
 Não sei que tu has, amigo.  
 AMA. S'ella casára comtigo,  
 Renegáras tu com'eu,  
 E dixeras o que eu digo.  
 DEN. Pois, compadre, cant'á minha,  
 He tão molle e desatada,  
 Que nunca dá peneirada,  
 Que não derrame a farinha.  
 E não põe cousa a guardar,  
 Que a tope quando a cata ;  
 E por mais que homem se mata,  
 De birra não quer fallar.  
 Tras d'húa pulga andará  
 Tres dias, e oito, e dez,  
 Sem lhe lembrar o que fez,  
 Nem tampouco o que fara.

Pera que t'hei de fallar ?  
 Quando hontem cheguei do mato  
 Poz húa enguia a assar,  
 E crua a leixou levar,  
 Por não dizer sape a hum gato.  
 Cant'a mansa, mansa he ella ;  
 Dá-me logo cant'á disso.

AMA. Juro-t'eu que mais val isso  
 Cincoenta vezes qu'ella.

A minha te digo eu  
 Que se a visses assanhada,  
 Parece demoninhada,  
 Ante San Bartholomeu.

DEN. Ja siquer tera esp'rito :  
 Mas renega da mulher  
 Que ó tempo do mister  
 Não he cabra nem cabrito.

AMANCIO VAZ

A minha tinh'eu em guarda  
 Para bem de minha prol,  
 Cuidando que era ourinol,  
 E tornou-se-me bombarda.  
 Folga tu que ess'outra tenhas,  
 Porque a minha he tal perigo,  
 Que por nada que lhe digo  
 Logo me salta nas grenhas.

Então tanto punho sêcco  
 Me chimpa nestes focinhos ;  
 Eu chamo pelos vezinhos,  
 E'ella nego dar-me em xeco.

DEN. Isso he de coraçuda ;  
 Não cures de a vender,  
 Que s'alguem te mal fizer,  
 Ja siquer tens quem te acuda.

Mas a minha he tão cortez,  
 Que se viesse ora á mão  
 Que m'espancasse hum rascão,  
 Não diria, — mal fazês :  
 Mas antes s'assentaria  
 A olhar como eu bradava.  
 Todavia a mulher brava  
 He, compadre, a qu'eu queria.

AMANCIO VAZ.

Pardeos ! tanto me faras,  
 Que feire a minha comtego.

DEN. Se queres feirar comegeo,

Vejamos que me dasas.

AMA. Mas antes m'has de tornar,  
Pois te dou mulher tão forte,  
Que te castigue de sorte  
Que não ouses de fallar,  
Nem no mato nem na corte.

Outro bem teras com ella :  
Quando vieres da arada,  
Comerás sardinha assada,  
Porqu'ella jenta a panella.  
Então gême, pardeos, si,  
Diz que lhe doe a moleira.

DEN. Eu faria por maneira  
Que esperasse ella por mi.

AMANCIO VAZ.

Que lh'havias de fazer ?

DEN. Amancio Vaz, eu o sei bem.  
AMA. Deniz Lourenço, ei-las ca vem  
Vamo-nos nós esconder,  
Vejamos que vem catar,  
Qu'ellas ambas vem a feira.  
Mette-te nessa silveira,  
Qu'eu daqui hei d'espreitar.

*Vem Branca Annes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem diñendo a brava :*

BRANCA ANNES.

Pois casei má hora, e nella,  
E com tal marido, prima,  
Comprerei ca húa gamella,  
Para o ter debaixo della,  
E hum gran penedo em cima.  
Porque vai-se-me ás figueiras,  
E come verde e maduro ;  
E quantas uvas penduro  
Jeita nas gorgomileiras :  
Parece negro monturo.

Vai-se-m'ás ameixieiras,  
Antes que sejão maduras ;  
Elle quebra as cerejeiras,  
Elle vendima as parreiras,  
E não sei que faz das uvas.  
Elle não vai á lavrada,  
Elle todo o dia come,  
Elle toda a noute dorme,  
Elle não faz nunca nada,  
E sempre me diz que ha fome.

Jesu ! posso-te dizer,  
 E jurar e tresjurar,  
 E provar e reprovar,  
 E andar e revolver,  
 Qu'he melhor pera beber,  
 Que não pera maridar.  
 O demo que o fez marido !  
 Que assi sécco como he  
 Beberá a tórre da Sé :  
 Então arma hum arruido  
 Assim debaixo do pé.

## MARTA DIAS.

Pois bom homem parece elle.

- DEN. Aquella he a minha froxa.  
 MAR. Deu-t'elle a fraldilha roxa ?  
 BRA. Melhor lh'esfole eu a pelle.  
 Que homem ha hi da puxa.  
 O diabo que o eu dou,  
 Que o leve em fatiota,  
 E o ladrão que m'o gabou ;  
 E o frade que me casou  
 Inda o veja na picota  
 E rógo á Virgem da Estrella,  
 E á sancta Gerjalem,  
 E ós choros da Madanella,  
 E á asninha de Belem,  
 Que o veja eu ir á vela  
 Para donde nunca vem.  
 DEN. Compadre, nó mais sofrer :  
 Sae de lá desse silvado.  
 AMA. Pera eu ser arrepelado.  
 Não havi'eu mais mester.

## DENIZ LOURENÇO.

- E não n'has tu de vender ?  
 AMA. Tu dizes que a qués feirar.  
 DEN. Não qu'ella se me tomar,  
 Leixar-m'ha quando quizer.  
 Mas démo-las á ma estreia ;  
 E voto que nos tornemos,  
 E er depois tornaremos  
 Com as cachopas d'aldeia :  
 Entones concertaremos.

## AMANCIO VAZ.

- Isso me parece a mi  
 Muito melhor que eu ir lá.

- Oh que couces que me dá,  
Quando me colhe sob si !
- DEN. Cant'áquelle si dará.
- DIA. Mulheres, vós que me quereis ?  
Nesta feira que buscais ?
- MAR. Queremo-la ver, nó mais.  
Pera ver em que tractais,  
E as cousas que vendéis.  
Tendes vós aqui anneis ?
- DIA. Quejandos ? de que feição ?
- MAR. D'huns que fazem de latão.
- DIA. Pera as mãos, ou pera os pés ?
- MAR. Não — Jesu, nome de Jesu,  
Deos e homem verdadeiro !

*Foge o diabo, e Marta diz:*

MARTA DIAS.

Nunca eu vi bufalinheiro  
Tão prestes tomar o mu.  
Branc'Annes mana, cre tu  
Que, como Jesu he Jesu,  
Era este o diabo inteiro.

BRANCA ANNES.

Não he elle pao de boa lenha,  
Nem lenha de bo madeiro.  
MAR. Bofá, nunqu'elle ca venha.  
BRA. Viagem de Jão moleiro,  
Que foi pola cal d'azenha.  
MAR. Pasmada estou eu de Deos  
Fazer o demo marchante !  
Maná, daqui por diante  
Não caminhemos nós sos.

BRANCA ANNES.

S'eu soubera quem elle era,  
Fizera-lhe bom partido :  
Que me levára o marido,  
E quanto tenho lhe dera,  
E o toucado e o vestido.  
Inda que mais não levára  
Desta feira, em extremo  
Me alegrára e descançára,  
Se o vira levar o demo,  
E que nunca mais tornára.  
Porque, inda que era diabo,  
Fizera serviço a Deos,

E a mim merce em cabo ;  
 E viera-me dos ceos,  
 Como vem a frol ao nabo.

*Vão-se ao Tempo, e diz Marta :*

- MAR. Dizei, Senhores de bem,  
 Nesta tenda que vendéis ?
- SER. Esta tenda tudo tem ;  
 Vêde vós o que quereis,  
 Que tudo se fara bem.  
 Conciencia quereis comprar,  
 De que vistais vossa alma ?
- MAR. Tendes sombreiros de palma  
 Muito bôs para segar,  
 E tapados pera a calma ?
- SER. Conciencia digo eu,  
 Que vos leva ao paraíso.
- BRA. Não sabemos nós qu'he isso :  
 Dae-o ó decho por seu,  
 Que ja não he tempo disso.

MARTA DIAS.

- Tendes vós aqui borel,  
 Do pardo de lan meirinha ?
- BRA. Eu queria húa pucarinha  
 Pequenina para mel.
- SER. Esta feira he chamada  
 Das virtudes em seus tratos.
- MAR. Das virtudes ! e ha aqui patos ?
- BRA. Quereis feirar a cevada  
 Quatro pares de sapatos ?
- SER. Oh piedoso Deos eterno !  
 Não comprareis para os ceos  
 Hum pouco d'amor de Deos.  
 Que vos livre do inferno ?
- BRA. Isso he fallar per pinceos.

SERAPHIM.

- Esta feira não se fez  
 Pera as cousas que quereis.
- BRA. Pois cant'a essas que vendéis,  
 Daqui affirmo outra vez  
 Que nunca as vendereis.  
 Porque neste sigro em fundo  
 Todos somos negligentes :  
 Foi ar que deu polas gentes,  
 Foi ar que deu pelo mundo,  
 De que as almas são doentes :

E se hão de correger  
 Quando for todo danado :  
 Muito cedo se ha de ver ;  
 Que ja elle não pôde ser.  
 Mais torto nem aleijado.  
 Vamo-nos, Marta, á carreira,  
 Que as moças do logar  
 Virão cá fazer a feira,  
 Qu'estes não sabem ganhar,  
 Nem tem cousa qu'homem queira.

## MARTA DIAS.

Eu não vejo aqui cantar,  
 Nem gaita, nem tamboril,  
 E outros folgares mil,  
 Que nas feiras soem d'estar :  
 E mais feira de Natal,  
 E mais de Nossa Senhora,  
 E estar todo Portugal.  
 BRA. S'eu soubera qu'era tal,  
 Não estivera eu ca agora.

*Vem á feira nove moças dos montes, e tres man-  
 cebos, todas com cestos nas cabeças cobertos, can-  
 tando, e como chegão, se assentão por ordem a vender ;  
 e diz-lhe o*

## SERARHIM.

Pois vindes vender á feira,  
 Sabei que he feira dos ceos ;  
 Por tal vendei de maneira  
 Que não offendais a Deos,  
 Roubando a gente estrangeira.  
 TES. Responde-lhe, Leonarda,  
 Tu Justina, ou Julianá.  
 JUL. Mas responda-lhe Girálda,  
 Tesaúra, ou Merenciana.

## MERENCIANA.

Responde-lhe, Theodora,  
 Porque creio que a ti creia.  
 TES. Responda-lhe Doroteia,  
 Pois que mora  
 Junto c'o Juiz d'aldeia.  
 DOR. Moneca responderá,  
 Que fallou ja c'o Senhor.  
 MON. Responde-lhe tu, Nabor,  
 Comigo s'entenderá.

Ou Denisio, ou Gilberto,  
 Qualquer de vós outros tres,  
 E não vos embaraceis nem torvês,  
 Porque he certo  
 Que bem vos entenderês.

GIL. Estas cachopas não vem  
 Á feira nego a folgar,  
 E trazem de merendar  
 Nesses cestos que hi tem.

Mas pois quanto ao que entendo,  
 Sois samica anjo de Deos ;  
 Quando partistes dos ceos,  
 Que ficava elle fazendo ?

SER. Ficava vendendo o seu gado.  
 GIL. Sancta Maria ! gado ha lá ?  
 Oh Jesu ! como o terá  
 O Senhor gordo e guardado !  
 E ha lá boas ladeiras,  
 Como na serra d'Estrella ?

SER. Si.  
 GIL. E a Virgem que faz ella ?  
 SER. A Virgem olha as cordeiras,  
 E as cordeiras a ella.  
 GIL. E os Sanctos de saude  
 Todos, a Deos louvores ?

SER. Si.  
 GIL. E que legoas havera  
 Daqui á porta do Paraizo,  
 Onde San Pedro está ?

## NABOR.

Lá vem ó redor das vinhas  
 Compradores a comprar  
 Samica ovos e gallinhas.

DOR. Não lhe hei de vender as minhas,  
 Que as trago pera dar.

*Vem douz compradores, hum per nome Vicente, e outro Matheus, e diç Matheus a Justina.*

## MATHEUS.

Vós rosa do amarello,  
 Mana, tendes hi queijadas ?

JUS. Tenho vosso avô marmelo ;  
 Conhecei-lo ?

MAT. Aqui estão emborilhadas.

JUS. Estade ma ora quêdo,  
 Pela vossa negra vida.

MAT. Menina, não hajais medo :

Vós sois mais engrandecida  
Que Branca de Figueiredo.

Se trazeis ovos, meus olhos,  
Não m'os vendais a ninguem.

JUS. Andar em burra e ter bem :  
Ouvide ora o rasca-piolhos  
( Azeite no micho ! ) em que vem !

VIC. Minha vida Leonarda  
Traz caça para vender ?

LEO. Vossa vida negra e parda  
Não lhe abastará comer  
Da vacca com da mostarda ?

VICENTE.

E a mesa de meu senhor  
Irá sem ave de penna ?

LEO. Quem ? e vós sois comprador ?  
Pois nem grande nem pequena  
Não matou o caçador.

VIC. Matais-me vós logo bem  
Com dous olhinhos qu'eu digo.

LEO. Mais vos mata a vós o trigo,  
Porque não vale a vintem,  
E traz mao micho comsigo.

VICENTE.

Vós fazeis de mim rascão.

LEO. Pácão vos fizestes vós ;  
Porém bem vos vimos nós  
Guardar bois no Alqueidão.

MAT. Que vindes vender á feira,  
Theodora, alma minha,  
Minha alma, minha canceira ?  
Trazeis algúna gallinha ?

THE. Som voss'alma gallinheira.

Que ma ora ca vieste  
Pera quem vos poz no paço !

MAT. Senhora, eu que vos faço,  
Que vos agastais tão prestes ?  
Dizei-me vós, Theodora,  
Trazeis vós tal cousa tal  
Deste geito, muito embora ?  
Mas lá dess'outro metal  
Não fallão á lavradora.

VICENTE.

Senhora Moneca, trazeis  
Algum cabrito recente ?

- MON. Não bofé, Senhor Vicente :  
Quizera ora trazer tres,  
De que vós foreis contente.  
VIC. Juro á sancta cruz de palha  
Qu'hei de ver o que aqui'stá.  
MON. Não revolvais aramá,  
Que não trago nemigalha.

## VICENTE.

- Não me façais descortez,  
Nem queirais ser tão garrida.  
MON. Pola vossa negra vida !  
Olhade como he cortez !  
Oh ! que lhe saia ma sahida.  
MAT. Giralda, eu achar-vos-hei  
Dous pares de passarinhos ?  
GIR. Irei por elles aos ninhos,  
Entonces os venderei :  
Comereis vós estorninhos ?

## MATHEUS.

- Respondeis como mulher  
Muito de sua vontade.  
GIR. Pois digo-vo-la verdade :  
Passaros hei de vender ?  
Olhae aquella piedade !

## VICENTE.

- Senhora minha Juliana,  
Peço-vos que me falleis  
Discreta palaciana,  
E dizei-me que vendéis.  
JUL. Vendo favas de Viana.  
VIC. Tendes alguns laparinhos ?  
JUL. Sim, de porca.  
VIC. Nem coelhos ?  
JUL. Quereis comprar dous francelhos,  
Para caçardes ratinhos ?  
VIC. Quero, polos evangelhos.

## MATHEUS.

- Vós Tesaura, minha estrella,  
Não virieis ca em vão.  
TES. Pois si, vossa estrella vos er'ella :  
Como aquillo he de rascão !  
MAT. Mas como isso he de donzella !  
Porém vá ja como vai,  
E casemo-nos, senhora.

TES. Pois casae co'elle, casae.  
Casar ma ora, meu pae,  
Casar ma ora.

MATHEUS.

Porém trazeis algum pato ?

TES. E quanto dareis por elle ?  
Hui ! e elle revolve o fato :  
Olho mao se metta nelle.

MAT. Não trazeis vós o qu'eu cato.

VIC. Merenciana deve ter  
Neste cesto algum cabrito.

MER. Não m'haveis de revolver,  
Senão pard eos que dê grito  
Tamanho, qu'haveis de ver.

VICENTE.

Eu hei de ver que trazeis.

MER. Se vós no cesto bolis ...

VIC. Senhora, que me fareis ?

MER. Hum aqui-delrei, ouvis ?  
Não sejais vós descortez.

VIC. Não quero senão amores,  
Pois vosso, senhora, sô.

MER. Amores de vosso avô,  
O da ilha dos Açores.  
Andar aramá vós so.

MATHEUS.

Vamo-nos daqui, Vicente.

VIC. Bofá vamos.

MAT. Nunca vi tal feira.

VIC. Vamos comprar á ribeira,  
Qu'anda lá a cousa mais quente.

*Vão-se os compradores, e diç o Seraphim ás moças :*

SERAPHIM.

Vós outras quereis comprar  
Das virtudes ?

TODAS. Senhor, não.

SER. Saibamos porque razão.

DOR. Porque no nosso logar  
Não dão por virtudes pão ;  
Nem casar não vejo eu  
Por virtudes a ninguem.  
Quem tiver muito de seu,  
E tão bôs olhos como eu,  
Sem isso casará bem.

## SERAPHIM.

Pois porque viestes ora  
Cansar á feira de pé ?

THE. Porque nos dizem que he  
Feira de Nossa Senhora :  
E vêdes aqui porque.  
E as graças que dizeis  
Que tendes aqui na praça,  
Se vós outros as vendéis,  
A Virgem as dá de graça  
Aos bôs, como sabeis.  
E porque a graça e alegria  
A madre da consolação  
Deu ao mundo neste dia,  
Nós vimos com devação  
A cantar-lhe húa folia.  
E pois que ja descansamos  
Assi em boa maneira,  
Moças, assi como estamos,  
Dêmos fim a esta feira,  
Primeiro que nos partamos

*Alevantão-se todas, e ordenadas em folia cantárão a  
cantiga seguinte, com que se despedirão.*

## 1.º CÔRO.

« Blanca estais colorada,  
« Virgem sagrada.  
« Em Belem villa do amor  
« Da rosa nasceo a flor :  
« Virgem sagrada ».

## 2.º CÔRO.

« Em Belem villa do amor  
« Nasceo a rosa do rosal :  
« Virgem sagrada ».

## 1.º CÔRO.

« Da rosa nasceo a flor,  
« Pera nosso Salvador :  
« Virgem sagrada ».

## 2.º CÔRO.

« Nasceo a rosa do rosal,  
« Deos e homem natural :  
« Virgem sagrada ».

Auto da Alma.

## F I G U R A S.

ALMA.

ANJO CUSTODIO.

IGREJA.

S. AGOSTINHO.

S. AMBROSIO.

S. JERONIMO.

S. THOMAZ.

DOUS DIABOS.

---

*Este auto presente foi feito á muito devota Rainha Dona Leonor, e representado ao muito poderoso e nobre Rei Dom Emanuel, seu irmão, por seu mandado, na cidade de Lisboa nos paços da Ribeira, em a noute de endoenças; era do Senhor 1508.*

## AUTO DA ALMA.

---

### *verso* ARGUMENTO.

*Assi como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos stalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse hūa stalajadeira, pera refeição e descanso das almas que vāo caminhantes pera a eternal morada de Deos. Esta stalajadeira das almas he a Madre Sancta Igreja; a mesa he o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração tracta a obra seguinte.*

*Está posta hūa mesa com hūa cadeira. Vem a Madre Sancta Igreja com seus quatro doctores, San Thomaç, San Jeronimo, Sancto Ambrosio, Sancto Agostinho; e diz*

### AGOSTINHO.

Necessario foi, amigos,  
Que nesta triste carreira  
Desta vida,  
Pera mui p'rigosos p'rigos  
Dos imigos,  
Houvesse algūa maneira  
De guardida.  
Porque a humana transitoria  
Natureza vai cansada  
Em várias calmas;  
Nesta carreira da glória  
Meritoria,  
Foi necessario pousada  
Pera as almas.

Pousada com mantimentos,  
Mesa posta em clara luz,  
Sempre esperando  
Com dobrados mantimentos  
Dos tormentos  
Que o Filho de Deus na cruz  
Comprou, penando.  
Sua morte foi avença,  
Dando, por dar-nos paraizo,

A sua vida  
Apressada, sem detença ;  
Por sentença  
Julgada a paga em proviso,  
E recebida.

A sua mortal empresa  
Foi, sancta stalajadeira  
Igreja Madre  
Consolar á sua despesa  
Nesta mesa  
Qualquer alma caminheira,  
Com o Padre  
E o anjo custodio aio.  
Alma que lh'he encommendada,  
Se enfraquece  
E lhe vai tomando raio  
De desmaio ;  
Se chegando a esta pousada,  
Se guarece.

*Vem o Anjo Custodio com a Alma, e diz :*

ANJO.

Alma humana formada  
De nenhūa cousa, feita  
Mui preciosa,  
De corrupção separada,  
E esmaltada  
Naquellea frágoa perfeita  
Gloriosa ;  
Planta neste valle posta  
Pera dar celestes flores  
Olorosas,  
E pera serdes tresposta  
Em a alta costa  
Onde se crião primores  
Mais que rosas ;  
Planta sois e caminheira,  
Que ainda que estais, vos is  
Donde viestes.  
Vossa patria verdadeira  
He ser herdeira  
Da glória que conseguis :  
Andae prestes.  
Alma bem-aventurada,  
Dos anjos tanto querida,  
Não durmais ;  
Hum ponto não esteis parada,

Que a jornada  
Muito em breve he fenecida,  
Se attentais.

ALM. Anjo que sois minha guarda,  
Olhae por minha fraqueza  
Terreal :  
De toda a parte haja resguarda,  
Que não arda  
A minha preciosa riqueza  
Principal.

Cercae-me sempre ó redor,  
Porque vou mui temerosa  
Da contenda.  
O' precioso defensor  
Meu favor !  
Vossa espada lumiosa  
Me defenda.

Tende sempre mão em mim,  
Porque hei medo de empeçar,  
E de cahir.

ANJ. Pera isso sam, e a isso vim ;  
Mas emfim  
Cumpre-vos de me ajudar  
A resistir.  
Não vos occupem vaidades,  
Riquezas, nem seus debates.  
Olhae por vós ;  
Que pompas, honras, herdades  
E vaidades,  
São embates e combates  
Pera vós.

Vosso livre alvedrío,  
Isento, fórro, poderoso,  
Vos he dado  
Polo divinal poderio  
E senhorio,  
Que possais fazer glorioso  
Vosso estado.  
Deu-vos livre entendimento,  
E vontade libertada  
E a memória,  
Que tenhais em vosso tento  
Fundamento,  
Que sois por elle criada  
Pera a glória.

E vendo Deos que o metal  
Em que vos poz a estillar,

Pera merecer,  
 Que era muito fraco e mortal :  
 E por tal  
 Me manda a vos ajudar  
 E defender.  
 Andemos a estrada nossa ;  
 Olhae não torneis atraç,  
 Que o imigo  
 A' vossa vida gloriosa  
 Porá grossa.  
 Não creais a Satanaz,  
 Vosso perigo.

Continuae ter cuidado  
 Na fim de vossa jornada,  
 E a memória  
 Que o spirito atalaiado  
 Do peccado  
 Caminha sem temer nada  
 Pera a glória.  
 E nos lacos infernaes,  
 E nas redes de tristura  
 Tenebrosas,  
 Da carreira que passais  
 Não caiai :  
 Siga vossa fermosura  
 As gloriosas.

*Adianta-se o Anjo, e vem o Diabo e diz :*

DIABO.

Tão depressa, ó delicada,  
 Alva pomba, pera onde is ?  
 Quem vos engana,  
 E vos leva tão cansada  
 Por estrada,  
 Que somente não sentis  
 Se sois humana ?  
 Não cureis de vos matar,  
 Que ainda estais em idade  
 De crescer.  
 Tempo ha hi pera folgar.  
 E caminhar :  
 Vivei á vossa vontade,  
 E havei prazer.  
 Gozae, gozae dos bens da terra,  
 Procuraes por senhorios  
 E haveres.  
 Quem da vida vos desterra

A' triste serra ?  
 Quem vos falla em desvarios  
 Por prazeres ?  
 Esta vida he descanso  
 Doce e manso,  
 Não cureis d'outro paraizo :  
 Quem vos põe em vosso siso  
 Outro remanso ?

## ALMA.

- Não me detenhais aqui,  
 Deixaes-me ir, que em al me fundo.  
 Dia. Oh descansae neste mundo,  
 Que todos fazem assi.  
 Não são em balde os haveres,  
 Não são em balde os deleites,  
 E fortunas ;  
 Não são de balde os prazeres  
 E comeress :  
 Tudo são puros affeites  
 Das criaturas.  
 Pera os homens se criárão.  
 Dae folga á vossa passagem  
 D'hoje a mais :  
 Descansae, pois descansárão  
 Os que passárão  
 Por esta mesma romagem  
 Que levais.  
 O que a vontade quizer,  
 Quanto o corpo desejar,  
 Tudo se façá.  
 Me Zombae de quem vos quizer  
 Reprender,  
 Querendo-vos marteirar *hau wyr*  
 Tão de graça.  
 Tornára-me, se a vós fôra.  
 Is tão triste, atribulada,  
 Que he tormenta.  
 Senhora, vós sois senhora  
 Imperadora,  
 Não deveis a ninguem nada ;  
 Sêde isenta. *e lõr*  
 Anj. Oh ! andae ; quem vos detem ?  
 Como vindes pera a glória  
 Devagar !  
 Oh meu Deos ! oh summo bem !  
 Ja ninguem

Não se préza da victoria  
 Em se salvar.  
 Ja cansais, alma preciosa ?  
 Tão asinha desmaiais ?  
 Sêde esforçada !  
 Oh como virieis trigosa  
 E desejosa,  
 Se visseis quanto ganhais  
 Nesta jornada !  
 Caminhemos, caminhemos ;  
 Esforçae ora, alma sancta  
 Esclarecida !

*Adianta-se o Anjo, e torna Satana :*

DIABO.

Que vaidades e que extremos  
 Tão supremos !  
 Pera que he essa pressa tanta ?  
 Tende vida.  
 Is mui desautorizada,  
 Descalça, pobre, perdida  
 De remate :  
 Não levais de vosso nada,  
 Amargurada.  
 Assi passais esta vida  
 Em disparate.  
 Vesti ora este brial,  
 Mettei o braço por aqui :  
 Ora esperae.  
 Oh como vem tão real !  
 Isto tal  
 Me parece bem a mi :  
 Ora andae.  
 Huns chapins haveis mister  
 De Valença : — ei-los aqui.  
 Agora estais vós mulher  
 De parecer.  
 Ponde os braços presumptuosos :  
 Isso si.  
 Passeae-vos mui pomposa,  
 Daqui pera alli, e de lá pera ca,  
 E fantasiae.  
 Agora estais vós fermosa  
 Como a rosa ;  
 Tudo vos mui bem está.  
 Descansae.

*Torna o Anjo á Alma, dizendo :*

**ANJO.**

Que andais aqui fazendo ?  
**ALM.** Faço o que vejo fazer  
 Pelo mundo.  
**ANJ.** O' Alma, is-vos perdendo ;  
 Correndo vos is metter  
 No profundo.  
 Quanto caminhais avante,  
 Tanto vos tornais atraz  
 E atravez.  
 Tomastes ante com ante  
 Por mercante,  
 O cossairo Satanaz,  
 Porque querês.  
 Oh ! caminhe com cuidado,  
 Que a Virgem gloriosa  
 Vos espera.  
 Deixais vosso principado  
 Desherdado !  
 Engeitais a glória vossa  
 E patria véra !  
 Deixae esses chapins ora,  
 E esses rabos tão sobejos,  
 Que is carregada :  
 Não vos tome a morte agora  
 Tão senhora ;  
 Nem sejais com taes desejos  
 Sepultada.

**ALMA.**

Andae, dae-me ca essa mão ;  
 Andae vós, que eu irei,  
 Quanto puder.

*Adianta-se o Anjo, e torna o Diabo.*

**DIABO.**

Todas cousas com razão  
 Tem sazão.  
 Senhora, eu vos direi  
 Meu parecer.  
 Ha hi tempo de folgar,  
 E idade de crescer ;  
 E outra idade  
 De mandar e triumphar,  
 E apanhar

E acquirir prosperidade  
 A que puder. <sup>o risco</sup>  
 Ainda he cedo pera a morte ;  
 Tempo ha de arrepender,  
 E ir ao ceo.  
 Ponde-vos á fór da côrte,  
 Desta sorte  
 Viva vosso parecer,  
 Que tal nasceo.  
 O ouro pera que he,  
 E as pedras preciosas,  
 E brocados ?  
 E as sedas pera que ?.  
 Tende por fé.  
 Que p'ra as almas mais ditosas  
 Forão dados.  
 Vêdes aqui hum collar  
 D'ouro mui bem esmaltado,  
 E dez anneis.  
 Agora estais vós p'ra casar  
 E namorar :  
 Neste espelho vos vereis,  
 E sabereis  
 Que não vos hei de enganar.  
 E poreis estes pendentes,  
 Em cada orelha seu :  
 Isso si ;  
 Que as pessoas diligentes  
 São prudentes.  
 Agora vos digo eu  
 Que vou contente daqui.

## ALMA.

Oh como estou preciosa,  
 Tão dina pera servir.  
 E sancta pera adorar !  
**ANJ.** Oh alma despiedosa  
 Perfiosa !  
 Quem vos devesse fugir,  
 Mais que guardar !  
 Pondes terra sobre terra ;  
 Qu'esses ouros terra sâo.  
 O' Senhor,  
 Porque permittes tal guerra,  
 Que desterra  
 Ao reino da confusão  
 O teu lavor ?

Não ieis mais despejada,  
 E mais livre da primeira  
 Pera andar ?  
 Agora estais carregada  
 E embaracada  
 Com cousas que, á derradeira,  
 Hão-de ficar.  
 Tudo isso se descarrega  
 Ao porto da sepultura.  
 Alma sancta, quem vos cega,  
 Vos carrega  
 Dessa van desaventura ?

## ALMA.

Isto não me pesa nada,  
 Mas a fraca natureza  
 Me embaraca.  
 Ja não posso dar passada  
 De cansada :  
 Tanta he minha fraqueza,  
 E tão sem graça !  
 Senhor, ide-vos embora,  
 Que remedio em mim não sento ;  
 Ja 'stou tal ...

ANJ. Sequer dae dous passos ora  
 Até onde mora  
 A que tem o mantimento  
 Celestial.

Ireis alli repousar,  
 Comereis alguns bocados  
 Confortosos ;  
 Porque a hóspeda he sem par  
 Em agasalhar  
 Os que vem atribulados  
 E chorosos.

ALM. He longe ?  
 ANJ. Aqui mui perto.

Esforçae, não desmaieis ;  
 E andemos,  
 Qu'alli ha todo concerto  
 Mui certo :  
 Quantas cousas querereis  
 Tudo tendes.

A hóspeda tem graça tanta,  
 Far-vos-ha tantos favores ...

ALM. Quem he ella ?  
 ANJ. He a Madre Igreja Sancta,

E os seus sanctos Doutores  
 Hi com ella.  
 Ireis d'hi mui despejada,  
 Cheia do Spirito Sancto,  
 E mui fermosa.  
 O' Alma, sêde esforçada !  
 Outra passada ;  
 Que não tendes de andar tanto  
 A ser esposa.

## DIABO.

Esperae, onde vos is ?  
 Essa pressa tão sobeja  
 He ja pequice.  
 Como ! vós, que presumis,  
 Consentis  
 Continuardes a igreja,  
 Sem velhice ?  
 Dae-vos, dae-vos a prazer,  
 Que muitas horas ha nos annos  
 Que lá vem.  
 Na hora que a morte vier,  
 Como se quer,  
 Se perdoão quantos damnos  
 A alma tem.

Olhae por vossa fazenda :  
 Tendes hūas escripturas  
 De huns casaes,  
 De que perdeis grande renda.  
 He contendá,  
 Que leixárão ás escuras  
 Vossos paes ;  
 He demanda mui ligeira,  
 Litigios que são vencidos  
 Em hum riso.  
 Citaes as partes terça-feira,  
 De maneira  
 Como não fiquem perdidos :  
 E havei siso.

## ALMA.

Cal'-te por amor de Deos,  
 Leixa-me, não me persigas ;  
 Bem abasta  
 Estorvares os hereos  
 Dos altos ceos :  
 Que a vida em tuas brigas  
 Se me gasta.  
 Leixa-me remediar

O que tu, cruel, damnaste  
 Sem vergonha :  
 Que não me posso abalar,  
 Nem chegar  
 Ao logar onde gaste  
 Esta peçonha.

ANJO.

Vêdes aqui a pousada  
 Verdadeira e mui segura  
 A quem quer vida.

- IGR. Oh como vindes cansada  
 E carregada !
- ALM. Venho por minha ventura  
 Amortecida.
- IGR. Quem sois ? pera onde andais ?
- ALM. Não sei pera onde vou :  
 Sou salvagem,  
 Sou húa alma que peccou  
 Culpas mortaes  
 Contra o Deos que me creou  
 A' sua imagem.
- Sou a triste, sem ventura,  
 Creada resplandecente  
 E preciosa,  
 Angelica em fermosura,  
 E per natura,  
 Como o raio reluzente  
 Lumiosa.
- E por minha triste sorte,  
 E diabolicas maldades  
 Violentas,  
 Estou mais morta que a morte,  
 Sem deporte,  
 Carregada de vaidades  
 Peçonhentas.
- Sou a triste, sem mézinha,  
 Peccadora obstinada,  
 Perfiosa ;  
 Pola triste culpa minha  
 Mui mesquinha,  
 A todo o mal inclinada,  
 E deleitosa.
- Desterrei da minha mente  
 Os meus perfeitos arreios  
 Naturaes ;  
 Não me prezei de prudente,  
 Mas contente

Me gozei c'os trajos feios  
Mundanaes.

Cada passo me perdi ;  
Em logar de merecer,  
Eu sou culpada.  
Havei piedade de mi,  
Que não me vi ;  
Perdi meu innocent ser,  
E sou damnada.  
E, por mais graveza, sento  
Não poder-me arrepender  
Quanto queria ;  
Que meu triste pensamento,  
Sendo isento,  
Não me quer obedecer,  
Como soia.

Soccorrei, hóspeda senhora,  
Que a mão de Satanaz  
Me tocou,  
E sou ja de mim tão fóra,  
Que agora  
Não sei se avante, se atraz,  
Nem como vou.  
Consolae minha fraqueza  
Com sagrada iguaria,  
Que pereço,  
Por vossa sancta nobreza,  
Que he franqueza ;  
Porque o que eu merecia  
Bem conheço.

Conheço-me por culpada,  
E digo diante vós  
Minha culpa.  
Senhora, quero pousada,  
Dae passada ;  
Pois que padeceo por nós  
Quem nos desculpa.  
Mandae-me ora agasalhar,  
Capa dos desemparados,  
Igreja Madre.

IGR.  
I. Vinde-vos aqui assentar  
Mui devagar,  
Que os manjares são guisados  
Por Deos Padre,  
Sancto Agostinho doutor,  
Jeronimo, Ambrosio e Thomaz,  
Meus pilares,

Servi aqui por meu amor,  
 A qual melhor.  
 E tu, Alma, gostarás  
 Meus manjares.  
 Ide á Sancta cozinha,  
 Tornemos esta alma em si,  
 Porque mereça  
 De chegar onde caminha,  
 E se detinha :  
 Pois que Deos a trouxe aqui,  
 Não pereça.

*Em quanto estas cousas passão, Satanaž passeia,  
 fazendo muitas vascas, e vem outro Diabo, e diž :*

2.º DIABO.

Como andas dessocegado !

- 1.º D. Arço em fogo de pezar.
- 2.º D. Que houveste ?
- 1.º D. Ando tão desatinado  
     De enganado,  
     Que não posso repousar  
     Que me preste.  
     Tinha húa alma enganada,  
     Ja quasi pera infernal  
     Mui accesa.
- 2.º D. E quem t'a levou forçada ?
- 1.º D. O da espada.
- 2.º D. Ja m'elle fez outra tal  
     Bulra como essa.

    Tinha outra alma ja vencida,  
 Em ponto de se enforcar  
 De desesperada,  
 A nós toda offerecida,  
 E eu prestes pera a levar  
 Arrastada ;  
 E elle fê-la chorar tanto,  
 Que as lagrimas corrião  
 Pola terra.  
 Blasfemei entonces tanto,  
 Que meus gritos retinnião  
 Pola serra.

    Mas faço conta que perdi,  
 Outro dia ganharei,  
 E ganharemos.

- 1.º D. Não digo eu, irmão, assi :  
     Mas a esta tornarei,  
     E veremos.

Torna-la-hei a affagar,  
 Depois que ella sair fóra  
 Da Igreja  
 E começar de caminhar ;  
 Hei de apalpar  
 Se vencerão ainda agora  
 Esta peleja.

*Entra a Alma, com o Anjo.*

ALMA.

Vós não me desempareis,  
 Senhor meu anjo custodio.  
 O' increos  
 Imigos, que me quereis,  
 Que ja sou fóra do odio  
 De meu Deos ?  
 Leixae-me ja, tentadores,  
 Neste convite prezado  
 Do Senhor,  
 Guisado aos peccadores  
 Com as dores  
 De Christo crucificado,  
 Redemptor.

*Estas cousas estando a Alma assentada á mesa, e o Anjo junto com ella em pé, vem os Doutores com quatro bacios de cozinha cubertos, cantando, Vexilla regis prodeunt ; e, postos na mesa, diz Sancto Agostinho :*

AGOSTINHO.

Vós, senhora convidada,  
 Nesta cea soberana  
 Celestial,  
 Haveis mister ser apartada  
 E transportada  
 De toda a cousa mundana  
 Terreal.  
 Cerrae os olhos corporaes,  
 Deitae ferros aos damnados  
 Appetitos,  
 Caminheiros infernaes ;  
 Pois buscais  
 Os caminhos bem guiados  
 Dos contritos.

IGREJA.

Benzei a mesa vós, senhor,  
 E pera consolação

Da convidada,  
 Seja a oração de dor  
 Sobre o tenor  
 Da gloriosa paixão  
 Consagrada.  
 E vós, Alma, rezareis,  
 Contemplando as vivas dores  
 Da Senhora :  
 Vós outros respondereis,  
 Pois que fostes rogadores  
 Até 'gora.

O r a ç ã o  
*para Sancto Agostinho.*

Alto Deos maravilhoso,  
 Que o mundo visitaste  
 Em carne humana,  
 Neste valle temeroso  
 E lacrimoso  
 Tua glória nos mostraste  
 Soberana ;  
 E teu filho delicado,  
 Mimoso da Divindade  
 E natureza,  
 Per todas partes chagado,  
 E mui sangrado,  
 Pela nossa infirmitade  
 E vil fraqueza.  
 Oh Imperador celeste,  
 Deos alto mui poderoso  
 Essencial,  
 Que polo homem que fizeste,  
 Offereceste  
 O teu estado glorioso  
 A ser mortal !  
 E tua filha, madre, esposa,  
 Horta nobre, frol dos ceos,  
 Virgem Maria,  
 Mansa pomba gloriosa ;  
 Oh quão chorosa  
 Quando o seu Deos padecia !  
 Oh lagrimas preciosas,  
 De virginal coração  
 Estilladas !  
 Correntes das dores vossas  
 C'os olhos da perfeição

Derramadas !  
 Quem húa so podéra haver,  
 Víra claramente nella  
 Aquella dor,  
 Aquella pena e padecer,  
 Com que choraveis, donzella,  
 Vosso amor.

E quando vós amortecida,  
 Se lagrimas vos faltavão,  
 Não faltava  
 A vosso filho e vossa vida  
 Chorar as que lhe ficavão  
 De quando orava.  
 Porque muito mais sentia  
 Polos seus padecimentos  
 Ver-vos tal ;  
 Mais que quanto padecia,  
 Lhe doïa,  
 E dobrava seus tormentos,  
 Vosso mal.

Se se podesse dizer,  
 Se se podesse rezar  
 Tanta dor ;  
 Se se podesse fazer  
 Podermos ver  
 Qual estaveis ao cravar  
 Do Redemptor !  
 Oh ferrosa face bella,  
 Oh resplendor divinal,  
 Que sentistes,  
 Quando a cruz se poz á vela,  
 E posto nella  
 O filho celestial  
 Que paristes !

Vendo por cima da gente  
 Assomar vosso confôrto  
 Tão chagado,  
 Cravado tão cruelmente,  
 E vós presente,  
 Vendo-vos ser mãe do morto,  
 E justiçado !  
 Oh rainha delicada,  
 Sanctidade escurecida,  
 Quem não chora  
 Em ver morta debruçada  
 A avogada,  
 A fôrça da nossa vida !

## AMBROSIO.

Isto chorou Hieremias  
 Sôbre o monte de Sion  
 Ha ja dias ;  
 Porque sentio que o Messias  
 Era nossa redempção.  
 E chorava a sem ventura,  
 Triste de Jerusalem  
 Homecida,  
 Matando, contra natura,  
 Seu Deos nascido em Belem  
 Nesta vida.

## JERONIMO.

Quem vira o sancto cordeiro  
 Antre os lobos humildoso,  
 Escarnecido,  
 Julgado pera o marteiro  
 Do madeiro,  
 Seu rosto alvo e fermoso  
 Mui cuspido !

## AGOSTINHO. (benze a mesa)

A benção do Padre eternal,  
 E do Filho, que por nós  
 Soffreto tal dor,  
 E do Spirito Sancto, igual  
 Deos immortal,  
 Convidada, benza a vós  
 Por seu amor.

## IGREJA.

Ora sus, venha agua ás mãos.  
 Ago. Vós haveis-vos de lavar  
 Em lagrimas da culpa vossa,  
 E bem levada.  
 E haveis-vos de chegar  
 A alimpar  
 A húa toalha fermosa,  
 Bem lavrada  
 C'o sirgo das veias puras  
 Da Virgem, sem mágoa nascido  
 E apurado,  
 Torcido com amarguras  
 As escuras,  
 Com grande dor guarnecido  
 E acabado.  
 Não que os olhos alimpeis,  
 Que o não consentirão

Os tristes laços ;  
 Que taes pontos achareis  
 De face e envés,  
 Que se rompe o coração  
 Em pedaços.  
 Vereis seu triste lavrado  
 Natural,  
 Com tormentos pespontado,  
 E figurado  
 Deos creador em figura  
 De mortal.

*Esta toalha de que aqui se falla, he a Veronica, a qual S. Agostinho tira d'antre os bacios, e amostra á Alma; e a Madre Igreja, com os Doutores, lhe fazem adoração de joelhos, cantando, Salve, sancta Facies. E acabando, diz a Madre Igreja :*

## IGREJA.

Venha a primeira iguaria. *VIVA*

JER. Esta iguaria primeira  
 Foi, Senhora,  
 Guisada sem alegria  
 Em triste dia,  
 A crueidade cozinheira  
 E matadora.  
 Gosta-la-heis com salsa e sal  
 De choros de muita dor ;  
 Porque os costados  
 Do Messias divinal  
 Sancto, sem mal,  
 Forão polo vosso amor  
 Açoitados.

*Esta iguaria em que aqui se falla, são os Açoutes ; e em este passo os tirão dos bacios, e os presentão á Alma, e todos de joelhos adorão, cantando, Ave flagellum ; e depois diz*

## JERONIMO.

Est'outro manjar segundo  
 He iguaria.  
 Que haveis de mastigar,  
 Em contemplar  
 A dor que o Senhor do mundo  
 Padecia,  
 Pera vos remediar,  
 Foi hum tormento improviso,  
 Que aos miolos lhe chegou :

E consentio,  
Por remediar o siso,  
Que a vosso siso faltou ;  
E pera ganhardes paraizo,  
A soffrio.

*Esta iguaria segunda de que aqui se falla, he a  
Coroa de espinhos ; e em este passo a tirão dos bacios,  
e de joelhos os sanctos Doutores cantão, Ave corona  
espiniarum ; e acabando diç a Madre Igreja :*

IGREJA.

Venha outra do theor.  
JER. Est'outro manjar terceiro  
Foi guisado  
Em tres logares de dor,  
A qual maior,  
Com a lenha do madeiro  
Mais prezado.  
Come-se com gran tristura,  
Porque a Virgem gloriosa  
O vio guisar :  
Vio cravar com gran crueza  
A sua riqueza,  
E sua perla preciosa  
Vio furar.

*E a este passo tira S. Agostinho os Crauas, e todos  
de joelhos os adorão, cantando, Dulce lignum, dulcis  
clavus. E acabada a oração, diç o Anjo á Alma :*

ANJO.

Leixae ora esses arreios,  
Qu'est'outra não se come assi  
Como cuidais.  
Pera as almas são mui feios,  
E são meios  
Com que não andão em si  
Os mortaes.

*Despe a Alma o vestido e joias que lh'o inimigo deu,  
e diç*

AGOSTINHO.

O' Alma bem aconselhada,  
Que dais o seu cujo he ;  
O da terra á terra :  
Agora ireis despejada  
Pola estrada,  
Porque vencestes com fé  
Forte guerra.

## IGREJA.

Venha ess'outra iguaria.  
 JER. A quarta iguaria he tal,  
 Tão esmerada,  
 De tão infinda valia  
 E contia,  
 Que na mente divinal  
 Foi guisada,  
 Por misterio preparada  
 No sacrario virginal,  
 Mui cuberta,  
 Da divindade cercada  
 E consagrada,  
 Despois ao Padre eternal  
 Dada em offerta.

*Apresenta S. Jeronimo á Alma hum Crucifixo, que  
 tira d'entre os pratos; e os Doutores o adorão, can-  
 tando, Domine Jesu Christe; acabando, diç a*

## ALMA.

Com que fôrças, com que sprito,  
 Te darei tristes louvores,  
 Que sou nada,  
 Vendo-te, Deos infinito,  
 Tão afflito,  
 Padecendo tu as dores,  
 E eu culpada?  
 Como estás tão quebrantado,  
 Filho de Deos immortal!  
 Quem te matou?  
 Senhor, per cujo mandado  
 Es justiçado,  
 Sendo Deos universal,  
 Que nos creou?

## AGOSTINHO.

A fruta deste jantar,  
 Que neste altar vos foi dado  
 Com amor,  
 Iremos todos buscar  
 Ao pomar  
 Aonde está sepultado  
 O Redemptor.

*E todos com a Alma, cantando Te Deum laudamus,  
 forão adorar o moimento.*

Auto da Barca do Inferno.

## F I G U R A S.

ANJO — Arrais do Ceo.	FRADE.
DIABO — Arrais do Inferno.	BRIZIDA VAZ — Alcoviteira.
COMPANHEIRO do Diabo.	JUDEU.
FIDALGO.	CORREGEDOR.
ONZENEIRO.	PROCURADOR.
PARVO.	ENFORCADO.
SAPATEIRO.	QUATRO CAVALLEIROS.

*Representa-se na obra seguinte h̄a perfiguração sobre a rigorosa accusação, que os inimigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E por tractar desta materia põe o Autor por figura que no dito momento ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estão douz batéis : hum delles passa pera a Gloria, outra pera o Purgatorio. He repartida em tres partes ; s. de cada embarcação h̄a scena. Esta primeira he da viagem do Inferno.*

*Esta perfiguração se escreve neste primeiro livro nas obras de devaçao, porque a segunda e terceira parte forão representadas na capella ; mas esta primeira foi representada de camara, pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, estando inferma do mal de que falleceu, na era do Senhor de 1517.*

## AUTO DA BARCA DO INFERNO.

---

### DIABO.

A' barca, á barca, hou lá,  
Que temos gentil maré.  
Ora venho a caro a ré :  
Feito, feito, bem está.  
Vae alli muitieramá,  
E atesa aquelle palanco,  
E despeja aquelle banco,  
Pera a gente que virá.

A' barca, á barca, hu !  
Asinha, que se quer ir.  
Oh que tempo de partir !  
Louvores a Berzelbu.  
Ora sus, que fazes tu ?  
Despeja todo esse leito.

Com. Em bonora, logo he feito.  
DIA. Abaixa aramá esse cu.

Faze aquella poja lesta,  
E alija aquella driça.

Com. O' caça, o' ciça.  
DIA. Oh que caravella esta !  
Põe bandeiras, que he festa ;  
Verga alta, áncora a pique.  
O' precioso Dom Anrique !  
Ca vindes vós ? que cousa he esta ?

### FIDALGO.

Esta barca onde vai ora,  
Qu'assim está apercebida ?  
DIA. Vai pera a Ilha perdida,  
E ha de partir logo essora.  
FID. Pera lá vai a senhora ?  
DIA. Senhor, a vosso serviço.  
FIA. Parece-me isso cortiço.  
DIA. Porque vêdes lá de fóra.

### FIDALGO.

Porém a que terra passais ?  
DIA. Pera o Inferno, senhor.

- FID. Terra he bem sem sabor.  
 DIA. Que ! e tambem ca zombais ?  
 FID. E passageiros achais  
     Pera tal habitaçao ?  
 DIA. Vejo-vos eu em feição  
     Pera ir ao nosso cais.

## FIDALGO.

- Parece-te a ti assi.  
 DIA. Em que esperais ter guarida ?  
 FID. Que deixo na outra vida  
     Quem reze sempre por mi.  
 DIA. Quem reze sempre por ti ?  
     Hi hi hi hi hi.  
     E tu viveste a teu prazer,  
     Cuidando ca guarecer,  
     Porque rézão lá por ti ?  
     Embarca, ou embarcae.  
     Qu'haveis d'ir á derradeira.  
     Mandae metter a cadeira,  
     Qu'assi passou vosso pae.  
 FID. Que, que, que ! e assi lhe vai ?  
 DIA. Vai ou vem, embarcae prestes :  
     Segundo lá escolhestes,  
     Assi ca vos contentae.  
     Pois que ja a morte passastes,  
     Haveis de passar o rio.  
 FID. Não ha aqui outro navio ?  
 DIA. Não, senhor, qu'este fretastes,  
     E ja quando espirastes,  
     Me tinheis dado signal.  
 FID. Que signal foi esse tal ?  
 DIA. Do que vós vos contentastes.

## FIDALGO.

- A est'outra barca me vou.  
 Hou da barca ! pera onde is ?  
 Ah barqueiros, não m'ouvis ?  
 Respondei-me. Hou lá, hou !  
 Pardeos, aviado estou :  
 Cant'a isto he ja peor.  
 Que gericocins, salvonor !  
 Cuidão ca que sou eu grou !

se

## ANJO.

- Que mandais ?  
 FID. Que me digais,

Pois parti tão sem aviso,  
 Se a barca do Paraizo  
 He esta em que navegais.  
 ANJ. Esta he ; que lhe buscais ?  
 FID. Que me leixeis embarcar :  
 Sou fidalgo de solar,  
 He bem que me recolhais.

## ANJO.

Não se embarca tyrannia  
 Neste batel divinal.  
 FID. Não sei porque haveis por mal  
 Qu'entre minha senhoria.  
 ANJ. Pera vossa fantasia  
 Mui pequena he esta barca.  
 FID. Pera senhor de tal marca  
 Não ha hi mais cortezia ?  
 Venha a prancha e o atavio ;  
 Levae-me desta ribeira.  
 ANJ. Não vindes vós de maneira  
 Pera entrar neste navio.  
 Ess'outro vai mais vazio,  
 A cadeira entrará,  
 E o rabo caberá,  
 E todo vosso senhorio.  
 Ireis lá mais espaçoso,  
 Vós e vossa senhoria,  
 Contando da tyrannia,  
 De que ereis tão curioso.  
 E porque de generoso  
 Desprezastes os pequenos ;  
 Achar-vos-heis tanto menos,  
 Quanto mais fostes fumoso.

## DIABO.

A' barca, á barca, senhores !  
 Oh que maré tão de prata !  
 Hum ventosinho que mata,  
 E valentes remadores.  
 « Vos me veniredes á la mano,  
 « A' la mano me veniredes ;  
 « Y vos veredes  
 « Peixes nas redes. »

## FIDALGO.

Ao Inferno todavia !  
 Inferno ha hi pera mi ?

Oh triste ! que em quanto vivi,  
 Nunca cri que o hi havia ;  
 Tive que era fantasia ;  
 Folgava ser adorado,  
 Confiei em meu estado,  
 E não vi que me perdia.

Venha essa prańcha, e veremos  
 Esta barca de tristura.

DIA. Embarque vossa doçura,  
 Que ca nos entenderemos.  
 Tomareis hum par de remos,  
 Veremos como remais ;  
 E chegando ao nosso cais,  
 Nós vos desembarcaremos.

5

FIDALGO.

Mas esperae-me aqui ;  
 Tornarei á outra vida  
 Ver minha dama querida,  
 Que se quer matar por mi, — 6

DIA. Que se quer matar por ti ?  
 FID. Isto bem certo o sei eu.  
 DIA. O' namorado sandeu,  
 O maior que nunca vi !

FIDALGO.

Era tanto seu querer,  
 Que m'escrevia mil dias.  
 DIA. Quantas mentiras que lias,  
 E tu morto de prazer !  
 FID. Pera que he escarnecer,  
 Que não havia mais no bem ?  
 DIA. Assim vivas tu amen,  
 Como te tinha querer.

FIDALGO.

Isto quanto o que eu conheço.  
 DIA. Pois estando tu spirando,  
 Se estava ella requebrando  
 Com outro de menos preço.  
 FID. Dá-me licença, te peço,  
 Que va ver minha mulher.  
 DIA. E ella por não te ver  
 Despenhar-s'ha d'hum cabeço.  
 Quanto ella hoje rezou  
 Antre seus gritos e gritas,  
 Foi dar glórias infinitas

- A quem na desabafou.  
 FID. Cant'a ella bem chorou.  
 DIA. E não ha hi chôrô d'alegria ?  
 FID. E as lástimas que dizia !  
 DIA. Sua mae lh'as ensinou.  
     Entrae, meu senhor, entrae ;  
     Venha a prancha, ponde o pé.  
 FID. Entremos, pois que assi he.  
 DIA. Ora agora descansae,  
     Passeae e suspirae,  
     Em tanto virá mais gente.  
 FID. O' barca, como es ardente !  
     Maldito quem em ti vai !

DIABO. (ao moço da cadeira. )

Tu, seu moço, vae-te d'hi,  
 Que a cadeira ca sobeja ;  
 Cousa que estava na igreja  
 Não s'ha de embarcar aqui.  
 Ca lh'a darão de marfi,  
 Marchetada de dolores,  
 Com taes modos de lavores,  
 Qu'estara fóra de si.

A' barca, á barca, boa gente,  
 Que queremos dar á vela :  
 Chegar a ella, chegar a ella.

*Chega hum Onzeneiro, e diz :*

- ONZ. Oh que barca tão valente !  
     Pera onde caminhais ?  
 DIA. Oh que ma ora venhais,  
     Onzeneiro meu parente !  
     Como tardastes vós tanto ?  
 ONZ. Mais quizera eu tardar ;  
     Na safra do apanhar  
     Me deu Saturno quebranto.  
 DIA. Ora muito m'eu espanto  
     Não vos livrar o dinheiro.  
 ONZ. Nem tamsoes para o barqueiro,  
     Não me deixárao nem tanto.

DIABO.

- Ora entrae, entrae aqui.  
 ONZ. Não hei eu hi de embarcar.  
 DIA. Oh que gentil recear,  
     E que cousa pera mi !  
 ONZ. Ind'agora falleci,

DIA. Deixae-me buscar batel.  
Pezar de Jam Pimentel !  
Porque não irás aqui ?

## ONZENEIRO.

E pera onde he a viagem ?  
DIA. Pera onde tu has d'ir,  
Estamos para partir :  
Não cures de mais linguagem.  
ONZ. Mas pera onde he a passagem ?  
DIA. Pera a infernal comarca.  
ONZ. Dixe, não m'embarco eu nessa barca ;  
Est'outra tem a vantagem.

( Vai-se á barca do Anjo. )

Hou da barca, hou lá, hou !  
Haveis logo de partir ?  
ANJ. E onde queres tu ir ?  
ONZ. Eu pera o Paraizo vou.  
ANJ. Pois cant'eu bem fóra estou  
De te levar pera lá :  
Ess'outra te levará ;  
Vae pera quem t'enganou.

## ONZENEIRO.

Porque ?  
ANJ. Porqu'esse bolção  
Tomára todo o navio.  
ONZ. Juro a Deus que vai vazio.  
ANJ. Não ja no teu coração.  
ONZ. Lá me ficão de rondão  
Vinte e seis milhões n'húa arca.  
DIA. Pois que onzena tanto abarca,  
Não lhe deis embarcação.

( Torna ao Diabo. )

Hou lá, hou demo barqueiro,  
Sabeis vós no que me fundo ?  
Quero lá tornar ao mundo,  
E trazer o meu dinheiro,  
Qu'aquell'outro marinheiro,  
Porque me ve vir sem nada,  
Dá-me tanta borregada,  
Como arrais lá do Barreiro.

## DIABO.

Entra, entra, e remarás ;  
Não percamos mais maré.

- ONZ. Todavia . . .  
 DIA. Por fôrça he :  
 Que te pês, ca entrarás ;  
 Irás servir Satanaz,  
 Pois que sempre t'ajudou.  
 ONZ. Oh triste ! quem me cegou !  
 DIA. Cal-te, que ca chorarás.

ONZENEIRO. (Entrando no batel, diz ao Fidalgo.)

- Sancta Joanna de Valdez !  
 Ca he Vossa Senhoria ?  
 FID. Dá ó demo a corteza.  
 DIA. Ouvis ? fallae vós cortez.  
 Vós, fidalgo, cuidareis  
 Que estais em vossa pousada ?  
 Dar-vos-hei tanta pancada  
 C'hum remo, que arrenegueis.

*Vem hum Parvo, e diz ao Arrais do Inferno :*

- PARVO.  
 Hou daquella !  
 DIA. Quem he ?  
 PAR. Eu soo.  
 He esta naviarra vossa ?  
 DIA. De quem ?  
 PAR. Dos tolos.  
 DIA. Vossa ;  
 Entrae.  
 PAR. De pulo, ou de voo ?  
 Oh pezar de meu avô !  
 Soma vim adoecer,  
 E fui ma ora morrer,  
 E nella pera mi so.

DIABO.

- De que morreste ?  
 PAR. De que ?  
 Samica de caganeira.  
 DIA. De que ?  
 PAR. De caga merdeira.  
 Ma rabugem que te dê !  
 DIA. Entra, e pôe aqui o pé.  
 PAR. Hou lá, não tombe o zambuco.  
 DIA. Entra, tolaço eunuco,  
 Que se nos vai a maré.

## PARVO.

Aguardae, aguardae, hou lá,  
E onde havemos nós d'ir ter ?

DIA. Ao porto de Lucifer.  
PAR. Como ?

DIA. O' Inferno. Entra ca.

PAR. O' Inferno ieramá.  
Hio hio, barca do cornudo,  
Beicudo, beicudo,  
Rachador d'alverca, huhá !

Sapateiro de Landosa,  
Antrecosto de carrapato,  
Sapato, sapato,  
Filho da grande aleivosa ;  
Tua mulher he tinhosa,  
E ha de parir hum sapo,  
Chentado no guardanapo,  
Neto da cagarrinhosa.  
Furta cebolas, hio, hio,  
Excommungado nas igrejas,  
Burrela cornudo sejas.  
Toma o pão que te cahio,  
A mulher que te fugio.  
Pera a Ilha da Madeira.  
Ratinho da Giesteira,  
O demo que te pario.

Hio, hio, lanço-te hūa pulha  
De pica náquella.  
Hio, hio, caga na vela,  
Cabeça de grulha,  
Perna de cigarra velha,  
Pelourinho da Pampulha,  
Rabo de forno de telha..

(Chegando á Barca da Gloria diz :)

Hou da barca !

Tu que queres ?

PAR. Quereis-me passar alem ?

ANJ. Quem es tu ?

Não sou ninguem.

ANJ. Tu passaráis, se quizeres.

PAR. Porque em todos teus fazeres,  
Per malicia não erraste ;  
Tua simpreza t'abaste  
Pera gozar dos prazeres.

ANJ. Espera em tanto per hi,  
Veremos se vem alguem

Merecedor de tal bem,  
Que deva d'entrar aqui.

*Vem hum Sapateiro carregado de fôrmas, e diz na Barca do Inferno :*

SAPATEIRO.

- Hou da barca !
- DIA. Quem vem hi ?  
Sancto sapateiro honrado,  
Como vens tão carregado !
- SAP. Mandárão-me vir assi.  
Mas pera onde he a viagem ?
- DIA. Pera a terra dos damnados.
- SAP. E os que morrem confessados  
Onde tem sua passagem ?
- DIA. Não cures de mais linguagem,  
Qu'esta he tua barca — esta.
- SAP. Renegaria eu da festa,  
E da barca, e da barcagem.  
Como pod'rá isso ser,  
Confessado e commungado ?
- DIA. Tu morreste excummungado,  
E não no quizeste dizer :  
Esperavas de viver,  
Calaste dez mil enganos.  
Tu roubastes, bem trinta annos,  
O povo com teu mister.  
Embarca-te, eramá para ti ;  
Qu'ha ja muito que t'espero.
- SAP. Digo-te que re-não quero.
- DIA. Digo-te que si, re-si.
- SAP. Quantas missas eu ouvi  
Não m'hão ellas de prestar ?
- DIA. Ouvir missa, então roubar,  
He caminho pera aqui.

SAPATEIRO.

- E as offertas que darão,  
E as horas dos finados ?
- DIA. E os dinheiros mal levados,  
Que foi da satisfação ?
- SAP. Oh não praza ó cordavão,  
Nem á puta da badana,  
S'he esta boa tranquitana,  
Em que se ve Jan'Antão.

Ora juro a Deos qu'he graça. (Vai á Barca do Paraizo.)  
Hou da sancta caravella,

- ANJ. Podereis levar-me nella ?  
 SAP. A cárrega te embaraca.  
 ANJ. Não ha mercê que me Deos faça ?  
 Isto hi xiquer irá.  
 ANJ. Essa barca que lá está,  
 Leva quem rouba de praça.  
 Oh almas embaracadas !  
 SAP. Ora eu me maravilho  
 Haverdes per gran peguilho  
 Quatro forminhas cagadas,  
 Que podem bem ir chantadas  
 No cantinho desse leito.  
 ANJ. Se tu vieras direito,  
 Ellas forão ca scusadas.

## SAPATEIRO.

- Assi que determinais  
 Que va cozer ao Inferno ?  
 ANJ. Escripto estás no caderno  
 Das ementas infernaes.  
 SAP. Pois, diabos, que aguardais ?  
 Vamos, venha a prancha logo,  
 E levae-me áquelle fogo :  
 Pera qu'he aguardar mais ?

*Entra hum Frade com húa Moça pela mão, e vem dansando, fazendo a baixa com a boca, e acabando, diz o*

## DIABO.

- Que he isso, Padre ? que vai lá ?  
 FRA. *Deo gratias !* Sam cortezão.  
 DIA. Sabeis tambem o tordião ?  
 FRA. He mal que m'esquecerá.  
 DIA. Essa dama ha de entrar ca ?  
 FRA. Não sei onde embarcarei.  
 DIA. Ella he vossa ?  
 FRA. Não sei ;  
 Por minha a trago eu ca.

## DIABO.

- E não vos punhão lá grossa,  
 Nesse convento sagrado ?  
 FRA. Assi fui bem açoutado.  
 DIA. Que cousa tão preciosa !  
 Entrae, Padre reverendo.  
 FRA. Pera onde levais gente ?  
 DIA. Pera aquelle fogo ardente,  
 Que não temeste vivendo.

## FRADE.

- Juro a Deos que não t'entendo :  
 E este hábito me não val ?  
**DIA.** Gentil padre mundanal,  
 A Berzebu vos commendo.  
**FRA.** Corpo de Deos consagrado !  
 Pola fé de Jesu Christo,  
 Qu'eu não posso entender isto :  
 Eu hei de ser condemnado ?  
 Hum padre tão namorado,  
 E tanto dado á virtude !  
 Assi Deos me dê saude,  
 Que estou maravilhado.  
**DIA.** Não façamos mais detença ;  
 Embarcae, e partiremos ;  
 Tomareis hum par de remos.  
**FRA.** Não ficou isso n'avença.

## DIABO.

- Pois dada está ja a sentença.  
**FRA.** Pardeos, essa seria ella !  
 Não vai em tal caravella  
 Minha senhora Florença.  
 Como ! por ser namorado,  
 E folgar c'hūa mulher,  
 Se ha de hum frade de perder,  
 Com tanto psalmo rezado ?

## DIABO.

- Ora estás bem aviado.  
**FRA.** Mas estás bem corregido.  
**DIA.** Dovoto padre e marido,  
 Haveis de ser ca pingado.  
**FRA.** Mantenha Deos esta c'roa !  
**DIA.** O' padre Frei Capacete !  
 Cuidei que tinheis barrete.  
**FRA.** Sabei que fui da pessoa.  
 Esta espada he roloa,  
 E este broquel rolão.  
**DIA.** Dê vossa Reverencia lição  
 D'esgrima, que he cousa boa.  
**FRA.** Que me praz, dêmos caçada. (esgrime)  
 Então logo hum contra sus,  
 Hum fendente, ora sus :  
 Esta he a primeira levada.  
 Alevantae a espada ;  
 Mettei o diabo na cruz,

Como o eu agora puz.  
 Sahi c'o a espada rasgada,  
 E que fique anteparada.  
 Talho largo, hum revés ;  
 E logo colhêr os pés,  
 Que todo o al não he nada.

Quando o recolher se tarda,  
 O ferir não he prudente.  
 Eia, sus, mui largamente,  
 Cortae na segunda guarda.  
 Guarde-me Deos d'espingarda,  
 Ou de varão denodado ;  
 Mas aqui estou guardado,  
 Como a palha na albarda.

Saio com meia espada.  
 Hou lá, guardar as queixadas.

DIA. Oh que valentes levadas !

FRA. Inda isto não he nada :  
 Dêmos outra vez caçada.  
 Contra sus, ora hum fendente ;  
 E cortando largamente,  
 Eis aqui a sexta guarda.

Daqui se sai com húa guia,  
 E hum revés da primeira :  
 Esta he a quinta verdadeira.  
 Oh quantos daqui fería !  
 Padre que tal aprendia,  
 No inferno ha de haver pingos ?  
 Ah ! não praza a San Domingos  
 Com tanta descortezia.

Prosigamos nossa historia,  
 Não façamos mais detenca.  
 Dae ca a mão, Senhora Florença,  
 Vamos á barca da Glória.

( Chega á Barca da Glória. )

*Deo gratias ! Ha ca logar  
 Pera minha Reverença ?  
 E a Senhora Florença  
 Polo meu ha lá d'entrar.*

#### PARVO.

Andar muitieramá :  
 Furtaste esse trinchão, frade ?  
 Senhora, dá-me a vontade,  
 Que este feito mal está.  
 Vamos onde havemos d'ir.

Praza a Deos co'a ribeira !  
 Eu não vejo aqui maneira,  
 Senão emfim concrudir.

DIABO.

Padre, haveis logo de vir.  
 FRA. Si, tomæ-me lá Florença,  
 E cumpramos a sentença :  
 Ordenemos de partir.

*Vem húa Alcoviteira, per nome Brizida Vaz,  
 e chegando á Barca do Inferno, diç :*

BRIZIDA.

Hou da barca, hou lá !  
 DIA. Quem me chama ?  
 BRI. Brizida Vaz.  
 DIA. Eia, aguarda-me, rapaz :  
 Porque não vem ella ja ?  
 COM. Diz que não ha de vir ca,  
 Sem Joanna de Valdeis.  
 DIA. Entrae vós, e remareis.  
 BRI. Não quero eu entrar lá.

DIABO.

Que saboroso arrecear !  
 BRI. Não he essa barca a que eu cato.  
 DIA. E trazeis vós muito fato ?  
 BRI. O que me convem levar.  
 DIA. Qu'he o que haveis d'embarcar ?  
 BRI. Seiscentos virgos postiços,  
 E tres arcas de feitiços,  
 Que não podem mais levar.  
 Tres almarios de mentir,  
 E cinco cofres d'enleios,  
 E alguns furtos alheios,  
 Assi em joias d'vestir,  
 Guarda-roupa d'encobrir :  
 Emfim casa movediça,  
 Hum estrado de cortica,  
 Com dez cochins d'embair.

A mor cárrega que he,  
 Essas moças que vendia ;  
 D'aquesta mercadoria  
 Trago eu muita á bofé.

DIA. Ora ponde aqui o pé.  
 BRI. Hui ! eu vou par'o Paraizo.  
 DIA. E quem te disse a ti isso ?

BRI. Lá hei d'ir d'esta maré.  
 Eu sou húa mártel tal,  
 Açoutes tenho eu levados,  
 E tormentos supportados,  
 Que ninguem me foi igual.  
 S'eu fosse ao fogo infernal,  
 Lá iria todo o mundo.  
 A est'outra barca ca em fundo  
 Me vou, que he mais real.

(Chegando á Barca da Glória, diz ao Anjo.)

Barqueiro, mano, meus olhos,  
 Prancha a Brizida Vaz.

ANJ. Eu não sei quem te ca traz.  
 BRI. Peço-vo-lo de giolhos.  
 Cuidais que trago piolhos,  
 Anjo de Deos, minha rosa ?  
 Eu sou Brizida a preciosa,  
 Que dava as moças ós mólhos ;  
 A que criava as meninas  
 Pera os conejos da Sé.  
 Passae-me por vossa fé,  
 Meu amor, minhas boninas,  
 Olhos de perlinhas finas :  
 Que eu sou apostolada,  
 Angelada, e martelada,  
 E fiz obras mui divinas.  
 Sancta Ursula não converteo  
 Tantas cachopas, como eu ;  
 Todas salvas polo meu,  
 Que nenhúa se perdeo :  
 E prouve áquelle do ceo,  
 Que todas achárão dono.  
 Cuidais que dormia eu somno ?  
 Nem ponta ; e não se perdeo.

ANJO.

BRI. Ora vae lá embarcar,  
 Não m'estês importunando.  
 Pois estou-vos allegando  
 O porque m'haveis de levar.  
 ANJ. Não cures d'importunar,  
 Que não podes ir aqui.  
 BRI. E que ma ora eu servi,  
 Pois não m'ha d'aproveitar !  
 Hou barqueiro da ma ora,  
 Ponde a prancha, que eis me vou ;

- E tal fada me fadou,  
Que pareço mal ca fóra.  
DIA. Ora entrae, minha senhora,  
E sereis bem recebida.  
Se vistes sancta vida,  
Vós o sentireis agora.

*Vem hum Judeu com hum bode ás costas, e diz ao Diabo :*

JUDEU.

- Que vai lá, hou marinheiro ?  
DIA. Oh que ma ora vieste !  
JUD. Cuja he esta barca que preste ?  
DIA. Esta barca he do barqueiro.  
JUD. Passae-me por meu dinheiro.  
DIA. E esse bode ha ca de vir ?  
JUD. O bode tambem ha d'ir.  
DIA. Oh que honrado passageiro !

JUDEU.

- Sem bode, como irei lá ?  
DIA. Pois eu não passo ca cabrões.  
JUD. Eis aqui quatro tostões,  
E mais se vos pagará :  
Por vida de Sema Fará,  
Que me passeis o cabrão.  
Quereis mais outro tostão ?  
DIA. Nem tu não has de vir ca.

JUDEU.

- Porque não irá o Judeu  
Onde vai Brizida Vaz ?  
Ao Senhor Meirinho apraz ? (ao Fidalgo.)  
Senhor Meirinho, irei eu ?  
DIA. E ao fidalgo quem lhe deu  
O mando deste batel ?  
JUD. Corregedor, coronel,  
Castigae este sandeu.  
Azará, pedra meuda,  
Lodo, chanto, fogo, lenha,  
Caganeira que te venha,  
Ma currença que t'acuda.  
Por el Deu que te sacuda  
Com a beca nos focinhos,  
Fazes burla dos meirinhos &  
Dize, filho da cornuda.

## PARVO.

- Furtaste a chiba, cabrão ?  
 Pareceis-me vós a mim  
 Carrapato d'Alcoutim,  
 Enxertado em camarão.  
 DIA. Judeu, lá te levarão,  
 Porque hão d'ir descarregados.  
 PAR. E s'elle mijou nos finados  
 No adro de San Gião !  
 E comia a carne da panella  
 No dia de nosso Senhor ;  
 E mais elle, salvantor,  
 Cada vez mijá náquella.  
 DIA. Ora sus, démos á vela.  
 Vós Judeu, ireis á toa,  
 Que sois mui ruim pessoa.  
 Levae o cabrão na trella.

*Vem hum Corregedor, e diz, chegando á Barca do Inferno :*

## CORREGEDOR.

- Hou da barca !  
 Que quereis ?  
 COR. Está aqui o Senhor Juiz.  
 DIA. O' amador de perdist,  
 Quantos feitos que trazeis !  
 COR. No meu ar conhecereis  
 Qu'elles não vem de meu geito.  
 DIA. Como vai lá o direito ?  
 COR. Nestes feitos o vereis.

## DIABO.

- Ora pois, entrae, veremos  
 Que diz hi nesse papel.  
 COR. E onde vai o batel ?  
 DIA. No Inferno vos poremos.  
 COR. Como ! á terra dos Demos  
 Ha de ir hum Corregedor ?  
 DIA. Sancto descorregedor,  
 Embarcae, e remaremos.  
 Ora entrae, pois que viestes.  
 COR. *Non est de regula juris, não.*  
 DIA. *Ita, ita,* dae ca a mão,  
 Remareis hum remo destes.  
 Fazei conta que nascestes  
 Pera nosso companheiro.  
 Que fazes tu, barzoneiro ?  
 Faze-lhe essa prancha prestes.

## CORREGEDOR.

- Oh renego da viagem,  
E de quem m'ha de levar !  
Ha aqui meirinho do mar ?
- DIA. Não ha ca tal costumagem.
- COR. Não entendo esta barcagem,  
Nem *hoc non potest esse*.
- DIA. Se ora vos parecesse  
Que não sei mais que linguagem.  
Entrae, entrae, Corregedor.
- COR. Hou, *videtis qui petatis ?*  
*Super jure majestatis*  
Tem vosso mando vigor ?
- DIA. Quando ereis ouvidor,  
*Nonne accipistis rapina ?*  
Pois ireis pela bolina  
Onde nossa mercê for.  
Oh que isca esse papel,  
Pera hum fogo qu'eu sei !
- COR. *Domine, memento mèi !*
- DIA. *Non est tempus*, bacharel ;  
*Imbarquemini in batel,*  
*Quia judicastis malitia.*
- COR. *Semper ego in justitia*  
*Feci*, e bem por nível.

## DIABO.

- E as peitas dos Judeus,  
Que vossa mulher levava ?
- COR. Isso eu não no tomava,  
Erão lá percalços seus :  
*Non sunt peccatus meus,*  
*Peccavit uxor mea.*
- DIA. *Et vobis quoque cum ea ;*  
*Nemo timuistis Deus.*  
A largo modo *acquiristis*  
*Sanguinis laboratorum,*  
*Ignorantes peccatorum,*  
*Ut quid eos non audistis.*
- COR. Vós, arrais, *nonne legistis*  
Que o dar quebra os penedos ?  
Os direitos estão quedos,  
*Si aliquid tradidistis.*

## DIABO.

- Ora entrae nos negros fados,  
Ireis ao lago dos cães,

- E vereis os escrivães  
Como estão tão prosperados.  
COR. E na terra dos damnados  
Estão os Evangelistas ?  
DIA. Os mestres das burlas vistas  
Lá estão bem fragoados.

*Vem hum Procurador, e diz o Corregedor,  
quando o ve :*

CORREGEDOR.

- O' Senhor Procurador !  
PRO. Bejo-vo-las mãos, Juiz.  
Que diz esse arrais ? que diz ?  
DIA. Que sereis bom remador.  
Entrae, bacharel doutor,  
E ireis dando á bomba.  
PRO. E este barqueiro zomba ?  
Jogatais de zombador ?  
Essa gente que hi 'stá,  
Pera onde a levais ?  
DIA. Pera as penas infernaes.  
PRO. Dixe, não vou pera lá ;  
Outro navio está ca,  
Muito melhor assombrado.  
DIA. Ora estais bem aviado :  
Entrae muitieramá.

CORREGEDOR.

- Confessastes-vos, doutor ?  
PRO. Bacharel sou. Dou-me ó demo !  
Não cuidei que era extremo,  
Nem de morte minha dor.  
E vós, Senhor Corregedor ?  
COR. Eu mui bem me confessei ;  
Mas tudo quanto roubei  
• Encubri ao confessor.  
Porque, se o não tornais,  
Não vos querem absolver ;  
E he mui mao de volver,  
Depois que o apanhais.  
DIA. Pois porque não embarcais ?  
COR. *Quia esperamus in Deo.*  
DIA. *Imbarquemini in barco meo ;*  
Para que speratis mais ?

( Vão-se á barca da Gloria.

## CORREGEDOR.

- Hou arrais dos gloriosos,  
Passae-nos nesse batel.
- ANJ. Oh pragas pera papel,  
Pera as almas odiosos !  
Como vindes preciosos  
Sendo filhos da sciencia !
- COR. Oh ! *habeatis* clemencia,  
E passae-nos como vossos.

## PARVO.

- Hou homens dos breviairos,  
*Rapinastis coelhorum,*  
*Et pernis perdigotorum,*  
E mijais nos campanairos.
- COR. Anjos, não sejais contrairos,  
Pois não temos outra ponte.
- PAR. *Beleguinis ubi sunte,*  
*Ego latinus macairos.*

## ANJO.

- A justiça divinal  
Vos manda vir carregados,  
Porque vades embarcados  
Nesse batel infernal.
- COR. Oh ! não praza a San Marçal  
Co'a ribeira nem c'o rio !  
Cuidão lá que he desvario  
Haver ca tamanho mal.  
Venha a negra prancha ca ;  
Vamos ver este segredo.
- PRO. Diz hum texto do Decreto ...
- DIA. Entrae, que ca se dirá.

(Entrão no batel dos damnados, e diz o Corregedor a Brizida Vaz : )

- COR. Esteis muito aramá,  
Senhora Brizida Vaz.
- BRI. Ja siquer estou em paz,  
Que não me deixaveis lá.  
Cada hora encoroçada,  
*Justiça que manda fazer.*
- COR. I-vos tornar a tecer,  
E urdir outra meada.
- BRI. Dizede, juiz d'alçada,  
Vem ja Pero de Lisboa ?  
Leva-lo-hemos á toa,  
E irá desta barcada.

*Vem hum Enforcado, e diz o*

DIABO.

Venhais embora, Enforcado.  
Que diz lá Garcia Moniz ?  
ENF. Eu vos direi que elle diz  
Que fui bem aventureado ;  
Que polos furtos que eu fiz,  
Sou sancto canonizado ;  
Pois morri dependurado,  
Como o tordo na buiz.

DIABO.

Entra ca, e remarás  
Até ás portas do Inferno.  
ENF. Não he essa a nao qu'eu governo.  
DIA. Entra, que inda caberas.  
ENF. Pezar de San Barrabaz !  
Se Garcia Moniz diz  
Que os que morrem como eu fiz,  
São livres de Satanaz !

E disse que a Deos prouvera  
Que fôra elle o enforcado,  
E que fosse Deos louvado,  
Que em bo' hora eu nascêra ;  
E que o Senhor m'escolhêra,  
E por meu bem vi beleguins :  
E com isto mil latins,  
Como s'eu latim soubera.

E no passo derradeiro,  
Me disse nos meus ouvidos,  
Que o logar dos escolhidos  
Era a forca e o Limoeiro :  
Nem guardião de mosteiro  
Não tinha mais sancta gente,  
Como Affonso Valente,  
O que agora he carcereiro.

DIABO.

Dava-te consolação  
Isso, ou algum esfôrço ?  
ENF. C'o baraço no pescoço  
Mui mal presta a prégação.  
Elle leva a devação,  
Que ha de tornar a jentar ;  
Mas quem ha de estar no ar,  
Aborrece-lhe o sermão.

## DIABO.

Entra, entra no batel,  
Que para o Inferno has de ir.  
ENF. E Moniz ha de mentir ?  
Dixe-me : — Con San Miguel  
Irás comer pão e mel,  
Como fores enforcado. —  
Ora ja passei meu fado,  
E ja feito he o burel.

Agora não sei que he isso :  
Não me fallou em ribeira,  
Nem barqueiro nem barqueira,  
Senão logo ao Paraizo.  
E isto muito em seu siso,  
E que era sancto meu baraço.  
Porém não sei que aqui faço,  
Ou s'era mentira isto.

## DIABO.

Fallou-te no purgatorio ?  
ENF. Diz que foi o Limoeiro ;  
E ora por elle o salteiro,  
E o pregão vitatorio ;  
E que era muito notorio  
Que aquelles deciprinados  
Erão horas dos finados,  
E missa de San Gregorio.

## DIABO.

Ora entra ; pois has d'entrar,  
Não esperes por meu pae.  
ENF. Entraremos, pois assi vai.  
DIA. Este foi bom d'embarcar.  
Eia, todos apear,  
Qu'está em sécco o batel.  
Vós, doutor, bota batel ;  
Fidalgo, saltae no mar.

*Vem quatro Fidalgos, cavalleiros da Ordem de Christo, que morrerão nas partes d'Africa, e vem cantando a quatro vozes a letra que se segue.*

“ A' barca, á barca segura,  
“ Guardar da barca perdida :  
“ A' barca, á barca da vida.  
“ Senhores, que trabalhais  
“ Pola vida transitoria,  
“ Memoria, por Deos, memoria

« Deste temeroso cais.  
 « A' barca, á barca, mortaes ;  
 « Porém na vida perdida  
 « Se perde a barca da vida. »

## DIABO.

Cavalleiros, vós passais,  
 E não me dizeis p'ra ond'is ?  
 1.º C. E vós, Satan, presumis ? ...  
 Attentae com quem fallais.  
 2.º C. E vós que nos demandais ?  
 Sequer conhecei-nos bem :  
 Morremos nas partes d'alem ;  
 E não queirais saber mais.

## ANJO.

O' cavalleiros de Deos,  
 A vós estou esperando ;  
 Que morrestes pelejando  
 Por Christo, Senhor dos ceos.  
 Sois livres de todo o mal,  
 Sanctos por certo sem falha ;  
 Que quem morre em tal batalha  
 Merece paz eternal.

*Aqui fenece a primeira scena.*

Auto da Barca do Purgatorio.

## F I G U R A S.

ANJO — Arrais do Ceo.  
DIABO — Arrais do Inferno.  
COMPANHEIRO do Diabo.  
LAVRADOR.  
MARTA GIL — Regateira.  
PASTOR.  
MOÇA Pastora.  
MENINO.  
TAFUL.  
TRES ANJOS.

---

*Esta segunda scena he attribuida á Embarcação  
do Purgatorio. Tracta-se per lavradores. Foi repre-  
sentada á muito devota e catholica Rainha D. Leonor  
no hospital de todolos Sanctos da cidade de Lisboa, nas  
matinas do Natal, era do Senhor de 1518.*

## AUTO DA BARCA DO PURGATORIO.

---

*Primeiramente entrão tres Anjos, cantando o romance seguinte, com seus remos.*

### R o m a n c e .

« Remando vāo remadores  
« Barca de grande alegria ;  
« O patrāo que a guiava,  
« Filho de Deos se dizia.  
« Anjos erāo os remeiros,  
« Que remavāo á porfia ;  
« Estandarte d'esperança,  
« Oh quāo bem que parecia !  
« O masto da fortaleza  
« Como cristal reluzia ;  
« A vela com fé cozida  
« Todo o mundo esclarecia ;  
« A ribeira mui serena,  
« Que nenhum vento bolia. »

*Entra o Arrais do Inferno, e diz :*

#### DIABO.

Ah sancto corpo de mi,  
Corpo de mi consagrado !  
Como está isto assi  
Sem ninguem estar aqui  
Neste meu porto dourado,  
Agora que está breado  
Dē novo o caravellāo,  
Espalmado, e apparelhado,  
E mais largo bō quinhāo,  
Que o passado ?

Quanto mais se chega a fim  
Do mundo, a todo o andar,  
Tanto a gente he mais ruim :  
E juro ó corpo de mim  
Que ja cango de remar.

Cumpre-me d'apparelhar  
 Hum valente barinel,  
 Ou hūa nao singular,  
 Em que possa mais levar  
 Que n'hum batel.

E não remar senão tal via,  
 E depois haver carraca ;  
 Que cobiça e simonia,  
 Inveja e tyrannia,  
 Nenhūa dellas afraca.  
 Ala, ala ! saca, saca !  
 A' terra, á terra, mortaes !  
 Cerrar o leme a esta banda,  
 E não curar d'outro cais ;  
 Porque a lei dos mundanaes  
 Isto manda.

## ANJO.

Quem quer ir ó Paraizo ?.  
 A' glória, á glória, senhores !  
 Oh que noite pera isso !  
 Quão prestes, quão improviso  
 Sois celestes moradores !  
 Aviae-vos, e partir ;  
 Que vossa vida he sonhar,  
 E a morte he despertar  
 Pera nunca mais dormir,  
 Nem acordar.

Este rio he mui escuro,  
 Não tendes vao nem maneira :  
 Entrae em barco seguro,  
 Havei conselho maduro,  
 Não entreis em ma bateira ;  
 Que na viagem primeira,  
 Quantos vistes embarcados  
 Todos forão alagados :  
 No mais fundo da ribeira  
 São penados.

Pois não se pôde escusar  
 A passada deste rio,  
 Nem a morte s'estorvar,  
 Qu'he outro braço de mar  
 Sem remedio nem desvio.  
 E o batel dos damnados,  
 Porque nasceo hoje Christo,  
 Está, c'os remos quebrados,  
 Em sécco. O' descuidados,  
 Cuidae nisto.

Agora que a madre pia,  
 Frol de toda a perfeição,  
 Está com tanta alegria ;  
 Pedi a sua Senhoria  
 Gloriosa embarcação,  
 Que sua he a barcagem.  
 Pedi-lhe como avogada,  
 Per lacrimosa linguagem,  
 Que nos procure viagem  
 Descansada.

Falla-lhe com alegria,  
 Canta-lhe como souberes,  
 Visita a Virgem Maria,  
 Nossa via, nossa guia,  
 Frol de todalas mulheres.  
 Quando aqui lhe appareceres,  
 Roga-lhe que t'appareça  
 Com piedosos poderes,  
 Porque a alma que tiveres  
 Não pereça.

## DIABO.

Quero ora metter á vela,  
 E deitar a prancha fóra,  
 E arrumar a caravella,  
 E deitar do junco nella,  
 Se vier qualquer senhora.  
 E que he isto na ma ora ?  
 E o batel está em sêcco !  
 Oh renego de Çamora !  
 O rio s'encaramelou !  
 Nunca tal m'aconteceo.  
 Hou bota, hou bota, hou !  
 Oh renego de San grou,  
 E de San pata do ceo !  
 Arrenego eu do dinheiro  
 Que ganho nesta viagem,  
 Arrenego da barcagem,  
 E do cornudo barqueiro.

*Vem hum Companheiro do Arrais do Inferno,  
 e diz :*

## COMPANHEIRO.

Parceiro, gurgurgarao.  
 Dia. Porque ?  
 Com. Porque he assi.  
 Dia. Ora bota, hou bota, hao.  
 Com. Eu so botára húa nao

Com este dedo sem ti :  
 Mas sabe que este serão  
 He para nós grande praga,  
 E trabalhamos em vão,  
 Porque a promessa d'Abrahão  
 Hoje he a paga.

*Vem hum Lavrador com seu arado ás costas, e diz :*

**LAVRADOR.**

Que he isto ? ca chega o mar ?  
 Ora he forte cagião.

**DIA.** Alto, sus, quereis passar ?  
 Ponde hi o chapeirão,  
 E ajudareis a botar.

**LAV.** Da morte venho eu cansado,  
 E cheio de refregereo,  
 E não posso, mal peccado.

**DIA.** Põe eramá hi o arado.

**LAV.** Perem esse he gran mestereo.  
 S'eu trouguera mais vagar

Sorrira-me eu tamalavez.

**DIA.** E vós villão, quereis zombar ?  
 Se vos eu arrebatar ?

**LAV.** Dou-t'eu muito de mao mez.  
 Com'eu a morte passei,  
 Logo o medo ficou finto.  
 Enha cedula amanhei,  
 E meus negocios deixei  
 Como homem de bô retinto.

Nem fico a dever duas favas,  
 Nem hum preto por pagar.

**DIA.** E os marcos que mudavas,  
 Dize, porque os não tornavas  
 Outra vez a seu logar ?

**LAV.** E quem tirava do meu  
 Os meus marcos quantos são,  
 E os chantava no seu,  
 Dize, pulga de Judeu,  
 Que lhe dizias tu er então ?

**DIABO.**

Foste o mais ruim villão ! ...

**LAV.** Bofá, salvonor salvado,  
 Vós mentis coma cabrão.  
 Quer me queirais mal, quer não,

Não dou por isso hum cornado.

DIA. Pois porque vens carregado ?

LAV. Porque seja conhecido  
Por lavrador muito honrado.

E tenho a glória merecido ;  
Que sempre fui perseguido,

E vivi mui trabalhado.

Ha hi, pezar não de São,  
Afficio mais fortunado ?

DIA. Pois para que he o villão ?

LAV. Todos nós vimos d'Adão.

DIA. Pousa, pousa ahi o arado.

LAV. Juro a San Junco sagrado  
Que te chante hum par de quédas.

DIA. Aqui has d'ir embarcado.

LAV. Vae beijar o meu bragado  
Antre as sedas.

DIABO.

Que villão tão descortez !

LAV. E vós sois mui deneguil !  
Dou eu ja ora ó Decho o freguez.

DIA. Dom villão, comigo irêns  
Onde estão de vós dez mil.

LAV. E vós Dom rosto de funil,  
Cuidareis que sois alguém ?

ANJ. Vinde ca, homem de bem ;  
Pera onde quereis ir ?

LAV. Queria passar alem,  
Pera a glória do Senhor.

Samicas de lá serêns ?

ANJ. E vens tu merecedor ?

LAV. E que fez lá o lavrador,  
Pera andar ca ó través ?

ANJ. Pôde ser mui austinado,  
E não querer-se arrepender.

LAV. Bofá, Senhor, mal peccado,  
Sempre he morto quem do arado  
Ha de viver.

Nós somos vida das gentes,

E morte de nossas vidas ;

A tyrannos — pacientes,

Que a unhas e a dentes

Nos tem as almas roïdas.

Pera que he parouvelar ?

Que queira ser peccador

O lavrador ;

Não tem tempo nem logar

Nem somente d'alimpar  
 As gotas do seu suor.  
 Na igreja bradão com elle,  
 Porqu'assoviou a hum cão ;  
 E logo excommunhão na pelle.  
 O fidalgo maçar nelle,  
 Atá o mais triste rascão.  
 Se não levão torta a mão,  
 Não lhe achão nenhum direito.  
 Muito atribulados são !  
 Cada hum pella o villão  
 Por seu geito.

Trago a proposito isto,  
 Porque veio a bem de falla.  
 Manifesto está e visto  
 Que o bento Jesu Christo  
 Deve ser homem de gala.  
 E he rezão que nos valha  
 Neste serão glorioso,  
 Qu'he gran refúgio sem falha.  
 Isto me faz forçoso,  
 E não estou temeroso  
 Nem migalha.

## ANJO.

Que bens fizeste na vida,  
 Que te sejão ca guiantes ?

LAV. Ia ao bodo da ermida  
 Cada sancta Margarida,  
 E dava esmola aos andantes ;  
 Benzia-me pela manhan,  
 Levava o credo até o cabo.

DIA. Depois tomavas a lan  
 Da melhor e a mais san,  
 E davas ao dizimo a do rabo,  
 Temporan.

E o mais fraco cabrito,  
 E o frangão offegoso,  
 Com repetenado esp'rito.

LAV. Oh fideputa maldito,  
 Triste avezimão tinhoso,  
 Lano peccador errado !  
 Não — vai — não me dezimei ?  
 Dize sabujo pellado.

DIA. Tornaste tu o mal levado ?

LAV. Si, tornei.

E de tudo fiz a questa,  
 Como homem diz, avantairo :

Leixei ó cura a enha bêsta.  
 Abonda que nem aresta  
 Tera comigo o cossairo.  
 Hum annal e hum trintairo,  
 Com raponhos, ladainhas :  
 A Gil fiz todo repairo  
 Com missas d'anniversairo  
 Trinta dias.

Perol que dizeis vós lá ?

Sejo eu como deve ser,  
 Ou que modo se tera ?

ANJ. He mui caro d'haver ca  
 Aquelle eternal prazer.

LAV. Ja o eu lá ouvi dizer.  
 Perol o evangelho diz,  
 Quem for bautizado e crer  
*Salvus es* : ora dizer,  
 Sêde juiz.

Pois *quia infernus es*,  
*Nulla redencia* ha hi ;  
 Vêde vós o que dizés,  
 Qu'a mim ja me pruem os pés,  
 Pera me passar d'aqui.

ANJ. Digo que andes assi  
 Purgando nessa ribeira,  
 Até que o Senhor Deos queira  
 Que te levem pera si  
 Nesta bateira.

#### LAVRADOR.

Bofá, logo quizera eu,  
 Que m'atormenta este arado ;  
 E dera muito do meu,  
 Pois que ja hei de ser seu,  
 Tirar-me deste cuidado.  
 O' mundo, mundo enganado,  
 Vida de tão poucos dias,  
 Tão breve tempo passado,  
 Tu me trouveste enganado,  
 E me mentias !

#### DIABO.

Inda esta barca não nada ?  
 Que festa esta pera mi !  
 Nunca tal balcarriada.  
 Nem maré tão desastrada  
 Nesta ribeira não vi.

*Vem húa regateira, per nome Marta Gil, e diz :*

MARTA GIL.

Hui ! que ribeiros são estes ?

DIA. Venhais embora, Marta Gil.

MAR. E donde me conhecestes ?

DIA. Folgo eu bem porque viestes  
Oufana e dando ó quadril.

MAR. Vêdes outro perrexil !

E marinheiro sois vós ?  
Ora assim me salve Deos  
E me livre do Brazil,  
Que estais sutil.

Emque eu seja lavradora,  
Bem vos hei de responder.

DIA. Não vos agasteis vós ora,  
Que, ou lavradora ou pastora,  
Aqui vos hei de metter.

AR. Hui mana ! e quem no deu ?  
Ide beber,

Que bem vos conheço eu.

DIA. Eu tambem vos sei nascer,  
E vi fateixas fazer ;  
Que o que trazeis he meu,  
E ha de ser.

MARTA GIL.

E que cousas são fateixas ?

Fateixado te veja eu.

DIA. Os feitos que feitos leixas,  
E o povo cheio de queixas.

MAR. Cal'-te, almareo de Judeu.

DIA. Não sabes tu que viveste  
Lavradora e regateira ?

MAR. Ora comêde-la, que vos preste.  
Hui ! e que gaio he ora este  
De ribeira ?

Sabedes vós, João Corujo,

Todos fazem seu proveito.

Olhade o frei Caramujo,

Bargante que não tem cujo !

Cant'a agora he o feito feito.

Não sabes tu que o respeito

Do mundo he em ganhar ?

E sôbre isso he seu proveito,

Ou a torto ou a direito

Apanhar.

Fui em tempo de cobiça ;  
 Cada tempo sua usança :  
 S'eu morrêra de preguiça,  
 Tiveras muita justiça,  
 E eu pequena esperança.  
 Vendia minha lavrança,  
 Hum ovo por dous reaes,  
 Hum cabrito, se s'alcança,  
 Té quatro vintens, nó mais :  
 Tendes vós isto em lembrança ?

Hum frangão por hum vintem,  
 E húa gallinha sessenta ;  
 E acerta-se tambem  
 Que ás vezes vem alguem,

**DIA.** Que as leva por setenta,  
 E pera que era agua no leite,  
 Que deitavas ieramá ?

**MAR.** Mais azeite :  
 Ind'hoje o elle dirá !  
 Vistes ora o diabrete !

O' diabo, visses tu,  
 Bofé asinha o eu direi.  
 Como he palreiro, Jesu !  
 Fôra este cucurucu  
 Bom secretario d'elRei.  
 Amanhade-lhe o atafal ;  
 Nadar patas, patarrinhas ;  
 Corregêde-lhe o enxoaval ;  
 Onças de raiva mortal,  
 Nas badarrinhas.

#### DIABO.

Valha-te a ti, Marta amiga,  
 Qu'estamos enfeitiçados.

**MAR.** Embarcade lá esta figa.

**DIA.** Passará esta fadiga,  
 Seremos desembargados.

**MAR.** Anjos bem-aventurados,  
 Metterei o canistrel,  
 Que trago os testos britados ?  
 Carregão estes peccados,  
 Que fazem lançar o fel  
 A bocados.

#### ANJO.

E pera qu'erão elles ca ?

**MAR.** Pera o Demo ; e que sei eu ?

**ANJ.** Ora pois, embarca lá.

MAR. Melhor creio eu que sera.  
 Jesu ! Jesu ! benzo-me eu.  
 O' bento Bartholameu,  
 E vós Virgem do rosairo,  
 Polo filho que Deus vos deu  
 Esta noute vosso e seu,  
 Haja repario.

Bem sabedes vós, Senhora,  
 Que venho eu manifestada,  
 E fui vossa lavradora ;  
 Emque pecasse algum'ora,  
 Venha a piedosa alçada.  
 Esta he a noute que paristes :  
 Benta a hora em que nascestes ;  
 Esqueção meus males tristes,  
 Polo menino que vestistes,  
 E envolvestes.

Anjos, ajudade-me ora,  
 Que vos veja eu bem casados :  
 Não me deixedes de fóra  
 Por aquella sancta hora  
 Em que todos fostes creados.

ANJ. Não he tempo ca d'orar,  
 Cant'á para merecer.

MAR. Manos, eu quero provar  
 Qu'em todo tempo ha logar  
 O que Deos quer.

Este serão glorioso  
 Não he de justiça, não ;  
 Mas todo mui piedoso,  
 Em que nasceo o esposo  
 Da humanal geraçao :  
 E a barca de Satão  
 Não passa hoje ninguem ;  
 E per fôrça hei d'ir alem,  
 Sô pena d'excommunhão,  
 Que posta tem.

## ANJO.

Grande cousa he oracão :  
 Purga ao longo da ribeira,  
 Segura de damnaçao,  
 Teras angústia e paixão,  
 E tormento em gran maneira.  
 Isto até que o Senhor queira  
 Que te passemos o rio ;  
 Sera tua dor lastimeira,

Como ardendo em gran bazio  
De fogueira.

MARTA GIL.

Oh esperança, esperança,  
A mais certa pena minha  
Com toda esta segurança !  
Tu es a mesma tardança  
Em figura de mézinha.  
Oh quem tal arrepender,  
Tal maneira de penar,  
Lá soubesse no viver !  
Oh quem tornasse a nascer,  
Por não peccar !

*Vem hum Pastor, e diz, olhando pera a barca do imigo :*

PASTOR.

Isto he cançêllo, ou picota,  
Ou senefica algorrem ?  
Não lhe marra ella aqui gota  
De ser isto terremota  
Pera enforcar alguem.

DIA. Queres embarcar, pastor ?

PAS. Praz.

DIA. Entra neste batel.

PAS. Irra ! pulha he isso, salvanor.  
S'eu não fôra pulhador,  
J'ella passava o burel.

Digo, senhor pesadelo,  
( Vós sabereis isto bem )  
Estando em val de Cobello,  
Deu-me dor de cotovello,  
Emperol morri perem.  
E fui-me per esse chão  
A Deos douche alma dizer,  
Com meu cacheiro na mão,  
Sem soes motrete de pão,  
Nem fome pera o comer,  
Se vem á mão.

E vinha ora bem descuidado  
De topar mar nem marinha.  
Avonda, espantalho honrado,  
Ao morrer deixei o gado,  
E o amo e quanto tinha.  
Senão anda que te vas,  
Enha mãe nega gritar,  
E chorar que chorarás.

Agora quero passar ;  
Perem não me levarás.

DIABO.

Porque ?

PAS. Sois busaranha,  
E mais féde-vo-lo bafo,  
E jogatais de gadanha,  
E tendes modão d'aranha,  
E samicas sereis gafo.

DIA. Gafo eu ?

PAS. A bem ;  
Não hei d'ir per acajuso,  
Emque me custe algorrem,  
Chinfrão, ou meio vintem,  
Ir direito como o fuso  
Pera alem.

DIABO.

Dize, rústico perdido,  
Fizeste tu por saber  
O *Pater noster* comprido ?

PAS. E pera que era elle sabido ?

DIA. Porque o havias de dizer.

PAS. A quem ?

DIA. A quem te creou.

PAS. Al tem elle que comer.

DIA. Não fizeste o que mandou.

PAS. Callae-vos, Senhor Jão Grou ;  
Ja sei quem m'ha de levar,  
Sei quem sou.

Esta noite he dos pastores,  
E tu, Decho, estás em sêcco ;  
E salvão-se os peccadores  
Criados de lavradores,  
E tu estás coma peco.

DIA. Digo-te, pastor amigo,  
Que foste gran peccador.

PAS. Senhor tartarugo, digo  
Que mentis como bestigo,  
Salvanor.

Falla em tua merencória,  
E não falles em passar,  
E conta lá outra história ;  
Porque em festa de tal glória,  
Não has ninguem de levar.  
Ronca, qués tu pôr começo  
Algorrem pera beber,

Que vens de casta de pégo,  
E neto d'algum morcego ?  
Pardicas não pôde al ser.

## DIABO.

- Não estou em meu poder,  
Pera me vingar de ti.
- PAS. Não podes nada fazer  
Na noite que quiz nascer  
Christo filho de Davi.
- DIA. Quem te poz no coração  
Fallares cousa tão boa ?  
Que tu não tens descrição.
- PAS. É quem te deu a ti lição  
De ser tão ruim pessoa ?

## ANJO.

- PAS. Pastor, tu queres passar ?  
Este he melhor artezão.
- ANJ. Folgarei de te levar,  
Se te ajuda o bem obrar,  
Que as obras remos são.
- PAS. Enha mãe m'o bradará,  
Que fica no sahimento,  
E o responso do mamento ;  
E tudo Sa Gil fara  
Com bom tento.

## ANJO.

- PAS. Morreste tu bom christão ?  
Que sei eu que vós dizeis ?
- ANJ. Dize ora o *kirieleison*,  
*Kirieleison, Christeleison*.
- PAS. O *Pater noster* quereis ?  
Ja eu soube hum quinhão delle.  
No *santo faceto* andei ja,  
E nunca me dei por elle ;  
E a *Ave Maria* a par delle  
Soube eu lá ja tempos ha.
- E fui assi por ella andando  
Nos *intes vitus* cajuso ;  
Alli andava eu sandejando,  
E suacendo e cansando :  
Então dei á treva o uso.  
Assaz avonda ao pastor  
Crer em Deos, e não furtar,  
E fazer bem seu lavor,

E dar graças ao Senhor,  
E fugir de não peccar.  
E crer na Igreja assi junta  
Com paredes e telhados,  
Aliceres e furados ;  
E não curar de pergunta,  
E dar ó Demo os peccados.  
Eu nunca matei, nem furtei,  
Nega uvas algum'ora ;  
Nem nunca mexeriquei,  
Como lá se usa agora.

DIABO.

Vae, vae cantar a gamella :  
Não andavas tu namorado  
Perdido por Madanella ?  
PAS. E pois que lhe fiz a ella,  
Para dizer que he peccado ?  
Húa vez armei-lhe o pe  
Na chacota em Villarinho,  
E ainda pola abofé  
Constança Annes, que viva he,  
Me metteo naquelle alinho.

DIABO.

Não na foste tu sperar,  
Pera a damnares, villão,  
E começoou de bradar  
Que a querias forçar ?  
PAS. O' fideputa cabrão !  
Quizera eu e ella não,  
Porque a trédora fugio :  
E s'isto assi foi, ladrão,  
Que peccado se seguió,  
Pois não houve concrusão ?

Juro ao corpo verdadeiro  
Que tu te podes gabar  
Que casado nem solteiro,  
Não anda tão vil barqueiro  
Sôbolas aguas do mar.  
Soma, Anjo, eu m'enfestei :  
Abrenuncio Satanaz !

ANJ. Faze o que t'eu direi,  
E depois embarcarás,  
E eu mesmo te passarei.  
Purga ao longo do rio  
Em gran fogo, merecendo.

PAS. E quando parte o navio ?  
 Senhor, se eu não tenho frio,  
 Pera que hei d'estar ardendo ?

*Vem h̄a Pastora menina, e temendo a visão do inimigo que lhe appareceo na morte, diz :*

Moça.

Jesu ! Jesu ! que h̄e ora isto ?  
 Ave Maria ! Ave Maria !  
 Qu'he do meu cão qu'eu trazia ?  
 Oh ! chagas de Jesu Christo  
 Vão em minha companhia !  
 Eu sonho ! — triste de mim !  
 Oh coitada, como tremo !  
 Minha mãe, valei-me aqui,  
 Que quando de vós parti,  
 Não cuidei d'achar o Demo.

Mais angústia he o temor  
 Do imigo, que da morte :  
 Tomo a Deos por valedor,  
 Pois me cortas, e dás dor,  
 Ma mazela que te córte.

DIA. Muchacha, venhas embora.  
 MOC. Mas na negra, pois te vejo.  
 Oh ! desapparece-me ora,  
 Que falleci ind'agora  
 Em mui perigoso ensejo.

Porque era moça e cuidei  
 Que da velhice gouvira,  
 E com tal dor acabei,  
 Que de mi parte não sei,  
 Nem tenho ponta de sira.  
 Não sei quem m'ha d'ajudar,  
 Não sei quem m'ha de valer,  
 Não sei quem m'ha de passar,  
 Não sei se m'hão de matar  
 Outra vez, ou que ha de ser.

Tir'-te diante de mi,  
 Verei os anjos de Deos.

DIA. Entrae vós, filhinha, aqui.  
 MOC. Oh ! cal'-te : — triste de mi !

DIA. Eu vos levarei aos ceos ;  
 Entrae, minha Polixena ;  
 Não temais nada, Senhora.

MOC. Arre lá ! uxte, morena !

DIA. O' minha Rainha Helena,  
 Entrae, e vamo-nos ora.

## MoçA.

Cal'-te, cal'-te na ma ora !  
 Cuidas que m'has d'enganar,  
 Porque assi me ves pastora ?  
**DIA.** Entrae, minha matadora,  
 Pois que Deos vos quiz matar.  
**Moç.** Não vêdes vós o quebranto,  
 Que se quer pôr em feição !  
**DIA.** Olhae, flores, não m'espanto  
 Que me digais sete tanto :  
 Padeça meu coração,  
 O porvir e o presente.  
 Senhora, por concrusão,  
 Não qnero de vós somente,  
 Senão dardes-me essa mão,  
 Se disso fordes contente :  
 E se m'eu gabar de vós,  
 Ma pezar veja eu de mi.  
 E iremos ambos sos  
 Onde estão vossos avós.  
 Ora entrae, ireis aqui.

## MoçA.

Jesu ! Jesu ! raiva na casta !  
 Commendo ó Decho a amargura !  
 Mãe de Deos ! como m'agasta !  
 Ma rabugem na tarasca,  
 Espezinhada, triste, escura !  
**ANJ.** Leix'ó, pastora ; vem ca.  
**DIA.** Como estou hoje mofino,  
 E sem dita ieramá !  
 Mas algum dia virá  
 Qu'eu estarei mais fino.

## MoçA.

O' anjos, minha alegria,  
 Vista de consolação !  
 Por virtude e cortezia,  
 Ensinae-me por que via  
 Passarei á salvação.  
**ANJ.** Conhecias tu a Deos ?  
**Moç.** Muito bem, era redondo.  
**ANJ.** Esse era o mesmo dos ceos.  
**Moç.** Mais alvinho qu'estes veos,  
 O vi eu vezes avondo.  
 Como o sino começava,  
 Logo deitava a correr.

- ANJ. Que lhe dizias ?  
 Moç. Folgava,  
       E toda me gloriava  
       Em ouvir missa e o ver.  
 ANJ. Pastora, bom era isso.  
 DIA. Era a mor mexeriqueira  
       Golosa, que d'improviso,  
       Se não andavão sôbre aviso,  
       Lá ia a cepa e a cepeira.  
       E mais quereis que vos diga ?  
       He refalsada e mentirosa.  
 Moç. Era ainda rapariga.  
 DIA. Se tu foras minha amiga,  
       Eu me calára, tinhosa.

- Moç.  
       O' anjos, levae-me ja,-  
       Tirae-me deste ladrão.  
 ANJ. Não podes ainda ir lá.  
 Moç. Tão moça, hei de ficar ca ?  
       Não parece isso rezão.  
 ANJ. Vae ao longo desse mar,  
       Que he praia purgatoria ;  
       E quando Deos o ordenar,  
       Nós te viremos passar  
       Da pena á eterna glória.

*Vem hum Menino de tenra edade, e diz :*

- MENINO.  
       Mãe, e o coco está alli !  
       Quereis vós star quêdo, quelle ?  
 DIA. Passa, passa tu per hi.  
 MEN. E vós quereis dar em mi ?  
       O' demo que o trouxe elle !  
 DIA. Bé, mé. Filho da puta,  
       Vós estais muito garrido !  
       Tirar-vos-hão, Dom perdido,  
       Dos olhos a marmeluta.

- MENINO.  
       Eu vos tomarei a vós  
       A' porta de minha tia ;  
       Entonces veremos nós  
       Os cães de vossos avós,  
       Qu'estavão na mancebia.  
 DIA. Bé.  
 MEN.       Mãe, s'elle quer-me comer !

E meu pae não vos dara ?

DIA. Bé.

MEN. Dona, se lh'o eu disser . . .

E ella matar-vos-ha :

Então ireis a morrer.

DIABO.

Bé.

MEN. Aquelle s'eu chamar  
O nosso Joanne ! . . .

DIA. Bé.

MEN. Não queres senão berrar ?

DIA. Onde has d'ir, ou pera que ?

MEN. Fica minha mãe chorando,  
So porque m'eu vim de lá.

ANJ. Mas fica desvariando,  
Que tu es do nosso bando,  
E pera sempre sera.

Fez-te Deos secretamente  
A mais profunda mercê  
Em idade de innocent :  
Eu não sei se sabe a gente  
A causa porqu'isto he.

*Cantando, mettem os Anjos o Menino no batel, e entra hum Taful, e diç o Diabo :*

DIABO.

O' meu sócio, ó meu amigo,  
Meu bem e meu cabedal !  
Vós, irmão, ireis comigo,  
Que não temeste o perigo  
Da viagem infernal.

TAF. Eis aqui flux d'hum metal,

DIA. Pois sabe que eu te ganhei.

TAF. Mostra se tens jôgo tal.

DIA. Tu perdes o enxoaval.

TAF. Não he isto flux com rei.

DIABO.

Baralha o jôgo e partamos.

TAF. Paga, qu'eu não jôgo em vão.

DIA. Lá no frete descontâmos ;  
Quer ganhemos, quer percamos,  
Tudo nos fica na mão.

TAF. Muito me gasto eu aqui,  
Que tu tens mui mao sembrante ;  
E pareces-me emfim

Por da ré muito ruim,  
E malino por d'avante.

DIABO.

Mas tornemos a jogar,  
Porque tenho saudade  
De te ouvir arrenegar,  
E descrever e brasfemar  
Do misterio da Trindade.

TAF. Aramá, como tu fallas  
Tão senhor d'esta alma minha !

DIA. Não sei como agora calas,  
Renegando a soltas alas  
De Deos e da ladainha.

Este dia e as oitavas,  
Por paços, salas e cantos,  
Oh quanta glória me davas,  
Quando á hostia blasfemavas,  
E deshonravas os Sanctos !

TAF. Cant'eu sempre ouvi dizer,  
Quem bem renega, bem cre :  
Isto vos faço eu saber ;  
E quando isto não valer,  
Entraremos por mercê.

( Vai-se á Barca do Paraizo, e diz : )

Havera ca piedade  
D'hum homem tão carregado ?

ANJ. Mas a infinda cruidade  
Com que offendeste a magestade,  
Renegando seu estado ?

TAF. Vêde que estava occupado  
Na gran perda que perdia.

ANJ. E Deos que culpa t'havia,  
Taful mal-aventurado,  
Sem valia ?

Renegar tão feramente  
Da Imperatriz dos Ceos !  
O' pranta de ma semente,  
Arderás no fogo ardente,  
Com toda a ira de Deos.

TAF. Ma nova he essa pera mi.  
Se assi for como dizes,  
Digo qu'era ca vim.  
Porém esperae-me assi,  
Fallarei tamalaves.

Deos não quiz hoje nascer  
Por remir os peccadores ?

- ANJ. E pois que queres dizer ?  
Que so c'o seu padecer  
Se salvão renegadores ?
- TAF. A perneta me forçou,  
Que era senhora de mi.
- DIA. Mente, qu'elle s'incrino :  
Nunca estrella renegou,  
Nem tal ha hi.  
Sempre jogava o fidalgo,  
Bispo, escudeiro, ou que he.
- COM. Mestiço de cão e galgo.
- ANJ. Tomae-o, dae-lhe de pé.
- DIA. Nossa he.
- TAF. Estae, imigos ! — Senhores,  
Deste sancto nascimento  
Não terei alguns favores ?
- ANJ. Tafues e renegadores  
Não tem nenhum salvamento.

*Sahem os Diabos do batel, e, com húa cantiga muito desacordada, levão o Taful; e os Anjos cantando levão o Menino, e fenece esta segunda scena.*

Auto da Historia de Deos.

## F I G U R A S.

### *PROLOGO.*

#### *ANJO.*

---

LUCIFER — Maioral do Inferno.	MORTE.
BELIAL — Meirinho da sua corte.	ABEL.
SATANAZ — Fidalgo do seu Conselho.	JOB.
ANJO.	ABRAHÃO.
MUNDO.	MOISES.
TEMPO — Seu Veador.	DAVID.
EVA.	ISAIAS.
ADÃO.	BELZEBU.
	S. JOÃO.
	JESU CHRISTO.

---

*O auto que se segue he intitulado Breve Summario da historia de Deos. Foi representado ao muito alto e mui poderoso Rei Dom João, o terceiro deste nome em Portugal, e á Serenissima e muito esclarecida Rainha Dona Catherina, em Almeirim, na era do Senhor de 1527.*

## AUTO DA HISTORIA DE DEOS.

---

*Entra hum Anjo, e a modo de argumento diz o seguinte introito.*

### ANJO.

Ainda que todalas couosas passadas  
Sejão notorias a Vossas Altezas,  
A história de Deos tem taes profundezas,  
Que nunca se perde em ser recontadas.  
E porque o tenor  
Da resurreição de nosso Senhor  
Tem as raizes naquelle pomar,  
Ao pé d'aquelle árvore que ouvistes contar,  
Aonde Adão se fez peccador,  
Convem se lembrar.

Portanto o exordio do auto presente  
Começa tractando desta creaçāo,  
E como Lucifer tomou gran paixāo  
De Deos crear mundo tão resplandecente.  
E assi a inveja  
E a sua malicia d'inveja sobeja  
Por ver nossos padres assi nobrecidos,  
Feitos gloriosos, tão esclarecidos,  
Que não pelos olhos lhe armārāo peleja,  
Mas pelos ouvidos.

Entrará primeiro o muito soberbo  
Lucifer, anjo que foi dos maiores,  
E Belial e Satanaz, senhores  
De muita maldade de verbo a verbo.  
Agora vereis  
O que por diversos doctores lereis  
D'ab initio mundi até á resurreição ;  
A' qual se endereça a final tençāo  
Dos versos seguintes. Não vos enfadeis,  
Que breves serão.

---

*Entra Lucifer, o Maioral do Inferno, e com elle Belial, Meirinho da sua cōrte, e Satanaz, Fidalgo do seu Conselho ; e depois de assentado diz*

## LUCIFER.

Venho herege do mundo que fez  
 O Deos lá de cima tão longo e tão passo,  
 Feito de nada por tanto compasso,  
 Tal que pasmado fico eu desta vez.

BEL. Mais he d'espantar  
 Do homem e mulher que fez no pomar.

LUC. Isso queria eu agora dizer ;  
 Porque daquelles podem proceder  
 Tantos espiritos, que possam ganhar  
 O que fomos perder.

Hajamos conselho sôbre esta façanha,  
 Que Deos não nos ha de leixar acuar :  
 Todo seu feito he fazer-nos pesar,  
 Alem de deitar-nos de sua companha.

BEL. Assi me parece.

SAT. De Adão e Eva que mal nos recrece ?

BEL. Dar Deos a elles o que nos tomou.

SAT. Dar Deos a elles o que nos tomou ?

BEL. Não cuides tu al ; que este he o alicesse  
 Em que se fundou.

## SATANAZ.

Pois que remedio ? que este mal he muito !

LUC. Deos lhe mandou mandado mui forte,  
 Sob pena de dores, trabalhos e morte,  
 Que não lhe tocassem em hum certo fruto,  
 Fruto da sciencia ;  
 Porque perderão sua innocencia,  
 Angelica em parte, subtil e immortal,  
 E a posição do paraizo terreal :  
 Isto em peccando, á primeira audiencia  
 Sentença final.

Vae tu, Satanaz, por embaixádor,  
 Eu te dou meu comprido poder ;  
 E vae-te a Eva, porque he mulher,  
 E dize que coma, não haja temor :  
 E, como avisado,  
 Lhe falla cortez e mui repousado,  
 Mostrando-te alegre com todo seu bem,  
 E seu muito amigo maior que ninguem :  
 Minte-lhe largo, e dá-lhe o cuidado  
 Que agora não tem.

Vem tomar graça, pois has de prégar  
 A' mais avisada senhora do mundo :  
 Eu te outorgo meu poder facundo.  
 Não hajas dó della, faze-a finar,

Destrua-la asinha ;  
 Nem por formosa, nem por ser rainha,  
 Não olhes por nada, aperta com ella :  
 Que como a venceres, sem ti, mesma ella  
 Fará ao marido cobrir-se de tinha,  
 E muito mais qu'ella.

## SATANAZ.

- Em que figura lhe fallarei bem ?  
 LUC. Faze-te cobra, por dissimular,  
 Porque pareças do mesmo pomar,  
 Que sabes das fructas as graças que tem ;  
 Porque has de dizer :  
 Senhora fermosa, deveis de saber  
 Que aquella fructa que vos foi vedada  
 Oh ! quanta sciencia em si tem cerrada.  
 SAT. Ja vos entendo, não falleis mais nada ;  
 Leixa-me fazer.

*Partido o tentador Satanaz, Belial anojado de inveja porque Lucifer o não mandou a elle, diz :*

## BELIAL.

Crede húa cousa, Senhor Lucifer,  
 Que não ha hi pena que seja igual  
 Aquella que sente o grande official,  
 Quando ninguem lhe dá que fazer.  
 Eu sou dos primeiros  
 E o vosso leal entre os cavalleiros,  
 E mais sou Meirinho desta vossa corte.  
 Vós não fazeis guerra em que eu faça sorte,  
 E sendo meirinho sem prisioneiros  
 Me pesa de morte.

E foste mandar Satanaz agora  
 Com todo poder de vosso vigor,  
 Accrescentado por embaixador,  
 Ao novo Senhor e nova Senhora,  
 Porém a mim não.  
 Se lá me mandáras, me houvera por cão,  
 Se não os fizera per fôrça peccar :  
 Logo per fôrça os fizera tragar  
 Quantas maçans naquelle árvore estão,  
 Sem as mastigar.

## LUCIFER.

Onde fôrça ha perdemos direito ;  
 Que o fino peccado ha de ser de vontade,  
 Formando desprezo contra a Magestade ;

E não serão nossos, se for d'outro geito.  
 E por que he errar  
 Mandar o soberbo a negociar  
 Cousas que hão de ser feitas per manha,  
 Não te mandei : que a furia não ganha ;  
 Mas doces palavras e dissimular  
 Faz toda a façanha.

Satanaz sei que os fara peccar  
 Per suas vontades, segundo he manhoso  
 E mui lisongeiro, e falla mimoso,  
 E sabe mentir com graça e com ar.  
 E se elle acabasse,  
 Convem a saber, que me derribasse  
 Aquelles monarchas do mundo primeiros,  
 Tu terias somma de prisioneiros,  
 Meu fogo tambem em que se occupasse,  
 E meus cozinheiros.

*Vem o tentador Satanaz com muita alegria porque leixa acabado seu negócio, e diz :*

SATANAZ.

Senhor Lucifer, prazer hi não ha  
 Que dê pelos pés ao do vencimento :  
 Alegrae-vos muito e o nosso convento,  
 Que vosso desejo comprido está.  
 Ja são derrubados  
 Adão e Eva os primeiros casados,  
 Voltas as vodas em pranto mui forte,  
 O gôzo em lagrimas, a alegria em morte,  
 A vida em suspiros, prazer em cuidado,  
 Ventura sem sorte.

He ja convertida esperança em temores,  
 Em pena tambem a seguridade,  
 Repouso em favor, e a liberdade  
 Deixo-a captiva em vivas dolores ;  
 E o paraizo  
 Lhe fica bem longe do seu pouco siso,  
 E he pera rir de seu desatino :  
 Porque o fruito era pequenino,  
 E pera fazerem tal regno diviso  
 Não era tão fino.

Porém crede vós que são destruidas  
 Duas criaturas mui maravilhosas,  
 Muito acabadas, e tão graciosas,  
 Que tarde verão outras taes nascidas.  
 Emfim que, Senhor,  
 Comerão seu pão com grande suor,

Seu mal tem ja certo, o bem duvidoso.  
 Oh como andava Adão tão mimoso,  
 E Eva cuberta de grande esplendor !  
 Mas eu fui ditoso.

LUCIFER.

Faço-te Duque e meu Capitão  
 Dos regnos do mundo até sua fim.  
 Pois os paes venceste, os filhos assi  
 Trabalha e procura que venhão á mão ;  
 Que poderá ser  
 Que alguns farão tão grande prazer  
 Ao Deos offendido com tanta vontade,  
 Que da sua ira farão piedade,  
 E sua justiça farão converter  
 Em benignidade.

SATANAZ.

Bofá, meus amigos, ja eu 'stou cevado :  
 Nenhum que nascer não m'ha d'escapar,  
 Oh quantas manhas que sei de lutar,  
 E quantos enganos que tenho estudado !  
 Venha embora  
 O rico ou pobre, senhor ou senhora,  
 Ou seja villão, ou frade ou freira.  
 De todas as sortes lhe sei a maneira.  
 Não falemos nisto jamais per agora,  
 Que feita he a pesqueira.

*Entra hum Anjo com hum relogio na mão, e traz  
 consigo o Mundo vestido como rei, e o Tempo diante  
 como seu Vedor ; e diz o*

ANJO.

*Deus, cui proprium est miserere,*  
 Porque o seu proprio é perdoar,  
 De todo a sanha não quer executar,  
 E a summa bondade assim lh'o requere.  
 Ca Deos he grandeza,  
 E he poderio e he fortaleza,  
 E sabedoria, virtude e verdade,  
 Glória : tudo isto tem de propriedade ;  
 E estas dignidades tem por natureza  
 Usar de piedade.

E porque o peccado he em si temporal,  
 E a bondade de Deos he infinda,  
 Precede em grandeza toda a cousa finda,

E ser poderoso he seu natural.  
 A justiça porém  
 Quando executa, não cuida ninguem  
 Que he com mil partes o que merecia.  
 Adão é deitado de sua alegria,  
 Porque por seu mal não pôde c'o bem  
 Que Deos lhe queria.

E porém comtudo piedoso tornado,  
 Manda-te, Mundo, agasalhar Adão  
 E todos aquellos que procederão  
 De sua semente, de qualquer estado,  
 E lhes dês folgança,  
 E todalas cousas em muita abastança :  
 Os peixes, que vão per carreiras do mar ;  
 Aves, que andão as vias do ar ;  
 Ovelhas e bois, e toda abondança  
 Os leixa lograr.

Porque, ainda que são peccadores,  
 Não tem outro padre senão o Senhor,  
 Que não quer a morte ao peccador,  
 Mas antes que viva e lhe dê louvores.  
 E a ti porém  
 Manda-te, Tempo, que temperes bem  
 Este relogio, que te dou, das vidas ;  
 E como as horas forem cumpridas  
 De que fez mercê á vida d'algumem,  
 Serão despedidas.

Assi que tu, Mundo, os gasalharás,  
 E Satanaz os aconselhará,  
 O Tempo e relogio os despedirá,  
 A morte sera o que tu verás.  
 Eis aqui vem  
 O padre Adão, e Eva tambem ;  
 E como saudosos do seu paraizo,  
 Com dor dolorosa de tal improviso,  
 Assi desterrados de todo o seu bem,  
 Vem fallando nisso.

### Eva.

Oh como os ramos do nosso pomar  
 Ficão cubertos de celestes rosas !  
 O' doces verduras, ó fontes graciosas,  
 Quem nunca vos víra pera se lembrar !

ADÃO. Lembremo-nos ora  
 De nosso remédio, mulher e senhora,  
 Porque isto he o que havemos mister.  
 EVA. O' senhor, quem pôde cobrar tal perder,

Que possa perder lembrança meia hora  
De tanto prazer ?

## ADÃO.

Poderoso he o Padre na glória dos Ceos,  
Poderoso he o Padre no nosso paraizo,  
Poderoso he o Padre neste triste abiso,  
Em todo logar poderoso he Deos ;  
E não vos mateis.

EVA. Segundo o que sinto, vós, senhor, quereis  
Que queira soffrer, e meu mal não quer ;  
Minha dor he grande, e eu sou mulher  
Tão desconfiada, como vós sabeis  
Que devo de ser.

A dor e tristeza he no meu coração,  
No meu coração está minha vida,  
E na minha vida está minha ferida,  
De que meus cuidados feridos estão.

ADÂ. Leixa-me dizer,  
Eu vos direi que haveis de fazer.  
Ajuntae-me a somma de vossos cuidados  
Aos meus tristes apassionados,  
E dae-m'os a mim, porque eu hei d'ir ter  
Cuidados dobrados.

## EVA.

Senhor, bem o creio ; mas vós bem ouvistes  
O que me disse o Senhor dos senhores :  
Que eu pariria com mortaes dolores,  
Amais desterrada na terra dos tristes.  
Oh ! triste de mi !  
Cada hum de nós penará por si ;  
Vós tereis cuidados e eu muitos cuidados,  
Os nossos prazeres serão trabalhados :  
Oh quantos trabalhos teremos aqui  
Por nossos peccados !

## ADÃO.

Dae ora logar, senhora querida,  
Que passe esse pranto ; e nós descansemos ;  
Catemos abrigo em que nos abriguemos.  
Pois nos obrigamos a misera vida,  
Façamos pendença ;  
Cumpramos os termos da nossa sentença,  
Pois não cumprimos o que nos cumpria.  
Paciencia, senhora, que o nojo em porfia  
Remédio não causa, nem tira doença,  
Mas antes a cria.

## MUNDO.

De vosso desastre me pesou assaz ;  
 E, como o Anjo aqui o contasse,  
 Nunca tive cousa de que mais me pesasse.  
 Porém por engano tudo se faz.

O Diabo he demo ;  
 Porque he o rapaz tao subtil em extremo,  
 Que não ha bugio tão mal inclinado.

ADÁ. Quem sois vós, que assi estais ornado ?  
 MUN. Eu sam o Mundo, que remo meu remo  
 Em vosso cuidado.

Se vós não houvesseis pezar em dizê-lo,  
 Desejo saber por que via entrou  
 Aquelle galante que vos enleou ;  
 Não pera usa-lo, mas pera sabê-lo.

EVÁ. Senhor, sabereis,  
 Dizendo em somma o que me requ'reis,  
 Que eu concebi neste meu spirito  
 Aquelles enganos do anq maldito ;  
 E assi concebida, agora vereis  
 O meu apêrto.

Digo que, prenhe, minha alma e vida  
 Assi concebida do verbo corrupto,  
 Desejei, de prenhe, fartar-me do fructo  
 Da árvore sancta por Deus defendida.  
 E como comi,

(apparece a Morte)

Vêdes alli, Senhor, que pari ;  
 Vêdes a minha triste paridura :  
 Essa he a filha da mãe sem ventura,  
 Isto nasceu da triste de mi,  
 Por nossa tristura.

## ADÃO.

Vêdes aqui, Senhor Mundo, a nossa  
 Parteira da terra, herdeira das vidas,  
 Senhora dos vermes, guia das partidas,  
 Rainha dos prantos, e nunca ociosa,  
 Adela das dores,  
 A embaladeira dos grandes senhores,  
 Cruel regateira, que a todos enleia.

MUN. Não vos espanteis de pessoa tão feia,  
 Porque cada hum desses lavradores  
 Colhe o que semeia.

Hou ! que dizes, Tempo ?

TEM. Eu não digo nada :

MUN. Eu lhes fallarei lá na derradeira ;  
 Agasalha-os tu, que he gente estrangeira.  
 Cortae dessa rama, fazei a pousada,  
 E va Adão cavar :  
 Semeae das favas, que haveis de suar :  
 Comei dessa fructa amargosa, monteza,  
 E fie da lan a primeira princeza,  
 Até qu'essa Morte vos venha chamar,  
 E muito depressa.

*Apartão-se do auto Adão e Eva, e diz o MUNDO.*

Ora venha Abel seu filho carnal,  
 E não façais conta aqui de Caïn,  
 Que como o homem he homem ruim,  
 Pera que he delle fazer cabedal ?  
 Abel he pastor  
 Amigo de Deos e bom servidor,  
 Por isso lhe crescem a ôlho seus gados.  
 TEM. Pois porque tem dias tão abreviados ?  
 MUN. São fundos segredos que tem o Senhor  
 Pera si guardados.

*Entra Abel pastor, cantando o seguinte  
 Vilancete.*

ABEL.

“ Adorae, montanhas,  
 “ O Deos das alturas,  
 “ Tambem as verduras ;  
 “ Adorae, desertos  
 “ E serras floridas,  
 “ O Deos dos secretos,  
 “ O Senhor das vidas :  
 “ Ribeiras crescidas,  
 “ Louvae nas alturas  
 “ Deos das creaturas.  
 “ Louvae, arvoredos  
 “ De fructo presado,  
 “ Digão os penedos,  
 “ Deos seja louvado,  
 “ E louve meu gado  
 “ Nestas verduras  
 “ O Deos das alturas. »

SATANAZ.

Oh como cantas tão doce, pastor !  
 Quanta doçura que nasceu contigo !

Conselho-te, irmão, senhor e amigo,  
 Que te estimes muito : pois es tal cantor,  
 Bem he que te prezes.  
 Tu es mais formoso que teu pae mil vezes :  
 E se eu a ti fosse leixaria o gado,  
 Que andas nos matos mui mal empregado,  
 Mancebo disposto : e não te desprezes  
 De ser namorado.

## ABEL.

- Queria ora mais fartar o meu gado,  
 Sem fazer nojo nem perda a ninguem.  
 SAT. Queres que engorde o teu gado bem ?  
 Sempre apascenta em pasto vedado.  
 ABE. Quem te mette a ti  
 A aconselhares outrem, nem menos a mi,  
 Sem te pedirem conselho nem nada ?  
 SAT. He tanta a virtude que tenho sobrada,  
 Que sempre isto faço e fiz atéqui  
 A cada passada.

## ABEL.

- Oh ! e tu gabas-te e fazes-te sancto ?  
 Juro-te, amigo, que hypocrita es.  
 • Torna-te monge, descalça esses pés,  
 E seras fino nessa arte dez tanto :  
 A isto te espero.  
 SAT. Este he o homem que busco e quero.  
 Muito desejo tua companhia,  
 E sem mais soldada, com muita alegria,  
 Prometto servir-te como escravo mero  
 De noute e de dia.

## TEMPO.

- Despachae, Abel, parti pola fria,  
 Que ja vossas horas estão consumidas.  
 ABE. O' Tempo, tão curtas são aqui as vidas ?  
 Senhor, agravais-me, que ainda crescia ;  
 Não ha aqui justiça.  
 Leixae-me, Morte.  
 MOR. O Tempo me atiça.  
 ABE. Onde me levas ?  
 MOR. Lá t'o dirão.  
 ABE. Mundo, não me vales ?  
 MUN. Está bem á mão.  
 TEM. Pois não se t'escusa, não hajas preguiça :  
 Não tomes paixão.

*Entra Abel na escuridade do Limbo e diz :*

**ABEL.**

Despois de viver vida trabalhada,  
Despois de passada tão misera morte,  
Este he o abrigo, esta he a pousada !  
BEL. E esse he o siso,  
Despois que vos vêdes neste sancto abiso,  
Despois que estais fóra de guardardes gado,  
Despois que cobraste tal valle abrigado,  
Despois de vizinho no nosso paraizo,  
Nos dais esse grado ?  
Sus, sus, á corrente.

LUC. Aperta-o mui bem  
Que nunca Satan o pôde enganar,  
Porque elle fôra pousar no logar  
Onde pera sempre não virá ninguem,  
Senão outros taes.

BEL. Has tu saudade de ir ver a teus paes,  
Ou por ventura das tuas ovelhas ?

ABE. O' Senhor Deos ! pois tal me apparelhas,  
Recebe meus gritos, prantos e ais,  
Nas tuas orelhas.

**TEMPO.**

Vós, padre Adão, e vossa parceira,  
Cheguemos á vara, ja sabeis meu mando ;  
Mil annos ha que estou esperando ;  
Esta he a vossa hora derradeira.

ADÂ. O' Tempo, espera !

TEM. Este relogio não se destempera,  
He muito certo e muito facundo.

ADÂ. Queria fallar hum pouco c' o Mundo :  
Não apparelharei eu o panno e a cera ?  
Ora he caso profundo !

**TEMPO.**

Alto, despachae : e vós aguardais ?  
Fazeis o alforge á hora da ida ?

ADÂ. Dá-me siquer hum dia de vida.

TEN. Diz ca o relogio que não tendes mais ;  
Nem ha hi maneira.

MOR. Não sabeis vós que sou vossa herdeira,  
E a vossa filha a primeira gerada ?

ADÂ. O' triste Morte, como es apertada !  
Como es espantosa, em tanta maneira  
Desaventurada !

*Entrando na casa de sua prisão, e achando Abel, seu filho, preso naquelle infernal estancia, fizerão todos hum pranto, cantando a tres vozes ; e acabando diz o*

**MUNDO.**

Eis Job vem fallando ha grande pedaço,

Triste com causa de ter gran tristeza.

**TEM.** Oh quantos haveres e quanta riqueza  
Perde aquelle homem em tão pouco espaço !

**MUN.** Infinitos gados  
E muitos haveres lhe tenho ja dados,  
E tudo lhe foi atravez brevemente ;  
Porque Satanaz o achou excellente,  
Todos seus bens lhe tem assolados ;  
E Job paciente.

**JOB.**

Se os bens do mundo nos dá a ventura,  
Tambem em ventura está quem os tem.  
O bem que he mudavel não pôde ser bem,  
Mas mal, pois he causa de tanta tristura ;  
E se Deos os dá,  
Como eu creio mui bem que sera,  
E a fortuna tem tanto poder,  
Que os tira logo cada vez que quer,  
O segredo disto, oh ! quem m'o dirá,  
Pera o eu saber ?

**SATANAZ.**

Fallemos hum pouco, Job, a de parte  
Sôbre esse segredo, verás que te digo.  
Eu quero-te bem e sou teu amigo,  
Sem usar comtigo cautela nem arte.

Tu saberas,  
E não me descubras nem hoje nem cras,  
Deos he aquelle que te tracia assi ;  
Quer-te gran mal e diz mal de ti :  
Não cures delle, e logo tornarás  
A como tê vi.

Tu dás com teus males lóuvores a Deos,  
E elle pesa-lhe por tu nomea-lo :  
Renega, renega de ser seu vassalo,  
E logo verás tecer outros veos.

**Job.** Se o eu leixar,  
Qual he o senhor que m'ha d'emparar ?  
Qual he o Deus que me pôde valer ?  
Nos bens desta vida não está o perder,  
Que assi como assi ca hão de ficar,  
Pois hei de morrer.

Eu creio, Mundo, que o meu redemptor  
 Vive, e no dia mais derradeiro  
 Eu o verei Redemptor verdadeiro,  
 Meu Deos, meu Senhor e meu Salvador.  
 Eu o verei, eu,  
 Não outrem por mim, nem com ôlho seu,  
 Mas o meu ôlho, assim como está ;  
 Porque minha carne se levantará,  
 E em carne mea verei o Deos meu,  
 Que me salvará.

SATANAZ.

Prosigue tu embora tua mania,  
 Que Deos bem de chapa te assenta elle a mão :  
 Derribou-te agora as casas no chão,  
 E matou-te os filhos morte supitania.

JOB.

Verdade he isso ?

SAT.

Assim me veja eu rei do Paraizo.

JOB.

Bento e louvado seja o Deos dos ceos !

SAT.

Se o tu renegasses, temer-t'ha Deos,

E correr-se-hia muito de te fazer isso.

JOB.

Lá, lá aos increos !

SATANAZ.

Assi ! ora espera, farei que renegues,  
 Quero fazer o que Deos me manda.

(Toca Satanaz a Job, e fica cuberto de lepra.)

JOB.

Oh chagado de mi, que esta he outra demanda !

Oh Deos meu ! e porque me persegues ?

Contra mim perfias,

Sabendo que nada são os meus dias !

Minha alma s'enoja ja de minha vida,

E como a setta he minha partida.

Senhor, meu Senhor ! porque te desvias

De tua guarida ?

Responde-me, quantas maldades te fiz ?

Ou quantas treições obrei contra ti ?

Porque assim escondes a face de mi,

Como meu contrário, sendo meu juiz ?

Contra a folha prove,

Que ligeiramente o vento revolve,

Mostras as fôrças que tu tens contigo ?

Porque te fizeste contrairo comigo ?

Que a tua bondade me escusa e absolve

De ser teu imigo.

Senhor, homem de mulher nascido

Muito breve tempo vive miserando,

E como flor se vai acabando,  
 E como a sombra sera consumido.  
 Pois porque, Senhor,  
 Estimas tu cousa de baixo valor  
 Pera trazê-lo a juizo comtigo ?  
 E quem me daras que seja comigo  
 Em o inferno por meu guardador  
 E por meu abrigo ?  
 Que a minha pelle, as carnes gastadas,  
 Logo a meu osso se achegará,  
 E tambem solamente o que ficará  
 Os beiços ácerca de minhas queixadas.  
 O' meus amigos,  
 Ao menos vós outros, amigos antigos,  
 Amerceae-vos de mim que me vou,  
 Porque a mão do Senhor me tocou :  
 E vós perseguiis-me como inimigos,  
 Assi como estou ?

## TEMPO.

Queixae-vos vós bem, que ainda estaes peor,  
 Pois não tendes mais momento de vida :  
 Alto, despejae, cuidae na partida..

JOB. Oh ! bento e louvado seja o meu Senhor !  
 O que elle mandar.  
 A vida he sua, pôde-a tirar,  
 A morte he nossa de juro e herdade ;  
 E pois que elle he o juiz da verdade  
 Faça-se logo sem mais dilatar  
 A sua vontade.

## MORTE.

Vinde ca, bom homem, que esta he dor maior.

JOB. *Memento mei*, Deos Senhor,  
 Porque vento he a minha vida.  
 Apressa-te muito asinha,  
 Favorece meu temor,  
 E a minha alma encaminha.  
*Peccante me quotidie,*  
*Et non me poenitentem,*  
 Meus espiritos ja não sentem ;  
*Timor mortis, conturbas me.*

*Ubi fugiam*, que farei ?  
*Circumdederunt me dolores :*  
 Ajuda-me, Rei dos senhores,  
 Não te alembre que pequei,  
 Esqueção-te meus erros.  
*Manus tuæ fecerunt me,*

Oh ! não me desfaças ora ;  
 Acorre-me, Senhor, agora,  
 Que a minha vida ida he,  
 E a morte he de mi senhora.

BELIAL.

- Ora andae, que tudo he nada  
 Quanto vós podeis dizer.  
 JOB. Que me queres tu fazer ?  
 BEL. Servir-te e dar-te pousada,  
 Onde estês a teu prazer.
- (Diz Job despois de preso.)
- JOB. *Quare de vulva me eduxiste ?*  
 Antes alli fôra consumido.  
 O' minha esperança, faze-me soffrido,  
 Pois vida, morte e prisão tão triste  
 Me fazem pesar-me porque fui nascido.

MUNDO.

Agora estes quatro bem abastarão,  
 Quanto aos Padres da lei da Natura ;  
 Logo virão, da lei da Escriptura,  
 Moyses, Isaías, David, Abrahão.  
 Fallará primeiro  
 Abrahão, patriarcha justo, verdadeiro,  
 Reprendendo os idолос da antiguidade ;  
 Porque no seu tempo era vaidade,  
 E pola verdade se fez pregoeiro  
 Da sancta Trindade.

ABRAHÃO.

O' Deos mui alto, ignoto, escondido,  
 Demonstra-te ás gentes, que ja tempo he ;  
 Que daquelle tempo do justo Noé  
 Está o teu nome na terra perdido,  
 E está sonegado  
 O tributo do mundo, que he teu de morgado.  
 E adorão as gentes deoses de palmeira,  
 Deoses de metal, e de pederneira,  
 Deoses sem vida, deoses de peccado,  
 Feitos de madeira.

Tem pés e não andão, mãos e não palpão,  
 Olhos e não vem, orelhas e não ouvem,  
 Corpo e não sustem, cabeça e não entendem.  
*Et tu, qui solus es,*  
 Que tens todo o mundo debaixo dos pés,

E teu ouvir e ver he infinito,  
Creador dos spiritos, eternal spirito,  
E sendo seu Deos, não sabem quem es,  
Sequer por escrito.

## MOISES.

Eu Mouses direi como elle formou  
No princípio o ceo, terra e paraizo.  
A terra era vacua, e sôbre abiso  
Erão as trevas quando a luz creou.  
E assentarei  
Misterios profundos no livro da lei,  
Tudo figuras da Sancta Trindade,  
Tudo misterios da eternidade,  
Que Deos me dirá e eu escreverei  
A' sua vontade.

E elle estara em pessoa comigo  
Aos cinco livros, quando os escrever ;  
Porque as ceremonias que mandar fazer,  
Outras maiores trazerá comsigo.  
Tu, homem, penetra,  
E dos sacrificios não tomes a letra ;  
Que outro sacrificio figúrão em si,  
Que matar bezerros, nem aves alli :  
Outra mais alta offerta soletra,  
E outro Genesi.

## DAVID.

O sacrificio a Deos mais aceito  
He o spirito mui atribulado,  
E o coração contrito e humilhado ;  
Este he a offerta e serviço direito ;  
E assi Isaias.

Isa. O sacrificio he o Messias,  
Que sera nascido em Bethlem de Judá,  
Porque do tribu de Judá sera  
Da parte da Virgem ; e eis virão dias  
Em que parirá.

## MOISES.

Virgem prenhada !

Isa. E Virgem parida.  
Bem viste a sarça que não se queimava ;  
Pois este misterio nos perfigurava  
A Madre de Deos, do Mundo e da Vida,  
E amado cordeiro  
Que tira os peccados.

DAV. Eu no meu salteiro

Digo por este mui alto primor :  
 Cantaes cantar novo a vosso Senhor,  
 Que fez maravilhas, o Deos verdadeiro,  
 O Duque maior.

**ABRAHÃO.**

O' Isaias, que novas tão bellas,  
 De tanta alegria, que trazes comigo !  
**ISA.** Outras tão tristes trago eu comigo,  
 Que ja Jeremias fez pranto com elles.  
 Oh triste mazella !  
 Que o fructo do ventre daquella donzella,  
 Em pagamento do fructo vedado,  
 A' justiça divina sera offertado,  
 Cuberto de sangue, com muita querella,  
 E crucificado !

**DAVID.**

Eu tambem o sei, mui certo sabido ;  
 Serão suas mãos e pés mui furados,  
 E todos seus ossos lhe serão contados,  
 E deitarão sorte sobre seu vestido.  
**TEM.** Tendes ja dito ;  
 Leixae tudo isso posto por escrito,  
 E despejae logo, pagae a pousada ;  
 Cumpri com a terra, que quer ser pagada,  
 E ós elementos dae o spirito :  
 Não falleis mais nada.

**MUNDO.**

**ISA.** Morte, despeja-os, não fique ninguem.  
 Oh quem me tivera mais vida alongada  
 Pera profetar da Virgem sagrada  
 Cem mil maravilhas que sei muito bem !  
**MOR.** Profetas, nó mais ;  
 Manda o Tempo que logo partais,  
 Parti-vos comigo, e não mais demoras.  
**ABR.** O' Morte, quão cruas são tuas esporas !  
 Quão lastimeiras !  
**MOR.** Não vos detenhaias ;  
 Andae, que são horas.

**MOISES.**

Senhor Rei David, não tendes na côrte  
 Cirurgiães e Fisicos mores,  
 Astrologos grandes e muitos doctores,  
 Que vos dem saude e livrem da morte ?  
**MOR.** Olhae, não vai nisso ;

O mal que se cura não he mal de siso.  
 Andão deitando remendos á vida ;  
 Mas quanto ao despejo, pois não tens guarida,  
 Lembra-te, homem, com muito aviso  
 Que es terra podrida.

## BELZEBU.

O' Morte, ó Morte, sejas bem casada,  
 Que tão limpa gente nos dás em poder.  
 Chegæ-vos aqui, Senhor Lucifer,  
 Pois que rei vem á vossa pousada ;  
 Que não he rezão,  
 Pois que he rei, que eu lhe ponha a mão,  
 Senão Vossa Alteza, e ponha-o aqui.

LUC. Perdoae-me vós, Senhor Rei Davi.

DAV. *De profundis clamavi*, Senhor, redempção !

BELZ. Bem estais assi.

## MUNDO.

Da lei da Escriptura e lei natural  
 Ja temos passados os mais principaes ;  
 Venha a lei da Graça, porque os mortaes  
 Alcancem a glória de sempre eternal.  
 Venha primeiro  
 Glorioso Joannes, sancto pregoeiro,  
 Sancto sem mágoa, de Deos enviado,  
 Sancto nascido e sanctificado,  
 Mostrando ás gentes alto cordeiro,  
 Com muito cuidado.

## S. João.

O' bravas serpentes que em serras andais,  
 O' dragos ferozes que estais nos desertos,  
 Ouvi os secretos que estão encubertos ;  
 E vós, dromedarios, tambem não durmais ;  
 E tu, mui serena  
 Fermosa ave phenix, que tanto sem pena  
 A ti mesma matas por tua vontade,  
 Vae ver o Phenix da Sancta Trindade,  
 Filho da Phenix *gratia plena*,  
 Que está na cidade.

E tu, mui soberbo lobo poderoso,  
 Que trazes as unhas crueis, e tingidas  
 No sangue d'ovelhas de pouco paridas,  
 Aprende de Christo, cordeiro amoroso :  
 E vós, pomba brava,  
 Que voais isenta, soberba, alterada,

Em essas montanhas viveis branda vida,  
Tomaes por espelho a pomba escolhida ;  
A pomba mui mansa, a pomba calçada,  
De sol he vestida.

E tu vil raposa, que vives d'engano,  
E matas quem amas, sem nenhum temor,  
Aprende de Christo que so por amor  
Offerece á morte seu corpo humano.  
Tu, aguia real,  
Que vences os raios do sol natural  
Com tua vista per graça divina,  
Guarda não te cegue o sol da rapina,  
Pois te allumia a luz divinal  
Com sua doctrina.

#### SATANAZ.

Eu fui hontem á cidade,  
E estavão os Fariseus  
Fallando nos feitos teus  
E na tua sanctidade,  
De que pasmão os Judeus.  
Dizem que tu es Elias,  
Ou profeta enviado,  
Ou anjo dissimulado ;  
Mas eu digo que es Mexias,  
E assi o tenho apostado.

#### S. João.

Eu te conheço mui bem,  
E quem es, ha muitos dias.  
Satan, eu não sam Elias,  
Nem desejo de ninguem  
Nenhūas lisongerias.  
Nem sam sancto nem profeta,  
Nem menos anjo encuberto ;  
*Vox clamantis in deserto*  
Esta he a minha vida certa ;  
Pois queres saber o certo.

Nem Messias não sam eu,  
Nem pera lhe desatar  
A correa que levar  
No sancto sapato seu.  
Antre os Judeus acharás  
O bem qu'elles não conhecem,  
Nem tu o conhecerás ;  
Porque elles não no merecem,  
Nem tu o merecerás.

*Aparta-se Satanaç, e diz*

S. João.

O' mortaes, de terra em terra tornados,  
Pois são vossas almas de tão fina lei,  
Abri vossos olhos, que *ecce agnus Dei*,  
Que veio ao mundo tirar os peccados.  
Elle he por certo ;  
Crede esta voz clamante em deserto,  
E levantae-vos do po desta vida ;  
Pegae-vos com Christo,  
Que he certa guarida,  
Que de sua mão está o céo aberto,  
E a glória vencida.

TEMPO.

Este relogio he muito forte,  
Vós perdoae-me, Senhor San João,  
Que vossas horas cumpridas estão,  
Segundo buscastes tão cedo a morte,  
E por vossa vontade.  
Vós não quereis senão pregar verdade,  
E ella vos leva da vida presente.

S. Jo. Que sam muito ledo e muito contente,  
Porque a verdade he a mesma Trindade  
Verdadeiramente.

E pois eu sam voz de nosso Senhor,  
Se eu a calar, quem na ha de dizer ?  
As offensas de Deos quem as ha de soffrer ?  
Mas clame em deserto qualquer prégador,  
E seu thema seja  
*Verdade, verdade.* Mas o que deseja  
Ser bispo, e portanto prega mui modesto,  
Calando e cobrindo o mal manifesto,  
Não he prégador da sancta Igreja,  
Mas ladrão honesto.

Leva-me, Morte ; quero-me ir daqui,  
Que ja mostrei Christo a todolos vivos ;  
Irei dar a nova áquelle captivos,  
Cujo captiveiro tera cedo fim.

*Entrando S. João naquelle prisão, com admiração de grande alegria cantarão os presos o romance seguinte, que fez o mesmo autor ao mesmo proposito.*

R o m a n c e .

Voces daban prisioneros,  
Luengo tiempo estan llorando,

En triste cárcel escuro  
 Padeciendo y suspirando,  
 Con palabras dolorosas  
 Sus prisiones quebrantando :  
 — Que es de ti, Vírgen y Madre,  
 Que á ti estamos esperando ?  
 Despierta el Señor del mundo,  
 No estemos mas penando. —  
 Oyendo sus voces tristes,  
 La Virgen estaba orando  
 Cuando vino la embajada  
 Por el ángel saludando,  
 « Ave rosa gracia plena, »  
 Su preñez le anunciando.  
 Suelta los encarcelados,  
 Que por ti estan suspirando ;  
 Por la muerte de tu hijo  
 A' su padre estan rogando.  
 Crezca el niño glorioso,  
 Que la cruz está esperando.  
 Su muerte será cuchillo,  
 Tu ánima traspasando.  
 Sufre su muerte, Señora,  
 Nuestra vida deseando.

## LUCIFER.

Que fazes ?

- SAT. Eu não faço nada,  
 E suo como cão, sem achar bonança.
- LUC. Todos aquelles que a morte ca lança  
 Alcanção per fôrça segura pousada.  
 Pois has-me d'encher  
 De almas humanas, convem a saber :  
 A furna das trevas, ponte de navalhas,  
 O lago dos prantos, a horta dos dragos,  
 Os tanques da íra, os lagos da neve,  
 Os raios ardentes, sala dos tormentos,  
 Varanda das dores, cozinha dos gritos,  
 Açougue das pragas, a tôrre dos pingos,  
 O valle das forcas : — tudo isto arreio.
- SAT. Bem certo he que tudo ha de ser cheio,  
 Mas França e Roma não se fez n'hum dia.
- LUC. Temo, Satan, que esta mercadoria,  
 Que temos aqui, he braza no seio.

*Entra a figura de nosso Redemptor; e o Mundo, o  
 Tempo e a Morte assentão-se de joelhos, e diz o*

## MUNDO.

Tambem vós passais, Deos meu,  
Por esta vida mesquinha ?  
Muita dita he a minha !  
Mas onde agasalharei eu  
A quem tanta glória tinha ?  
Oh eternal Creador,  
Oh temporal creatura,  
Que encubres com terra escura  
O divino resplendor  
E immensa formosura !  
E portanto eu não sam dino  
Que entreis na minha morada ;  
Porque he baixa pousada,  
E pera ti, Verbo divino,  
Quanto tenho não he nada.

## CHRISTO.

Não te agastes tu comigo,  
Nem me dês pousada a mi,  
Que o meu regno não he aqui,  
Nem quero nada comtigo :  
Mas quatro cousas quero de ti.

## Primeira.

Quando me vires levar  
Pela rua d'amargura,  
Que olhes minha figura,  
E o sangue que eu derramar  
Tome tua alma por cura.

## Segunda.

E quando os saíões da cidade  
Me pregarem no madeiro  
Com fortes pregos d'aceiro,  
Que olhes com que vontade  
Me entreguei ao carniceiro.

## Terceira.

E quando vires spirar  
O meu spirito cansado  
O meu coração finado,  
Que tn te queiras lembrar  
Que mouro por teu peccado.

## Quarta.

Quando enterrado me vires  
Sem companha nem emparo,

Que do teu coração tires  
 Suspiros, com que suspires  
 Minha morte e desemparo.  
 E não quero de ti mais ;  
 Lá reparte teus cruzados,  
 Teus imperios e regnados,  
 E tuas pompas mortaes,  
 Qu'eu não quero teus morgados.  
 Seja papa quem quizer,  
 Seja rei quem tu quizeres ;  
 Que os imperios e poderes  
 A morte os ha de prover  
 E tirar a quem os deres.

## TEMPO.

Meu Senhor, eu que farei ?  
 No relogio que me déstes  
 Digo qu'inda que nascestes  
 Não se entende em vós a lei,  
 Pois que vós mesmo a fizestes.

## CHRISTO.

*Modicum videbitis me.*  
 Eu a cumprirei, que a fiz ;  
 Porque rei que he bom juiz,  
 Como a lei feita he,  
 Faz aquillo que ella diz.  
 Cedo me despejarás,  
 Tem tu o relogio certo :  
 Emtanto vou-me ao deserto,  
 E veremos Satanaz  
 Se me falla descuberto.

## LUCIFER.

Digo qué este homem nascido em Belem  
 Parece perigosa cousa pera nós.

BELZ. Senhor Lucifer, isso vêde vós,  
 Porque todo o mal he de quem o tem.

SAT. Dá ó demo a cantiga :  
 E crede que temos com elle fadiga,  
 Que passa de sancto.

BELZ. Parece-o elle.

LUC. Vae, Satanaz, e salta com elle :  
 Emfim elle he homem, por mais que te diga ;  
 Mais podes tu que elle.

Agora que anda assi so no deserto,  
 Veste este fato, e faze-te monje,

Porque sem isto andarás de longe,  
E assi simulado fallarás de perto.  
Ora vae asinha ;  
E se tu este trazes á nossa cozinha,  
Eu te farei mui gran cavalleiro,  
*Vai-se Satanaz tentar a Christo, e diz :*

## SATANAZ.

Que faz o Senhor neste ermo estrangeiro  
Tão so, e tão fraco, que por vida minha  
Que he grande marteiro ?

## CHRISTO.

**SAT.** E tu que cousa es, ou que vens buscar ?  
Bem ves tu, Senhor, que sam ermitão ;  
Logo meu trajo denota quem san ;  
E he escusado o mais perguntar.  
Sam monje, Senhor.

## CHRISTO.

Nem porque o sagaz e bom caçador  
Se veste no boi por caçar perdizes,  
Não he elle boi, como tu me dizes.

(Diz ao povo.)

Julgae pelas obras, e não pela côr,  
Sereis bons juizes.

## SATANAZ.

Senhor, ja de fraco e debilitado  
Deitas a falla cansada com pena,  
E eu ouvi dizer ja que se condemna  
Quem mata a si mesmo de proprio grado.  
Pois porque te matas,  
E a tua vida assi a maltratas,  
Sendo seu preço ao dôbro de Elias ?  
Come, Senhor, que ha quarenta dias  
Que te desbaratas.

E mais se tu es o filho de Deos,  
(Como eu sinto ainda que me calo, )  
Faras destas pedras todas pão de callo,  
Segundo a virtude trouxeste dos ceos.

## CHRISTO.

Escripto acharão  
Que não vive o homem somente de pão,  
Mas da palavra de Deos procedida.

SAT. Esta he a que farta, cria e dá vida.  
Oh como fallas ! dá-me outra lição,  
Que ja essa he sabida.

E se tu, como digo, filho de Deos es,  
Segundo a nova por esta terra anda,  
Deita-te abaixo daquella varanda ;  
E nem hajas medo que quebres os pés,  
Porque escripto he  
Que nenhūa pedra, em perna nem pé,  
Te pôde fazer offensa nem nada.

CHRISTO.

E se eu posso subir e descer pola escada,  
Pera que he tentar a Deos sem porque,  
Que he cousa escusada ?

SATANAZ.

Cantá pola escada hum manco fará isso.  
Vem-me á vontade fazer-te hum partido.  
Todo o homem pobre he aborrecido :  
Tu de meu conselho acolhe-te ao siso.  
E que hum homem faça  
Muitos peccados e erros de praça  
Por enriquecer, tudo he muito bem ;  
Que bem sabe Deos que quem nada tem,  
Que tenha mil graças por divina graça,  
Não no quer ninguem.

Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,  
Aldeia Galega, a Landeira, e Ranginha,  
E de Lavra a Coruche ? tudo he terra minha.  
E desde Çamora até Salvaterra,  
E desde Álmeirim bem até Herra,  
E tudo per alli,  
E a terra que tenho de cardos e pedras,  
Que vai desde Cintra até Torres Vedras ;  
Tudo he meu. Ólha pera mi,  
Verás como medras.

Isto e muito mais te darei,  
Que não quero mais senão senta-te ahi,  
Posto em giolhos, e adora em mi :  
Ólha em quão pouco virás a ser rei,  
E muito acatado.

CHRISTO.

Retro, retro, malaventurado,  
Falso, enorme, civel Satanaz.  
Scripto he, não adorarás

Senão hum so Deos, com grande cuidado  
A elle servirás.

LUC. Que he isso, Satan ?

SAT. Venho embasbacado,

E estou mais mofino que hum alfeloiero.  
Dá-me a vontade que aquelle escudeiro  
He o pastor daquelle nosso gado.

CHRISTO.

Eis aqui subimos a Hierusalem  
Pera tirar o vestido em que ando ;  
Porque os açoutes me estão esperando.  
Cumpra-se todo o meu mal e meu bem.  
Quero ir levar  
Minha breve vida a quem m'ha de matar ;  
E assi entregar a minha cabeça  
A' cruel c'roa, porque ella padeça  
Com tanto de sangue, que quem me olhar  
Que não me conheça.

Quero ir levar estes meus cabellos  
Onde sejão feitos duzentos pedaços ;  
Quero ir pregar estes pés e meus braços  
Onde os sinta, e não possa ve-los :  
E o dedicado  
Triste meu peito, que seja pisado  
Com couces irosos, e minhas queixadas  
E dentes, quebrados com mil bofetadas.  
E eu virei logo ser sepultado  
Em breves passadas.

BELIAL.

Senhor Lucifer, eu ando doente,  
Treme-me a cara, e a barba tambem,  
E doe-me a cabeça, que tal febre tem,  
Que soma sam hetigo ordenadamente,  
E doe-me as canellas :  
Sai-me quentura per antre as arnellas,  
E segundo me acho, muito mal me sinto ;  
E algum gran desastre me pinta o destino.  
Até as minhas unhas estão amarellas,  
Que he gran labyrintho.

*Em este passo vem os cantores, e tražem húa tumba,  
onde vem húa devota imagem de Christo morto ; e  
despois de acabada sua procissão, diç*

BELIAL.

Ergue-te, Senhor, que segundo creio,  
Pois que assi tremo e estou amarello,

Que sera tomado este nosso castello,  
E o gado que temos ha de ser alheio.

SAT. Isso he o que eu digo.

BEL. Rugem-me as tripas, arde-me o embigo,  
E a boca empolada, assi como de figos.  
Crede vós, Rei, que tendes imigos ;  
Porque estas doenças que trago comigo,  
Denotão perigos.

*Aqui tocão as trombetas e charamellas, e apparece  
húa figura de Christo na resurreição, e entra no Limbo,  
e soltará aquelles presos bemaventurados. E assi acaba  
o presente auto.*

# Dialogo sobre a Resurreição.

D I A L O G O  
SOBRE  
A R E S U R R E I C Ã O  
ENTRE OS J U D E U S  
RABI LEVI      RABI AROZ e  
RABI SAMUEL    DOUS CENTURIOS.

---

*Entra Rabi Levi e diz :*

LEVI.

Quem com mal anda, dizia Jacó,  
Rabina Rabasse, Rabi Mousem,  
Não cuide ninguem que lhe venha bem,  
Nem he bem que alguem haja delle dó.  
Quem com mal anda, chora e não canta ;  
Quem so se aconselha, so se depena ;  
Quem não faz mal, não merece pena ;  
Quem chora ou canta, fadas más espanta.

Dizia minha mãe Gemilha saborida :  
Filho, não comas, não rebentarás ;  
Se sempre calares, nunca mentirás ;  
Come e folga, teras boa vida.

Dizia meu pae Mosé Rabizarão :  
Não comas quente, não perderás o dente ;  
Quem não mente, não vem de boa gente ;  
Não achegues á forca, não te enforcarão.

Dizia meu dono, cuja alma Deos tem :  
Não peques na lei, não temerás rei ;  
Se tu te guardares, eu te guardarei ;  
Quem sempre faz mal poucas vezes faz bem.

Dizia meu tio Rabi mallogrado :  
Filho Jacob, o que fazes, dizia, Jacob Badear,  
Achega-te ca, quero-te ensinar :  
Não sejas pobre, morrerás honrado ;  
Falla com Deu, seras bom rendeiro ;  
Quando perderes, põe-te de lodo ;  
Se nada ganhares, não sejas siseiro.

- SAM. Que fallas ? que fallas ? azara te veio ?  
 LEV. Ando cuidando naquelle coitado  
       Daquelle Mexias que jaz enterrado.  
       Todo o que dixe foi devaneio :  
       Dixe que havia de resuscitar.  
 SAM. Quando, meu dono ?  
 LEV. Assi digo eu.  
       Daquelles guardados nenhum pareceu  
       Que lá hontem forão pera o guardar.  
 SÁM. Elle dizia que o dia terceiro.  
 LEV. Que negro chanto, que guerra seria !  
 SAM. Não falemos nisso, tudo he bulraria :  
       Pois elle seria o Deu verdadeiro ?  
       Fallemos em al, Rabi Samuel.  
       Oitras lazeiras ha hi que contar ;  
       Leix'o jazer. Queres arrendar  
       Comigo húa renda ? Se fores fiel,  
       Arrenda comigo este anno que vem.  
 LEV. Que renda ?  
 SAM. Húa renda.  
 LEV. E não tem nome ?  
       Ve tu se he tal ; que o demo me tome,  
       Se não arrendar, se me vier bem.

*Vem dous Centurios, e diz*

LEVI.

- Que dolor ha lá ! que foi ? que quereis ?  
 CEN. Vimos pasmados.  
 LEV. De que ? que achastes ?  
 CEN. Vimos ...  
 LEV. Que vistes ? de que vos pasmastes ?  
       Que he ? que foi ? dizei, que dizeis ?  
 CEN. Estando dormindo ...  
 LEV. Dou-lhe que fosse.  
 CEN. Esta madrugada ...  
 LEV. Pela manhan cedo,  
       Estavas dormindo, sonhaste com medo.  
       Ora ouvi aquillo, — sonhando espantou-se !  
 CEN. Não quereis ouvir ?  
 LEV. Ouvimos, contae :  
       Ha de ser hum sonho, que vio hum espanto ;  
       Húa adivinhação, hum conto, hum chanto,  
       Húa patranha. Contae, acabae.  
       Sonhastes esta madrugada,  
       Estando dormindo ... Eu vos lembrai.  
 CEN. Ficae-vos embora, ja não contarei.  
 SAM. Digo que oivamos esta gente honrada.

- LEV. Ora dizei. Tudo ha de ser vento.  
 CEN. Não he senão cousa de que vos pasmeis,  
     De grande segredo. Ouvi se quereis,  
     E sabereis caso de gran perdimento.  
 LEV. Sonhou que perdia na sisa do trigo ;  
     O' demo me dou se foi outra cousa.  
     Como dormia debaixo da lousa,  
     Estava abafado.  
 CEN. Olhae o que digo :  
     Ja Christo desd'hoje ...  
 SAM. Que ha de fazer ?  
 CEN. Sahio do sepulcro.  
 SAM. Furtado seria.  
 CEN. Mas resuscitado com grande alegria :  
     Vêde vós outros como isto ha de ser.  
 LEV. Que cabeças estas ! que chânto nos veio  
     Pera juizes de Ponte de Loures !  
     Tudo isso erão os vossos tremores ?  
     Monta ao todo hum grão de centeio.  
 CEN. Oubi os signaes, porque os creais.  
     Na hora, no ponto que resuscitou,  
     Toda a cabeça se me depenou,  
     E venho pellado.  
 LEV. Ha hi mais signaes ?

## 2.º CENTURIO.

- E eu desdentado ; ma ora nasci :  
 Somente hum dente m'a mim não ficou.  
 O sancto Diabo m'a mim lá levou.  
 SAM. Abre essa boca, yejamos se he assi :  
     Ja cerrou a cava : ó desventurado,  
     Andaste ás punhadas com algum rascão,  
     E quebrou-te os dentes, porque es villão,  
     E cuidas que o outro que he resuscitado.  
 LEV. Melhor viva eu e meu filho Jacó,  
     Que s'elle levante daquelle penedo.  
     Em dias que vivas, não hajas tu medo  
     Que nunca o encontres com outro, nem so.  
 CEN. Ser eu muito certo que estou pellado,  
     E, alem de pellado, tolhido de hum braço.  
 LEV. Arrepellárão-te á porta do paço :  
     Olhae que milagre para ser soado !  
 2.º C. E estes dedos — que dizes, Rabi ?  
     Que nenhūa unha não ficou comigo.  
 SAM. Mostra, veremos que houveste comigo.  
 2.º C. Attenta se minto, que ve-las aqui.  
 SAM. Digo-te, amigo, que forão unheiros,

Ou foi dor dos cabos nas pontas dos dedos,  
E não nos curaste, com medo dos medos.  
Mas estes milagres não são verdadeiros ;  
Não digais nada á nossa communa,  
Não façais rumor no nosso casal.

**CEN.** Pois que diremos que foi este mal ?  
Ou que remedio á nossa fortuna ?

**RABI LEVI.**

Dirás que arrendaste na sisa dos pannos,  
Ou nos azeites do haver do pêso ;  
E que arrepellaste hum homem travesso,  
Sobre razões, havera dous annos ;  
E que agora te arrepellou,  
E mais que t'estortegou esse braço ;  
E est'outro, vendo-te em tal embaraço,  
Por te acudir, que foi e empeçou,  
E deu c'os focinhos n'hum ferro d'arado,  
E quebrou os dentes, unhas e todo.  
E assi em todo ponde-vos de lodo,  
De chanto e de guaia, todo misturado.

**SAM.** Entendeis aquillo, homem de bem ?  
Toma hum vintem pera a cabelleira.  
Tu come das papas, não teras denteira ;  
E compra hūas luvas, ou furt'as a alguem.  
Nem digais que he vivo, que pola benção  
De Rabi Ascalvado, e de Dona Sol,  
Que vos tenchemos dentro n'hum lençol,  
E a capelladas morrereis ou não.

( Vão-se os Centurios. )

**RABI SAMUEL.**

Fallemos, saltemos no arrendamento.  
**LEV.** Rabi Samuel, mais releva isto.  
Quiçais era sancto este Jesu Christo,  
Que elle o mostrou em seu finamento ;  
O sol escurou, e a terra tremeo.  
**SAM.** Eu te direi a verdade inteira.  
Tremeo minha casa, cahio cantareira.  
Quebrou-se a loiça, todo se perdeo,  
Até o pichel que tinha d'azeite ;  
Fendeo-se-me hum pote, quebrou-me tigelas,  
Bacios, candieiros, panellas ;  
Não ficou vinagre, nem em que o deite.

**RABI LEVI.**

Vamo-nos ora a Rabi Aroz,  
E a Rabi Franco, e a Rabi Zarão :

Far-lhe-hemos menção da questa razão ;  
Que se isto he verdade, o demo he na voz.

SAM. Fallemos tambem a Rabi Mosé,  
E a Jacob lendroso, e Abrahão pellado.  
Saibamos se he este o nosso esperado,  
Vejamos se foi, se he, se não he.

*Vem Rabi Aroz, e diz :*

RABI AROZ.

Leixa-me passar.

LEV. Bem venhas, irmão ; pera onde vós ? ...

SAM. Ora está quêdo, e não sejas gron,  
Que voa pelo ar, e anda pelo chão.  
Ora attenta nisto.

Tu saberas que á cérca de Christo

— Tens bem que ouvir, e nós que fallar.

ARO. Não posso escutar, que vou campear,  
E se lhe tardar, bem sabes tu isto  
Em que pôde parar ;  
Porque este bolção não tem cerradouros.

SAM. Aperta-lhe a boca, até qu'isso passe.

ARO. Pois, emque agora um rei me fallasse,  
Eu lhe diria, — Senhor, vou-me a Mouros : —  
Ou lhe diria :

— Vou despachar húa mercadoria,  
Que está empachada á porta redonda. —

Desta te abasta e isto t'abonda

SAM. Disso te fartes de noite e de dia  
No tempo da monda.

RABI LEVI.

Pois vamos comtigo e vamos fallando.  
Fama he que Christo, depois de enterrado,  
De opa netta he resuscitado.  
Guai dos tristes que estavão guardando !  
Huns ficão pellados,  
Outros sem dentes, e braços quebrados,  
Outros sem unhas pera fazer prol ;  
E todos o vírão, fóra do lençol,  
Sair do penedo, todos acordados,  
Em saindo o sol.

RABI AROZ.

Pois erão quarenta com armas armados,  
Não no podião prender outra vez ?

SAM. Que razão essa de siso de pez !

ARO. Pois não no prendêrão, merecem matados.

- LEV. Quem ha de prender  
 Aquelle que tem tão grande poder ?  
 Seu corpo acoutado daquelle feição,  
 E húa lançada pelo coração !
- ARO. Sicaes não foi morto, e pôde bem ser ...
- LEV. Que negra razão !  
 Se fôra doença de que se finára,  
 E pôsto na cova se alçára e vivêra ;  
 Puderas dizer que esmorecêra  
 E perdêra os pulsos, mas a alma ficára.  
 Mas bem vimos nós,  
 E tu bem o sabes, Dom Rabi Aroz,  
 Que so dos açoutes, que mais não vivêra,  
 E que o soltarão, daquillo morrêra ;  
 E so da coroa, tambem crede vós  
 Que não guarecêra.
- Pois so de levar a cruz tão pesada  
 Pola serra acima homem tão delgado,  
 Disto somente ficára matado ;  
 Que são ja tres mortes, cada húa apertada.  
 E verão os cegos  
 Que so do tormento que levou dos pregos,  
 Fôra matado hum drago feroz,  
 Quanto mais a lançada. Cre, Rabi Aroz,  
 Que fomos ás lebres, tomámos morcegos ;  
 Esta he minha voz.

#### SAMUEL.

E a minha tambem, e acabo de crer  
 Que he este o Mexias nosso desejado ;  
 Porque Isaías, profeta amado,  
 Fallou deste tudo o que havia de ser ;  
 E Ezequiel,  
 Amos Salomão, David, Daniel,  
 Todos fallárão no seu resurgir.  
 Este he o Messias, sem mais arguir ;  
 Este he o honrado nosso Emanuel ;  
 O al he mentir.

#### RABI AROZ.

Meu pae arrendou húas alcaçarias  
 Junto do termo de Villa Real,  
 Com tal condição, que durasse o foral  
 Atés que viesse o nosso Messias.  
 Ora m'escutae.  
 Juro pela alma que foi de meu pae,  
 Que está a cousa bem embaraçada.

Estae ambos quedos, não boquejeis nada,  
 Não falle ninguem, vereis como vai  
 Esta emborilhada.

Meu pae era dono d'hūa filha minha,  
 E minha mãe filha de meu dono torto,  
 E hum meu irmão, que morreu no Porto,  
 Era mesmo tio dos filhos qu'eu tinha :  
 Tudo assi vai.

E minha mulher, nora de meu pae ;  
 E meu pae, marido de sua mulher ;  
 E sua mulher era sogra da minha.  
 Assi indo fomos, de linha em linha,  
 Até que meu pae veio a morrer.

Meu pae fallecido,  
 Vai minha mãe e perdeo o marido,  
 E fez-se viuva, e as alcaçarias  
 Forão do pae da mãe de Tobias,  
 Filha de Dom Donegal dolorido,  
 Que morreo nas Pias ;  
 E quando se fez a tomada de Arzila,  
 Dona Franca Pomba casou em Buarcos  
 Com Bento Capaio, capador de gatos,  
 Que furando alporcas, morreo em Tavila.

Em aquelles dias  
 Se fez o contracto das alcaçarias,  
 E David Ladainhás da manga cagada  
 Leixou assentado, que vindo o Messias  
 Que as alcaçarias, não tendo ellas nada,  
 Que fossem vasias.  
 Segue-se logo, se Christo he Mexias,  
 Que he salvador destas alcaçarias,  
 E ficarão livres, e postas em côbro ;  
 Porém eu creio que o que me diz meu sogro  
 He tudo vento, e são fantasias ;  
 E peccais em dôbro.

Porque, se fôra o que nós esperamos,  
 Levára os Judeus, povo de Israel,  
 A' terra que mana o leite e o mel,  
 Que he nossa herança, que de Deos herdamos.

LEV. Não que elle dizia  
 Que essa herança que não se entendia  
 Senão que havemos de resuscitar,  
 Assi como elle, pera nos levar  
 A' mesma herança que Deos promettia,  
 Lhe ouvi eu prégar.

Porque essas farturas que a terra antremette,  
 Forão creadas pera os animaes,

E que o Deu poderoso essas couosas taes  
 Não nas estima, nem dá, nem promette ;  
 E que o Mexias,  
 Se bem entendermos nossas profecias,  
 Não vinha a fartar os corpos de mel.  
 Tambem tu assi estavas, Rabi Samuel ?  
 Tu, Rabi Aroz, bem vi que dormias,  
 E Zarababel.

RABI AROZ.

- Pois que faremos sôbre isto emtanto ?
- LEV. Que nos calemos em nosso calado :  
 Quemquer que dixer que he resuscitado,  
 Dar-lhe-hei húa figa debaixo do manto :  
 E leixae estar ;  
 Que seja verdade, calar e negar.  
 Ter mão na Sinagoga, que nos dá repairo ;  
 Que sabendo-o o povo, he nosso o fadairo :  
 E se o aventar,  
 Cada sacerdote lhe cumpre estudar  
 Pera boticairo.  
 Tenhamos todos mui bem que comer,  
 Que farte, e sobeje pera todo o anno.  
 Tratemos em couosas em que caiba engano,  
 E se nos perdermos, não pôde mais ser.
- ARO. Sabes que receio ?  
 O mal que fazemos he crime tão feio,  
 Que ja Jeremias o chorou primeiro.
- LEV. Fundemo-nos todos em haver dinheiro ;  
 Porque quer seja nosso, quer seja alheio,  
 He Deu verdadeiro.  
 E ter mão na burra. Que dizeis, Aroz ?
- ARO. Façamos talmud com tantas patranhas,  
 Com que embaracemos tamanhas façanhas,  
 Antes que mettão a frota na foz.  
 E por simular,  
 Ordenemos festa com algum cantar,  
 Porque não entendão que somos vencidos.  
 Chacota na mão, fender os ouvidos  
 A quem nos ouvir. Alto, começar  
 A travar dos vestidos, e cabecear.

Auto da Cananea.

## F I G U R A S .

SILVESTRA — Lei da Natureza.  
HEBREA — Lei da Escriptura.  
VEREDINA — Lei da Graça.  
SATANAZ.  
CHRISTO.  
S. THIAGO.  
S. PEDRO.  
S. JOÃO.  
CANANEA.  
BELZEBU.

---

*Este auto que diante se segue fez o Autor por rogo da  
muito virtuosa e nobre Senhora D. Violante, Dona Abba-  
dessa do muito louvado e sancto convento do mosteiro de  
Odivelas ; a qual Senhora lhe pedio que por sua devaçao  
lhe fizesse hum auto sóbre o evangelho da Cananea. Foi  
representado na era do Senhor de 1534.*

## AUTO DA CANANEA.

---

*Entra Silvestra, Lei da Natureza, cantando.*

SILVESTRA.

“ Serra que tal gado tem  
“ Não na subirá ninguem. »  
    Eu sam Lei da Natureza,  
    E per nome Silvestra,  
    Das gentes primeira mestra  
    Que houve na redondeza.  
    Dos gentios sam firmeza,  
    E por pastora me tem.  
“ Não na subirá ninguem  
“ Serra que tal gado tem. »  
    Assi que ando a pastorar  
    Cem mil bandos de veados ;  
    Porque gentios são gados  
    Mui esquivos de guardar,  
    E tão bravos d'apriscar,  
    Que a serra que os tem  
“ Não na subirá ninguem  
“ Serra que tal gado tem. »  
    Quando os quero assocegar,  
    Logo cada hum tresmonta ;  
    De hum so Deos não fazem conta,  
    Senão correr e saltar.  
    Todo o seu bem he honrar  
    Diversos deoses que tem,  
    Com que lagrimas me vem.  
“ Serra que tal gado tem  
“ Não na subirá ninguem. »

*Entra Hebrea, Lei da Escriptura, e diz :*

HEBREA.

Que gado guardas aqui,  
Nesta fragosa espessura ?  
SIL. Guardo per lei de natura  
Meu gado : mas vejo em ti  
Que tu es Lei d'Escriptura.  
HEB. Sou pastora de Judea,  
Nascida em monte Sinai,

E o meu nome he Hebreia.

SIL. E o teu gado onde vai ?

HEB. Sempre pasce em mesa alheia.

E sabes que gado he ?

Tudo raposos e lobos :

E eu te dou minha fé,

Que he a mais falsa relé,

Que ha hi nos gados todos.

Nunca me ouvirão cantar ;

Que meu gado he tão erreiro,

Que sempre o verás andar

D'hum peccar n'outro peccar,

De captiveiro em captiveiro.

Que cante, não ha porque,

Com leones e dracones,

Nem prazer nunca me ve :

E se hūa ora canto, he

*Super flumina Babilonis.*

Depois vou-me a Jeremias,

E lamentamos a par,

E os prantos de Isaias.

Estas são as alegrias

Que meu gado anda a buscar.

#### SILVESTRA.

Não menos quebro os sentidos

Com meus veados diversos.

HEB. Isso são gados perdidos.

Os meus forão escolhidos,

E fizerão-se perversos.

Os Patriarchas primeiros

Erão gados celestiaes,

Ovelhas, sanctos carneiros,

E os profetas cordeiros,

E os d'agora lobos taes.

Pois tem em mim hūa pastora,

Que nunca foi outra tal.

SIL. Nego eu essa por agora,

HEB. Oh, se tu quizesse ora

Fazer-te minha igual !

SIL. Mas melhor he terdes grandeza.

HEB. Cal'-te, que não dizes nada ;

Qu'eu sam per Deos espirada,

E tu pela natureza.

#### SILVESTRA.

Parece esta que ca vem,  
Lei da Graça, sancta e benta.

HEB. Ella assi o representa,  
Segundo a graça que tem ;  
Mas de ti valho eu setenta.

*Vem a Lei da Graça, per nome Veredina, e diz cantando :*

**VEREDINA.**

« Serranas, não hajais guerra,  
« Que eu sam a flor desta serra. »  
    Oh que malhada, e que gado,  
E que tempo, e que pastora ?  
Por sempre seja louvado  
Hum so Deos que no ceo mora :  
Elle m'enviou agora  
Das alturas ca na terra,  
    Pera ser flor desta serra.  
« Serranas, não hajais guerra. »  
    Ovelhas e corderinhos  
He o meu gado maior ;  
Muito humildes e mancinhos,  
E pascem polos caminhos  
E montes do Redemptor :  
Elle he o summo pastor ;  
    E vós escusae a guerra,  
« Qu'eu sam a flor desta serra.  
    Outra mais alta pastora  
Anda na serra preciosa,  
Imperatriz gloriosa,  
Principal minha Senhora.  
Esta dos anjos se adora  
Sancta Rainha na terra ;  
    E me fez flor desta serra.  
« Serranas, não hajais guerra. »  
    Eu repasto suas cordeiras  
Virgens e martyrisadas,  
Que deixão frescas ribeiras,  
E as mundanas ladeiras,  
Por serem sacrificadas.  
Vós outras sois ja acabadas,  
Por demais he vossa guerra,  
« Qu'eu sam a flor desta serra.  
« Serranas não hajais guerra. »  
    Não he ja tempo de vós,  
Porque o tendes ja cumprido,  
E se abrirão os ceos,  
E lembrou-se o Senhor Deos  
Do que tinha promettido :

E cumpria inteiramente,  
Como eternal verdade,  
Com Abrahão suavemente,  
No mesmo tempo presente,  
Porque foi sua vontade.

## HEBREA.

Como ! vindo he o Messias ?

VER. Ja veio, e anda prégando,  
Ensinando e declarando  
As divinas profecias.

HEB. Isso estava eu esperando.

VER. Assi que a Lei da Graça  
Ha de ter todo o cuidado,  
Pastora mor de seu gado :  
Isto he per fôrça que eu faça,  
Pois vosso giro he passado.

Na semana que passou,  
Pera mais me confirmar,  
Satanaz mesmo o tentou  
Pelas vias que levou  
Com Adão no seu pomar.  
E ficou tão compreendido  
Do alto saber eterno . . .  
Ei-lo vem, que anda fugido,  
Porque ha de ser escozido  
Dos algozes do inferno.

## SATANAZ.

Como rapaz escolar,  
Que lh'esqueceo a licão,  
E sabe que lhe hão de dar ;  
Assi sei que hei de apanhar  
Desta vez hum estirão.  
Não porque tenhão razão,  
Se for nisto ;  
Porque eu tentei a Christo  
Com muita arte e discrição :  
Mas não me ha de valer isto.

Hei de haver tanta pancada,  
Porque o não venci de feito ;  
Tanta negra tiçoada,  
Que nunca foi embaixada  
Recebida de tal geito.  
E segundo o demo he feito,  
Vejo a osadas  
Estas barbas depennadas,  
E os cabellos a eito,

E as orelhas cortadas.  
 Porém nossas hierarchias  
 Que culpa me dão aqui,  
 Se hoje faz oito dias  
 Fui hum gigante Golias,  
 Mas topei com elRei Davi ?  
 De temor não lhe fugi,  
 Nem fiz falha  
 Em commetter a batalha,  
 Nem ficou nada por mi :  
 Mas não presto nem migalha.  
 Pude eu melhor pelejar ?  
 Pude eu melhor resistir ?  
 Pude eu mais negociar ?  
 Que mais se pôde arguir ?  
 Na materia d'enganar  
 Comecei-lhe de armar,  
 Per cortezia,  
 Com piedosa hypocrisia :  
 Cuidei de o derribar  
 Per este êrro que sabia.  
 Ora pois desta feição  
 Lutei ousado e manhoso,  
 Que culpa me poerão  
 Ir topar com Antenhão,  
 Hercules qui façanhoso !  
 Porém he tão rigoroso  
 Lucifer,  
 Que não quer senão o que quer,  
 Como menino mimoso ;  
 E a mim não m'ha de crer.

*Vem Belzebu, e diz :*

BELZEBU.

Como andas dessocegado !  
 Não sei que diabo has,  
 Que esta semana não vas  
 Ter ao nosso povoado,  
 Nem sabemos onde estás.

SAT. Eu muito nas horas más,  
 Fui d'esperto  
 Ter com Christo no deserto ;  
 Mas, desque eu sou Satanaz,  
 Não me vi em tal apêrto.

BELZEBU.

Como ! foi teu vencedor ?

SAT. Eu fiz-me pobre Barbato ;

Mas he tão gran sabedor,  
 Que me conheceo melhor,  
 Que eu conheço meu sapato :  
 E ainda que feito pato  
 Eu lá fóra,  
 Nem convertido em mulato,  
 Como o rato sente o gato,  
 Me sentira logo essora.

## BELZEBU.

E se he bom ver sem candeia,  
 He cousa bem innovada :  
 Mas meu spirito receia,  
 Porque tenho atormentada  
 A filha da Cananea.  
 E se elle he dessa veia,  
 O cavalleiro,  
 Deitar-m'-ha, como a sendeiro,  
 Húa solta e húa peia,  
 E morrerei em palheiro.

Porque a mãe anda apressada  
 Pera o ir logo buscar,  
 E eu quero lá tornar,  
 Que a minha demoninhada  
 Ha de ser ma de curar.

SAT. Se sua mãe acabar  
 Que elle queira,  
 Eu não te vejo maneira ;  
 E se te elle hi achar,  
 Teras infinda carreira.

## BELZEBU.

Irmão, quereis ir comigo ?  
 Vae tu, eramá pera ti,  
 Qu'eu não posso ir comtigo,  
 E bem m'abasta o perigo  
 Em que domingo me vi.  
 Elle ha de vir pera aqui  
 De rondão  
 Pera Tiro e Sidão :  
 Quero ver que faz per hi  
 Este famoso leão.

## BELZEBU.

Eu vou ora atormentar  
 A filha da Cananea ;  
 E quem a de mim livrar

Fara d'hum rato balea,  
E fara secar o mar.

SAT. Vae tu, qu'eu hei d'espreitar  
Alguns dias  
Se sera este o Messias,  
Ou o Deos que ha de encarnar,  
Como escreveo Isaías.

Porque Abrahão, na verdade,  
Nem Elias, nem Moisem,  
Não forão da sanctidade,  
Nem poderio que este tem,  
Nem com grande quantidade.

BEL. Fallas á tua vontade  
Eramá ;  
Se tu isso dizes ja,  
Mao caminho leva o abbade.

*Vem Christo, com elle seis Apostolos, S. Pedro, S. João, S. Thiago, S. Filipe, S. André, S. Simão; e diz*

S. THIAGO.

Irmãos, cumpre-vos saber  
Como havemos de orar,  
E quando houvermos de rezar,  
Que havemos de dizer,  
Pera nos aproveitar.  
E pera s'isto alcançar  
Do Redemptor,  
Seja Pedro embaixador ;  
E emquanto elle fallar,  
Adoremos ao Senhor.

S. PEDRO.

Toda esta congregação,  
Poderoso Rei sem par,  
Te pede com devação  
Que os ensines a orar,  
E orando que dirão.  
Porque estao na região  
De ignorantes,  
Símprezes principiantes  
Perguntão por onde irão,  
Como novos mareantes :  
E que he o que pediremos,  
Quando houvermos de rezar,  
E em que tempo rezaremos,  
E as horas e o logar.

E todos estes extremos  
 Assi que nos soccorremos  
 Per tal via  
 A' tua sabedoria,  
 Que nos dê o que não temos.

## CHRISTO.

A justiça e boa petição  
 Traz bom despacho comsigo ;  
 Mas bento he o varão  
 Que reza com coração,  
 E com alma e com sentido :  
 Que o rezar não he ouvido,  
 Nem he nada,  
 Sem alma estar inflamada,  
 E o spirito transcendido  
 Na divindade sagrada.

Nem cuideis que arrecadais,  
 Por rezar muita oração,  
 Se no coração estais  
 Fóra de contemplação.  
 Tende prompto o coração  
 Em seu louvor ;  
 E com lagrimas de amor,  
 Direis esta oração  
 A' grandeza do Senhor :

*Pater noster, qui es in cœlis, sanctifice-  
 tur nomen tuum : adveniat regnum tuum ;  
 fiat voluntas tua, sicut in cœlo et in terra.*

Com almas limpas e puras,  
 Direis isto ao Senhor,  
 Firmando-o por creador,  
 E padre das creaturas,  
 Que he no ceo Imperador.  
 E direis com grande amor :  
 Seja louvado  
 Teu nome e sanctificado,  
 Neste nosso orbe menor,  
 Como es no ceo adorado.

E direis a sua Alteza :  
 O teu reino venha a nós :  
 Em que pedis fortaleza,  
 E mais pedis pera nós  
 Graça e desperta limpeza,  
 E mais perfeita grandeza  
 De bondade,  
 E pedis á Deidade

Que por toda a redondeza  
Seja feita a sua vontade.

*Panem nostrum quotidianum da nobis  
hodie ; et dimitte nobis debita nostra, sicut  
et nos dimittimus debitoribus nostris ; et ne  
nos inducas in temptationem, sed libera nos  
a malo. Amen.*

Direis mais nesta oração,  
Sempre com espirito attento,  
E com prompta devação ;  
Faze-nos mercê do pão  
De nosso sustentamento ;  
Porque o certo mantimento,  
Mais facundo,  
Não se cria ca em fundo,  
Nem a neve, nem o vento,  
Nem na terra, nem no fundo.

E pedi-lhe, filhos, mais,  
Com choros dō coração,  
Que nos dê hūa quitação  
Das dividas em que lhe estais  
De vossa condemnação.  
Isto com tal condição  
Lh'o pedireis,  
Que assi perdoareis  
Os males que vos farão ;  
E senão, não no espereis.

E com gemente tenção  
Lhe haveis, filhos, de pedir  
Que vos não leixe cair  
Em nenhūa tentação,  
Que vos possa destruir.  
Ca não podeis resistir  
Ás tentações  
Sem Deos, que vence os dragões,  
Que vos querem destruir  
Per engano os corações.

E mais pedi per final,  
Humildosos e devotos,  
Como a padre general,  
Que nos perigos ignotos  
Vos livre de todo o mal.

*Vem a Cananea, cantando.*

**CANANEA.**

« Senhor, filho de David,  
« Amercea-te de mi :

« Senhor, filho de David,  
 « Amercea-te de mi. »  
 Que minha filha he tentada  
 D'espiritos que não tem cabo,  
 E minha casa assombrada,  
 Minha camara pintada  
 De figuras do Diabo.  
 De mal tão accelerado  
 Quem se livrará sem ti ?  
 « Senhor, filho de Davi,  
 « Amercea-te de mi. »  
 Triste mulher que faras !  
 Tanta pena quem t'a deu !  
 O' Inferno, que fiz eu,  
 Que mandaste a Satanaz  
 Que m'esbulhasse do meu !  
 Como esbulhada do seu,  
 Soccorrer-me venho a ti.  
 « Senhor, filho de Davi,  
 « Amercea-te de mi. »  
 Tem os seus braços torcidos,  
 Os olhos encarniçados,  
 Os cabellos desgrenhados,  
 Seus membros amortecidos ;  
 Dá gritos, faz alaridos,  
 E o soccorro está em ti.  
 « Senhor, filho de Davi,  
 « Amercea-te de mi. »  
 Mostra aqui teu poderio,  
 Manifesta tua grandeza,  
 E exalça teu senhorio :  
 Salva-me no teu navio,  
 No mar de tanta tristeza ;  
 Pois he sobre natureza  
 Este mal, pois que te vi,  
 « Senhor, filho de Davi,  
 « Amercea-te de mi. »

## S. THIAGO.

O' Senhor, por piedade  
 Escuta aquella mulher,  
 Pois tens de propriedade  
 Com muito boa vontade  
 Receberes quem te quer :  
 E o que te requer  
 Lhe concede,  
 Não olhes seu merecer ;

Mas ve bem o que te pede  
Se se pôde conceder.

S. JOÃO.

Senhor, a tua clemencia  
Pertence aos atribulados;  
Esta dona com seus brados  
Chama a tua providencia,  
Que he mãe dos desconsolados.  
Sejão, Senhor, inclinados  
Teus ouvidos  
A seus prantos e gemidos,  
Porque sejão consolados,  
E seus damnos socorridos.

S. PEDRO.

Eu creio que es pastor,  
E os humanos teu gado,  
E o lobo he o Diabo  
Seu contrário e matador.  
E pois te mata, Senhor,  
Esta ovelha,  
Incrina-lhe tua orelha ;  
Que, segundo seu clamor,  
Algum anjo a aconselha.

CHRISTO.

Eu não sam ca enviado  
Per piedoso nivel,  
Senão soccorrer ao gado,  
Que pereceo no montado  
Das ovelhas d'Israel.  
Por este vesti borel  
De vil terra,  
E não por gado de serra,  
Que pasce feno infiel,  
Sem querer sentir que erra.

CANANEA.

Senhor, não hei de cançar,  
Pois al não posso fazer ;  
Tu queiras-me perdoar,  
Porque te hei d'importunar,  
E tu m'has de soccorrer :  
Não que por meu merecer  
Tal confio ;  
Mas peço a teu senhorio,

Que me outorgue o seu querer,  
Pois creio o teu poderio.

S. THIAGO.

Oh que fé e que fervor,  
E que esforçada vontade !  
Bem merece a peccador  
Que alcance algum favor  
De tua summa piedade.  
Mostra a sancta majestade  
E perfeição  
Nas provincias de Canão,  
E toda a geralidade  
Dos demonios pasmarão.

BELZEBU.

Oh quem vos mette, Senhores,  
Em rogarde por ninguem ?  
Que quando rogarde bem  
Por vós outros peccadores,  
Ficareis ainda áquem.  
Que vos vai, ou que vos vem,  
Pois d'abinicio  
Assombrar he meu officio,  
E taxados quaes e quem ?

S. PEDRO.

O' maldito Belzebu,  
Quem te deu a ti poder  
Que atormentasses tu  
Nenhum homem nem mulher,  
Sem ter direito nenhum ?

BELZEBU.

Senhores Sanctos bemditos,  
Hi ha planetas visiveis,  
Ha hi outras invisiveis,  
Que pertencem aos spiritos,  
E causão cousas terríveis.

Qualquer que nascer sujeito  
A' maldita conjunção,  
Sem nenhūa appellaçāo,  
Nem estylo de direito,  
Pertence á nossa prisão,  
Assim como quem nascer  
Na conjuncção desastrada  
Em que peccou Lucifer.

E quem nasceo na hora tal  
 E planeta em que peccáraõ  
 Os Judeus, quando adoráraõ  
 O bezero de metal,  
 Pera nossos se geráraõ.

Tambem quem nascer no fito  
 Da conjunção em que cuido,  
 Que affogou o mar ruivo  
 Os cavalleiros do Egypto,  
 São nossas almas e tudo,  
 Tambem he da nossa alçada  
 Toda a pessoa nascida  
 Na conjunção celebrada  
 Que Sodoma foi queimada,  
 E Gomorra sovertida.

E he perdido tambem  
 Todo o que nascido for  
 Na conjunção do item,  
 Em que com bravo furor  
 ElRei Nabucodenusor  
 Destruio Jerusalem.  
 E esta moça de Canão,  
 E filha desta Senhora,  
 Foi nascer na conjunção  
 Que reinava a nossa hora.

E pois vós rogais por ella  
 A vosso Mestre, qu'eu temo,  
 Eu vou chamar outro demo,  
 E entraremos juntos nella,  
 E veremos este extremo.  
 E vós, Christo, não deveis,  
 Pois dizem que sois eterno,  
 Agravar o sancto inferno,  
 Nem quebrantar suas leis,  
 E seu sagrado caderno.

#### S. PEDRO

Oh que parvo prégador !  
 Oh que falsa astrolomia !  
 Que mao siso de doutor !  
 Que ignorante sabedor,  
 E que douda fantasia !  
 O' mestre da vaidade,  
 Tu não sabes que es cativo,  
 E escravo da Trindade !  
 Quem te deu ter potestade  
 Sôbre nenhum corpo vivo ?

## BELZEBU.

Não dizem que o Espírito Sancto  
 Fallava dentro em Davi,  
 E dos profetas assi ?  
 Porque não farei outro tanto  
 Nos que tenho pera mi ?  
 E Deos Padre não assombrava  
 A Moisem com terremoto,  
 Cada vez que lhe fallava ?  
 Cant'eu vi que assombrava  
 Com temores seus devotos.

## S. PEDRO.

Tu queres ser igualado  
 Com Deos, summa das grandezas ?  
 Como es desavergonhado,  
 Triste, maldito austinado,  
 Cheio de vans subtilezas !  
 Não lh'ouçamos vaidades,  
 Va fallar com quem quizer ;  
 Porque em lhe responder  
 Honramos suas maldades,  
 E isso he o qu'elle quer.

## CANANEA.

O' Senhor, escuta a triste,  
 De todo emparo estrangeira.  
 Ja, Senhor, viste e ouviste  
 Em que desastre consiste  
 A dor da minha canceira.  
 Não abasta atormentada  
 Minha filha, e minha dor  
 Ferida, escalabrada,  
 Mas agora ameaçada  
 Pera cada vez peor ?

## S. João.

Supplicamos-te, Senhor,  
 Que hajas della piedade.  
 Chr. Ja vos fallei a verdade ;  
 Meu padre me fez pastor  
 Do gado da sua vontade,  
 Das ovelhas de Jacó, &  
 Que procedem de Abrahão :  
 E dos povos de Canão  
 Ninguem haja delles dó ;  
 Fazei conta que cães são.

Como aos filhos consentis  
 Que lhes tire o mantimento,  
 Polo dar aos cães cevis ?  
 Injusta causa pedis  
 Com vosso requerimento.

CAN. Eu digo, Senhor, que si ;  
 Não tenho disso querella,  
 Confesso que sou cadella,  
 E de cadella nasci ;  
 E sou mais perra que ella.  
 E porém as cachorrinhas  
 Com os cães deste teor,  
 E os gatos e gallinhas  
 Se fartão das migalhinhas  
 Da mesa de seu senhor :  
 Quanto mais os seus manjares ;  
 Que es padre das companhas,  
 Fartas montes e montanhas,  
 E desertos e logares,  
 Até bichos e aranhas.  
 Com glória, mui sem trabalho,  
 Fartas os mares e rios,  
 E as hervas de rocios,  
 E os lirios de orvalho  
 Nos logares mais sombrios.  
 O' Criador liberal,  
 Que lá nos bosques perdidos  
 Tens os bichinhos providos,  
 E a mim so, por meu mal,  
 Os emparas escondidos !

*Pleni sunt cœli et terra*  
*Majestatis gloriæ tuæ :*  
 Pois inda que seja perra,  
 Não me leixes tu tão nua  
 Nesta triste e cruel guerra :  
 Que se ha remedio sem ti,  
 Eu não o posso entender ;  
 E se t'esquivas de mi,  
 Que excommungada nasci,  
 Quem outrem pôde absolver ?

Oh thesouro dos prazeres  
 E esperanças merecidas !  
 Polos teus sanctos poderes  
 Te peço, Senhor das vidas,  
 Que tu não me desesperes.  
 E se por ser Cananea,  
 E filha de perdição,

Desprezas minha oração ;  
 A misera *anima mea*  
 Onde achará redempção ?  
 Se perco por mulher ser,  
 Por meus erros profundos,  
 Senhor, deves tu de ver  
 Que nasceste de mulher  
 Escolhida entre mil mundos.

## CHRISTO.

Mulher, muito grande he  
 O teu bom perseverar,  
 E muito grande a tua fé ;  
 E he justo que te dê  
 O que vieste buscar.  
 Porque tens muito soffrido,  
 Como constante oradora,  
 Mando que logo nessora  
 Se cumpra o que tens pedido,  
 E sejas san desd'agora.

*Em este passo vem fugindo o demonio Belzebu, e topa com Satanaz, e diz :*

Venho saber que isto he.  
 SAT. Como vens assi turvado ?  
 BEL. Chegou-nos lá hum recado  
 De Jesu de Nazaré,  
 Mui terrivel e apertado.  
 SAT. Que recado ?  
 BEL. Eu t'o direi,  
 Que nenhūa cousa fique.  
 Não era mais seu repique,  
 Senão *ite maledicti patris mei.*

## SATANAZ.

Mais que me faz pasmar  
 Como chegou isso lá ;  
 Que Christo não foi de ca,  
 Nem se bolio d'hum logar.  
 BEL. Não sei com'isso sera ;  
 Que eramos mil escolhidos  
 Procedidos das nações  
 Daquelles coros subidos,  
 Thronos e Dominações.  
 A moça com grandes gritos  
 Ajuntou toda a cidade ;  
 E veio húa claridade,  
 Que nos cortou os espiritos.

- SAT. De fogo, ou que calidade ?  
 BEL. Era assi hum resplendor  
       Cercado de nuvens pretas ;  
       Os raios erão de settas,  
       E o fogo de temor.  
       No meio logo olhei,  
       Onde mil espantos vi :  
       Então sahia dalli  
       Esta voz do alto Rei :  
       *Ite, maledicti patris mei.*
- SAT. Era ahi teu irmão comtigo ?  
 BEL. Meu irmão e teus cunhados,  
       E Belial teu amigo,  
       E teu pae era comigo  
       E os Seraphins desbarbados.  
       E todos forçosamente  
       Fomos lançados dalli :  
       E assi supitamente,  
       Sem vermos nenhūa gente,  
       Nos arrastáram per hi.  
       Pelejar não no ouvi,  
       Nem chamar aqui-d'elrei,  
       Senão esta voz assi :  
       *Iti, ite, maledicti patris mei.*  
       Oh que voz pera temer !  
       Que temor pera sentir !  
       Que sentir pera doer !  
       E que dor pera soffrer  
       A quem tal voz comprender !
- SAT. Não estou maravilhado  
       Senão d'estar hi Hulcão,  
       E Gerundo bem armado,  
       E o dragão Frei Tropão,  
       E não terem coração  
       Pera se dar a recado.

## BELZEBU.

Porque fallas ao desdem,  
 E me culpas sem concerto,  
 Poisque viste no deserto  
 O poder que Christo tem,  
 Que atégora foi cuberto ?  
 Porém quem adivinhára  
 Que no mundo visse eu  
 Nenhum homem que ousára,  
 E sem temor me lançára  
 Per fôrça fóra do meu ?

## SATANAZ.

Rogo-te que pratiquemos  
Neste homem quem sera.  
BEL. He hum extremo d'extremos,  
Hum caso que não sabemos,  
Nem sei se se sabera.  
SAT. Eu acho no meu caderno,  
Qu'isto são desaventuras ;  
Porque esse homem he eterno,  
E ha de roubar o inferno,  
E deixar-nos ás escuras.

*Vão-se estes, e diç Christo aos Discipulos :*

## CHRISTO.

Onde o temor sempre atiça,  
E o receio melhor cabe,  
He no ladrão ; porque sabe  
Que deve muito á justiça ;  
Então teme que o pague.  
Assi o imigo infernal,  
Como peccou por maldade,  
Onde enxérga sanctidade,  
Tem-lhe temor natural,  
E grande odio per vontade.  
Eu vos dei hoje liçao  
De como haveis de orar,  
E quando, e de que feição,  
E o que haveis de fallar  
Em vossa sancta oração.  
Pois mais haveis de saber,  
E notae isto de mim :  
Que quem a Deos ha de haver,  
Lhe convem permanecer  
Nas virtudes até fim.

Porque Deos he duração,  
Glória sem acabamento,  
E não ha por perfeição  
Dous annos de devação,  
E trinta d'esquecimento.  
Bem viste esta mulher,  
E o seu perseverar,  
Seu soffrer e o seu crer,  
E com isto receber  
Quanto quiz arrecadar.

Rogo-vos sem mais latins,  
Por alcançardes o preço  
Dos Anjos e seraphins,

Que sempre os vossos fins  
 Concertem com o comêço.  
 Notae o soffrer d'Elias.  
 As paciencias de Job,  
 As prisões de Jeremias,  
 As fortunas de Jacob,  
 E como acabárão seus dias.

*Vem a Cananea, e diz :*

CANANEA.

Ajudae-me a dar louvores  
 E Graças ao Redemptor,  
 Pois fostes meus rogadores  
 Até fim de minha dor.

S. PEDRO.

*Vere dignus et justum est,*  
 Pois que a todos fez mercê.  
 Adoremos nosso mestre  
 Cheio de graça celeste,  
 Como por obra se ve.

*E cantando Clamavat autem, se acaba o dito auto.*

# Exhortaçāo da Guerra.

## F I G U R A S.

HUM CLERIGO.

ZEBRON )  
DANOR      Diabos.

POLICENA.

PANTASILEA.

ACHILLES.

ANNIBAL.

HEITOR.

SCIPIÃO.

---

*A tragicomedia seguinte seu nome he Exhortaçāo  
da guerra. Foi representada ao muito alto e nobre  
Rei D. Manuel o primeiro em Portugal deste nome, na  
sua cidade de Lisboa na partida para Azamor do illustre  
e mui magnifico Senhor D. Gemes Duque de Bragança  
e de Guimarāes na era de 1513.*

## EXHORTAÇÃO DA GUERRA.

---

*Entra primeiramente um Clerigo nigromante e diz:*

### CLERIGO.

Famosos e esclarecidos  
Principes mui preciosos,  
Na terra victoriosos,  
E no ceo muito queridos,  
Sou Clerigo natural  
De Portugal,  
Venho da cova Sibyla,  
Onde se esmera e estilla  
A subtileza infernal.

E venho mui copioso  
Magico e nigromante,  
Feiticeiro mui galante,  
Astrologo bem avondoso :  
Tantas artes diabris  
Saber quiz,  
Que o mais forte diabo  
Darei preso pelo rabo  
Ao Iffante Dom Luiz.

Sei modos d'encantamentos,  
Quaes nunca soube ninguem ;  
Artes pera querer bem,  
Remedios a pensamentos :  
Farei de hum coração duro  
Mais que muro,  
Como brando leituairo ;  
E farei polo contrario  
Que seja sempre seguro.

Sou mui grande encantador,  
Faço grandes maravilhas,  
As diabolicas sillas  
São todas a meu favor.  
Farei cousas impossiveis,  
Mui terriveis,  
Milagres mui evidentes,  
Que he pera pasmar as gentes,  
Visiveis e invisiveis.

Farei que huma Dama esquiva,  
 Por mais çafara que seja,  
 Quando o galante a veja,  
 Que ella folgue de ser viva :  
 Farei a dous namorados  
 Mui penados,  
 Que estem cada hum per si ;  
 E couzas farei aqui  
 Que estareis maravilhados.

Farei por meio vintem,  
 Que húa Dama muito feia,  
 Que de noite sem candeia  
 Não pareça mal nem bem ;  
 E outra férmosa e bella  
 Como estrella,  
 Farei por sino forçado,  
 Que qualquer homem honrado  
 Não lhe pesasse com ella.

Far-vos-hei mais pera verdes,  
 Por esconjuro perfeito,  
 Que caseis todos a eito  
 O melhor que vós puderdes.  
 E farei de noite dia  
 Per pura nigromancia,  
 Se o sol alumiar :  
 E farei ir polo ar  
 Todo a van fantasia.

Far-vos-hei todos dormir  
 Em quanto o somno vos durar,  
 E far-vos-hei acordar  
 Sem a terra vos sentir.  
 E farei hum namorado  
 Bem penado,  
 Se amar bem de verdade,  
 Que lhe dure essa vontade  
 Até ter outro cuidado.

Far-vos-hei que desejeis  
 Couzas que estão por fazer,  
 E far-vos-hei receber  
 Na hora que vos desposeis.  
 E farei que esta cidade  
 Estê pedra sóbre pedra ;  
 E farei que quem não medra  
 Nunca tem prosperidade.

Farei per magicas rasas  
 Chuvas tão desatinadas,  
 Que estem as telhas deitadas

Pelos telhados das casas :  
 E farei a torre da Sé,  
 Assi grande como he,  
 Per graça de sua clima,  
 Que tenha o alicesse ao pé,  
 E as ameas em cima.

Não me quero mais gabar.  
 Nome de San Cebrian  
 Esconjuro-te Satan —  
 Senhores não espantar.  
 Zet zeberet zerrugud zebet  
 O' filui soter  
 Rehe zezeget relinzen  
 O' filui soter.

O chaves das profundezas,  
 Abri os poros da terra ;  
 Principe da eterna treva,  
 Pareção tuas grandezas.  
 Conjuro-te, Satanás,  
 Onde estás,  
 Polo bafo dos dragões,  
 Pola ira dos leões,  
 Polo valle de Jurafás ;

Polo fumo peçonhento  
 Que sae da tua cadeira,  
 E pola ardente fogueira,  
 Polo lago do tormento,  
 Esconjuro-te, Satan,  
 De coração  
 Zezeget seluece soter,  
 Conjuro-te, Lucifér,  
 Que ouças minha oração.

Polas nevoas ardentes  
 Que estão nas tuas moradas,  
 Polas poças povoadas  
 De viboras e serpentes,  
 E polo amargo tormento,  
 Mui sem tento,  
 Que dás aos encarcerados ;  
 Polos gritos dos damnados,  
 Que nunca cessão momento :

Conjuro-te, Berzebu,  
 Pola ceguidade hebraica,  
 E pola malicia judaica,  
 Com a qual te alegras tu,  
 Rezé put Linteser

Zamzorep tisal  
Lisó fé nafezeri.

*Vem os diabos Zebron e Danor, e diz*

**ZEBRON.**

Que has tu, excommungado ?  
CLE. O' irmãos, venhais embora.  
DAN. Que nos queres tu agora ?  
CLE. Que me façais hum mandado.  
ZEB. Polo altar de Satan,  
Dom villão.  
DAN. Toma-lo por essas gadelhas,  
E cortemos-lhe as orelhas,  
Que este clérigo he ladrão.

**CLERIGO.**

Manos, não me façais mal,  
Compadres, primos, amigos.  
ZEB. Não te temos em dous figos.  
CLE. Como vai a Belial ?  
Sua côrte está em paz ?  
DAN. Dá-lhe aramá hum bofete :  
Crismemos este rapaz,  
E chamemos-lhe zobete..

**CLERIGO.**

Ora fallemos de siso :  
Estais todos de saude ?  
ZEB. Fideputa, meio almude,  
Que tens tu de ver com isso ?  
CLE. Minhas potencia relaxo,  
E me abaxo :  
Fallae-me d'outra maneira.  
DAN. Sois Bispo vós da Landeira,  
Ou vigairo no Cartaxo ?

**ZEBRON.**

He Cura do Lumeir,  
Sochandre da Mealhada,  
Acipreste de canada,  
Bebe sem desfolegar.  
DAN. He capellão terrantez,  
Bom Ingrez,  
Patriarcha em Ribatejo,  
Beberá sôbre hum cangrejo  
As guelas d'hum Francez.

## ZEBRON.

- DAN. Danor, di-me, he Cardial  
D'Arruda ou de Caparica ?  
Nenhūa cousa lhe fica  
Senão sempre o vaso tal.  
Tem hum grande Arcebispado  
Muito honrado,  
Junto da pedra da estrema,  
Onde põe o diadema  
E a mitra o tal prelado.

## ZEBRON.

- CLE. Ladrão, sabes o Seixal  
E Almada e pereli ?  
O' fideputa alfaqui,  
Albardeiro do Tojal !  
Diabos, quereis fazer  
O que eu quizer,  
Per bem, ou de outra feição ?  
DAN. O' fideputa ladrão,  
Havemos-te de obedecer.

## CLERIGO.

Ora eu vos mando e remando  
Polas virtudes dos Ceos,  
Pola potencia de Deos,  
Em cujo serviço ando ;  
Conjuro-vos da sua parte,  
Sem mais arte,  
Que façais o qu'eu mandar  
Pola terra e polo ar,  
Aqui e em toda a parte.

## ZEBRON.

- DAN. Como te vai com as terças ?  
He vivo aquelle alifante  
Que foi a Roma tão galante ?  
Amargão-te a ti estas verças ?  
CLE. Esconjuro-te, Danor,  
Por amor de San Paulo  
E de San Polo.  
ZEB. Tu não tens nenhum miolo.  
CLE. Eu vos farei vir a dor.  
Por esta madre de Deos  
De tão alta dignidade,  
E pela sua humildade,  
Com que abrio os altos ceos,

Polas veias virginæs  
 Imperiaes,  
 De que Christo foi humanado . . .  
 ZEB. Que queres, excommungado ?  
 Manda-nos, não digas mais.

## CLERIGO.

Minha mercê manda e ordena  
 Que tragais logo essas horas  
 Diante destas Senhoras  
 A Troiana Policena,  
 Muito bem ataviada  
 E concertada,  
 Assi linda como era.  
 DAN. Quanta pancada te dera,  
 Se pudera ;  
 Mas tens-me a fôrça quebrada.

## CLERIGO.

Venha por mar ou por terra,  
 Logo muito sem referta.  
 ZEB. E a terça da offerta  
 Tambem pagas pera a guerra ?  
 CLE. Trazei logo a Policena  
 Mui sem pena  
 Com sua festa diante.  
 ZEB. Inda irá outro alifante,  
 Pagarás quarto e vintena.

*Vem Policena e diç :*

## POLICENA.

Eu que venho aqui fazer ?  
 Oh que gran pena me déstes,  
 Pois por fôrça me trouxestes  
 A hum novo padecer.  
 Que quem vive sem ventura  
 Em gran tristura,  
 Ver prazeres lhe he mais morte.  
 Oh bellenissima côrte,  
 Senhora da formosura !

Não foi o Paço Troiano  
 Dino de vosso primor :  
 Vejo hum Priamo maior,  
 Hum Cesar mui soberano ;  
 Outra Hecuba mais alta,  
 Mui sem falta,  
 Em pod'rosa, doce e humana,

A quem por Phebo e Diana  
 Cada vez Deos mais esmalta.  
 E vós, Principe excellente,  
 Dae-me alviçaras liberaes,  
 Que vossas mostras são taes,  
 Que todo o mundo he contente.  
 E aos Planetas dos Ceos  
 Mandou Deos  
 Que vos dessem taes favores,  
 Que em grandeza sejais vós  
 Prima dos antecessores.  
 Por vós mui fermosa flor,  
 Iffante Dona Isabel,  
 Forão juntos em tropel,  
 Por mandado do Senhor,  
 O ceo e sua companha,  
 E julgou Jupiter juiz  
 Que fosseis Imperatriz  
 De Castella e Alemania.  
 Senhor Iffante Dom Fernando,  
 Vosso sino he de prudencia,  
 Mercurio per excellencia  
 Favorece vosso bando.  
 Sereis rico e prosperado  
 E descançado,  
 Sem cuidado e sem fadiga,  
 E sem guerra e sem briga ;  
 Isto vos está guardado.  
 Iffante Dona Beatriz,  
 Vós sois dos sinos julgada  
 Que haveis de ser casada  
 Nas partes de flor de lis.  
 Mais bem do que vós cuidais,  
 Muito mais,  
 Vos tem o mundo guardado ;  
 Perdei, Senhores, cuidado.  
 Pois com Deos tanto privais.

## CLERIGO.

Que dezeis vós destas rosas,  
 Deste val de fermosura ?  
 POL. Tal fôra minha ventura  
 Como ellas são de fermosas.  
 Oh que côrte tão luzida,  
 E guarneçida  
 De lindezas pera olhar ?

Quem me pudera ficar  
Nesta gloriosa vida !

## DANOR.

Nesta vida ! lá acharás.

POL. Quem me trouxe a este fado ?

DAN. Esse zote excommungado

Te trouxe aqui onde estás :

Pergunta-lhe que te quer,

Pera ver.

POL. Homem, a que me trouxeste ?

CLE. Que ? ainda agora vieste,

E has-de-me responder !

Declara a estes senhores,

Pois foste d'amor ferida,

Qual achaste nesta vida

Que he a mor dor das dores

E se as penas infernaes

Se são ás do amor iguaes,

Ou se dão lá mais tormentos

Dos que ca dão pensamentos

E as penas que nos dais.

## POLICENA.

Muito triste padecer

No inferno sinto eu,

Mas a dor que o amor me deu

Nunca a mais pude esquecer.

CLE. Que manhas, que gentileza

Ha de ter o bom galante ?

POL. A primeira he ser constante,

Fundado todo em firmeza ;

Nobre, secreto, calado,

Soffrido em ser desdenhado,

Sempre aberto o coração

Pera receber paixão,

Mas não pera ser mudado.

Ha de ser mui liberal,

Todo fundado em franqueza :

Esta he a mor gentileza

Do amante natural.

Porque he tão desviada

Ser o escasso namorado,

Como estar fogo em geada,

Ou húa cousa pintada

Ser o mesmo incorporado.

Ha de ser o seu comer

Dous bocados suspirando,

E dormir meio velando,  
Sem de todo adormecer.  
Ha de ter mui doces modos,  
Humano, cortez a todos,  
Servir sem esperar della ;  
Que quem ama com cautela  
Não segue a tenção dos Godos.

CLE. Qual he a causa principal  
Porque deve ser amado ?

POL. Que seja mui esforçado :  
Isto he o que mais lhe val.  
Porque hum velho idoso,  
Feio e muito socegado,  
Se na guerra tem boa fama,  
Com a mais fermosa dama  
Merece de ser ditoso.

Senhores Guerreiros guerreiros,  
E vós Senhoras guerreiras,  
Bandeiras e não gorgueiras  
Lavrae pera os cavalleiros.  
Que assi nas guerras Troianas  
Eu mesma e minhas irmans  
Teciamos os estandartes,  
Bordados de todas partes  
Com divisas mui louçans.

Com cantares e alegrias  
Davamos nossos collares,  
E nossas joias a pares  
Per essas capitaniais.  
Renegae dos desfiados,  
E dos pontos enlevados :  
Destrua-se aquella terra  
Dos perros arrenegados.

Oh quem vio Pantasilea  
Com quarenta mil donzellas  
Armadas como as estrellas  
No campo de Palomea !

CLE. Venha aqui ; trazei-m'a ca.

ZEB. Deixa-nos ieramá.

CLE. Ora sus, qu'estais fazendo ?

DAN. O' diabo qu'eu t'encommendo  
E quem tal poder te dá !

*Entra Pantasilea e diz :*

PANTASILEA.

Que quereis a esta chorosa  
Rainha Pantasilea,

A penada, triste, e fea  
Pera côrte tão fermosa ?  
Porque me quereis vós ver  
Diante vosso poder,  
Rei das grandes maravilhas,  
Que com pequenas quadrilhas  
Venceis quem quereis vencer ?

Se eu, Senhor, fôrra me vira,  
Do inferno solta agora,  
E fôra de mi senhora ;  
Meu Senhor, eu vos servíra.  
Empregára bem meus dias  
Em vossas capitaniais,  
E minha frecha dourada  
Fôra bem aventureada,  
E não nas guerras vazias.

Oh famoso Portugal,  
Conhece teu bem profundo,  
Pois até ó pólo segundo  
Chega o teu poder real.  
Avante, avante, Senhores,  
Pois que com grandes favores  
Todo o ceo vos favorece :  
El Rei de Fez esmorece,  
E Marrocos dá clamores.

Oh ! deixae de edificar  
Tantas camaras dobradas,  
Mui pintadas e douradas,  
Que he gastar sem prestar.  
Alabardas, alabardas !  
Espingardas, espingardas !  
Não queirais ser Genoezes,  
Senão muito Portuguezes,  
E morar em casas pardas.

Cobrae fama de ferozes,  
Não de ricos, qu'he p'rígosa ;  
Dourae a patria vossa  
Com mais nozes que as vozes.  
Avante, avante, Lisboa !  
Que por todo o mundo soa  
Tua próspera fortuna :  
Pois que fortuna t'enfuna,  
Faze sempre de pessoa.

Achilles, que foi daqui  
De perto desta cidade,  
Chamae-o dirá a verdade,  
Se não quereis crer a mi.

- CLE. Ora sus, sus, digo eu.  
 ZEB. Este clérigo he sandeu :  
     Onde estou, que o não crismo !  
     O' fideputa judeu,  
     Queres vazar o abismo ?

*Vem Achilles, e diz :*

ACHILLES.

Quando Jupiter estava  
 Em toda sua fortaleza,  
 E seu gran poder reinava,  
 E seu braço dominava  
 Os cursos da natureza ;  
 Quando Martes influia  
 Seus raios de vencimento,  
 E suas fôrças repartia ;  
 Quando Saturno dormia  
 Com todo seu firmamento ;  
 E quando o Sol mais luzia,  
 E seus raios apurava,  
 E a Lua apparecia  
 Mais clara que o meio dia ;  
 E quando Venus cantava,  
 E quando Mercurio estava  
 Mais prompto em dar sapiencia ;  
 E quando o Ceo se alegrava,  
 E o mar mais manso estava,  
 E os ventos em clemencia ;  
 E quando os sinos estavão  
 Com mais gloria e alegria,  
 E os pólos s'enfeitavão,  
 E as nuvens se tiravão  
 E a luz resplandecia ;  
 E quando a alegria véra  
 Foi em todas naturezas :  
 Nesse dia, mez e era,  
 Quando tudo isto era,  
 Nascêrão Vossas Altezas.  
 Eu Achilles fui creado  
 Nesta terra muitos dias,  
 E sam bem aventurado  
 Ver este reino exalçado  
 E honrado per tantas vias.  
 O' nobres seus naturaes,  
 Por Deos não vos descuideis ;  
 Lembre-vos que triumphais :

O' prelados, não dormais,  
Clerigos, não murmureis.

Quando Roma a todas velas  
Conquistava toda a terra,  
Todas donas e donzelas  
Davão suas joias bellas  
Pera manter os da guerra.  
O' pastores da Igreja,  
Moura a seita de Mafoma,  
Ajude a tal peleja,  
Que açoutados vos veja  
Sem apellar para Roma.

Deveis de vender as taças,  
Empenhar os breviairos,  
Fazer vasos das cabeças,  
E comer pão e rabaças,  
Por vencer vossos contrairos.

ZEB. Assi, assi, aramá :  
Dom Zote, que te parece ?

CLE. E a mi que se me dá ?  
Quem de seu renda não ha  
As terças pouco lhe impece.

## ACHILLES.

Se viesse aqui Annibal  
E Heitor e Scipião,  
Vereis o que vos dirão  
Das cousas de Portugal  
Com verdade e com razão.

CLE. Sus, Danor, e tu Zebrão,  
Venhão todos tres aqui.

DAN. Fideputa, rapaz, cão,  
Perro, clérigo, ladrão !

ZEB. Mao pezar veja eu de ti.

*Vem Annibal, Heitor, Scipião, e di-*

## ANNIBAL.

Que cousa tão escusada  
He agora aqui Annibal,  
Que vossa côrte he afamada  
Per todo o mundo em geral.

HEL. Nem Heitor não faz mister,  
Nem tampouco Scipião.

SCI. Deveis, Senhores, esperar  
Em Deos que vos ha de dar  
Toda Africa na vossa mão.

Africa foi de Christãos,  
Mouros vo-la tem roubada.

Capitães ponde-lh'as mãos,  
 Que vós vereis mais louçãos  
 Com famosa nomeada.  
 O' Senhoras Portuguezas,  
 Gastaes pedras preciosas,  
 Donas, Donzelas, Duquezas,  
 Que as taes guerras e emprezas  
 São propriamente vossas.

He guerra de devaçāo,  
 Por honra de vossa terra,  
 Commettida com razão,  
 Formada com discriçāo  
 Contra aquella gente perra.  
 Fazei contas de bugalhos,  
 E perlas de camarinhas,  
 Firmaes de cabeças d'alhos ;  
 Isto si, Senhoras minhas,  
 E esses que tendes dae-lh'os.

Oh ! que não honrāo vestidos,  
 Nem mui ricos atavios,  
 Mas os feitos nobrecidos ;  
 Não briaes d'ouro tecidos  
 Com trepas de desvarios :  
 Dae-os pera capacetes.  
 E vós, Piores honrados,  
 Reparti os Priorados  
 A Suiços e soldados,  
*Et centum pro uno accipietis.*

A renda que apanhais  
 O melhor que vós podeis,  
 Nas igrejas não gastais,  
 Aos pobres pouco dais.  
 E não sei que lhe fazeis.  
 Dae a terça do que houverdes,  
 Pera Africa conquistar,  
 Com mais prazer que puderdes ;  
 Que quanto menos tiverdes,  
 Menos tereis que guardar.

O' senhores cidadãos,  
 Fidalgos e Regedores,  
 Escutae os atambores  
 Com ouvidos de christãos.  
 E a gente popular  
 Avante ! não refusar.  
 Ponde a vida e a fazenda,  
 Porque para tal contendā  
 Ninguem deve recear.

*Todas estas figuras se ordenárão em caracol, e a vozes cantárão e representárão o que se segue cantando*

*Todos.*

« Ta la la la lão, ta la la la lão. »  
 ANN. Avante ! avante ! Senhores !  
 Que na guerra com razão  
 Anda Deos por capitão.  
 Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »  
 ANN. Guerra, guerra, todo estado !  
 Guerra, guerra mui cruel !  
 Que o gran Rei Dom Manuel  
 Contra Mouros está irado.  
 Tem promettido e jurado .  
 Dentro no seu coração  
 Que poucos lh'escaparão  
 Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

*ANNIBAL.*

Sua Alteza détermina  
 Por acresentar a fé,  
 Fazer da mesquita Sé  
 Em Fez por graça divina.  
 Guerra, guerra mui contina  
 He sua grande tenção.  
 Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

*ANNIBAL.*

Este Rei tão excellente,  
 Muito bem afortunado.  
 Tem o mundo rodeado  
 Do Oriente ao Ponente :  
 Deos mui alto, omnipotente,  
 O seu real coração  
 Tem posto na sua mão.  
 Tod. « Ta la la la lão, ta la la la lão. »

*E com esta soiça se sahirão, e feneceo a susodita tragicomedia.*

Cortés de Jupiter.

## F I G U R A S.

PROVIDENCIA.

JUPITER.

QUATRO VENTOS.

MAR.

SOL.

LUA.

VENUS.

MARS..

HUMA MOURA ENCANTADA.

---

*A tragicomedia seguinte foi feita ao muito alto e poderoso Rei D. Manuel, o primeiro em Portugal deste nome, á partida da Illustrissima, Senhora Iffanta D. Beatriç, Duqueza de Saboia: da qual sua invençao he: Que o Senhor Deos, querendo fazer mercê á dita Senhora, mandou sua Providencia por messageira a Jupiter, Rei dos Elementos, que fizesse Côrtes, em que se concertassem Planetas e Signos em favor da sua viagem. Foi representada nos Paços da Ribeira na cidade de Lisboa, era de 1519.*

## CORTES DE JUPITER.

---

*Entrou logo a Providencia em figura de Princeza, com esphera e cetro na mão, e diz :*

### PROVIDENCIA.

Eu Providencia chamada,  
Provedora do presente,  
No porvir antecipada,  
Sam por Deos ora enviada  
Polas orações da gente.  
Rogão per toda Saboia  
E nos reinos onde estais,  
Por esta Deosa de Troia,  
Por esta divina joia,  
Que agora lh'enviais.

He de tantos e de tantas  
O meu Deos tão requerido,  
Dos anjos, Santos e Santas,  
E todos com preces tantas,  
Que não tem conto sabido.  
Reis, Rainhas e Donzelas,  
E muitos por esta estrella  
Rogão a seu Senhor dellas,  
Nosso Deos, que va com ella  
Como estrella entre as estrellas.

Sôbre o qual todos pastores  
Leixão sem pasto as manadas,  
E se fazem oradores,  
Em offerta dando flores  
E suas pobres soldadas.  
Bispos, frades, e beguinios,  
E monjas de Jesu Christo,  
Até moços e meninos  
De joelhos pedem isto,  
Humilhados e continos.

Que elle muito a seu prazer  
A leve a salvamento ;  
E para isto haver de ser  
Jupiter ha de fazer  
Côrtes logo em hum momento.

Porque Deos me deu a mi,  
 Que o fizesse rei do mar,  
 E dos ventos outro si,  
 E dos sinos : venha aqui  
 Pera logo começar.

*Vem Jupiter e diz :*

JUPITER.

Eis-me aqui, alta senhora ;  
 Que quer Vossa Magestade ?

- PRO. Nobre Rei, venhais embora.  
 Cumpre que façais nessora  
 Côrtes com solemnidade.
- JUP. Sôbre que, divina joia ?
- PRO. Porque vai húa Princeza,  
 Alta Iffanta Portugueza,  
 Duqueza pera Saboia.

JUPITER.

Por muito seu bem será  
 E vida do coração.  
 O Senhor a levará,  
 Tanto prazer lhe dará,  
 Como lhe deu perfeição.  
 Subi a vossa exaltação,  
 E mandaes chamar o Mar,  
 E mandaes pôr em prisão  
 Os ventos de Meridião,  
 Que impedem seu navegar.

E venha a Lua dourada,  
 O Sol e Venus causando  
 Que a linda desposada  
 Não caminhe esta jornada  
 Com saudade suspirando.  
 Manda Deos que va folgando  
 Por esses mares de Troia ;  
 Fazei-lhe o mar muito brando  
 E não se catará quando  
 Se verá dentro em Saboia.

A hora do partir se vem,  
 Fazei côrtes logo essora.

- JUP. Ellas se farão mui bem,  
 Pois que nosso Senhor tem  
 Cuidado dessa Senhora.

- PRO. Eu vou prover logo essora  
 Naquelle casa dozena.  
 Dos males que he malfeitora,

Aindaque tudo adora  
Aquillo que Deos ordena.

*Vai-se a Providencia e entrão os quatro Ventos em figura de trombeteiros e diç*

JUPITER.

I logo dizer ao Mar  
Que faço côrtes agora,  
E que o mando chamar.

SUL. Cumpre-nos bem de ventar  
Para elle saltar ca fóra.

*Tocão os Ventos suas trombetas, e vem o Mar muito furioso, e diç a Jupiter :*

MAR.

Pardeos, grande farnesia  
Me dão vossas fôrças bellas,  
Que muito bem merecia  
Mandares messageria  
Polas vossas sete estrellas.

Ou por hum rio dos meus,  
Ou pelo meu maior pégo,  
Ou pelos montes Prineos,  
E não por quatro sandeus,  
Que são contra meu socego.

JUP. Muito bravo vem o Mar.  
MAR. Vós não sois minha senhora  
A Lua que m'ha de mandar.  
JUP. Eu te farei amansar  
Pola tua superiora.

Idê, ventos, á mui bella  
Lua Diana fermosa,  
Dizei que a mais bella qu'ella  
Está pera ir á vela  
Destes reinos, poderosa.  
Venha ás Côrtes aqui  
O Sol e Venus e ella,  
E tu, Mar, não te vas d'hi.

MAR. Venha a senhora de mi,  
Qu'eu m'entenderei com ella.

JUPITER.

Tudo s'ha de concertar  
Nestas côrtes que fazemos :  
O ceo e a terra e o mar  
E os ventos s'hão d'amansar,  
Pera ser o que queremos.

*Vem o Sol e a Lua bailando ao som das trombetas dos Ventos, e com elles Venus, e diz o*

## SOL.

Oh caso pera espantar !  
Que he isto, Jupiter ?  
A que nos mandais chamar ?  
Quer-se o Orbe renovar,  
Ou torna-se o mundo a fazer ?

## JUPITER.

Mas he hum caso profundo,  
E de tanta preminencia,  
Que Deos com rosto jocundo,  
Como se fizesse hum mundo,  
Manda poer diligencia.  
Vai a serena e altiva,  
Cuja graça persevera  
Contra todo o mal esquiva,  
Filha do que muito viva,  
Neta do que não morrêra.

Polo qual vós clara Lúa,  
Concertae vossas marés,  
Porque em tudo esta he húa,  
Que no oriente nenhúa  
Tal como esta não poz pés.  
Primeiramente vos digo,  
Ventos, sereis avisados  
Que vão as naos sem perigo.

SUL. Eu sou Sul, fallae comigo.

## NORTE.

Senhor, eu sam Norte, eu.

NORD. Eu sou Nordeste, eu sim,  
E digo que o Sul he sandeu.

SUL. Tal siso tens tu como eu ;  
Fallas como vento emfim.

JUP. Tu Norte, teras cuidado,  
E Noroeste outro tal,  
De ventar e com recado.

NOR. O Sul ha mister atado  
C'os doudos no esprital.

## NOROESTE.

Si Senhor, e o Sudoeste,  
Elle Sueste tambem ;  
Vente Norte e Nor-noroeste,  
Porque a Viagem preste ;

E não vente outrem ninguem.  
 VEN. Oh quem fôra agora o Mar !  
 LUA. Nunca elle foi tão ditoso.  
 SOL. Mais ditoso se ha de achar,  
       Quando a vir, o seu esposo.  
       E dirá, como a olhar,  
       Namorado com razão :  
       « Niña erguedme los ojos,  
       « Que a mi namorado m'hão. »

*Este Vilancete foi cantado a tres vozes: o Sol, a Lua e Venus, e acabado diç:*

JUPITER.

Pera esta viagem ser  
 Aquella que Deos ordena,  
 Vós, Lua, haveis de fazer  
 A o Mar obedecer  
 A esta frota serena.

SOL.

Mande primeiro, Senhor,  
 Que não seja retrográda  
 Venus, pois sois seu maior,  
 E Deos que he superior  
 Favorece a desposada.

JUP. Partirá esta alta esposa,  
 No ponto de prea-mar,  
 Com sua frota lustrosa,  
 Na conjunção mais ditosa  
 Que lhe pudermos guisar.

E ao desferir das velas  
 Faremos que va tambem  
 Com todas suas donzellias,  
 Que hajão saudade dellas,  
 E ellas não de ninguem.  
 E por mais solemnidade,  
 E Sua Alteza folgar,  
 Sahirão desta cidade  
 Toda a geralidade  
 Dos nobres per esse mar.

Não com velas nem com remos,  
 Mas todos feitos pescados,  
 Da feição que aqui diremos ;  
 Que em tal caso os extremos  
 Em extremo são louvados.  
 Os conejos da Sé embora,  
 Em figuras de toninhas,

Irão com esta Senhora  
Até bem de foz em fóra  
Por essas ondas marinhas.

SOL.

E tambem até Cascaes  
Irão os Vereadores,  
Feitos rodavalhos taes,  
E delles darão mil aís,  
E delles dirão amores.

VEN. Tambem irão frades alguns  
Do termo e da cidade.

LUA. Mas não ficarão nenhuns :  
Serão ruivos ametade,  
E os outros serão atuns.

VENUS.

E todolos corretores  
Em figura de robalos.

SOL. Juizes e Ovidores,  
Delles peixes voadores,  
E delles peixes cavallos.

LUA. Como irão os estudantes ?

JUP. Feitos barbos de Monção,  
E delles em rans cantantes,  
Dizendo per consoantes :  
Quem nos dera aqui o Durão !

Os da Moeda irão tornados  
Em garoupas de Guiné,  
Das moreas espantados,  
Perguntando aos pescados  
Cada hum que peixe he.

VEN. Sahirão as regateiras  
Em cardume de sardinhas,  
Nadando muito ligearas,  
Desviadas das carreiras,  
Por não topar co'as toninhas.

SOL.

Irão certos bachareis  
Em fórmula de tubarões.

JUP. Esses apôs as gales ;  
E irão almotacés  
Convertidos em cações.

VEN. Jorge Vasco Goncellos  
N'hum esquife de cortiça  
Irá alfenando os cabellos,

Por divisa doux novelos ;  
A letra dirá : *Ou iça !*

## LUA.

Sabeis vós quem irá bem  
Em figura de balea ?  
Gil Vaz da Cunha ; porém  
Encalhará em Belem,  
E dirá : Eis-me n'area.  
Dona Isabel sua mulher  
Faremos raia n'hum salto,  
E cantará ao pratel,  
« Eu m'era Dona Isabel,  
« Agora raia do alto. »  
Irão mulheres solteiras,  
Todas nuas, trosquiadas,  
Bem rapadas as moleiras,  
Carregadas de peneiras,  
Em senhas sibas sentadas.

SOL. Irão todolos cantores ;  
Contras altos, carapaos ;  
Os tiples, alcaketores ;  
Enxarroxos os tenores ;  
Contrabaxos, bacalhaos.  
Com elles Pero do Porto  
Em figura de çafio,  
Meio congro deste rio,  
Cantando mui sem conforto,  
« Yo me soy Pero çafio. »

## JUPITER.

Agora cumpre attentar  
Como poemos as mãos,  
Porque he razão de ordenar  
Como a vão acompanhar  
O seu Principe e seus irmãos.  
LUA. Em que figuras irão ?  
VEN. Aves me parece a mi,  
Que em peixes não he razão :  
Em aves, d'outra feição.  
JUP. Não hão d'ir senão assi :  
O Principe nosso Senhor  
Irá em quatro rocins  
Marinhos, em hum andor  
Do ouro que melhor for  
Em toda a terra dos Chins :  
E hum sobreceo por cima,

D'esmeraldas e rubis  
 Lavrado d'obra de lima,  
 Que não possão dar estima  
 A lavores tão subtils.

Sua figura será  
 Hum Alexandre segundo,  
 Que sem grifos subirá  
 Onde bem divisará  
 Todas cousas do mundo.

**VEN.** E Garcia de Resende  
 Feito peixe tamboril ;  
 Einda que tudo entende,  
 Irá dizendo por ende :  
 Quem me dera hum arrabil.

JUPITER.

O mui precioso Iffante  
 Dom Luis esclarecido  
 Irá muito triumphante,  
 Senhor da vida galante,  
 Em cernes alvos subido.  
 E irá João de Saldanha  
 No mar muito afadigado,  
 Feito arenque d'Alemanha,  
 Dizendo : Es cosa estraña  
 Ser Castellaño y pescado.

O precioso Cardeal  
 Irá sobre homens marinhos,  
 Em hum carro triumphal,  
 Padre sancto natural,  
 Per mui naturaes caminhos.

**SOL.** Dom Fernando, Iffante bello,  
 Fermo, bem assombrado,  
 Irá posto em hum castello,  
 Que será prazer de vê-lo,  
 Sobre sereas armados.

LUA.

Diogo Fernandes irá,  
 Porque he commendador,  
 Em hum peixe que hi não ha,  
 Porém elle se fara,  
 Prazendo a nosso Senhor.

**VEN.** Sobre tres leões marinhos  
 O Iffante Dom Anrique  
 Irá em cama d'arminhos,  
 Brincando com douis anginhos,  
 Que não he razão que fique.

## SOL.

E na sua dianteira  
 Tristão da Cunha irá  
 Em congro da Pederneira,  
 Bradando : Aparta carreira !  
 Tanto qne enrouquecerá.  
 A mui preciosa Senhora  
 Iffanta Dona Isabel  
 Irá como superiora  
 Estrella clara d'aurora  
 N'hūa galé sem batel,  
 Com seis remos de marfim,  
 E o ceo todo por vela ;  
 E levará á toa alli  
 Todo o mundo apos de si,  
 E irá adorando a ella.

VEN. E o Estribeiro mor,  
 Convertido em peixe mu,  
 Irá por corregeedor  
 Das baleas, e senhor  
 De pardeos gran peixe es tu.

## JUPITER.

Madama Dona Maria  
 Irá sobre Cherubins  
 N'hūa roupa d'alegria,  
 Por aia Sancta Lusia,  
 E por guardas Seraphins.

LUA. Joanna do Taco, no mar  
 Em gran centola tornada,  
 Irá rija, sem tardar,  
 Dizendo : Cumple aguijar,  
 Que de prisa va el armada.

## JUPITER.

Tambem he bem de ordenar  
 Que as Damas que ficão ca,  
 Que a vâo acompanhar  
 Vinte leguas pelo mar.

VEN. Senhor, muito bem será.  
 JUP. O conselho que ha mister,

Em que figuras irão ?  
 Diga aqui seu parecer  
 Cada hum como entender,  
 E tomar-se-ha concrusão.  
 E por ir de todo ornada  
 A Dama ha de levar

Cada hūa sua criada,  
 E que va differençada  
 No vestido e no logar.  
 E não digamos aqui  
 Nenhum nome de mulher,  
 Nem dama ; mas tomem d'hi  
 Cada hūa pera si  
 O que melhor lhe vier.

Digo que hūa irá sentada  
 Sôbre tres garças subida,  
 Como rosa ataviada,  
 Toda de seda amorada,  
 Pois dá namorada vida.  
 Irá bem sua criada  
 Mettida n'hūa gamella,  
 E a cabeça rapada,  
 Hūa touca esfarrapada,  
 E hūa gorra amarella.  
 E irá junto da vela,  
 Onde o Arcebisco vai ;  
 Cantará rouca singela :  
 « Não me quiz casar meu pae,  
 Ora folgae. »

## SOL.

Sôbre fermosa salvagem  
 Outra Dama irá tambem  
 De carmesim d'avantagem  
 Por alegrar a viagem,  
 Mas não ja outrem ninguem.  
 Irá cantando porém,  
 Que bem lhe parecerá :  
 « Aquel caballero, madre, si me habrá  
 Con tan mala vida como ha ? »

E a sua moça irá  
 Em trosquia n'hum sendeiro,  
 C'hum sainho de liteiro,  
 Descoberto o alvará.  
 E sabeis que cantará  
 Lá defronte de Cascaes ?  
 « A que horas me mandais  
 Aos olivaes ! »

## VENUS.

Sôbre tres garças reaes  
 Irá outra linda Dama  
 Com graças especiaes,  
 E não desejando mais  
 Senão de cruel ter fama.

Cantará com mal tamanho  
 O triste seu servidor :  
 « Nunca fue pena mayor,  
 Ni tormento tan estraño. »

A moça irá dianteira  
 N'hum zambuco de Cochim,  
 Por piloto hum beleguim,  
 E por toldo húa joeira :  
 Muito negra a cabelleira,  
 Cantando mui de verdade :  
 « Estes meus cabellos, madre,  
 Dos á dos me los lleva el aire. »

Irá outra linda estrela  
 Sobre carreta d'estrellas,  
 Vestida toda amarella,  
 Porque desesperem della  
 Como das outras donzelas :  
 Irá mui cara e altiva.

Cantar-lhe-ha hum desditoso :  
 « De vos y de mi quejoso,  
 De vos porque sois esquiva. »

Sua moça sem mais moço  
 Irá c'os olhos na gente,  
 Trosquiada muito rente,  
 C'os toucados ó pescoço ;  
 Cantará com alvcroço  
 E alteração comsigo :  
 « Enganado andais, amigo,  
 Comigo ;  
 Dias ha que vo-lo digo. »

## JUPITER.

Sobre satyros do mar  
 Irá outra fresca rosa  
 Dentro de hum lindo pomar,  
 Ouvindo as aves cantar,  
 Vestida muito custosa.

Cantarão a esta fermosa  
 A calhandra e o rouxinol :  
 « Gentil dama valerosa,  
 Y doncella por cuyo amor. »

A moça irá n'hum alguidar,  
 E vestido hum alquicé ;  
 O alguidar por lavar,  
 E ella por pentear.

Perguntando por Guiné,  
 Cantará batendo o pé :

« Sem mais mando nem mais rôgo  
Aqui me tendes, levae-me logo. »

## SOL.

Outra de gran fermosura  
Irá em nuvem de bonança,  
Em hum brial sem costura :  
A côr sera verde escura,  
Porque dá triste esperança..  
E com esperança perdida  
Cantará seu namorado :  
« Al dolor do mi cuidado,  
Y en tus manos la mi vida,  
Me encomiendo condenado. »  
Sua aia em corvos marinhos  
Irá antre huns almadraques,  
E nos marinhos caminhos  
Fazendo a todos focinhos  
Porque cospem dos seus traques,  
Levará mil taramaques  
De pez, por mais alegria ;  
Cantará c'os atabaques :  
« Se disserão digão alma mia. »

## LUA.

As outras damas irão  
A' malmaïça vestidas ;  
Segundo sua tenção,  
Assi as côres tomarão  
Differentes e escolhidas.  
Em carros d'ouro mettidas,  
Sôbre seiscentos golfinhos,  
E mil satyros marinhos,  
Com harpas d'ouro compridas  
Tangendo pelos caminhos.

## VENUS.

E irão suas creadas  
N'hum lagar d'azeite todas,  
Sem crenchas, descabelladas,  
Como salvagens pasmadas  
De tão altissimas vodas.  
E sahirão ás janellas  
Com senhas tochas de palha  
Debruíadas amarellas :  
Se não olharem par'ellas,  
Não lhes dará nemigalha.

## JUPITER.

Acompanha-la-ha esta gente  
 Assi em cima á frol do mar,  
 Por servir a excellente  
 Nova estrella d'Oriente  
 Tornar-se-hão de Gibraltar.  
 E a desposada bella,  
 Bella e bem aventureada,  
 Verá tudo da janella  
 Da nao ; e o mar verá a ella,  
 E será delle adorada.

## SOL.

Será bem que desde o Estreito  
 Vão em cima de baleas,  
 Havendo á tal festa respeito,  
 Cantando todas a eito  
 Cento e trinta mil sereas  
 Diante do seu navio ;  
 Cantarão estas que digo :  
 « Por el rio me llevad, amigo,  
 Y llevadme por el rio. »

## JUPITER.

Deos Mars, que he das batalhas,  
 Desde o Estreito adiante,  
 Pera segurar a Iffante  
 Que não va a lume de palhas,  
 Venha aqui mui triumphante.

*Cantáron todas estas figuras em chacota a cantiga  
 de Llevadme por el rio ; e os Ventos forão chamar  
 o Planeta Mars, o qual veio com seus sinos, s. Cancer,  
 Leo e Capricornio, e diz*

## MARS.

Humilho-me a vós, sagrado  
 Jupiter. Que me mandais ?  
 Eis-me aqui a vosso mandado.  
 JUP. Vós sejais mui bem chegado  
 A estas côrtes reaes.  
 Manda El Rei de Portugal,  
 Senhor do mar oceano,  
 Sua filha natural  
 Per conjunção divinal  
 Pelo mar meio-terrano.

## MARS.

Ja sei que quereis dizer :  
 Direis que tem adversarios :  
 Descançae e havei prazer,  
 Que pera seu gran poder  
 Podem pouco seus contrairos.  
 Leva gente muita fina,  
 Poderosa artelharia,  
 E a nao Sancta Catherina,  
 Que vai per graça divina  
 Co'a proa n'Alexandria.

E mais eu tenho cuidado  
 Deste reino Lusitano,  
 Deos me tem dito e mandado  
 Que lh'o tenha bem guardado,  
 Porque o quer fazer Romano :  
 Que nas batalhas passadas,  
 Que Castella o quiz tentar,  
 Levárão tantas pancadas,  
 Que depois de bem levadas,  
 Não ousárão mais tornar.

E assi nas partes d'alem  
 Sempre foi favorecido,  
 E na India tambem.  
 Ou digão se vio alguem  
 Reino em fama tão luzido ;  
 Pequeno e mui grandioso,  
 Pouca gente e muito feito,  
 Forte e mui victorioso,  
 Mui ousado e furioso  
 Em tudo o que toma a peito.

Cavalleiros de vontade,  
 Gente sem rebolaria,  
 Fidalgos que amão verdade ;  
 A nenhüa adversidade  
 Mostrão nunca covardia.  
 São extremo nos amores,  
 Amadores do seu Rei  
 E grandes seus servidores ;  
 Com favores, sem favores,  
 Sempre tem direita lei.

Assi, Senhor, que agora  
 Não se trate aqui de guerra,  
 Porque vai esta Senhora  
 Em tal ponto e em tal hora,  
 Que seu he o mar e a terra.  
 Mas deveis, Senhor, mandar

Os Planetas musicaes  
 Ao encantado logar,  
 E a poder de seu cantar  
 Tragão ca a Moura Taes.

## JUPITER.

Pera tal caso ha mister  
 Diana e Venus que cante.  
 MAR. E a Moura ha de trazer  
 Tres cousas que vos disser,  
 Pera do Estreito avante.  
 Hum annel seu encantado,  
 E hum didal de condão,  
 E o precioso terçado  
 Que foi no campo tomado  
 Depois de morto Roldão.

O terçado pera vencer ;  
 O didal he tão facundo,  
 Que tudo lhe fara trazer ;  
 O annel pera saber  
 O que se faz polo mundo.  
 Quantas festas maginar,  
 Até cousas invisiveis,  
 Todas verá pelo mar :  
 Fará os peixes cantar,  
 E cousas mais impossiveis.

Desencantemo-la ora,  
 E pera mais a forçar,  
 Havemos-lhe de cantar  
 A historia desta Senhora  
 Como vai longe a morar.  
 E ficará por victoria  
 Polo mundo adiante  
 Pera sempre por sua gloria  
 Este romance em memoria  
 Da partida desta Iffante.

*Romance.*

Niña era la Ifanta,  
 Dona Beatriz se decia,  
 Nieta del buen Rey Hernando,  
 El mejor Rey de Castilla,  
 Hija del Rey Don Manuel  
 Y Reina Dona María,  
 Reis de tanta bondad  
 Que tales dos no habia.

Niña la casó su padre,  
 Muy hermosa á maravilla,  
 Con el Duque de Saboya,  
 Que bien le pertenecia,  
 Señor de muchos señores,  
 Mas que Rey es su valia.  
 Ya se parte la Ifanta,  
 La Ifanta se partia  
 De la muy leal ciudad  
 Que Lisboa se decia ;  
 La riqueza que llevaba  
 Vale toda Alejandria.  
 Sus naves muy alterosas,  
 Sin cuento la artilleria ;  
 Va por el mar de Levante,  
 Tal que temblaba Turquia.  
 Con ella va el Arzobispo  
 Señor de la Cleresia ;  
 Van Condes y caballeros  
 De muy notable osadía ;  
 Lleva damas muy hermosas,  
 Hijas dalgo y de valía.  
 Dios los lleve á salvamiento  
 Como su madre querria.

*Este romance cantão os Planetas e Signos a quatro vozes, pera com as palavras delle e musica desencantarem a Moura Taes de seu encantamento, a qual entra com o terçado e annel e didal de condão, que Mars disse que ella tinha em seu poder, e diz :*

## MOURA.

Mi no xaber que exto extar,  
 Mi no xaber que exto xer,  
 Mi no xaber onde andar.  
 Alah xaber divinar,  
 Lo que extar Alah xaber ;  
 Alah xaber que es aquexto,  
 Alah xaber y yo no ;  
 Alah xaber max que yo,  
 Alah, digirme que ex exto.

Jupiter, que á mí mandar ?  
 Dox mil añox extar cantada ;  
 Agora donde llévar ?  
 Agora otro mundo extar,  
 Agora no xaber nada.  
 Porque tirarme de caxa,  
 Porque d'inforno tirarme

De compañía de Axa,  
 Mi hija nieta de Braxa,  
 Reina que extar del Algarve ?

## JUPITER.

Presentae isso á Senhora  
 Iffante e nova Duqueza.

- Mou.** Gran coja mandar agora :  
 Señora, assi mi morir Mora,  
 Jupiter dar box gran empreza ;  
 Que exte dedal Alah quebir  
 Extar de māe de Mahomad.  
 Señora, quanto box pedir,  
 El fager lugo venir :  
 Alah xaber esta verdad.  
 Exte anel de condon  
 Perguntalde box á él,  
 Y él dará a box razon  
 De quantos xacretos xon :  
 Tudo box xaber por él.
- JUP.** Amigos, isto he feito,  
 Vão-se as Côrtes acabando  
 Por seu estilo direito :  
 Cante-se o que no Estreito  
 As Sereas hāo d'ir cantando.

*Tornão todos a cantar a modo de chacota: Por el  
 río me llevad, e com ella se forão, e acabão as  
 Côrtes.*

Tragicomedia Pastoril da  
Serra da Estrella.

## F I G U R A S.

SERRA DA ESTRELLA.  
HUM PARVO.  
GONÇALO.  
FELIPA.  
CATHERINA.  
FERNANDO.  
MADANELA.  
RODRIGO.  
HUM ERMITÃO.  
JORGE.  
LOPO.

---

*Tragicomedia pastoril feita e representada ao muito poderoso e catholico Rei D. João, o terceiro deste nome em Portugal, ao parto da Serenissima e mui alta Rainha D. Catherina nossa Senhora, e nascimento da Illustrissima Iffante D. Maria, que depois foi Princeza de Castella, na cidade de Coimbra, na era do Senhor de 1527.*

TRAGICOMEDIA PASTORIL  
DA  
SERRA DA ESTRELLA.

---

*Entra logo a Serra da Estrella com hum Parvo,  
e diz :*

SERRA DA ESTRELLA.

Prazer que fez abalar  
Tal serra como eu da Estrella,  
Fará engrandecer o mar,  
E fará bailar Castella,  
E o ceo tambem cantar.  
Determino logo essora  
Ir a Coimbra assi inteira,  
Em figura de pastora,  
Feita serrana da Beira,  
Como quem na Beira mora.  
E levarei lá comigo  
Minhas serranas trigueiras,  
Cada qual com seu amigo,  
E todalas ovelheiras  
Que andão no meu pacigo.  
E das vaccas mais pintadas,  
E das ovelhas meirinhas,  
Para dar apresentadas  
A' Rainha das Rainhas,  
Cume das bem assombradas.  
Sendo Rainha tamanha,  
Veio ca á Serra embora  
Parir na nossa montanha  
Outra Princeza d'Hespanha,  
Como lhe demos agora :  
Húa rosa imperial  
Como a mui alta Isabel,  
Imagen de Gabriel,  
Repouso de Portugal,  
Seu precioso esperavel.  
Bem sabe Deos o que faz.

PAR. Bofé, não sabe nem isto ;

A Virgem Maria si ;  
 Mas quant'elle não he bô,  
 Nega pera queimar vinhas.  
**SER.** Isso has de tu dizer ?  
**PAR.** Quem ? Deos ? Juro a Deos  
 Que não faz nega o que quer.  
 Lá em Coimbra estava eu  
 Quando a mesma Rainha  
 Pario mesmo em cas d'in-Rei :  
 Eu vos direi como foi.  
 Ella mesma ( benza-a Deos )  
 Estava mesma no Paço,  
 Qu'ella quando ha de parir  
 Poucas vezes anda fóra.  
 Ora a mesma Camareira,  
 Porque he mesma de Castella,  
 Rogou á mesma parteira  
 Que fizesse delle ella.  
 ( Perequi vai a carreira )  
 Sabeis porque ?  
 Porque a mesma Imperatriz  
 Pario mesmo Imperador,  
 E agora estão aviados,  
 Mas quando minha mãe paria,  
 Como a Virgem a livrava,  
 Tanto se lhe dav'ella  
 Que fosse aquelle como aquella,  
 Senão ovos húa vez.

*Vem Gonçalo, hum pastor da Serra, que vem da  
 Corte, e vem cantando.*

**GONÇALO.**

“ Volaba la pega y vaise :  
 “ Quem me la tomasse.  
 “ Andaba la pega  
 “ No meu cerrado,  
 “ Olhos morenos  
 “ Bico dourado  
 “ Quem me la tomasse. »

**SER.** Pardeos, mui alvoroçada  
 Anda a nossa Serra agora !  
 Gonçalo, venhas embora  
 Pqrque eu estou abalada  
 Pera sair de mim fóra.  
 Queria-vos ajuntar  
 Logo logo, muito ásinha,  
 Para irmos visitar

Nossa Senhora a Rainha,  
Querendo Deos ajudar.

## GONÇALO.

Eu venho agora de lá,  
E segundo o que eu vi,  
Que vamos lá bem será.  
Isto crede vós qu'he assi ;  
Porque dizem que a Princeza,  
A menina que naceo,  
Parece cousa do ceo,  
Hūa estrella muito accesa  
Que na terra appareceo.

## SERRA.

Gonçalo, eu te direi :  
Ella ja naceo em serra,  
E do mais fermoso Rei  
Que ha na face da terra,  
E de Rainha mui bella.  
E mais naceo em cidade  
Muito ditosa pera ella,  
E de grande autoridade.  
E mais naceo em bom dia  
Martes, deos dos vencimentos,  
E trouxerão logo os ventos  
Agua que se requeria  
Pera todos mantimentos.

PAR. Ás vezes faz Deos couosas,  
Cousas faz elle ás vezes  
A través, como homem diz.

Nega se meu embeleco,  
Vai poer as pipas em sêcco,  
E enche d'agua o Mondego :  
Fará mais hum demenesteco ?  
Engorda os Vereadores,  
E sécca as pernas ás moças  
De cima bem t'ós artelhos ;  
E faz os frades vermelhos,  
E os leigos amarellos,  
E faz os velhos murzellos.

Enruça os mancebelhões,  
E não attenta por nada ;  
Pedem-lhe em Coimbra cevada,  
E elle dá-lhe mexilhões  
E das solhas em cambada.

GON. Vós, Serra, se haveis d'ir

Com serranas e pastores,  
 Primeiro se hão d'avir  
 Húa manada d'amores,  
 Que não querem concrudir.  
 Eu trago na phantesia  
 De casar com Madanelia,  
 Mas não sei se querrá ella ;  
 Perol eu, bofé, queria.

*Vem Felipa, pastora da Serra, cantando.*

FELIPA.

« A mi seguem dous açores,  
 « Hum delles morirá d'amores.  
 « Dous açores qu'eu havia  
 « Aqui andão nesta bailia,  
 « Hum delles morirá d'amores. »

Gonçalo, viste o meu gado ?

Dize se o viste embora.

GON. Venho eu da côrte agora,  
 E diz que lhe dê recado !

FEL. Pois ja tu ca es casado,  
 Nega que esperão por ti.

GON. E sem mi me casão a mi ?  
 Ora estou bem aviado !

FELIPA.

Não ha hi nega casar logo,  
 E fazer vida com ella,  
 Se não for com Madanelia.

GON. Tiro-m'eu fóra do jôgo.

FEL. Essa he a melhor do jôgo.

GON. Ess'outra será Alvarenga ?

FEL. Mas Catherina Meigengra.

GON. Antes me queime mao fogo.

Não vem a Meigengra a conto,  
 Que he descuidada perdida ;  
 Traz a saia descosida,  
 E não lhe dará hum ponto.  
 Oh quantas lendes vi nella,  
 E pentear nemigalha ;  
 E por dá-me aquella palha,  
 He maior o riso qu'ella.

Varre e leixa o lixo em casa,  
 Come e leixa alli o bacio ;  
 Cada dia a espanca o tio,  
 Nega porque tão devassa  
 Madanelia mata a braza.

Não cuides de mais arenga,  
E dize tu, mana, a Meigengra  
Que va amassar outra massa.

FELIPA.

Ja teu pae tem dada a mão,  
E dada a mão feito he.

GON. Pardeos, dar-lhe-hei eu de pé,  
Como a casca de melão.  
Raivo eu de coração  
D'amores de Madanela.

FEL. Meigengra he mais rica qu'ella,  
Qu'essa não tem nem tostão.

GONÇALO.

Arrenego eu do argem,  
Que me vem a dar tormento ;  
Porque hum so contentamento  
Val quanto ouro Deos tem.  
Deos me dê quem quero bem,  
Ou me tire a vida toda ;  
Com a Morte seja a voda,  
Antes que outrem me dem.

FELIPA.

Eu me vou pé ante pé  
Ver o meu gado onde vai.  
GON. E eu quero ir ver meu pae,  
Veremos como isto he.

*Vem Catherina Meigengra, cantando.*

CATHERINA.

« A serra es alta,  
« O amor he grande,  
« Se nos ouvirane. »

FELIPA.

Onde vas, Meigengra mana ?  
CAT. A novilha vou buscar :  
Viste-m'a tu ca andar ?  
FEL. Não na vi esta somana.  
Agora estora vai daqui  
Gonçalo que vem da corte :  
Mana, pesou-lhe de sorte  
Quando lhe fallei em ti,  
Como se foras a morte.  
Tem-te tamanho fastio !  
CAT. Inda bem, por minha vida ;

Porqu'eu, mana, sam perdida  
 Por Fernando de meu tio.  
 S'eu com elle não casar,  
 D'amores m'hei de finar.  
 Aborrece-me Gonçalo  
 Como o cu do nosso gallo ;  
 Não no queria sonhar.

## FELIPA.

Se tu não queres a elle,  
 Nem elle tampouco a ti.  
 CAT. Quanta s'elle quer a mi,  
 Negras más novas vão delle.  
 Deos me case com Fernando,  
 E moura logo esse dia,  
 Porque me mate a alegria  
 Como o nojo vai matando.

Oh Fernando de meu tio,  
 Que eu vi polo meu peccado !

FEL. Fernando, esse teu damado  
 Casava comigo a furto.

CAT. Dize, rogo-t'o, ha muito ?

FEL. Este sabado passado.

CAT. Oh Jesu ! como he malvado,  
 E os homens cheios d'enganos ;  
 Que por mi, vai em tres annos,  
 Que diz que he demoninhado.

Felipa, gingras tu ou não ?  
 Isso creio que he chufar ;  
 E se tu queres gingrar  
 Não me dês no coração,  
 Que o que doe não he zombar.

FEL. Elle veio ter comigo  
 Bem ó penedo da palma,  
 E disse : Felipa, minh'alma,  
 Raivo por casar comtigo.  
 Digo eu, digo :  
 Vae, vae nadar que faz calma.

## CATHERINA.

Olha tu se zombava elle.

FEL. Bem conheço eu zombaria ;  
 Vi eu, porque eu não queria,  
 Correr as lagrimas delle.

CAT. Maos choros chorem por elle,  
 Que assi chora elle comigo,  
 E vai-se-lhe o gado ó trigo,  
 E sóis não olha par'elle.

## FELIPA.

Eu vou casuso ao cabeço,  
 Por ver se vejo o meu gado.  
 CAT. Tal me deixas por meu fado,  
 Que do meu toda m'esqueço.  
 Quem soubesse no comêço  
 O cabo do que começa,  
 Porque logo se conheça  
 O qu'eu j'agora conheço.

*Vem Fernando cantando.*

## FERNANDO.

« Com que olhos me olhaste,  
 « Que tão bem vos pareci ?  
 « Tão asinha m'olvidaste,  
 « Quem te disse mal de mi ?

## CATHERINA.

A que vens, Fernando honrado ?  
 Ver Felipa tua senhora ?  
 Venhas muito da ma hora  
 Pera ti e pera o gado.  
 FER. Catalina ! Catalina ! assi  
 Tolhes-me a falla, Catalina ?  
 Olha ieramá pera mi ;  
 Pois que me tu sêis assi  
 Carrancuda e tão mofina,  
 « Quem te disse mal de mi,  
 « Com que olhos me olhaste, &c. »

## CATHERINA.

Dize, rogo-te, Fernando,  
 Porque me trazes vendida ?  
 Se Felipa he a tua querida,  
 Porque m'andas enganando ?  
 FER. Eu mouro ; tu estás zombando.  
 CAT. Oh que não zombo ; Jesu !  
 Não casavas co'ella tu ?  
 FER. Eu estou della chufando.  
 Catalina, esta he a verdade,  
 Não creias a ninguem nada ;  
 Que tu me tens bem atada  
 A alma e a vida e a vontade.  
 CAT. Pois que choraste com ella,  
 Não ha hi mais no querer.  
 FER. De chorar bem pôde ser,  
 Mas não chorava eu por ella.

Felipa avulta-se contigo,  
 Vendo-a, foste-me lembrar;  
 Então puze-me a chorar  
 As lembranças de meu p'risgo:  
 Se ella o tomou por si,  
 Que culpa lhe tenho eu?  
 Mas este amor quem m'o deu,  
 Deu-m'o todo para ti,  
 E bem sabes tu qu'he teu.

## CATHERINA.

Oh que grande amor te tenho,  
 E que grande mal te quero.

FER. Ja de tudo desespero:  
 Tão desesperado venho,  
 Que ja mal nem bem não quero.  
 Teu pae tem-te ja casada  
 Com Gonçalo d'antemão,  
 E eu fico por esse chão,  
 Sem me ficar de ti nada,  
 Senão dor de coração.

Ver-te-has em outro poder,  
 Ver-te-has em outro lugar,  
 Eu logo sem mais tardar,  
 Frade prometto de ser,  
 Pois os diabos quizerão.  
 E alli me deixarão  
 Tanta de maginação,  
 Quanta teus olhos me derão  
 Desde o dia d'Acençao.

*Ver-te-has em  
outro lugar*

*Ver-te-has em  
outro lugar*

## CATHERINA.

Mas casemos, dá ca a mão,  
 E dir-lhe-hei que sam casada.

FER. Ja tenho palavra dada  
 A Deos de religião,  
 Ja não tenho em mi nada.

CAT. Oh quantos perigos tem  
 Este triste mar d'amores,  
 E cada vez são maiores  
 As tormentas que lhe vem.

Se tu a ser frade vas,  
 Nunca me verão marido:  
 Tu seras frade mettido  
 Porém tu me metterás  
 Na fim da Rainha Dido.

FER. Não se poderá escusar

De casares com Gonçalo ;  
 E querendo tu escusá-lo,  
 Não no podes acabar,  
 Que teu pae ha de acabá-lo.

## CATHERINA.

*Sé libera nos a malo !*  
 Nunca Deos ha de querê-lo ;  
 E Gonçalo não me quer,  
 Nem eu não quero a Gonçalo.  
 Eilo vem : vê-lo, Fernando ?  
 Vem em cima na portela ;  
 Diante vem Madanela :  
 Aquella anda elle buscando.  
 Vamo-los nós espreitar  
 Alli detras do vallado ;  
 E veremos seu cuidado  
 Se te dá em que cuidar,  
 Ou se falla desviado.

*Vem Madanela cantando, e Gonçalo detras della*

## MADANELA.

« Quando aqui chove e neva,  
 « Que fará na serra.  
 « Na serra de Coimbra  
 « Nevava e chovia,  
 « Que fará na serra ? »

Gonçalo, tu a que vens ?

- GON. Madanela, Madanela !  
 MAD. Torna-te ma hora e nella  
 Que tão pouco empacho tens.  
 GON. Madanela, Madanela !  
 MAD. O' decho dou eu a amargura :  
 Qu'assi m'agasta, Jesu !  
 Ora tras mi te vens tu ?  
 GON. Pois a mi se m'affigura  
 Que não m'has de comer cru.  
 Se tu me queres matar  
 Por t'eu ter boa vontade,  
 Não pôde ser de verdade.  
 MAD. Gonçalo, torna a lavrar,  
 Que isso tudo he vaidade.  
 GON. Que rezão me dás tu a mi  
 Pera não casar comigo ?  
 Eu hei de ter muito trigo,  
 E hei-te de ter a ti  
 Mais doce que hum pintisirgo. . .

Não quero que vas mondar,  
 Não quero que andes ó sol ;  
 Pera ti seja o folgar,  
 E pera mim fazer prol.  
 Queres Madanela ?

- MAD. Gonçalo, torna a lavrar,  
 Porque eu não hei de casar  
 Em toda a serra d'Estrella,  
 Nem te presta prefiar.  
 Catalina he muito boa,  
 Fermosa quanto lhe basta,  
 Quer-te bem, he de boa casta,  
 E bem sesuda pessoa.  
 Toma tu o que te dão  
 Em pago do que desejas.
- GON. Ai, rogo-te que não sejas  
 Aia do meu coração.
- MAD. Vae-te d'hi, que parvoejas.

## GONÇALO.

- Não quero casar co'ella.
- MAD. Nem eu tampouco comtigo.  
 Vês ? Casuso vem Rodrigo  
 Tras Felipa, que he aquella  
 Que não no estima n'hum figo.

*Vem Rodrigo cantando*

## RODRIGO.

« Vayámonos ambos, amor, vayamos,  
 « Vayamos ambos.  
 « Felipa e Rodrigo passavão o rio,  
 « Amer, vayámonos. »  
 Felipa, como te vai ?

- FEL. Que tens tu de ver c'o isso ?  
 Dias ha que t'eu aviso  
 Que vas gingrar com teu pae.
- ROD. Não estou eu, mana, nisso.
- FEL. Quem te mette a ti comigo ?
- ROD. Felipa, olha pera ca,  
 Dá-me essa mão, ieramá.
- FEL. Tir'-te, tir'-te eramá lá.  
 Tu que diabo has comtigo ?

## RODRIGO.

- FEL. Felipa, ja tu aqui es ?  
 Rodrigo, ja tu começas ?  
 Tu tens das mais vans cabeças ...

Não quero ser descortez.  
 Rod. Nem queiras tu er ser assi  
 Gravisca e escandalosa ;  
 Mas tem graça pera mi,  
 Como tu es graciosa  
 E fermosa pera ti.

## FELIPA.

Cada hum s'ha de regrar  
 Em pedir o que he rezão :  
 Tu pedes-me o coração,  
 E eu não t'o hei de dar,  
 Porque he mui fóra de mão.  
 E quanto monta a casar,  
 Ainda qu'eu guarde gado,  
 Meu pae he juiz honrado  
 Dos melhores do logar,  
 E o mais aparentado.

E andou ja na Côrte assaz,  
 E fallou-lhe El Rei ja,  
 Dizendo-lhe : Affonso Vaz,  
 Em Fronteira e Monçarraz  
 Como val o trigo lá ? —  
 Ora eu pera casar ca,  
 Rodrigo, não he rezão.

Rod. Se casasses com páçao,  
 Que grande graça seria  
 E minha consolação !

Que te chame de ratinha,  
 Tinhosa cada meia hora,  
 Inda que a alma me chora,  
 Folgarei por vida minha,  
 Pois engeitas quem t'adora :  
 E te diga, tir-te la,  
 Que me cheiras a cartaxo.  
 Pois te desprezas do baxo,  
 O alto te abaxará.

## FELIPA.

Quando vejo hum cortezão  
 Com pantufos de veludo,  
 E húa viola na mão,  
 Tresanda-me o coração,  
 E leva-me a alma e tudo.

Rod. Gonçalo vai-me ajudar  
 A acabar minha charrua,  
 E eu t'ajudarei á tua,

Que est'outro s'ha d'acabar  
Quando a dita vir a sua.

## GONÇALO.

Eu sam ja desenganado,  
Quanto monta a Madanela.

ROD. Deve-te lá d'ir com ella  
Como a mi vai, mal peccado,  
Com Felipa.

GON. Assi he ella.

ROD. E tu, Fernando, em que estás ?

FER. Estou em muito e em nada,  
Porque a vida namorada  
Tem cousas boas e más.

• *Vem hum Ermitão, e diz :*

## ERMITÃO.

Fazei-me esmola, pastores,  
Por amor do Senhor Deos.

ROD. Mas faça elle esmola a nós,  
E seja qu'estes amores  
Se atem com senhos nós.

ERM. O casar Deos o provê,  
E de Deos vem a ventura,  
Da ventura a creatura,  
Mas com dita he por mercê,  
E tambem serve a cordura.  
Ponde-vos nas suas mãos,  
E não cureis d'escolher ;  
Tomae o que vos vier,  
Porque estes amores vãos  
Terão certo arrepender.  
Filhas, aqui estais escriptas ;  
Filhos, tomae vossa sorte,  
E cada hnm se comporte  
Dando graças infinitas  
A Deos e a El Rei e á Corte.

*Tirou o Ermitão da manga tres papelinhos escritos, e os deu aos pastores, que tomasse cada hum sua sorte, e diz o*

## ERMITÃO.

Rodrigo tome primeiro,  
Veremos como se guia.

ROD. Nome da Virgem Maria ! —  
Lede, padre, esse letreiro,  
Se me cega ou alumia.

(Lê o Ermitão o escrito.)

*Deos e a ventura manda  
Que quem esta sorte houver  
Tome logo por mulher  
Felipa sem mais demanda.*

RODRIGO.

Vencida tenho eu a batalha,  
Felipa, mana, vem ca.  
FEL. Tir'-te, tir'-te eramá lá :  
E tu cuidas que te valha ?  
Nunca teu olho verá.  
GON. Ora vae, Fernando, tu,  
Veremos que te virá.  
FER. Alto, nome de Jesu !  
Lede, Padre ; que vai lá ?

(Lê o Ermitão.)

*A sentença he já dada,  
E a sustancia della,  
Que cases com Madanela.*  
MAD. Fernando, não me dá nada,  
Seja muito embora e nella.  
FER. Dias ha que t'o eu digo,  
E tu tinhias-me fastio.  
CAT. Oh Fernando de meu tio,  
Quem me casára comtigo !

GONÇALO.

Oh Madanela, ieramá  
Se me cahiras em sorte !  
GAT. Ante eu morrêra ma morte,  
Que Fernando ficar lá  
Tão contrairo do meu norte.  
E porém não me dá nada,  
Ja me tu a mi pareces bem,  
Gonçalo.  
GON. E tu a mi,  
Catalina ; muda-te d'hi  
E passea per hi alem,  
Verei que ar das de ti.

FELIPA.

Estou-t'eu, Rodrigo, olhando,  
E vou sendo ja contente.  
ROD. Se de mi não es contente,  
Não t'hei de andar mais rogando :

Eu ando-te namorando,  
E tu acossas-me cada dia.

CAT. Inda qu'eu isso fazia,  
Rodrigo, de quando em quando,  
Mui grande bem te queria.

E quando eu refusava  
De te tomar por amigo,  
Não ja porque eu não folgava,  
Mas porque t'examinava,  
Se eras tu moço atrevido.

ERM. Agora quero eu dizer  
O que aqui venho buscar.  
Eu desejo de habitar  
N'hūa ermida a meu prazer,  
Onde podesse folgar.

E queria-a eu achar feita  
Por não cansar em fazê-la,  
Que fosse a minha cella  
Antes bem larga qu'estreita,  
E que podesse eu dançar nella :  
E que fosse n'hum deserto  
D'infido vinho e pão,  
E a fonte muito perto  
E longe a contemplação.

Muita caça e pescaria,  
Que podesse eu ter coutada  
E a casa temperada :  
No verão que fosse fria,  
E quente na invernada.  
A cama muito mimosa,  
E hum cravo á cabeceira ;  
De cedro a sua madeira :  
Porque a vida religiosa  
Queria eu desta maneira.

E fosse o meu reposar  
E dormir até taes horas,  
Que não podesse rezar,  
Por ouvir cantar pastoras,  
E outras assobiar.  
A' cea e jantar perdiz,  
O' almoço moxama,  
E vinho do seu matiz ;  
E que a filha do juiz  
Me fizesse sempre a cama.  
E em quanto eu rezasse  
Esquecess'ella as ovelhas,  
E na cella me abraçasse

E mordesse nas orelhas,  
Inda que me lastimasse.  
Irmãos, pois deveis saber  
Da serra toda a guarida,  
Praza-vos de me dizer  
Onde poderei fazer  
Esta minha sancta vida.

## GONÇALO.

Está alli, padre, hum silvado  
Viçoso, verde, florido,  
Com espinho tão comprido,  
E vós nu alli deitado  
Perderieis o proido.  
Ja fostes casamenteiro,  
I-vos, não esteis hi mais,  
Porque a vida que buscais  
Não na dá Deos verdadeiro,  
Indaque lh'a vós peçais.

## SERRA.

Ora, filhos, logo essora,  
Cada hum com sua esposa,  
Vamos ver a poderosa  
Rainha nossa Senhora,  
Sem nenhum de vós pôr grossa,  
Porque he forçoso que va,  
Que segundo minha fama  
Da Rainha hei de ser ama,  
E a isso vou eu lá.  
Que tal leite como o meu  
Não no ha em Portugal;  
Que tenho tanto e tal,  
E tão fino Deos m'o deu,  
Que he manteiga, e não al.  
E pois ha de ser senhora  
De tão grande gado e terra,  
Quem outra ama lhe der, erra,  
Porque a perfeita pastora  
Ha de ser da minha serra.

## GONÇALO.

Ha mister grandes presentes  
Das villas, casaes e aldea.  
SER. Mandará a villa de Cea  
Quinhentos queijos recentes,  
Todos feitos á candeia,

E mais trezentas bezerras,  
E mil ovelhas meirinhas,  
E duzentas cordeirinhas,  
Taes, que em nenhūas serras  
Não nas achem tão gordinhas.

E Gouvea mandará  
Dous mil sacos de castanha,  
Tão grossa, tão san, tamanha,  
Que se maravilhará  
Onde tal cousa s'apanha.  
E Manteigas lhe dará  
Leite para quatorze annos,  
E Covilhan muitos pannos  
Finos que se fazem lá.

Mandarão desses casaes  
Que estão no cume da serra,  
Penna pera cabeças,  
Toda de aguias reaes  
Naturaes mesmo da terra.  
E os do Val dos Penados  
E montes dos tres caminhos,  
Que estão em fortes montados,  
Mandarão empresentados  
Trezentos forros d'árminhos  
Pera forrar os brocados.

Eu hei-lhe de presentar  
Minas d'ouro que eu sei,  
Com tanto que ella ou El Rei  
O mandem ca apanhar :  
Abasta que lh'o criei.

GON. E afora ainda os presentes,  
Havemos-lhe de cantar,  
Muito alegres e contentes,  
Pola Deos allumiari,  
Por alegria das gentes.

*Vem dous foliões do Sardoal, Jorge e Lopo, e diz a*

SERRA.

Sois vós de Castella, manos,  
Ou lá debaixo do extremo ?

JOR. Agora nos faria o demo  
A nós outros Castelhanos :  
Queria antes ser lagarto,  
Polos sanctos avangelhos.

SER. De onde sois ?  
JOR. Do Sardoal ;  
E ou bebê-la, ou vertê-la,

Vimos ca desafiar  
 A toda a Serra d'Estrella  
 A cantar e a bailar.

RODRIGO.

Soberba he isso perem,  
 Pois ha aqui tantos pastores,  
 E tão finos bailadores,  
 Que não ha hi medo a ninguem.

Lop. Muitos ratinhos vão lá  
 De ca da serra a ganhar,  
 E lá os vemos cantar  
 E bailar bem como ca,  
 E he assi desta feição.

*Canta Lopo e baila, arremedando os da Serra.*

« E se ponerei la mano em vós  
 « Garrido amor.

« Hum amigo que eu havia  
 « Mançanas d'ouro m'envia,  
 « Garrido amor.

« Hum amigo que eu amava,  
 « Mançanas d'ouro me manda,  
 « Garrido amor,  
 « Mançanas d'ouro m'envia,  
 « A melhor era partida,  
 « Garrido amor. »

Isso he, ou bem ou mal,  
 Assi como o vós fazeis.

SER. Peço-vo-lo que canteis  
 A' guisa do Sardoal.

LOP. Esse he outro carrascal ;  
 Esperae ora e vereis.  
 « Ja não quer minha senhora  
 « Que lhe falle em apartado ;  
 « Oh que mal tão alongado !  
 « Minha Senhora me disse  
 « Que me quer fallar hum dia,  
 « Agora por meu peccado  
 « Disse-me que não podia :  
 « Oh que mal tão alongado !  
 « Minha sénhora me disse  
 « Que me queria fallar,  
 « Agora por meu peccado  
 « Não me quer ver nem olhar,  
 « Oh que mal tão alongado !  
 « Agora por meu peccado

« Disse-me que não podia.  
 « Ir-me-hei triste polo mundo  
 « Onde me levar a dita.  
 « Oh que mal tão alongado ! »

*Esta cantiga cantárão e bailárão de terreiro os foliões, e acabada, diz*

FELIPA.

Não vos vades vós assi,  
 Leixae ora a gaita vir,  
 E o nosso tamboril,  
 E ireis mortos daqui,  
 Sem vos saberdes bolir.

CAT. Em tanto por vida minha  
 Sera bem que ordenemos  
 A nossa chacotazinha,  
 E com ella nos iremos  
 Ver ElRei e a Rainha.

*Ordenárão-se todos estes pastores em chacota, como lá se costuma, porém a cantiga della foi cantada de canto d'orgão e a letra he a seguinte Cantiga :*

« Não me firaís, madre,  
 « Que eu direi a verdade.  
 « Madre, hum escudeiro  
 « Da nossa Rainha  
 « Fallou-me d'amores :  
 « Vereis que dizia,  
 « Eu direi a verdade.  
 « Fallou-me d'amores,  
 « Vereis que dizia :  
 « Quem te me tivesse  
 « Desnuda em camisa !  
 « Eu direi a verdade. »

*E com esta chacota se sahirão, e assim se acabou.*

Romagem de Aggravados.

## F I G U R A S .

FREI PAÇO.

JOÃO MORTEIRA, Villão.

BASTIÃO — seu filho.

COLOPENDIO } Fidalgos.  
BERENISO }

MARTA DO PRADO } Regateiras.  
BRANCA DO REGO }

CERRO VENTOSO.

FR. NARCISO.

APARICIANES.

GIRALDA — sua filha.

DOMICILIA } Freiras.  
DOROSIA }

ILARIA } Pastoras.  
JULIANA }

---

*Esta tragicomedia seguinte he satyra: seu nome he Romagem de Aggravados. Foi representada ao mui excellente Principe e nobre Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na cidade de Evora, ao parto da mui esclarecida e christianissima Rainha D. Catharina, nossa Senhora, e nascimento do Illustrissimo Iffante D. Felipe, era do senhor de 1533.*

## ROMAGEM DE AGGRAVADOS.

---

*Entra Frei Paço com seu hábito e capello, e gorra de veludo, e luvas, e espada dourada, fazendo meneios de muito doce cortezão ; e diz :*

### FREI PAÇO.

Quem me vir entrar assi  
Com estes geitos qu'eu faço,  
Cuidará que endoudeci,  
Ate que saiba de mi  
Que sam o padre Frei Paço.  
*Deo gratias* não me pertence,  
Nem *pera sempre* nem nada,  
Senão espada dourada ;  
Porque muito bem parece  
Ao Paço trazer espada.

Eu sam fino da pessoa,  
E por se não duvidar  
Fiz húa cousa mui boa :  
Leixei crecer a coroa,  
Sem nunca a mandar rapar,  
E por tanto vos não digo  
*Deo gratias*, se attentaís nisto,  
Nem *louvado Jesu Christo*,  
Inda qne trago comigo  
Hábito que he muito disso.

E sam tão paço em mi,  
Que me posso bem gabar  
Que envejar, mexericar  
São meus salmos de David  
Que costumo de rezar.  
Fallo, mui doce cortez,  
Gran somma de comprimentos ;  
Obras não nas esperês,  
Senão que vos contentês  
Com palavrinhas de ventos.

Sou favor e desfavor,  
Mestre mor dos namorados,  
Engano dos confiados,

Sou templo do Deos d'amor,  
 Inferno dos magoados.  
 Porém não como sohia  
 He ja a lei namorada ;  
 E porque tudo s'enfria,  
 Amo assi de sesmaria,  
 E suspiro d'empreitada.

O auto que ora vereis,  
 Se chama, irmãos amados,  
 Romagem dos aggravados,  
 Indaque alguns achareis  
 Que se aggravão d'abastados.  
 E pera declaração  
 Desta obra santa &cetra,  
 Quizera dizer quem são  
 As figuras que virão,  
 Por s'entender bem a letra.

Porém he perder maré  
 E dilatar a viagem ;  
 Que por mui clara lingoagem  
 Cada hum dirá quem he  
 E a causa da romagem.  
 Entrará logo hum villão,  
 Chamado João Mortinheira,  
 Aggravado em gran maneira.  
 Quero ver sua paixão  
 Assentado nesta cadeira.

*Vem João Mortinheira, villão, com seu filho  
 Bastião, e diç :*

VILLÃO.

Oh descreio não de san ;  
 Renego da sementeira !  
 Esta he forte canseira,  
 Que me tira a devação  
 De rezar indaque queira.  
 Ca não vou pera rezar,  
 Pezar de minha madrasta,  
 Que rezar, arrenegar,  
 Mal dizer e contemplar.  
 Não podem ser d'húa casta.

Porque a pessoa aggravada  
 Não lhe rege a devação.

- FR. P. De que te queixas, villão ?  
 VIL. De Deos, que he cousa provada  
       Que me tem grande tenção.  
 FR. P. Que te faz, que te querellas ?

VIL. Faz-me com que desespero.

FR. P. Que ?

VIL. Que chove quando não quero,

E faz hum sol das estrellas,

Quando chuva algua espero.

Ora alaga o semeado,

Ora sécca quanto hi ha,

Ora venta sem recado,

Ora neva e mata o gado,

E elle tanto se lhe dá.

Eu que o queira demandar

Por corisco e trovoada,

Por pedrisco e por geada,

Buscae quem o va citar

Que lhe acerte co'a pousada.

Não tem prema de ninguem,

E fará quanto quizer.

Podia-me Deos fazer bem,

Sem nisso dar perda a alguem,

Ma do demo que elle quer.

E com estas cousas taes,

Que eu vejo desta maneira,

Digo que me tem cempreira :

E não cureis vós de mais,

Que craro se ve na eira.

FR. PAÇO.

Cuidas que não dizes nada,

E que mora Deos comtigo ?

VIL. Vedes vós ? Eu, Padre, digo

Que tempere a invernada,

E leixe criar o trigo.

Mas elle de tençoeiro,

Sem ganhar nisso ceitil,

Vai dar chuvas em Janeiro,

E geadas em Abril,

E calmas em Fevereiro,

E nevoas no mez de Maio,

E meado Julho pedra.

Eu trabalho atás que caio :

Pardeos, elle que he meu aio

Cada vez mais me desmedra.

FR. P. Olha tu pola ventura

Se lhe pagas bem o seu.

VIL. Bem me dezimaria eu,

Se elle de birra pura

Não damnasse o seu e o meu.

## FR. PAÇO.

VIL. Rezas-lhe tu alguns dias  
Que te livre dessa affronta ?  
Muito faz elle ora conta  
Das minhas avemarias !  
Rezo-lhe mais do que monta :  
Não sei a quem elle sai,  
Mas he feito a seu prazer.  
Elle me matou meu pae,  
E meu dono, e então vai  
Fez morrer minha mulher.

Tomae-lhe lá conta e vêde  
Porque matou minha tia  
Que mil esmolas fazia,  
E leixa os rendeiros do verde  
Que me citão cada dia.

PR. P. Dizem que não pôde ser  
Maior dom que bom conselho ;  
Faze o que te eu disser :  
Conforma-te c' o que Deos quer,  
E do siso faz espelho.

## VILLÃO.

Conforme-se elle comigo  
Er tambem no que he rezão,  
Qu'eu sam pobre coma cão,  
E cada dia lh'o digo,  
E folga se vem á mão.  
Não me presta nemigalha  
Offerta nem oração :  
Ora dá palha sem grão,  
Ora não dá grão nem palha,  
Senão infinda oppressão.

Por isso quero fazer  
Este meu rapaz d'Igreja ;  
Não com devação sobeja,  
Mas porque possa viver  
Como mais folgado seja.  
Quereis-m'o, Padre, ensinar,  
E dar-vos-hei quanto tenho ?

FR. P. Se o elle bem tomar.

VIL. Pera tudo tem engenho ;  
E tem voz pera cantar.

## FR. PAÇO.

Toma este papel na mão  
E lê esses versosinhos.

- BAS. Isto he pera cominhos,  
Ou hei d'ir por açafrão ?  
FR. P. Ainda não sabes nada.  
BAS. Sei onde mora a tendeira.  
VIL. He mais agudo câ espada,  
Não ha hi cabra na manada  
Que não tenha na moleira.

## FR. PAÇO.

- Ora sus, sem mais débate  
Dize o A B C D E.  
BAS. Arre, arre, cedo he,  
FR. P. Dize A X.  
BAS. Assis era hum alfaiate  
Que morava alli á Sé.  
VIL. Se tu vives, Bastião,  
Serás hum fino letrado.  
BAS. Parece que andou o arado  
Por estas que quer que são.  
FR. P. Has mister bem examinado.  
E no latim te quero eu ver.  
Dize ora *Beatus vir*.  
BAS. Pouco he isso de dizer :  
Vi ora tres ratos vir.  
VIL. Vêde lá esse saber !  
FR. P. Dize ora cantando *Amen*,  
Por ver se sabes cantar.  
BAS. Oh que cousa pera errar !  
Abem.  
FR. P. Alto, alto, Amen.

*Assovia em logar do mem*

## FR. PAÇO.

- Não cureis de debater ;  
Não no quero ensinar mais ;  
Digo que embalde cansais,  
Qu'este nunca ha d'aprender.  
VIL. Segundo o vós ensinaes.  
BAS. Pae, pae, que senhor he aquelle  
Que vem ca quasi mortal ?  
Colopendio se cham'elle,  
E tão grande amor deu nelle  
Que o trata bofê mal.  
Vem aggravado por isso  
E descontente de si ;  
Elle e logo Bereniso,  
Fidalgos de grande aviso.

*Vem Colopendio e Bereniso, e diz*

COL. Pois amor o quiz assi,  
Que meu mal tanto me dura,  
Não tardes triste ventura,  
Que a dor não se doe de mi,  
E sem ti não tenho cura.

Foges-me, sabendo certo  
Que passo perigo marinho,  
E sem ti vou tão deserto,  
Que quando cuido que acérto,  
Vou mais fóra do caminho.  
Porque taes carreiras sigo,  
E com tal dita naci  
Nesta vida em que não vivo,  
Qu'eu cuido que estou comigo,  
E ando fóra de mi.

Quando fallo, estou calado ;  
Quando estou, entonces ando ;  
Quando ando, estou quedado ;  
Quando durmo, estou acordado ;  
Quando acórdo, estou sonhando ;  
Quando chamo, então respondo ;  
Quando chório, entonces rio ;  
Quando me queimo, hei frio ;  
Quando me mostro, m'esconde ;  
Quando espero, desconfio.

Não sei se sei o que digo,  
Que cousa certa não acérto ;  
Se fujo do meu perigo,  
Cada vez estou mais perto  
De ter mor guerra comigo.  
Promettem-me huns vãos cuidados  
Mil mundos favorecidos,  
Com que serão descansados ;  
E eu acho-os todos mudados  
Em outros mundos perdidos.

Ja não uso de cuidar,  
Nem posso estar sem cuidado ;  
Mato-me por me matar,  
Onde estou não posso estar  
Sem estar desesperado.  
Parece-me quanto vejo  
Tudo triste com rezão :  
Cousas que não vem nem vão,  
Essas são as que desejo,  
E todas penas me dão.

Eu remedio não espero,  
 Porque aquella em que me fundo,  
 Pera mi que tanto a quero,  
 Tem o coração de Nero  
 Pera me tirar do mundo.

BER. Quem soffrimentos vendesse  
 Quanto ouro ganharia ?  
 Que eu por hum so lhe daria  
 A vida, se a tivesse,  
 Como quando Deos queria.

Porque he tal meu padecer,  
 Sem ninguem de mi ter dó,  
 Que as pragas de Pharaó  
 Não se houverão d'escrever,  
 Nem os aggravos de Job.

COL. Ai de mim que estou em tal risco  
 De penosa confusão,  
 Que tenho ja o coração  
 Feito pedra de corisco,  
 E meu spirito carvão.

Minha alma com tal perigo  
 Deseja ser de animal,  
 Porque de mi lhe vem mal,  
 Meu bem peza-lhe comigo,  
 E eu quero-lhe mal mortal.

BER. O' irmão, onde te vas ?

COL. Juro ás dores que sustenho,  
 Que não sei se vou se venho.  
 Tu, senhor meu, m'o dirás,  
 Que eu de mi novas não tenho.

BERENISO.

Se fosses bem namorado,  
 Antre os teus termos mortaes  
 Terias vivo o cuidado ;  
 Mas amor desacordado  
 He desacôrdo e nó mais.

COL. Se amasses onde eu  
 E servisses a quem sirvo,  
 Pasmarias como vivo,  
 E mais terias de teu  
 Os desacordos que digo.

BERENISO.

Pois que tu mesmo reclamas  
 Que não sabes onde estás,  
 Nem sentes se vens se vas ;

Come sabes tu quem amas,  
 Ou por quem suspirarás ?  
 COL. Pois fallas isento assi,  
 Certo a mi se m'afigura  
 Que nunca chegou a ti  
 O impeto que contra mi  
 Tomou a desaventura.  
 Sabe certo que he, senhor,  
 Meu desacordo de sorte,  
 Que elle fórça minha dor  
 Pera outro mal maior,  
 Que está áquem de minha sorte.  
 Assi que meu desmaiar  
 Por tal geito se ordena,  
 Que não se me passa pena  
 Por sentir nem por chorar,  
 Nem dor grande nem pequena.

## BERENISO.

Eu sou o mor namorado  
 Homem, que nunca se achou ;  
 Porém hum excommungado  
 Que o diabo excommungou,  
 Nunca foi tão desamado.

A dama cujo naci,  
 O maior prazer que sente,  
 He dizer-me mal de mi ;  
 Se venho, foge dalli ;  
 Se me vou, fica contente.

Ella pedia mosteiro,  
 Agora quer-se casar,  
 Porque eu me va enforcar  
 No mais alto sovereiro  
 Qu'eu mesmo por mi buscar.

FR. P. E Frei Paço estar calado !  
 BER. Frei Paço sois de verdade ?  
 FR. P. Senhor, a vosso mandado.  
 BER. Quant'eu á minha vontade  
 O paço em frade tornado,  
 Nem he paço nem he frade.

## FR. PAÇO.

Irmãos, haveis de notar  
 Que o paço he flor das flores,  
 Pasto de grandes senhores,  
 E mais he um grande mar  
 Com somma de pescadores.

Huma grandeza summaria  
 De virtudes e nobreza,  
 Floresta mui necessaria,  
 Linda escola sibilaria,  
 Onde se aprendem grandezas.

COLOPENDIO.

Padre, muito bem dizeis,  
 E tambem suas donzellias  
 São figuras das estrellas,  
 E imagens de Deos os Reis,  
 Que dão luz a todas ellas.

FR. P. Porém onde caminhais ?  
 Fallae, senhores, comigo.

COL. Cada hum leva comsigo  
 Aggravos tantos, e taes,  
 Que ouvi-los, corres perigo.

Eu ja amo e desespero,  
 Nunca de queixar me leixo,  
 E ando tão fóra do eixo,  
 Que eu mesmo busco e quero  
 Os males de que me queixo.

BER. Sabe Deos e as estrellas  
 Que minhas coitas amaras  
 Buscá-las me são mais caras  
 Mil vezes que não soffrê-las.  
 Que a saudade sentida  
 Me lastíma de tal sorte,  
 Que com vontade accendida  
 Me faz ir ver minha vida,  
 Porque va buscar a morte.

FR. PAÇO.

Se isso assi conhecéis,  
 Que vós por vós vos matais,  
 Culpados, a quem culpais ?  
 Mortos, que vida quereis,  
 Ou de que vos aggravais ?

COL. Padre Paço, bem sentis.  
 Digo que amo a húa donzella  
 Mais bella que a flor de lis,  
 Porque tanto mal me quiz,  
 Pois naci captivo della.

FR. PAÇO.

Porque foi nacer com ella  
 Não vos ter em douis ceitis.

E quanto vós presumis  
Não no estima por ser bella,  
Nem quanto lhe referis.

COL. *Deo gratias.* Ouvi-me, Padre :  
E se meu serviço atura ?

FR. P. Digo ora eu pola ventura,  
Que não sois á sua vontade.  
Obrigá-la-heis por escriptura.  
Que dous conformes amores  
N'hum amor he de ventura ;  
E se so por formosura  
Se vencem os amadores,  
Sera amor, mas não de dura.

COL. Depois se praticará  
O mais de que sou aggravado :  
Branca do Rego vem lá,  
E tambem Marta do Prado,  
Regateiras do pescado ;  
Escutemo-las de ca.

#### MARTA.

Olha ca, Branca do Rego.  
BRA. Que me ques, Marta do Prado ?  
MAR. Tu tens tudo emborilhado ;  
Pera que he fallar gallego,  
Senão craro e despachado.  
BRA. E bem ; em que ? Andar embora,  
Feito he o forno da telha.  
MAR. Se tu não deras á golhelha,  
Nunca o nosso aggravo fôra,  
Nem eu torcêra a orelha.  
Não, ah ! não ; mas tu andar  
Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe,  
Ordir, torcer, ordenar —  
Tu não duravas em valle  
Com pressa de mao pezar.  
Casade-a ora, hui, casade-a ora,  
Que he hum mancebo de rosas,  
Antes que se afaste afóra.  
E por isso nas más horas  
Nos aggravamos agora.

#### BRANCA.

Ora olhae, ouvi, ouvi,  
Que me foi a rodear !  
Havias tu de buscar  
Com que pôr a culpa a mi,

E queres-te a ti salvar.  
 Porque não contas agora  
 As práticas saborosas  
 Do cachopinho de rosas  
 Com que sias cada hora ?

MAR. Contarei as suas prosas.

FR. PAÇO.

E de que ides aggravadas  
 Nesta sancta ladainha ?  
 BRA. Tinhamos hūa sobrinha,  
 Que tinha hum conto aosasadas,  
 E tudo se tornou tinha.  
 Sai-nos hum casamento  
 Com moço da Camara d'El Rei —  
 Casarei, não casarei —  
 Tão doce, tão cucarento ...  
 Jesu ! como o contarei.  
 Luva vai e luva vem,  
 E alvalá de filhamento,  
 Fazemo-lo casamento  
 C'o carrapato d'Ourem,  
 Moço da Camara do vento.  
 FR. P. Tem de casamento tanto,  
 E moradia sabida ?  
 MAR. Hui ! pola sua negra vida ;  
 Elle he' dos do livro em branco,  
 E da esperança perdida.

BRANCA.

O alvalá que nos mostrou  
 Com tanto de filhamento,  
 Tanto d'acrecemento,  
 Não sei quem lh'o despachou.  
 Damião Dias, ou alguem,  
 Lhe houve elle o negro alvalá.  
 Christovão Esteves tambem,  
 Ou quiçais sabe Deos quem,  
 André Pires não sera,  
 Nem o Conde do Vimioso.  
 Fernan Alvares seria,  
 Ou o Conde de Penella,  
 Que he muito dadivoso ...  
 Ja sei quem lh'o haveria :  
 O Dom Rui Lobo em Palmella,  
 Ou o Lourenço de Sousa,  
 Ou não sei se o Veador,

Se o mesmo Pero Carvalho,  
Se foi Bispo, se Doutor,  
Que nos deu tanto trabalho.

MARTA.

Mao quebranto que os quebrante,  
Porque vāo aportunar,  
Pera ajudar a enganar  
Hūa cachopa inorante  
C'hum rascão de mão pesar.  
BRA. Elles são os presidentes,  
E os mesmos requerentes ;  
E se lhe dizeis que he mal  
Tornão a culpa ao sinal  
E elles fazem-se innocentes.

MARTA.

Pois ja isto anda tão baixo,  
Haverei co'esta cautela  
Hum alvalá de donzella,  
Então casar no Cartaxo,  
Ou na raia de Castella.

FR. P. A honra so vos abasta.  
Se o moço he de boa linha,  
Seu pae sera de boa casta  
E fidalgo mui asinha.

BRA. Atada fica a canasta.  
Fidalgo assi seria,  
Fidalgo por seu dolor,  
Que sabe a Brivia de cór  
E não acerta a Ave-Maria.  
Andava elle namorado,  
E por, ma ora, dizer ai,  
Dizia-lhe guai,  
E por dizer minha senhora,  
Chamava-lhe minha sinoga.  
Este he o negro de seu pae.

BRANCA.

Ouvides vós, Frei Cigarra,  
Onde vai aqui a estrada  
Per hu os aggravados vāo ?

FR. P. Eu não vos acho rezão,  
Nem sois aggravadas nada.

MAR. Porque ?

FR. P. Porque os casamentos  
Todos são porque hāo de ser,

E com quem desde o nascer  
E a que horas e momentos  
Assi ha de accontecer.

A assi as religiosas  
Nacérão pera ser freiras,  
E vós pera regateiras,  
Outras pera ser viçosas,  
E outras pera canseiras.

MAR. E vós mano frei trogalho,  
Em que perneta nacestes,  
Que ma ora ca viestes !  
Dizei, padre frei chocalho,  
Tudo vós isso aprendestes ?

Cebolinho e espinafre,  
Ja vo-la barba nace.  
Ora ouvide-lhe o sermão,  
E tangede-lhe o atabaque,  
Não caia, ponde-lhe a mão.  
O que as pernetas fazem,  
He porque nós o causamos,  
E se fortunas nos trazem,  
He porque nós as buscamos,  
Que os erros de nós nacem.

Então quer frei bolorento  
Fallar comigo aravia ?  
BRA. Vamos nossa romaria,  
Qu'he gran perda perder tempo,  
E mais vai-se a companhia.  
Ou crê-me, Marta do Rego,  
Este casamento he feito,  
Ja a burrinha jaz no pégo,  
Enterrado he Jam Gallego,  
Não temos nenhum direito.

Por ventura, foi por bem.  
Rogo-te ora como amiga,  
Que não tomemos fadiga,  
Nem nos ouça mais ninguem.  
Cantemos uma cantiga,  
Ensaemo-nos per hi,  
Pera irmos lá bailar,  
Tu dalli e eu daqui,  
Ou tu daqui e eu dalli,  
Mas tu has de começar.

*Cântao ambas e bailão ao som desta cantiga :*

“ Mor Gonçalves,  
“ Tão mal que m'encarcelastes

“ Nos Paços d’ElRei,  
 “ E na camara da Rainha,  
 “ Du bailava ElRei,  
 “ E com Dona Catherina.  
 “ Mor Gonçalves,  
 “ E tão mal que m’encarcelastes. »

## MARTA.

Embaixadas do Mondego,  
 Ou que momos são ora estes  
 Que ca vem com frei Gallego ?

BRA. Eu t’o direi muito prestes ;  
 O frade he Frei Narciso,  
 E vem ca muito queixoso,  
 Porque o não fizerão bispo ;  
 O outro he Cerro Ventoso,  
 Gran cabecinha de pisco.

Ambos vão muito aggravados ;  
 Demos-lhe, mana, logar,  
 Queixar-se-hão de seus aggravos,  
 Sem lhes nada aproveitar  
 Queixumes mal consirados.

*Vem Cerro Ventoso e Fr. Narciso.*

CER. Onde is, Padre ?

FR. N. Vou ca  
 Tambem nesta romaria.

CER. Tambem á Sancta Maria ?  
 Eu assi vou pera lá ;  
 Vamo-nos em companhia.

FR. N. Vamos, nome da Trindade.

CER. Sempre aos religiosos  
 Tenho mui boa vontade.

FR. N. Quem visse essa humanidade  
 Aos Principes poderosos.

CER. Padre, eu sam dos aggravados,  
 Porque não tenho de renda  
 Senão quatro mil cruzados ;  
 Fez-me ElRei dos mais privados,  
 Mas não dá com que m'estenda.

FR. N. E eu prego a generosos  
 Principes singularmente,  
 E vivo mui austinente,  
 Marteirando a carne e ossos,  
 Como ca meu corpo sente ;  
 Estudando, maginando,  
 Trabalhando por privar,

Sem vontade jejuando,  
 Senão somente esperando  
 Se posso mais arribar.  
 E por parecer misello,  
 E toda a Côrte em mi creia,  
 Defumo-me co'este zelo,  
 E faço o rosto amarello  
 Com muita palha centeia.  
 E tudo isto padeci  
 Por haver algun bispado,  
 Quasi assi arrezoado.  
 E porque tardava, o pedi,  
 E sahi Bispo escusado.

**CERRO VENTOSO.**

Assi que pescastes nichel :  
 Mui mal olhado foi isso.  
 Fr. N. Ja fizessem-me ora bispo  
 Siquer do ilheo de Peniche,  
 Pois sam frade para isso :  
 Que sem saber ler nem rezar  
 Vi eu ja bispos que pasmo,  
 E não sei conjecturar  
 Como se pôde assentar  
 Mitara em cabeça d'asno.

**CERRO VENTOSO.**

Que tendes vós, Padre meu,  
 De renda ?  
 Fr. N. Tenho lazeiras,  
 Oitenta mil tenho eu.  
 CER. Dice ; e quem isso tem de seu  
 Não pedirá polas eiras.  
 Fr. N. Dizei-me, Cerro Ventoso,  
 Não hei de ter húa mula?  
 CER. Se for bem estudosio,  
 Porque quer hum religioso  
 Andar sempre xula xula ?

**FR. NARCISO.**

Por isso peço eu bispado,  
 Que possa ter dez rascões,  
 E hum escravo ocupado,  
 Que sempre tenha cuidado  
 Dos cavallos e falcões.  
 CER. Esse estado tão bispal  
 A dita vos pôde dá-lo ;

Mas San Jeronimo he tal,  
Que, indaque era cardial,  
Nunca se pinta a cavallo.

Mas vós, Padre, sois do Paço,  
E san Jeronimo do ermo,  
E não dobrais vosso braço  
Acoutando o espinhaço,  
Ném trazeis o peito enfermo.

FR. N. E vós de que vos queixais ?

CER. Eu do Paço me agravo,  
Que o servi como escravo.

FR. N. Siquer vós que assi medrais,  
Não devieis d'ir tão bravo.

Porque entrastes nesse jôgo  
Mais probe do qu'eu estou,  
E a dita vos tercou ;  
Mas não quero dizer logo  
Que a soberba vos cegou.

CER. Corpo de mi co'a contendá,  
Nem com quanto vós fallais !  
A dous contos de reaes  
Não me chegárão de renda.

FR. N. Não sei em que vos fundais :  
Dous contos ! porque ? per onde ?

CER. Digo-vos sem mais arengas,  
Como quem vos nada esconde,  
Que eu me fundo em ser Conde,  
Siquer Conde das Berlengas.

FR. N. Tão largamente cortais,  
Que entender-vos não posso ;  
Sei que tendes bem de vosso,  
E pois vos não contentais,  
Vem-vos do Cerro Ventoso.

Aparicianes vem  
Com sua filha Giralda,  
Lavrador que falla bem :  
Não nos estorve ninguem,  
Nem percamos delle nada.

*Vem Aparicianes com sua filha, e diz :*

APA. Eu sohia a ser que cantava  
C'os bois e sem bois ainda,  
Tambem quando caminhava,  
Sempre á ida e á vinda,  
Nunca de cantar cessava.

Jamais canseira sentia  
Nem por calma nem por lama,

E ainda cantaria,  
Mas pobreza e alegria  
Nunca dormem n'húa cama.  
Grande bem, se não m'enlheio,  
He lembrar o mal passado  
Depois de ser acabado ;  
Porém eu que estou no meio,  
Vivo mais desesperado.

Vou nesta triste romagem  
Hum dos mais atribulados ;  
E pera justa romagem  
Minha era a pilotagem,  
Per maior dos aggravatedos.

FR. P. Corpo de mi c'o villão,  
Como falla cerceado !  
Onde vas ?

APA. Por esse chão.

FR. P. Quereis bailar ?

APA. Bofá não.

FR. P. Porque ?

APA. Vou aggravatedado.

FR. PAÇO.

Aggravó póde hi haver,  
Que aggravó seja em ti ?  
FR. P. Perdoae, frei Alfaqui,  
Que vós não sabeis comer,  
Pois fallais isso assi.  
Porque eu tenho dous casaes  
Dos frades d'apanha porros,  
E c'os fortes temporaes,  
São as novidades taes,  
Que não chegão pera os foros.

E os padres verdadeiros  
Cartuxos de sancta vida,  
Apanhão-me os travesseiros  
Com mais ira que os rendeiros,  
Sem me rezão ser ouvida.  
Cuidei qu'elles me esperárao,  
Por não ficar em camiza,  
E o com que me consolárao,  
Foi dizer que não tomárao  
*Espera* por sua divisa.

Não lhes rógo mal, nem nada,  
Porque são sanctas pessoas ;  
Mas praza á paixão sagrada  
Que lhes dem tanta seixada,

Que lhes quebrem as coroas.  
 Quero ora perder rancor,  
 E não ir com isto ao cabo ;  
 Perdoo-lhes polo amor  
 De Deos nosso Salvador,  
 Encommendo-os ó diabo.  
 Como vos chamais ?

FR. P. Frei Paço.

APA. Frei Paço ? Sancta Guiomar !  
 Frei Paço, tendes espaço  
 Pera poder xaminar  
 Esta cachopa hum pedaço ?  
 He da serra da Louzan,  
 Moça de muito boa fama ;  
 Trago-a ca pera ser Dama.  
 Quero que seja páçan.

FR. PAÇO.

Amigo, a Dama prezada  
 Ha de ser rica e fermosa,  
 Muito sentida, assocegada,  
 Cortez, mansa, graciosa.

APA. Tudo isso Giralda tem.

FR. P. Ponhamos-lhe ora hum trançado,  
 Vejamos como lhe vem.

APA. Dae, dae ó demo o toucado,  
 Que não he pera ninguem.

FR. PAÇO.

Tu, villão, queres dizer  
 Que isto não he pera a sega,  
 E pera o Paço ha mister.

APA. Isso he rabo de péga,  
 E não he pera mulher.  
 Nisso está ora Apariço.

FR. P. Pois não lh'estava elle mal.

APA. Vio nunca o demo pardal  
 Ter o rabo de toutiço !

FR. PAÇO.

Não lhe vejo bôs caminhos.

APA. Porque ?

FR. P. Nem tem pera isso ar.

APA. Pisou uvas no lagar,  
 E tem nodoas nos focinhos,  
 Mas ella se irá lavar.  
 E er tambem per razão

Qu'ella assi he pertelhoa,  
Lhe merquei eu em Lisboa  
D'hum que chamão solivão,  
Que faz luzir a pessoa.

E merquei-lhe d'hum Judeu  
D'huns torrões brancos qu'hi ha,  
Não sei que nome he o seu ;  
Alvaiade creio eu  
Que o elle chamão ca.  
E merquei-lhe das tendeiras  
Robiquelhe Genovez :  
D'hum que põe polas trincheiras  
Lhe merquei eu dez salseiras,  
Que lh'avondarão hum mez.

FR. PAÇO.

Ora faça húa mesura,  
Vejamos que ar lhe dá.

GIR. Pera ca, ou pera lá ?

FR. P. Olhae-me aquella doçura  
Pera a doçura de ca !  
Senhora dama das cabras,  
Haveis de fazer assi : —  
Attentastes pera mi ?  
E dae assi as passadas : —  
Entendeis este latim ?  
E olhareis deste geito,  
Assi com hum recacho oufano ;  
Vosso corpo mui direito,  
Pouco riso, e mui bem feito,  
Torrado d'honesto engano.  
De quando em quando o fallar  
Cousa he que muito contenta ;  
Não amar, nem o leixar ;  
E per vos mostrar isenta,  
Guardae-vos de suspirar.

GIRALDA.

Tudo isso que dizeis  
Farei eu senão de flores.

FR. P. Quereis vós fallar d'amores,  
Por ver que respondereis  
Aos vossos servidores ? —  
Senhora, ha ja mil annos  
Que vos quizera fallar,  
E por vos não anojar,  
Padeço ja tantos damnos,  
Que os não posso calar.

## GIRALDA.

- Que ma ora ca viestes ;  
 Como eu folgo co'isso tal !  
**Fr. P.** Se vós folgais c'o meu mal,  
 O meu mal vós o fizestes.  
 Oh meu bem angelical,  
 Que em pago do bem que vos quero,  
 Se não vós, quem me ferio  
 Com o vosso lindo cutello ?  
**GIR.** Disso estais vós amarelo  
 Do sangue que vos sahio.

## FR. PAÇO.

- Oh senhora que matais  
 A todos quantos feris,  
 E a ninguem perdoais !  
**GIR.** Quão docemente mentis  
 Todos quantos bem fallais !  
**Fr. P.** Senhora, quem amansasse  
 Vossas iras de matar !  
**GIR.** Quantos mortos que eu matasse,  
 Ajudastes a enterrar ?

## FR. PAÇO.

- Ao menos eu agora  
 Sem remedio de confôrto,  
 Ja minha alma he de mi fóra :  
 Pois *memento mei*, Senhora,  
 Lembre-vos que ando morto ;  
 Morto me tendes aqui,  
 E morto desesperado.  
**GIR.** Quantá s'isso fosse assi  
 Espantar-me-hia eu de mi,  
 Não pasmar d'homem finado.  
 Como ! fantasma sois vós ?  
**Fr. P.** Oh como estais graciosa !  
**GIR.** Digo que sam tão medrosa  
 Dos mortos ( livre-nos Deos ! )  
 Que não creio a morte vossa.  
 Se morto, como fallais ?  
 Sé defunto, como ouvis ?  
 Sem alma, como sentis ?  
 Sem sentidos, que pedis ?  
 Finado, vós que buscais ?

## FR. PAÇO.

- Sam morto, e vivo em tormento ;  
 Sam finado, e ando em pena.

- GIR. Porém vosso testamento ?  
 Quando embora se ordena  
 E se cumpre o testamento ?
- APA. Frei Paço, ja bem está ;  
 Escusada he mais linguagem.  
 Quero ir minha romagem,  
 Qu'isto mui bem se fará,  
 Porque a moça he d'avantagem.

## FR. PAÇO.

Hūas freiras que ca vem,  
 São naturaes de Sicilia ;  
 Dorosia e Domicilia  
 São os seus nomes que tem.  
 E de mal aconselhadas,  
 E tocadas da ignorancia,  
 Vão queixosas e aggravatedas,  
 Porque as fazem encerradas,  
 E viver em observancia.

*Vem Domicilia e Dorosia, freiras, e diç*

## DOMICILIA.

Certamente infindos são,  
 Cousa pera não se crer,  
 Os queixosos que ca vão,  
 S'elles todos tem rezão ;  
 Mas isto não pôde ser.

- DOR. Porque ha hi tantos aggravatedos,  
 Mais agora que sohia ?
- DOM. Porque nos tempos passados  
 Todos erão compassados,  
 E ninguem se desmedia.  
 Mas a presumpção isenta,  
 Que creceo em demasia,  
 Criou tanta fantasia,  
 Que ninguem não se contenta  
 Da maneira que sohia.  
 Tudo vai fóra de termos,  
 Deu o ar na recovagem.
- DOR. Sera bem não nos determos ;  
 Andemos quanto pudermos,  
 Cumpramos nossa romagem,  
 Roguemos a Frei Narciso  
 Que va em nossa companhia ;  
 Fa-lo-ha com boa vontade.
- DOM. Irmán, bem seria isso,  
 E eu tambem o outorgaria ;

Mas abasta-lhe ser frade,  
E bem Narciso aosadas.

- DOR. Pois com quem iremos nós ?  
DOM. He melhor que vamos sos,  
Que não mal acompanhadas.  
DOR. Porque ?  
DOM. Isso vêde vós.

## DOROSIA.

*Deo gratias*, Padre Narciso.

- FR. N. Pera sempre alleluia.  
DOR. Pois is nesta romaria,  
Assi Deos vos dê o paraiso  
Que vamos em companhia.  
FR. N. Iria mui ledo em cabo,  
Melhor que pera o mosteiro ;  
Mas o amor he tão ligeiro,  
Que o dae vós ó diabo,  
E temo seu captiveiro.

## DOROSIA.

Iremos, Padre, rezando  
Sempre de noite e de dia.

- FR. N. Ja disse que folgaria,  
Mas temo d'ir suspirando  
Mais vezes do que queria.  
DOR. Pois como havemos d'ir sos  
Daqui a quarenta jornadas ?  
FR. N. De que ides vós aggravadas ?  
DOR. De que ? coitadas de nós  
Que rezão temos aosadas.

## FR. NARCISO.

Tamanha he a importancia,  
Que assi vos desterrais ?

- DOM. Padre, eramos claustraes,  
E fazem-nos d'observancia  
E pera sempre jamais.  
FR. N. E disso vos aggravais ?  
DOR. Disto nos queixamos nós.  
FR. N. Pois que haveis medo d'ir sos,  
Pera que vos arredais  
Da companhia de Deos ?  
Cuidais que is bem aviadas ?  
Pois eu, senhoras, me fundo  
Que quanto mais encerradas,  
Tanto estais mais abrigadas

Das tempestades do mundo.  
 Ca sempre os sabios disserão,  
 Pois do fallar vem os p'rigos,  
 Conversação affastá-la.

DOM. Dizei, que mal nos fizerão  
 Os parentes e amigos  
 Para lhes tolher a falla ?  
 E se formos visitadas  
 De mãe, ou tias, ou dona,  
 Porque males ou erradas  
 Lhes fallaremos tapadas,  
 Como bestas d'atafona ?

FR. N. Estas pastoras ouçamos,  
 Saberemos seus aggravos.

*Vem Juliana e Ilaria, pastoras, e diz*

JUL. Ilaria, mui pouco andamos,  
 Por a segundo levamos  
 Os corações aggravados.

#### ILARIA.

O meu Silvestre anda morto,  
 Porque me querem casar  
 C'o filho de Pero torto.

JUL. E o meu Braz quer-se enforcar  
 Porque me casão no Porto.

ILA. Silvestre ha de fazer  
 Hum desatino de si.

JUL. E Braz ha d'endoudecer,  
 Pois Deos não ha de querer  
 Que eu nada faça de mi.

#### ILARIA.

Juliana, que faremos ?

JUL. Bofé, Ilaria, não sei.

ILA. Sabes, mana, que eu farei ?

JUL. Dize. rogo-t'o, e veremos.

ILA. Escuta qu'eu t'o direi.

Direi que andando a de parte  
 C'o meu gado em Alqueidão,  
 Me pareceu húa visão,  
 Que me disse : moça, guar'-te  
 De chegares a varão.

E assi m'escusarei  
 Deste negro casamento ;  
 E depois, andando o tempo,  
 Outra visão acharei,

- JUL. Que case a contentamento.  
 Eu direi que hum escolar  
 Me tirou o nacemento,  
 E disse : o teu casamento,  
 Se no Porto has de casar,  
 Amara vida te sento :  
 Ca seras demoninhada  
 Esses dias que viveres.
- ILA. Que com essa emborilhada  
 Ficarás desabafada,  
 Casarás com quem quizeres.  
 A fortuna todavia  
 Nos tem que farte aggravadas ;  
 Andemos nossas jornadas,  
 Cheguemos á romaria,  
 E seremos dascansadas.

## JULIANA.

- Rogo-vos, Jão da Morteira,  
 Que nos vas acompanhar.  
 VIL. Cachopas hei de levar ?  
 Per essa mesma maneira  
 Me darão muita madeira  
 Nas costas a meu pezar.  
 JUL. Porque ?  
 VIL. Porque ha hi  
 Rascões e outros de Paco,  
 E as cachopas dão-lhe d'azo,  
 E entances buscae per hi  
 E tomoe raposa em laço.

## JULIANA.

- Nós somos d'outro lameiro,  
 E de casta mais sisuda.  
 VIL. Tudo isso pouco ajuda,  
 Que húa cachopa se muda  
 Como o tempo em Fevereiro.  
 Pardez que não ha que fiar ;  
 Que os caranguejos na eira  
 E as moças na carreira,  
 Quem as houver de guardar,  
 Bofás tem assaz canceira.  
 Crede que fazem por ellas  
 Todolos escudeirotes,  
 E ainda os sacerdotes  
 Poucas vezes fogem dellas.  
 Deixemos ora estes motes :

Pois que vos querem casar,  
Pera onde is aviadas ?  
 JUL. Porque somos aggravadas  
Nos imos desaggravar,  
Bem tristes e bem cansadas.  
     Eu não sei porque respeito  
Nossas mães e nossos paes  
Nos trazem maridos taes,  
     Tanto contra nosso geito,  
Que os diabos não são mais.  
     As cabeças como outeiro,  
Os cabellos carcomidos,  
Louros coma sovereiros,  
Penteados d'anno em anno,  
Maos chiotes de ma panno :  
Folgae lá com taes maridos !

## ILARIA.

E o meu he por seus peccados  
Vesgo o mais que nunca vi,  
Tem os olhos enfrestados,  
Se lhe fallares ou assi,  
Não saberas se olha a ti,  
Se olha pera os telhados.

VIL. Vós outras sois hūa relé  
Bofá de forte alimento :  
Ora olhae vós que cousa he,  
Que vós remais como galé,  
E andais melhor c'o vento.  
     Casae earamá com siso,  
E dae ó demo a affeiçāo,  
Que se sécca logo isso ;  
E quem casa com aviso  
Acha em casa a descriçāo.

JUL. Como casão ?  
VIL. Muito asinha.

JUL. De que modo ?

VIL. Digo eu :  
Juliana, eu sam teu,  
Ora dize tu que es minha,  
E mais quanto Deos te deu.

## JULIANA.

VIL. Não he mais ? e isso abonda ?  
Não he mais, nem mais se deve ;  
Porém a cantiga he breve,  
Mas a grossa muito longa.

Fr. P. Ággravos que não tem cura  
 Procurae de os esquecer ;  
 Qu'impossivel he vencer  
 Batalha contra ventura  
 Quem ventura não tiver.

Não deve lembrar agora  
 Aggravos nem fantesias,  
 Senão muitas alegrias.  
 A' Rainha, nossa senhora,  
 Que viva infinitos dias,  
 Cantemos húa cantiga,  
 Ao mesmo Iffante bento,  
 E ao seu bento nacimiento,  
 Porque a Rainha não diga  
 Que somos homens de vento.

*Ordenárão-se todas as figuras como em dança, e a vozes bailárão, e cantárão a cantiga seguinte.*

« Por Maio era por Maio  
 « Ocho dias por andar,  
 « El Ifante Don Felipe  
 « Nació en Evora ciudad.  
 « Huha ! huha !  
 « Viva el Ifante, el Rey y la Reina  
 « Como las aguas del mar.  
 « El Ifante Don Felipe  
 « Nació en Evora ciudad,  
 « No nació en noche escura,  
 « Ni tanpoco por lunar.  
 « Huha ! huha !  
 « Viva el Ifante, el Rey y la Reina  
 « Como las ondas del mar.  
 « No nació en noche escura  
 « Ni tanpoco por lunar,  
 « Nació cuando el sol decrina  
 « Sus rayos sobre la mar.  
 « Huha ! huha !  
 « Viva el Ifante, el Rey y la Reina  
 « Como las aguas del mar.  
 « Nació cuando el sol decrina  
 « Sus rayos sobre la mar,  
 « En un dia de domingo,  
 « Domingo para notar.  
 « Huha ! huha !  
 « Viva el Ifante, el Rey y la Reina  
 « Como las ondas del mar.

« En un dia de domingo,  
« Domingo para notar,  
« Cuando las aves cantaban  
« Cada una su cantar.  
« Huha ! huha !  
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina  
« Como la tierra y la mar.  
    « Cuando las aves cantaban  
    « Cada una su cantar,  
    « Cuando los árboles verdes  
    « Sus fructos quieren pintar.  
    « Huha ! huha !  
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina  
« Como las aguas del mar.  
    « Cuando los árboles verdes  
    « Sus fructos quieren pintar  
    « Alumbró Dios á la Reina  
    « Con su fructo natural.  
    « Huha ! huha !  
« Viva el Ifante, el Rey y la Reina  
« Como las aguas del mar. »

*E com esta musica e dança se sahirão, e fenece  
esta última tragicomedia.*

# O Velho da Horta.

## F I G U R A S.

HUM VELHO

HUMA MOÇA.

HUM PARVO — Criado do velho.

MULHER do velho.

BRANCA GIL.

HUMA MOCINHA.

HUM ALCAIDE.

BELEGUINS.

---

*A seguinte farça, he o seu argumento, que hum homem honrado e muito rico, ja velho, tinha húa horta ; e andando húa manhan por ella esparecendo, sendo o seu hortelão fóra, veio húa moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se namorou della, que por via de húa alcoviteira gastou toda sua fazenda. A alcoviteira foi açoutada, e a moça casou honradamente. Foi representada ao mui serenissimo Rei Dom Manuel o primeiro deste nome, era do Senhor de 1512.*

## O VELHO DA HORTA.

---

*Entra o velho pela horta, rezando.*

VELHO.

*Pater noster* creador,  
*Qui es in cœlis* poderoso,  
*Sanctificetur*, Senhor,  
*Nomen tuum* vencedor,  
Nos ceos e terra piedoso.  
*Adveniat* a tua graça,  
*Regnum tuum* sem mais guerra ;  
*Voluntas tua* se faça  
*Sicut in cœlo et in terra.*

*Panem nostrum*, que comemos,  
*Quotidianum*, teu he ;  
Escusá-lo não podêmos :  
Indaque o não merecemos,  
*Tu da nobis* *hodie*.  
*Dimitte nobis*, Senhor,  
*Debita* nossos erros,  
*Sicut et nos*, por teu amor,  
*Demittimus* qualquer error  
A os nossos devedores.

*Et ne nos*, Deos, te pedimos,  
*Inducas* per nenhum modo  
*In tentationem* cahimos ;  
Porque fracos nos sentimos,  
Formados de triste lodo.  
*Sed libera* nossa fraqueza,  
*Nos a malo* nesta vida.  
*Amen* por tua graça,  
E nos livre tua alteza  
Da tristeza sem medida.

*Entra a Moça na horta e diz o*

VELHO.

Moç. Senhora, benza-vos Deos.  
VEL. Deos vos mantenha, Senhor.  
VEL. Onde se criou tal flor ?  
Eu diria que nos ceos.

Moç. Mas no chão.

VEL. Pois damas se acharão,  
Que não são vosso sapato.

Moç. Ai ! como isso he tão vão,  
E como as lisonjas são  
De barato.

VELHO.

Que buscais vós ca, donzella,  
Senhora, meu coração ?

Moç. Vinha ao vosso hortelão  
Por cheiros pera a panella.

VEL. E a isso —  
Vindes vós, meu paraizo,

Minha senhora, e al não ?

Moç. Vistes vós ! Segundo isso,  
Nenhum velho não tem siso  
Natural.

VELHO.

Oh meus olhinhos garridos !  
Minha rosa ! meu arminho !

Moç. Onde he o vosso ratinho ?  
Não tem os cheiros colhidos ?

VEL. Tão depressa  
Vindes vós, minha condessa,  
Meu amor, meu coração ?

Moç. Jesu ! Jesu ! que cousa he essa ?  
E que prática tão avessa  
Da rezão !

Fallae, fallae d'outra maneira :  
Mandae-me dar a hortaliça.

VEL. Gran fogo d'amor m'atiça,  
Oh minha alma verdadeira !

Moç. E essa tosse ?  
Amores de sôbre-posse  
Serão os da vossa idade :

O tempo vos tirou a posse. *fuerza*

VEL. Mais amo, que se moço fosse  
Com ametade. *la in la*

Moça.

E qual sera a desestrada,  
Que attente em vosso amor ?

VEL. Oh minh'alma e minha dor,  
Quem vos tivesse furtada !

Moç. Que prazer !  
Quem vos isso ouvir dizer  
Cuidará que estais vós vivo,  
Ou que sois pera viver.

VEL. Vivo não no quero ser,  
Mas captivo.

Moça.

Vossa alma não he lembrada *recuerda*  
Que vos despede esta vida ?

VEL. Vós sois minha despedida,  
Minha morte antecipada.

Moç. Que galarite !  
Que rosa ! que diamante !

Que preciosa perla fina !

VEL. Oh fortuna triumphante !  
Quem metteo hum velho amante  
Com menina !

O maior risco da vida,  
E mais perigoso, he amar ;

Que morrer he acabar,  
E amor não tem sahida.

E pois penado,  
Aindaque seja amado,  
Vive qualquer amador ;  
Que fara o desamado,  
E sendo desesperado

De favor ?

Moça.

Ora dá-lhe lá favores !  
Velhice, como te enganas !

VEL. Essas palavras ufanas  
Acendem mais os amores.

Moç. O' home ! estais ás escuras ;  
Não vos vêdes como estais ?

VEL. Vós me cegais com tristuras,  
Mas vejo as desaventuras  
Que me dais.

Moça.

Não vêdes que sois ja morto,  
E andais contra natura ?

VEL. O' flor da mor fermosura,  
Quem vos trouxe a este meu horto ?  
Ai de mi !

Porque assi como vos vi,  
Cegou minha alma e a vida ;  
E está tão fóra de si,  
Qu'em partindo vós daqui,  
He partida.

Moça.

Ja perto sois de morrer :  
Donde nasce esta sandice,

Que, quanto mais na velhice,  
 Amais os velhos viver ?  
 E mais querida,  
 Quando estais mais de partida,  
 He a vida que leixais ?

VEL. Tanto sois mais homecida,  
 Que, quando amo mais a vida,  
 M'a tirais.

Porque minh' hora d'agora  
 Val vinte annos dos passados ;  
 Que os moços namorados  
 A mocidade os escora.  
 Mas hum velho,  
 Em idade de conselho,  
 De menina namorado ...  
 Oh minh' alma e meu espelho !  
 Oh miolo de coelho  
 Mal assado.

VELHO.

Quanto for mais avisado  
 Quem d'amor vive penando,  
 Tera menos siso amando,  
 Porque he mais namorado.  
 Em concrusão,  
 Que amor não quer rezão,  
 Nem contracto, nem cautela,  
 Nem preito, nem condição,  
 Mas penar de coração  
 Sem querella.

Moça.

*Dónde*<sup>es</sup> Hulos esses namorados ?  
 Desinçada he a terra delles :  
 Olho mao se metteo nelles :  
 Namorados de cruzados,  
 Isso si.

VEL. Senhora, eis-me eu aqui,  
 Que não sei senão amar.  
 Oh meu rosto d'alfeni !  
 Qu'em forte ponto vos vi  
 Neste pomar !

Moça.

Que velho tão sem socêgo !  
 VEL. Que garridice me viste ?  
 Moç. Mas dizei, que me sentiste,  
 Remelado, necio, cego ?  
 VEL. Mas de todo  
 Por mui namorado modo

Me tendes minha senhora  
Ja cego de todo em todo.  
Moç. Bem está quando tal lodo  
Se namora.

## VELHO.

Quanto mais estais avessa,  
Mais certo vos quero bem.  
Moç. O vosso hortelão não vem ?  
Quero-me ir, que estou de pressa.  
VEL. Oh fermosa,  
Toda minha horta he vossa.  
Moç. Não quero tanta franqueza.  
VEL. Não per me serdes piedosa ;  
Porque quanto mais graciosa,  
Soes crueza.  
Cortae tudo sem partido ;  
Senhora, se sois servida,  
Seja a horta destruida,  
Pois seu dono he destruido.  
Moç. Mana minha,  
Achastes vós a daninha, *plaga*  
Porque não posso esperar.  
Colherei algúna cousinha,  
Somente por ir asinha  
E não tardar.

## VELHO.

Colhei, rosa, dessas rosas,  
Minhas flores, colhei flores.  
Quizera eu que esses amores  
Forão perlas preciosas,  
E de rubis  
O caminho per onde is,  
E a horta d'ouro tal,  
Com lavores mui sutis,  
Poisque Deos fazer-vos quiz  
Angelical.  
Ditoso he o jardim  
Que está em vosso poder :  
Podeis, senhora, fazer  
Delle o que fazeis de mim.  
Moç. Que folgura !  
Que pomar e que verdura !  
Que fonte tão esmerada !  
VEL. N'agua olhae vossa figura,  
Vereis minha sepultura  
Ser chegada.

Moça. (canta)

« Cual es la niña  
 « Que coge las flores,  
 « Sino tiene amores.  
 « Cogia la niña  
 « La rosa florida,  
 « El hortelanico  
 « Prendas le pedia,  
 « Sino tiene amores. »

*Assi cantando colheo a Moça da horta o que vinha  
 buscar, e acabado, diz :*

Moça.

Eisaqui o que colhi;  
 Vêde o que vos hei de dar.  
 VEL. Que m'haveis vós de pagar,  
 Pois que me levais a mi ?  
 Oh coitado !  
 Que amor me tem entregado  
 E em vosso pôder me fino,  
 Porque sam de vós tratado  
 Como passaro em mão dado  
 D'hum menino.

Moça.

Senhor, com vossa mercê.  
 VEL. Por eu não ficar sem a vossa,  
 Queria de vós húa rosa.  
 Moç. Húa rosa ? para que ?  
 VEL. Porque são  
 Colhidas de vossa mão,  
 Leixar-m'heis algúia vida,  
 Não isenta de paixão,  
 Mas sera consolação  
 Na partida.

Moça.

Isso he por me deter :  
 Ora tomae — acabar.

(Tomou-lhe o Velho a mão. )

Jesu ! e quereis brincar ?  
 Que galante e que prazer !  
 VEL. Ja me leixais ?  
 Lembre-vos que me lembrais  
 E que não fico comigo.  
 Oh marteiros infernaes !  
 Não sei porque me matais,  
 Nem o que digo.

*Vem hum Parvo, criado do Velho, e diz :*

PARVO.

- Dono, dizia minha dona  
Que fazeis vós ca té á noute ?  
VEL. Vae-te dahí, não t'acoute.  
Oh ! dou ó demo a chaçona  
Sem saber.  
PAR. Diz que fosseis vós comer,  
E que não moreis aqui.  
VEL. Não quero comer nem beber.  
PAR. Pois que haveis ca de fazer ?  
VEL. Vae-te d'hi.

PARVO.

- Dono, veio lá meu tio,  
Estava minha dona — então ella  
Foi-se-lhe o lume pela panella,  
Senão acertá-lo acario.  
VEL. Oh Senhora,  
Como sei que estais agora  
Sem saber minha saudade !  
Oh senhora matadora,  
Meu coração vos adora  
De vontade.

PARVO.

- raivo* Raivou tanto rospear  
Oh pezar ora da vida !  
Está a panella cozida,  
Minha dona quer jentar :  
Não quereis ?  
VEL. Não hei de comer, que me pês,  
Nem quero comer bocado.  
PAR. E se vós, dono, morreis ?  
Então depois não fallareis,  
Senão finado.  
Então na terra nego jazer,  
Então finar dono estendido.  
VEL. Oh quem não fôra nascido,  
Ou acabasse de viver !  
PAR. Assi, pardeos.  
Então tanta pulga em vós,  
Tanta bichoca nos olhos,  
Alli c'os finados sos ;  
E comer-vos-hão a vós  
Os piolhos.  
Comer-vos-hão as cigarras,  
E os sapos morreré, morreré.

flor 10  
bag

VEL. Deos me faz ja mercê  
De me soltar as amarras.  
Vae saltando,  
Aqui fico esperando :  
Traze a viola e veremos.

PAR. Ah corpo de San Fernando !  
Estão os outros jentando,  
E cantaremos ?

VELHO.

Quem fosse do teu teor, †  
Por não sentir tanta praga  
De fogo que não s'apaga  
Nem abranda tanta dor !  
Hei de morrer.

PAR. Minha dona quer comer ;  
Vinde eramá, dono, que brada.  
Olhae, eu fui-lhe dizer  
Dessa rosa e do tanger,  
E está raivada.

Vae-te tu, filho Joanne,  
E dize que logo vou,  
Que não ha tanto que ca 'stou.

PAR. Ireis vós pera Sanhoanne  
Polo ceo sagrado,  
Que meu dono está danado.  
Vio elle o demo no ramo.  
Se elle fosse namorado,  
Logq eu vou buscar outr'amo.

*Vem a Mulher do Velho e diz :*

*Inste* MULHER.

Hui ! amara do meu fado ; su  
Fernandianes, que he isto ?

VEL. Oh pesar do Antichristo  
Co'a velha destemp'rada !  
Vistes ora ?

MUL. Esta dama onde mora ?  
Hui ! amara dos meus dias !  
Vinde jentar na ma ora :  
Que vos mettedes agora  
Em musiquias ?

VELHO.

Polo corpo de San Roque  
Commendo ó demo a gulosa.

MUL. Quem vos poz hi essa rosa ?  
Ma força que vos enforque !

VEL. Não curar :

Fareis bem de vos tornar,  
 Porque estou mui mal sentido ;  
 Não cureis de me fallar,  
 Que não se pôde escusar  
 Ser perdido.

MULHER.

Agora co'as hervas novas  
 Vos tornastes vós granhão.

VEL. Não sei que he, nem que não,  
 Que hei de vir a fazer trovas.

MUL. Que peçonha !

Havei ma ora vergonha  
 A cabo de sessenta annos,  
 Que sondes ja carantonha.

VEL. Amores de quem me sonha  
 Tantos danos.

MULHER.

Ja vós estais em idade  
 De mudardes os costumes.

VEL. Pois que me pedis ciumes,  
 Eu vo-lo farei verdade.

MUL. Olhade a peça !

VEL. Nunca o demo em al m'empeça, *enveja & aíno*  
 Senão morrer de namorado.

MUL. Quer ja cair da trepeça, *estar curva de la muerte*  
 E tem rosa na cabeça  
 E imbicado. *vaidoso*

VELHO.

Leixae-me ser namorado,  
 Porque o sou muito em extremo.

MUL. Mas que vos tome inda o demo,  
 Se vos ja não tem tomado.

VEL. Dona torta.

Acertar por essa porta,  
 Velha mal aventureada,  
 Sair ma ora da horta.

MUL. Hui, amara ! aqui sou morta,  
 Ou espancada.

VELHO.

Estas velhas são peccados,  
 Sancta Maria Val com a praga !  
 Quanto as homem mais afaga,  
 Tanto são mais endiabradadas.

( canta )

« Volvido nos han volvido,  
 « Volvido nos han

« Por una vecina mala  
 « Meu amor tolheu-me a falla,  
 « Volvido nos han. »

*Vem Branca Gil, alcoviteira, e di:*

BRANCA.

Mantenha Deos vossa mercê.

VEL. Bofé, vós venhais embora. *buenas fe, en buena* —  
 Ah sancta Maria senhora,  
 Como logo Deos provê !

BRA. Si aosasadas.  
 Eu venho por mesturadas,

E muito depressa ainda.

VEL. Mesturadas mesandadas,  
 Que as fara bem guisadas  
 Vossa vinda.

O caso he : Sobre meus dias,  
 Em tempo contra rezão,  
 Veio Amor sobre tenção,  
 E fez de mi outro Mancias,  
 Tão penado ;  
 Que de muito namorado  
 Creio que me culpareis  
 Porque tomei tal cuidado ;  
 E do velho destampado  
 Zombareis.

BRANCA.

Mas antes, senhor, agora  
 Na velhice anda o amor ;  
 O de idade d'amador  
 De ventura se namora ;  
 E na corte  
 Nenhum mancebo de sorte  
 Não ama como sohia.  
 Tudo vai em zombaria ;  
 Nunca morrem desta morte  
 Nenhum dia.

E folgo ora de ver  
 Vossa mercê namorado ;  
 Que o homem bem criado  
 Até morte o ha de ser  
 Por direito ;  
 Não per modo contrafeito,  
 Mas firme, sem ir atraz,  
 Que a todo o homem perfeito  
 Mandou Deos no seu preceito :  
*Amarás.*

## VELHO.

Isso he o demo que eu brado,  
 Branca Gil, e não me val,  
 Que não daria hum real  
 Por homem desnamorado.  
 Porém, amiga,  
 Se nesta minha fadiga  
 Vós não sois medianeira,  
 Não sei que maneira siga,  
 Nem que faça nem que diga,  
 Nem que queira.

## BRANCA.

Ando agora tão ditosa,  
 Louvores á Virgem Maria,  
 Que acabo mais do que qu'ria,  
 Pola minha vida e vossa.  
 D'antemão  
 Faço húa esconjuraçāo  
 C'hum dente de negra morta  
 Até que entre pola porta,  
 Que exhorta  
 Qualquer duro coração.

Dizede-me, quem he ella ?

- VEL. Vive junto co'a Sé.  
 BRA. Ja, ja, ja ; bem sei quem he.  
 He bonita como estrella,  
 Húa rosinha d'Abrial,  
 Húa frescura de Maio,  
 Tão manhosa, tão subtil !  
 VEL. Acudi-me, Branca Gil,  
 Que desmaio.

*Esmorece o Velho, e a alcoviteira começa a ladainha  
 seguinte :*

## BRANCA.

O' precioso Santo Arelhano,  
 Martyr bem-aventurado,  
 Tu que foste marteirado  
 Neste mundo cento e hum anno ;  
 O' San Garcia  
 Moniz, tu que hoje em dia  
 Fazes milagres dobrados,  
 Dá-lhe esfôrço e alegria,  
 Pois que es da companhia  
 Dos penados.

O' apostolo San João Fogaca,

Tu que sabes a verdade,  
 Pola tua piedade  
 Que tanto mal não se faça.  
 O' Senhor  
 Tristão da Cunha Confessor,  
 O' martyr Simão de Sousa,  
 Polo vosso santo amor  
 Livrae o velho peccador  
 De tal cousa.

O' Santo Martim Affonso  
 De Mello, tão namorado,  
 Dá remedio a este coitado,  
 E eu te direi hum responso  
 Com devaçāo.

Eu prometto hūa oraçāo,  
 Cada dia quatro mezes,  
 Porque lhe deis coraçāo,  
 Meu Senhor San Dom João  
 De Menezes.

O' martyr Santo Amador  
 Gonçalo da Silva, vós,  
 Vós que sois hum so dos sos  
 Porfioso em amador  
 Apressurado,  
 Chamae o martirizado  
 Dom João d'Eça a conselho,  
 Dous casados n'hum cuidado,  
 Soccorrei a este coitado  
 Deste velho.

Archanjo San Commendador  
 Mor d'Avis, mui inflammado,  
 Que antes que fosseis nado  
 Fostes sancto no amor.

E não fique  
 O precioso Dom Anrique  
 Outro Mor de Santiago ;  
 Soccorrei-lhe muito a pique;  
 Antes que o demo répique  
 Com tal pago.

Glorioso San Dom Martinho,  
 Apostolo e Evangelista,  
 Tomae este feito á revista,  
 Porque leva mao caminho,  
 E dae-lhe esprito.  
 O' sancto Barão d'Alvito,  
 Seraphim do Deos Cupido,  
 Consolae o velho afflito ;

Porque inda que contrito,  
Vai perdido.

Todos sanctos marteirados,  
Soccorrei ao marteirado,  
Que morre de namorado,  
Pois morreis de namorados.

Polo livrar  
As Virgens quero chamar,  
Que lhe queirão soccorrer,  
Ajudar e consolar,  
Que está ja pera acabar  
De morrer.

O' sancta Dona Maria  
Anriques, tão preciosa,  
Queirais-lhe ser piedosa  
Por vossa sancta alegria.  
E vossa vista,  
Que todo o mundo conquista,  
Esforce seu coração,  
Porque á sua dor resista,  
Por vossa graça e bemquista  
Condição.

O' sancta Dona Joana  
De Mendonça, tão formosa,  
Preciosa e mui lustrosa,  
Mui querida e mui oufana,  
Dae-lhe vida,  
Como outra sancta escolhida,  
Que tenho em *voluntas mea*,  
Seja de vós soccorrida,  
Como de Deos foi ouvida  
A Cananea.

O' sancta Dona Joana  
Manoel, pois que podeis,  
E sabeis e mereceis  
Ser angelica e humana,  
Soccorrê.  
E vós, Senhora, por mercê,  
O' sancta Dona Maria  
De Calataúd, porque  
Vossa perfeição lhe dê  
Alegria.

Sancta Dona Catherina  
De Figueiredo a Real,  
Por vossa graça especial,  
Que os mais altos inclina ;  
E ajudará

Sancta Dona Beatriz de Sa :  
 Dae-lhe, Senhoras, confôrto,  
 Porque está seu corpo ja  
 Quasi morto.

Sancta Dona Beatriz  
 Da Silva, que sois aquella  
 Mais estrella que donzella,  
 Como todo o mundo diz ;  
 E vós sentida  
 Sancta Dona Margarida  
 De Sousa, lhe soccorrê,  
 Se lhe puderdes dar vida ,  
 Porque está ja de partida,  
 Sem porque.

Sancta Dona Violante  
 De Lima, de grande estima,  
 Mui subida, muito acima  
 D'estimar nenhum galante ;  
 Peço-vos eu,  
 E a Dona Isabel d'Abreu,  
 Que hajais delle piedade  
 C'o siso que Deos vos deu,  
 Que não moura de sandeu  
 Em tal idade.

O' sancta Dona Maria  
 D'Ataide, fresca rosa,  
 Nascida, em hora ditosa,  
 Quando Jupiter se ria ;  
 E se ajudar  
 Sancta Dona Anna, sem par,  
 D'Eça, bem-aventurada,  
 Podei-lo resuscitar,  
 Que sua vida vejo estar  
 Desesperada.

Sanctas virgens conservadas  
 Em mui sancto e limpo estado,  
 Soccorrei ao namorado,  
 Que vós sejais namoradas.

**VEL.** Oh coitado !  
 Ai triste desatinado,  
 Ainda tórno a viver ;  
 Cuidei que ja era livrado.

**BRA.** Qu'efsôrço de namorado  
 E que prazer !  
 Havede ma ora aquella.

**VEL.** Que remedio me dais vós ?  
**BRA.** Vivireis, prazendo a Deos,

E casar-vos-hei com ella.

VEL. He vento isso.

BRA. Assi veja o paraiso,  
Que não he ora tanto extremo.  
Não curedes vós de riso,  
Que se faz tão improviso  
Como o demo :

E tambem d'outra maneira,  
Se m'eu quizer trabalhar.

VEL. Ide-lhe, rogo-vo-lo, fallar,  
E fazei com que me queira,  
Que pereço ;  
E dizei-lhe que lhe peço  
Se lembre que tal fiquei  
Estimado em pouco preço :  
E se tanto mal mereço  
Não no sei.

E se tenho esta vontade,  
Que não se deve enojar,  
Mas antes muito folgar  
Matar os de qualquer idade.  
E se reclama  
Que sendo tão linda dama  
Por ser velho m'aborrece,  
Dizei-lhe que mal desama,  
Porque minh'alma, que a ama,  
Não envelhece.

BRANCA.

Sus, nome de Jesu Christo,  
Olhae-me pola cestinha.

VEL. Tornae logo muito asinha,  
Que eu pagarei bem isto.

*Vai-se a alcoviteira e fica o Velho tangendo, e cantando a cantiga seguinte :*

« Pues tengo razon, señora,  
« Razon es que me la oiga. »

*Vem a alcoviteira e diz o*

VELHO.

BRA. Venhais embora, minha amiga.  
J'ella fica de bom geito ;  
Mas pera isto andar direito,  
He razão que vo-lo diga.  
Eu ja, senhor meu, não posso  
Vencer húa moça tal  
Sem gastardes bem do vosso.

- VEL. Eu lhe peitarei em grosso.  
 BRA. Hi está o feito nosso,  
       E não em al.  
       Perca-se toda a fazenda  
       Por sal�ardes vossa vida.  
 VEL. Seja ella disso servida,  
       Qu'escusada he mais contendida.  
 BRA. Deos vos ajude  
       E vos dê muita saude,  
       Que isso haveis de fazer :  
       Que viola nem alaüde  
       Nem quantos amores pude  
       Não quer ver.  
       Remoçou-m'ella hum brial  
       De seda e huns toucados.  
 VEL. Eisaqui trinta cruzados ;  
       Que lh'o fação mui real.

*Em quanto a alcoviteira vai, o Velho torna a proseguir seu cantar e tanger, e acabado, torna ella e diç :*

- BRANCA.  
 Está tão saudosa de vós,  
 Que se perde a coitadinha :  
 Ha mister húa vasquinha *fo*  
 E tres onças de retroz.  
 VEL. Tomae.  
 BRA. A benção de vosso pae.  
 (Bô namorado he o tal )  
 Pois que gastais, descançae :  
 Namorados de ai ai  
 Não são papa nem são sal.  
 Hui ! tal fôra se me fôra.  
 Sabeis vós que m'esquecia ?  
 Húa adela me vendia  
 Hum firmal d'húa senhora  
 C'hum rubi,  
 Pera o collo, de marfi,  
 Lavrado de mil lavores,  
 Por cem cruzados.

- VEL. Ei-los hi.  
 BRA. Isto ma ora, isto si,  
       São amores.

*Vai-se, e o Velho torna a proseguir sua musica, e acabado torna a alcoviteira e diç :*

- BRANCA.  
 Dei ma ora húa topada ;  
 Trago as sapatas rompidas,

- Destas vindas, destas idas,  
E emfim não ganho nada.  
VEL. Eisaqui  
Dez cruzados pera ti.  
BRA. (Coméço com boa estrea.)

*Vem hum Alcaide com quatro beleguins, e diz :*

ALCAIDE.

- Dona levantae-vos d'hi.  
BRA. E que me quereis vós assi ?  
ALC. A' cadeia.

VELHO.

- Senhores homens de bem,  
Escutem vossas senhorias.  
ALC. Deixae essas cortezias.  
BRA. Não hei medo de ninguem : —  
Vistes ora ?  
ALC. Levantae-vos d'hi, senhora ;  
Dae ó demo esse rezar :  
Quem vos fez tão rezadora ?  
BRA. Leixae-m'ora na ma ora  
Aqui acabar.

ALCAIDE.

- Vinde da parte d'ElRei.  
BRA. Muita vida seja a sua.  
Não me leveis pola rua ;  
Leixae-me vós qu'eu m'irei.  
VEL. Sus, andar.  
BRA. Onde me quereis levar ?  
Ou quem me manda prender ?  
Nunca havedes d'acabar  
De me prender e soltar ?  
Não ha poder.

ALCAIDE.

- Não se pôde hi al fazer.  
BRA. Está ja a carocha aviada.  
Tres vezes fui ja açoutada,  
E emfim hei de viver.

*Levão-na presa e fica o Velho dizendo.*

- VEL. Oh forte hora !  
Ah sancta Maria Senhora !  
Ja não posso livrar bem ;  
Cada passo se empeora.  
Oh ! triste quem se namora  
De ningnem !

*Vem húa Mocinha á horta e diz :*

Moça.

Vêdes aqui o dinheiro :  
 Manda-me ca minha tia,  
 Que assi como n'outro dia,  
 Lhe mandeis a couve e o cheiro. —  
 Está pasmado !

- VEL. Mas estou desatinado.  
 Moç. Estais doente, ou que haveis ?  
 VEL. Ai ! não sei, desconsolado,  
 Que nasci desventurado.  
 Moç. Não choreis ;  
 Mais mal fadada vai aquella.  
 VEL. Quem ?  
 Moç. Branca Gil.  
 VEL. Como ?  
 Moç. Com cent'açoutes no lombo,  
 E húa corocha por capella.  
 E ter mão ;  
 Leva tão bom coração,  
 Como se fosse em folia.  
 Oh que grandes que lh'os dão !  
 VEL. E o triste do pregão  
 Porque dizia ?

Moça.

Por mui grande alcoviteira,  
 E pera sempre degradada.  
 Vai tão desavergonhada,  
 Como ia a feiticeira.  
 E quando estava  
 Húa moça que casava  
 Na rua pera ir casar,  
 E a coitada que chegava,  
 A folia começava  
 De cantar :

*Húa moça tão fermosa,*  
*Que vivia alli á Sé . . .*  
 VEL. Oh coitado ! a minha he.  
 Moç. Agora ma ora he vossa,  
 Vossa he a treva.  
 Mas ella o noivo a leva :  
 Vai tão leda e tão contente,  
 Huns cabellos como Eva.  
 Osadas que não se lhe atreve  
 Toda a gente.

O noivo, moço tão polido,  
Não tirava os olhos della,  
E ella delle. Oh que estrella !  
He elle hum par bem 'scolhido.  
Oh roubado,  
Da vaidade enganado,  
Da vida e da fazenda !  
Oh velho, siso enleado,  
Quem te metteó, desastrado,  
Em tal contenda ?

Se os jovenes amores,  
Os mais tem fins desastradas,  
Que farão as cans lançadas  
No conto dos amadores !  
Que sentias,  
Triste velho, em fim dos dias,  
Se a ti mesmo contempláras,  
Souberas que não sabías,  
E víras como não vias,  
E acertáras.

VELHO.

Quero-m'ir buscar a morte,  
Pois que tanto mal busquei.  
Quatro filhas que criei,  
Eu as puz em pobre sorte.  
Vou morrer,  
Ellas hão de padecer,  
Porque não lhes deixo nada  
De quanta riqueza e haver  
Fui sem rezão dispenser  
Mal gastada.

Farça dos Almocreves.

## F I G U R A S.

FIDALGO.

PAGEM.

CAPELLÃO.

OURIVES.

PERO VAZ

VASCO AFFONSO

OUTRO FIDALGO.

} Almocreves.

---

*Esta seguinte farça foi feita e representada ao muito  
poderoso e excellente Rei D. João, o terceiro em Portu-  
gal deste nome, na sua cidade de Coimbra na era do  
Senhor de 1526.*

## FARÇA DOS ALMOCREVES.

---

*O fundamento desta farça he, que hum fidalgo de muito pouca renda usava muito estado, e tinha capellão seu e ourives seu, e outros officiaes, aos quaes nunca pagava : e vendo-se o seu Capellão esfarrapado e sem nada de seu, entra diζendo :*

### CAPELLÃO.

Pois que não posso rezar,  
Por me ver tão esquipado,  
Por aqui por este arnado  
Quero hum pouco passear  
Por espaçar meu cuidado.  
E grosarei o romance  
De *Yo me estaba en Coimbra*,  
Pois Coimbra assim nos cimbra,  
Que não ha quem preto alcance.

### Grosa.

*Yo me estaba en Coimbra,*  
Cidade bem assentada ;  
Pelos campos de Mondego  
Não vi palha nem cevada.  
Quando aquillo vi mesquinho,  
Entendi que era cilada  
Contra os cavallos da côrte  
E minha mula pellada.  
Logo tive a mao sinal  
Tanta milhan apanhada,  
E a peso de dinheiro  
O mula desemparada.  
Vi vir ao longo do rio  
Húa batalha ordenada,  
Não de gente, mas de mus,  
Com muita raiva pisada.  
A carne está em Bretanha,  
E as couves em Biscaia.  
Sam capellão d'hum fidalgo  
Que não tem renda nem nada ;  
Quer ter muitos apparatos,

E a casa anda esfaimada ;  
 Toma ratinhos por pagens,  
 Anda ja a cousa damnada.  
 Quero-lhe pedir licença,  
 Pague-me minha soldada

*Chega o Capellão a casa do Fidalgo e fallando com elle, diz :*

CAPELLÃO.

Senhor, ja sera rezão . . .

- FID. Avante, padre, fallae.  
 CAP. Digo que em tres annos vai  
 Que sam vosso capellão.  
 FID. He grande verdade : avante.  
 CAP. Eu fôra ja do Iffante,  
 E pudera ser que d'ElRei.  
 FID. A' bofé, padre, não sei.  
 CAP. Si, senhor, qu'eu sou d'estante,  
 Aindaque ca m'empreguei.

Ora pois veja, senhor,  
 Que he o que m'ha de dar,  
 Porque alem do altar  
 Servia de comprador.

- FID. Não vo-lo hei de negar :  
 Fazei-me húa petição  
 De tudo quanto requereis.  
 CAP. Senhor, não me prolongueis,  
 Qu'isso não traz concrusão,  
 Nem vejo que a quereis.

Porque me fiz polo vosso  
*Clericus et negociatores.*

- FID. Assi vos dei eu favores,  
 E disso pouco qu'eu posso  
 Vos fiz mais que outros senhores :  
 Ora hum clérigo que mais quer  
 De renda nem d'outro bem,  
 Que dar-lhe homem de comer,  
 Que he cada dia hum vintem,  
 E mais muito a seu prazer ?

Ora a honra que se monta —  
 He capellão de fuão !

- CAP. E do vestir não fazeis conta ?  
 E esse comer com paixão,  
 E dormir com tanta affronta,  
 Que a coroa jaz no chão,  
 Sem cabeçal, e á húa hora  
 E missa sempre de caça ?

E por vos cair em graça  
 Servia-vos tambem de fóra,  
 Té comprar sibas na praça.  
 E outros cárregosinhos  
 Deshonestos pera mi.  
 Isto, senhor, he assi.  
 E azemel nesses caminhos,  
 Arre aqui e arre alli,  
 E ter cárrego dos gatos,  
 E dos negros da cozinha,  
 E alimpar-vo-los sapatos,  
 E outras cousas qu'eu fazia.

## FIDALGO.

Assi fiei eu de vós  
 Toda a minha esmolaria,  
 E daveis polo amor de Deos,  
 Sem vos tomar conta hum dia.  
 CAP. Dos tres annos qu'eu allego,  
 Da-la-hei logo sem pendências :  
 Mandastes dar a hum cego  
 Hum real por endoências.  
 FID. Eu isso não vo-lo nego.

## CAPELÃO.

E logo dahi a hum anno,  
 Pera ajuda de casar  
 Húa orfan, mandastes dar  
 Meio covado de panno  
 D'Alcobaça por tosar.  
 E nos dous annos primeiros  
 Repartistes tres pescadas  
 Por todos esses mosteiros,  
 Na Pederneira compradas  
 Daquestes mesmos dinheiros.

Ora eu recebi cem reaes  
 Em tres annos, contae bem,  
 Tenho aqui meio vintem.

FID. Padre, boa conta dais.  
 Ponde tudo n'hum item,  
 E fallae ao meu Doutor,  
 Que elle me fallará nisso.  
 CAP. Deixe Vossa Mercê isso  
 Pera ElRei nosso senhor,  
 E vós fallae-me de siso.  
 Que como, senhor, me ficastes  
 (Isto dentro em Santarem )

- FID. De me pagardes mui bem . . .  
 Em quantas missas m'achastes ?  
 Das vossas digo eu porém.
- CAP. Que culpa vos tem Çamora ?  
 Por vós estão ellas nos ceos.
- FID. Mas tomæe-as para vós,  
 E guardæe-as muit'embora,  
 Então pague-vo-las Deos :  
 Que eu não gasto meus dinheiros  
 Em missas atabalhoadas.
- CAP. E vós fazeis foliadas  
 E não pagais ó gaitero ?  
 Isso são balcarriadas.  
 Se vossas mercês não hão  
 Cordel pera tantos nós,  
 Vivei vós áquem de vós,  
 E não compreis gavião,  
 Pois que não tendes piós.
- Trazeis seis moços de pé  
 E acrecentai-los a capa,  
 Coma rei, e por mercê,  
 Não tendo as terras do Papa,  
 Nem os tratos de Guiné,  
 Antes vossa renda encurta  
 Coma panno d'Alcobaça.
- FID. Todo o fidalgo de raça,  
 Emque a renda seja curta,  
 He por fôrça qu'isso faça.
- Padre, mui bem vos entendo :  
 Foi sempre a vontade minha  
 Dar-vos a ElRei ou á Rainha.
- CAP. Isso me vai parecendo  
 Bom trigo, se der farinha.  
 Senhor, se m'isso fizer,  
 Grande mercê me fará.
- FID. Eu vos direi que será :  
 Dizei agora hum profaceo, a ver  
 Que voz tendes pera lá.
- CAP. Folgarei eu de o dizer ;  
 Mas quem me responderá ?
- FID. Eu.

## CAPELLÃO.

*Per omnia secula seculorum.*FID. *Amen.*CAP. *Dominus vobiscum.*FID. *Avante.*CAP. *Sursum corda,*

FID. Tendes essa voz tão gorda,  
Que pareceis alifante  
Depois de farto d'açorda.

## CAPELLÃO.

Peor voz tem Simão Vaz,  
Thesoureiro e capellão  
E peor o Adaião,  
Que canta como alcatraz,  
E outros que por hi estão.  
Quereis que acabe a cantiga,  
E vereis onde vou ter.

FID. Padre, eu hei de ter fadiga,  
Mas d'ElRei haveis de ser :  
Escusada he mais briga.

## CAPELLÃO.

Sabeis em que está a contenda ?  
Direis : He meu capellão :  
E ElRei sabe a vossa renda,  
E rir-se-ha se vem á mão,  
E remetter-m'ha á Fazenda.

FID. Se vós foreis entoado.

CAP. Que bem posso eu cantar  
Onde dão sempre pescado,  
E de dous annos salgado,  
O peor que ha no mar ?

*Vem hum Pagem do Fidalgo, e diz :*

## PAGEM.

Senhor, o orives s'he alli.  
Entre. Quererá dinheiro.  
Venhais embora cavalleiro :  
Cobri a cabeça, cobri.  
Tendes grande amigo em mi,  
E mais vosso pregoeiro.  
Gabei-vos hontem a ElRei  
Quanto se pôde gabar,  
E sei que vos ha de ocupar,  
E eu vos ajudarei  
Cada vez que m'hi achar.

Porque ás vezes estas ajudas  
São melhores que cristeis,  
Porque so a fama que haveis,  
E outras cousas meudas  
O que valem ja sabeis.

- OUR. Senhor, eu o servirei  
E não quero outro senhor.  
FID. Sabeis que tendes melhor ?  
( Eu o dixe logo a ElRei,  
E faz em vosso louvor : )  
    Não vos dá mais que vos paguem,  
Que vos deixem de pagar.  
    Nunca vi tal esperar,  
Nunca vi tal avantagem  
Nem tal modo de agradar.  
OUR. Nossa conta he tão pequena,  
E ha tanto que he devida,  
    Que morre de promettida,  
E peço-a ja com tanta pena,  
Que depenno a minha vida.

## FIDALGO.

- Ora olhae esse fallar  
Como vai bem martelado !  
Folgo não vos ter pagado,  
Por vos ouvir martelar  
Marteladas de avisado.  
OUR. Senhor, bejo-vo-las mãos,  
Mas o meu queria eu na mão.  
FID. Tambem isso he cortezão :  
    Senhor, bejo-vo-las mãos,  
O meu queria eu na mão.  
    Que bastiães tão louçãos !  
    Quanto pesava o saleiro ?  
OUR. Dous marcos bem, ouro e fio.  
FID. Essa he a prata : e o feitio ?  
OUR. Assaz de pouco dinheiro.  
FID. Que val com feitio e prata ?  
OUR. Justos nove mil reaes.  
E não posso esperar mais,  
Que o vosso esperar me mata.  
FID. Rijamente m'apertais.  
    E fazeis-me mentiroso,  
Qu'eu gabei-vos d'outro geito ;  
E s'eu tornar ao defeito,  
Não sera proveito vosso.  
OUR. Assi que o meu saleiro peito ?  
FID. Elle he dos mais maos saleiros,  
Que em minha vida comprei.  
OUR. Ainda o eu tomarei  
A cabo de tres janeiros  
Que ha que vo-lo eu fiei.

## FIDALGO.

- J'agora não he rezão ;  
 Eu não quero que vós percais.  
 OUR. Pois porque me não pagais ?  
 Que eu mesmo comprei carvão  
 Com que me encarvoiçais.  
 FID. Moço, vae-me ver o que faz ElRei,  
 Se parecem Damas lá :  
 Este dia não se va  
 Em pagarás, não pagarei.  
 E vós tornae outro dia ca.  
 Se não achardes a mi,  
 Fallae c'o meu Camareiro,  
 Porque elle tem o dinheiro,  
 Que cada anno vem aqui  
 Da renda do meu celeiro ;  
 E delle recebereis  
 O mais certo pagamento.  
 OUR. E pagais-me ahi c'o vento,  
 Ou com as outras mercês ?  
 FID. Tomae-lhe vós lá o tento.

*Indo-se o Capellão, vai dizendo :*

## CAPELLÃO.

Estes hão d'ir ao paraíso ?  
 Não creio eu logo nelle.  
 Eu lhes mudarei a pelle :  
 Daqui avante siso, siso,  
 Juro a Deus que m'abroquele.

*Vem o Pagem com recado e diz :*

## PAGEM.

- Senhor, in-Rei s'he no Paço.  
 FID. Em que casa ?  
 PAG. Isto abasta.  
 FID. O recado qu'elle dá !  
 Ratinho es de ma casta.  
 PAG. Abonda, bem sei eu o qu'eu faço.  
 FID. Abonda ! olhae o villão.  
 Damas parecem per hi ?  
 PAG. Si, senhor, damas vi,  
 Andavão pelo balcão.

## FIDALGO.

- E quem erão ?  
 PAG. Damas mesmas.

- FID. Como as chamão ?  
 PAG. Não as chamava ninguem.
- FID. Ratinhos são abantesmas,  
 E quem por pagens os tem.  
 Eu hei de fazer por haver  
 Hum pagem de boa casta.
- PAG. Ainda eu hei de crescer :  
 Castiço sam eu que basta,  
 Se me Deos deixa viver.  
 Pois o mais o deprenderei,  
 Como outros como eu per hi.
- FID. Pois faze-o tu assi,  
 Porque has de ser d'ElRei,  
 Moço da Camara ainda.
- PAG. Boa foi logo ca a vinda.  
 Assi que até os pastores  
 Hão de ser d'elRei samica !  
 Por isso esta terra he rica  
 De pão, porque os lavradores  
 Fazem os filhos paçãos.  
 Cedo não ha de haver villãos :  
 Todos d'ElRei, todos d'ElRei.
- FID. E tu zombas ?  
 PAG. Não, mas antes sei  
 Que tambem alguns christãos  
 Hão de deixar a costura.

*Torna o Capellão.*

CAPELLÃO.

- Vossa Mercê por ventura  
 Fallou ja a ElRei em mi ?
- FID. Ainda geito não vi.
- CAP. Não seja tão longa a cura  
 Como o tempo que servi.
- FID. Anda ElRei tão ocupado  
 Co'este Turco, co'este Papa,  
 Co'esta França, co'esta trapa,  
 Que não acho vao azado,  
 Porque tudo anda solapa.  
 Eu entro sempre ao vestir ;  
 Porém pera arrecadar  
 Ha mister grande vagar.  
 Podeis-me em tanto servir,  
 Até qu'eu veja logar.
- CAP. Senhor, queria concrusão.
- FID. Concrusão quereis ? Bem, bem,  
 Concrusão ha em alguem.

- CAP.** Concrusão quer concrusão,  
E não ha concrusão em nada.  
Senhor, eu tenho gastada  
Húa capa e hum mantão ;  
Paga-me a minha soldada.
- FID.** Se vós podesseis achar  
A altura de Leste a Oeste,  
Pois não tendes voz que preste,  
Perequi era o medrar.
- CAP.** E vós pagais-me c'o ar ?  
Mao caminho vejo eu este. (vai-se.)

## PAGEM.

Deve-o ElRei de tomar,  
Que lucta coma damnado.  
Elle he do nosso logar ;  
De moço guardava gado,  
Agora veio a bispar.

Mas não sinto capellão  
Que lhe chante hum par de quedas,  
E chama-se o Labaredas.

**FID.** E ca chama-se Cotão,  
Mais fidalgo que os Azedas.  
Satisfação me pedia,  
Que hé peor de fazer  
Que queimar toda Turquia ;  
Porque do satisfazer  
Nasceo a melancolia.

*Vem Pero Vaz, almocreve, que traç hum pouco de fato do Fidalgo, e vem tangendo a chocathada e cantando :*

## PERO VAZ.

« A serra he alta, fria e nevosa,  
« Vi venir serrana gentil, graciosa. »  
Arre, mulo namorado,  
Que custaste no mercado  
Sete mil e novecentos  
E hum traque pera o siseiro.  
Apre, ruço, acrecentado  
A moradia de quinhentos,  
Paga per Nuno Ribeiro.  
Dix, pera a paga e pera ti.  
Arre, arre, arre embora,  
Que ja as tardes são d'amigo.  
Apre, besta do ruim.  
Uxtix ! o atafal vai por fóra

E a cilha no embigo.  
 São diabos pera os ratos  
 Estes vinhos da Candosa.  
 « A serra he alta fria e nevosa,  
 « Vi venir serrana, gentil, graciosa. »  
 Apre ca ieramá.  
 Que te vas todo torcendo,  
 Como jogador de bola.  
 Uxtix, uxte xulo ca,  
 Que t'eu dou irás gemendo  
 E resoprando sob a cola.  
 Ao corpo de mi Tareja,  
 Descobris-vos vós na cama.  
 Parece? Dix, pera vossa ama:  
 Não criarás tu hi vareja.  
 « Vi venir serrana, gentil, graciosa,  
 « Cheguei-me per'ella com gran cortezia. »  
 Mando-vos eu suspirar  
 Pola padeira d'Aveiro,  
 Que haveis de chegar á venda,  
 E então alli desalbardar,  
 E albardar o vendeiro,  
 Se não tiver que vos venda  
 Vinho a seis, cabra a tres,  
 Pão de calo, filhós de manteiga,  
 Moça formosa, lençoes de veludo,  
 Casa juncada, noite longa,  
 Chuva com pedra, telhado novo,  
 A candeia morta, gaita á porta.  
 Apre, zambro, empeçarás.  
 Olha tu não te ponha eu  
 Oculos na rabadilha,  
 E verás per onde vás,  
 Demo que t'eu dou por seu,  
 E andarás lá de cilha  
 « Cheguei-me a ella de gran cortezia,  
 « Disse-lhe: Senhora, quereis companhia? »

*Vem Vasco Affonso, outro almocreve, e topão-se  
 ambos no caminho, e diz*

PERO VAZ.

Hou, Vasco Affonso, onde vas?  
 VAS. Uxtix, por esse chão.  
 PER. Não traes chocalhos nem nada?  
 VAS. Furtárn'o-m'os lá detraz  
 Hum fideputa ladrão  
 Na venda da repeidada.

- PER. Hi bebemos nós á vinda.  
 VAS. Cujo he o fato, Pero Vaz ?  
 PER. D'hum fidalgo. Dou ó diabo  
     O fato e o seu dono co'elle.  
 VAS. Valente almofreixe traz.  
 PER. Toma o mu de cabo a rabo.  
 VAS. Pardeos, cárrega leva elle.

## PERO VAZ.

- Uxtix, agora não pacerão elles,  
 E lá por essas charnecas  
 Vem roendo as urzeiras.  
 VAS. Leix'os tu, Pero Vaz, qu'elles  
     Achão aqui as hervas seccas,  
     E não comem giesteiras.  
     E quanto te dão por bêsta ?  
 PER. Não sei, assi Deos m'ajude.  
 VAS. Não fizeste logo o preço ?  
     Mal has tu de livrar d'esta.  
 PER. Leixei-o em sua virtude,  
     No qu'elle vir qu'eu mereço.

## VASCO AFFONSO.

- Em sua virtude o deixaste ?  
 E tra-la elle comsigo,  
 Ou ha d'ir buscá-la ainda ?  
 Oh que aramá te fretaste !  
 Queres apostar comigo  
 Que tu renegues da vinda ?  
 PER. Elle poz desta maneira  
     A mão na barba e me jurou  
     De meus dinheiros pagá-los.  
 VAS. Essa barba era inteira  
     A mesma em que te jurou,  
     Ou bigodezinhos ralos ?

## PERO VAZ.

- Ora Deos sabe o que faz,  
 E o Juiz da Samora :  
 De fidalgo he manter fé.  
 VAS. Bem sabes tu, Pero Vaz,  
     Que fidalgo ha ja agora,  
     Que não sabe se o he. —  
     Como vai a ta mulher  
     E todo teu gasalhado ?  
 PER. O gasalhado hi ficou.  
 VAS. E a mulher ?

- PER. Fugio.  
 VAS. Não pôde ser !  
 Como estarás magoado,  
 Ieramá !
- PER. Bofá não estou. —  
 Uxtix, sempre has d'andar  
 Debaixo dos sovereiros ? — ( para o mulo. )  
 E a mi que me dá disso ?
- VAS. Por fôrça t'ha de pezar  
 Se rirem de ti os vendeiros.
- PER. Não tenho de ver co'isso.  
 Vae, Vasco Affonso, ao teu mu,  
 Que se quer deitar no chão.
- VAS. Peza-te, mas desingulas.  
 PER. Não peza ; bem sabes tu  
 Que as mulheres não são  
 Todo o Verão senão pulgas.  
 Isto he quanto á saudade  
 Que eu della posso ter ;  
 E quanto ao rir das gentes,  
 Ella faz sua vontade ;  
 Foi-se per hi a perder,  
 E eu não perdi os dentes.
- Ainda aqui estou inteiro,  
 Vasco Affonso, como d'antes,  
 Filho de Affonso Vaz,  
 E neto de Jan Diz pedreiro,  
 E de Branca Annes d'Abrantes.  
 Não me faz nem me dasfaz.  
 Do que me fica gran dó,  
 Que teve razão de s'ir,  
 E em parte não he culpada ;  
 Porque ella dormia so,  
 E eu sempre ia dormir  
 C'os meus mus á Meijoada.
- Queria-a eu ir poupando  
 Pera lá pera a velhice,  
 Como colcha de Medina ;  
 E ella, mósca Fernando,  
 Quando vio minha pequice,  
 Foi descobrir outra mina.
- VAS. E agora que farás ?  
 PER. Irei dormir á Cornaga,  
 E ámanhan á Cucanha ;  
 E tu vae, embora vas,  
 Qu'eu vou servir esta praga,  
 E veremos que se ganha.

*Vai cantando.*

« Disse-lhe, senhora, quereis companhia ?  
 « Disse-me, Escudeiro, segui vossa via. »

## PAGEM.

Senhor, o almocreve he aquelle,  
 Que os chocalhos ouço eu :  
 Este he o fato, senhor.  
 FID. Ponde todos côbro nelle.  
 PER. Uxtix, mulo do judeu ! —  
 O fato hu s'ha de pôr ?  
 PAG. Venhais embora, Pero Vaz.  
 PER. Mantenha Deos vossa mercê.  
 PAG. Viestes polas Folgosas ?  
 PER. Ahi estive eu hoje faz  
 Oito dias pé por pé,  
 Em casa d'hūas tias vossas.

## PAGEM.

Ora meu pae que fazia ?  
 PER. Cavando andava bacelo,  
 Bem cansado e bem suado.  
 PAG. E minha mãe ?  
 PER. Levava o gado  
 Lá pera Val de Cobelo,  
 Mal roupada qu'ella ia.  
 Uxtix, que mao lambaz ! —  
 E vossa mercê que faz ?  
 PAG. Estou loução como que.  
 PER. E à bofê creceis assaz.  
 Saude que vos Deos dê.

## PAGEM.

Eu sam pagem de meu senhor,  
 Se Deos quizer pagem da lança.  
 PER. E hum fidalgo tanto alcança ?  
 Isso he d'Imperador.  
 Ora prenda ElRei de França.  
 PAG. Ainda eu hei de chegar  
 A cavalleiro fidalgo.  
 PER. Pardeos, João Crespo Penalvo,  
 Que isso seria esperar  
 De mao rafeiro ser galgo.  
 Mais fermoso está ao villão  
 Mao burel, que mao frisado,  
 E romper matos maninhos ;  
 E ao fidalgo de nação

Ter quatro homens de recado,  
 E leixar lavrar ratinhos.  
 Qu'em Frandes e Alemania,  
 Em toda França e Veneza,  
 Que vivem por siso e manha,  
 Por não viver em tristeza,  
 Não he como nesta terra ;  
 Porque o filho do lavrador  
 Casa lá com lavrador,  
 E nunca sabem mais nada ; )  
 E o filho do broslador  
 Casa com a brosladora :  
 Isto per lei ordenada.  
 E os fidalgos de casta  
 Servem os reis e altos senhores,  
 De tudo sem presumpção,  
 Tão chãos, que pouco lhes basta.  
 E os filhos dos lavradores  
 Pera todos lavrão pão.

## PAGEM.

Quero ir dizer de vós.  
 PER. Ora ide dizer de mi ;  
 Que se grave he Deos dos ceos,  
 Mais graves deoses ha aqui.

( ao Fidalgo. )

PAG. Senhor, alli vém o fato,  
 E está á porta o almocreve :  
 Vêde quem lhe ha de pagar  
 Isso tal que se lhe deve.

## FIDALGO.

Isto he com que m'eu mato.  
 Quem te manda procurar ?  
 Attenta tu polo meu,  
 E arrecada-o muito bem,  
 E não cures de ninguem.  
 PAG. Elle he d'apar de Viseu,  
 E homem que me pertem ;  
 Pois a porta lhe abri eu.

*Entra dentro o almocreve e diz :*

## PERO VAZ.

Senhor, trouxe a frascaria  
 De vossa mercê aqui.  
 Hi estão os mus albardados.

FID. Essa he a mais nova arabia  
D'almocreve que eu vi :  
Dou-te vinte mil cruzados.

PER. Mas pague-me vossa mercê  
O meu aluguer, nó mais,  
Que me quero logo ir.

FID. O aluguer quanto he ?

PER. Mil e seis centos reaes,  
E isto por vos servir.

FIDALGO.

Fallae c'o meu azemel,  
Porque he doutor das bêstas  
E astrologo dos mus,  
Que assente em hum papel  
Per avaliaçôes honestas  
O que se monta : ora sus.  
Porque esta he a ordenança  
E estilo de minha casa ;  
E se o azemel for fóra,  
Como cuido que he em Françá,  
Dareis outra volta á massa,  
E ir-vos-heis por agora.

Vossa paga he nas mãos.

PER. Ja a eu quizera nos pés,  
O' pesar de minha mãe.

FID. E tens tu pae e irmãos ?

PER. Pagae, senhor, não zombeis,  
Que sou d'alem do sertão,  
E não posso ca tornar.

FID. Se ca vieres á côrte,  
Pousarás aqui c'os meus.

PER. Nunca mais hei de fiar  
Em fidalgo desta sorte,  
Emque o mande San Matheus.

FIDALGO.

Faze por teres amigos,  
E mais tal homem com'eu,  
Porque dinheiro he hum vento.

PER. Dou eu ja ó demo os amigos  
Que me a mi levão o meu.

*Vai-se o almocreve, e vem outro Fidalgo, e diç o*

FIDALGO 1.º

Oh que grande saber vir,  
E que gran saber-me a vontade !

F. 2.º Pois, senhor, que vos parece ?

Desejo de vos servir,  
E não quero que venha á cidade  
Hum quem não parece esquece.

F. 1.<sup>o</sup> Paguei soma de dinheiro  
A hum ourives agora,  
De prata que me lavrou,  
E paguei a hum recoveiro,  
Que he a dar dinheiros fóra  
A quem não sei como os ganhou.

FIDALGO 2.<sup>o</sup>

Ganhão-nos tão mal ganhados  
Que vos roubão as orelhas.

F. 1.<sup>o</sup> Pola hostia consagrada,  
E polo Deos consagrado,  
Que os lobos nas ovelhas  
Não dão tão crua pancada.  
Polos sanctos avangelhos,  
E polo *omnium sanctorum*,  
Que até o meu capellão,  
Por mézinhas de coelhos  
E húa *secula seculorum*,  
Lhe dou por missa hum tostão.  
Não ha ja homem em Portugal  
Tão sujeito em pagar,  
Nem tão forro pera mulheres.

F. 2.<sup>o</sup> Guardae vós esse bem tal,  
Que a mi hão-me de matar  
Bem me queres mal me queres.

F. 1.<sup>o</sup> Por quantas damas Deos tem  
Não daria nem migalha,  
Olhae que descubro isto.

F. 2.<sup>o</sup> Sam tão fino em querer bem,  
Que de fino tomo a palha,  
Pola fé de Jesu Christo.  
Quem quereis que veja olhinhos,  
Que se não perca por elles,  
Lá per huns geitinhos lindos,  
Que vos mettem em caminhos,  
E não ha caminhos nelles,  
Senão espinhos infindos ?

F. 1.<sup>o</sup> Eu ja não hei de penar  
Por amores de ninguem ;  
Mas dama de bom morgado,  
Aqui vai o remirar,  
Aqui vai o querer bem,  
E tudo bem empregado.

Que porque dance mui bem,  
 Nem bailar com muita graça,  
 Seja discreta, avisada,  
 Fermosa quanto Deos tem — .  
 Senhor, boa prol lhe faça,  
 Se seu pae não tiver nada.  
 Não sejais vós tão Mancias,  
 Que isso passa ja d'amor,  
 E couças desesperadas.

- F. 2.<sup>o</sup> Porém lá por vossas vias  
 Vou-vos esperar, senhor,  
 A rendeiro das jugadas.  
 Porque galante caseiro  
 He pera pôr em historia.
- F. 1.<sup>o</sup> Mas zombae, senhor, zombae.
- F. 2.<sup>o</sup> Senhor, o homem inteiro  
 Não lh'ha de vir á memoria  
 Co'a dama o de seu pae ;  
 Nem ha mais de desejar  
 Nem querer outra alegria,  
 Que so *Los tus cabellos niña*.  
 Não ha hi mais que esperar  
 Onde he esta cantiguinha.  
 E, *Todo o mal he de quem no tem*.  
 E, *Se o disserem digão — Alma minha*,  
*Quem vos anojou, meu bem :*  
 Hei os todos de grosar,  
 Ainda que sejão velhos.
- F. 1.<sup>o</sup> Vós, senhor, vindes tão bravo,  
 Que eu hei-vos medo ja.  
 Polos sanctos evangelhos  
 Que levais tudo ao cabo,  
 Lá onde cabo não ha.
- F. 2.<sup>o</sup> Zombais e dais a entender  
 Zombando, que m'entendeis.  
 Pois de vós mui alto estou,  
 Porque deveis de saber  
 Que se d'amor não sabeis,  
 Não podeis ir onde eu vou.  
 Quando fordes namorado,  
 Vireis a ser mais profundo,  
 Mais discreto e mais subtil,  
 Porque o mundo namorado  
 He lá, senhor, outro mundo,  
 Que está alem do Brasil.  
 Oh meu mundo verdadeiro !  
 Oh minha justa batalha !

Mundo do meu doce engano !

F. 1.<sup>o</sup> Oh palha do meu palheiro,  
Que tenho hum mundo de palha,  
Palha ainda d'ora a hum anno ;  
E tenho hum mundo de trigo  
Pera vender a essa gente.  
Boa cabeça tem Morale.  
Não quero d'amor, amigo,  
Andar gemente e flente  
*In hac lacrymarum valle.*

FIDALGO 2.<sup>o</sup>

Vou-me ; vós não sois sentido,  
Sois mui duro do pescoço ;  
Não vale isso nem migalha :  
Pesa-me de ver perdido  
Hum homem fidalgo ensoço,  
Pois tem a vida na palha.

## O Clerigo da Beira.

## F I G U R A S.

HUM CLERIGO.

FRANCISCO, seu filho.

GONÇALO. — Villão.

ALMEIDA }  
DUARTE } Moços do Paço.

HUM NEGRO.

HUMA VELHA.

CEZILIA PEDREANES.

---

*Segue-se outra farça de folgar, que trata como hum Clerigo da Beira, vespora do Natal, determinou d'ir aos coelhos; e indo pera a caça com hum filho seu rézão as matinas. Trata-se outro si de hum villão, que indo vender á Côrte huma lebre e huns capões, e hum cabaç com fruta, foi roubado, que até o chapeirão lhe furtarão: o qual furto foi descuberto por Cezilia demoninhada, em quem dizião que fallava hum Pedreanes. Foi representada ao muito poderoso e christianissimo Rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, em Almeirim, era do Senhor de 1526.*

## O CLERIGO DA BEIRA.

---

*Entra o Clerigo com seu filho Francisco, e diz o filho :*

FRANCISCO.

Vós haveis de celebrar  
Missa de festa em pessoa,  
E não fazeis a coroa  
Antes que vamos caçar ?  
Pois, pae, não haveis d'olhar  
Que sois clérigo da Beira,  
Porque a gente cabreira  
Em tudo quer attentar.

CLERIGO.

Ta mae m'a trosquiará,  
Não cures tu de conselhos ;  
Cacemos nós dos coelhos,  
Que isso á noite se fará.

FRA. Sabeis, pae, qu'esqueceo lá  
A furoa ?

CLE. Vae por ella.

FRA. De húa legua hei d'ir trazê-la ?  
Melhor viva eu que lá va.

CLERIGO.

Pesar da ida e da vindia,  
Vae, torna pola furoa.

FRA. Va lá quem tiver coroa,  
Que eu não na tenho ainda.

CLERIGO.

Creio que a vara ha d'andar,  
S'isso vai dessa maneira.

FRA. Eu não sou vossa oliveira  
Que a haveis de varejar.

CLE. Renego destas respostas :  
Vae muito asinha.

FRA. Eu creio  
Que cuidais que sou correio  
Que vai e vem polas postas.

## CLERIGO.

Cre tu·se me a mim não fôra  
 Que ta mãe logo s'assanha,  
 Ja t'eu dera hūa tamanha,  
 Que tu foras logo essora.  
 Requeiro-te que vas embora,  
 Ante que se assanhe o abbade.

FRA. Ainda eu não tenho vontade,  
 Lá he ella algures fóra.

CLE. Vae, Francisco.

FRA. Si, irás.

CLE. Ide vós : não tendes pés ?

FRA. Filho de clérigo es,  
 Nunca bô feito farás.

## FRANCISCO.

Peores são os de Frei Mendo,  
 E os do Beneficiado,  
 Que vão tomar o bocado  
 Que seu pae está comendo.

CLE. Vae, que ja está no cortiço,  
 Senão tomá-la e trazê-la.

FRA. Ja ma ora vou por ella,  
 Mas hei de furtar chouriço.

*Vai o moço pela furoa e fica o Clerigo antre si  
 dizendo :*

## CLERIGO.

Medraria este rapaz  
 Na côrte mais que ninguem,  
 Porque lá não fazem bem  
 Senão a quem menos faz.  
 Outras manhas tem assaz,  
 Cada hūa muito boa :  
 Nunca diz bem de pessoa,  
 Nem verdade nunca a traz.

Mexerica que por nada  
 Revolverá San Francisco ;  
 Que pera a Côrte he hum visco,  
 Que caça toda a manada.

*Vem o filho com a furoa, e diz :*

FRA. Ja minha mãe tem tascada  
 A regueifa do bautismo :  
 Andae vós ca, pae, ao bismo,  
 Que ella não lh'escapa nada.

## CLERIGO.

- Rezemos matinas logo,  
 Antes que entremos á caça ;  
 Que como homem s'embaraça  
 Nella, não he senão fogo.
- FRA. Matinas de ca da Beira,  
 Ou como quereis rezar ?
- CLE. Si, pera que he mudar  
 Cada dia húa maneira ?  
 Porque os capellães d'El Rei,  
 Que ca na Beira tem renda,  
 Se rézão lá d'outra lei,  
 Tem outra lei de fazenda.  
 Mas Deos dê muita prebenda  
 A Antone Alvares, que he rezão  
 Que elle e outros que lá estão,  
 Nos leixáraõ esta lenda.

## FRANCISCO.

- Nome de Deos começar.
- CLE. *Pater noster.*
- FRA. Que siso !  
 Na caça pera que he isso,  
 Senão *Domine labia* ? Andar.
- CLE. *Domine labia mea*  
 Tu priol a pé irás.
- FRA. Se cansares, assentar-te-has,  
 Pois que não tens facanea.
- CLE. *Venite, exultemus*,  
 Que cães e furão que temos  
 Pera tempo de mister !
- FRA. *Domine Dominus noster*  
 Nos dê com que os manter,  
 E coelhos que levemos.
- CLE. *Cœli enarrant gloriam Dei*,  
 Não cuide Papa nem Rei  
 Que está no cume da serra.
- FRA. *Domini est terra*,  
 Que he senhor de toda grei.
- CLE. *Ora te Deum laudamus*,  
 Pois que tal manhan levamos  
 Pera provarmos a perra.
- FRA. *Jubilate Deo, omnis terra* :  
 Diz que rezemos e vamos.
- CLE. Assi manda *Deus, Deus meus*,  
 E nos dá dia par'elles.
- FRA. *Lauda Dominum de cœlis*,

- Pois os coelhos são seus.
- CLE. *Cantate* : diz que cantemos  
Cantar novo e não usado.
- FRA. Cante o Beneficiado,  
Que nós pouco pão colhemos.
- CLE. *Laudate Deum, omnes gentes,*  
*Laudate Nuno Ribeiro,*  
Que nunca paga dinheiro,  
E sempre arreganha os dentes.
- FRA. *Levavi oculos meos,*  
Vi que os dinheiros alheios  
Muitos os repartem crus.
- CLE. *Nisi quia Dominus*  
Nos dará os melhores meios.
- FRA. *Qui confidunt in Domino*  
Tem esperança direita.
- CLE. *In convertendo* boa peita  
Deste tal não hajas dô.
- FRA. *Beati omnes que tem,*  
Que estes podem dizer bem  
*Lætatus sum in iis.*
- CLE. *Laudate, Hierusalem,*  
A todo o homem que tem  
Vintens, tostões e ceitis.
- FRA. *Sœpe expurgaverunt me :*  
Diz a lyra na sua grossa,  
Que he cousa perigosa  
Andares á caça a pé,
- GLE. Se beato immaculato  
M'emprestasse o seu mulato,  
Mas não sei se quererá.
- FRA. *Jam lucis orto si dará*  
Em que leves ti e o fato.
- CLE. *Dixit Dominus* que tinha  
Húa muito boa asninha,  
*Non sede a dextris meis.*
- FRA. *Donec ponam* tem seis  
E mais húa mulatinha ;  
Vêde se as havereis.
- CLE. *Beatus vir* que tem sendeiro,  
Que lhe aparou *Deus deorum.*
- FRA. *Habet consilium impiorum*  
Não o emprestar sem dinheiro.
- CLE. *Deus in nomine tuo* de graça  
Salva-me na tua faca.
- FRA. Com dous arrateis de vacca  
Escusarieis a caça.

- CLE. Ir á caça cada dia  
Aleluia, aleluia.
- FRA. Vamo-nos a bom bispo,  
Pedrada no teu toutiço.
- CLE. *Oremus.*
- FRA. Bem faremos.
- CLE. Venhão-me os cães,  
As redes e o furão,  
Mas o coelheiro não.  
Que vives e reinas  
Na villa do Pedregão.
- FRA. Abem
- CLE. *Requescant in pacem.*
- FRA. Maos pagadores te paguem.
- CLE. *Inducas in temptationem.*
- FRA. Responda-te Luiz Homem.
- CLE. *Exaudi orationes nostras.*
- FRA. Azambujo nessas costas.
- CLE. *Pater noster.*  
Torna a casa muito prestes  
E leva esse breviairo.
- FRA. Em dia de algum fadairo  
Foi quando vós, pae, nacestes ;  
Porém se eu lá volver  
Benzei-vos se ca vier.
- CLE. Virás, Francisco ; ora vae,  
Que filho es de bom pae,  
E ta mãe boa mulher.  
Dize-lhe que s'eu tardar,  
Que tanja a vespora e repique  
Muito bem, porque não fique  
A festa sem repicar.  
E ha mister que correja  
Muito bem essa igreja,  
E as galhetas bem sabe ella  
Que hão ja mister barrella ;  
E olhe tudo e proveja.
- Anda Tejo á Fragueira.  
E dirás a ta mãe mais,  
Que me guarde os corporaes,  
Que ficão na cantareira.  
E o calez achará  
No almáreo de ca  
Atado c'os seus toucados,  
E os amitos pendurados  
Onde a minha espada está.  
E a vestimenta achará

Dobrada sôbre a albarda.  
 Que ponha tudo em guarda,  
 Como ella sabe ja.  
 E que alimpe bem a pia,  
 Não asse sempre castanhas ;  
 E tire as teas d'aranhas  
 A' mártel Sancta Luzia.

E solte a cabra tambem,  
 Que está presa pela estola,  
 E logo não seja tola,  
 Que correja tudo bem.  
 Porque se Deos ca apòrtar  
 Marcos Esteves da côrte,  
 E achar tudo dessa sorte,  
 Vê-lo-heis vós espirar — ai, ai.

A' ribeira, que esse he elle,  
 Polos sanctos evangelhos ;  
 Ja lhe elle pruem os artelhos,  
 E se lhe escarrapiça a pelle.

*Cão.* Ham, ham.

*CLE.* Guard'o cabrão.

*Cão.* Ham, ham.

*CLE.* Ora, cadella.

*Cad.* Hao, hao.

*CLE.* Ei-lo vai pola portella,  
 Sem cadella e sem cão !  
 Oh renego da vida,  
 Perdoe-me Deos consagrado.  
 Algun grande excommungado  
 Me olhou á minha partida.

*Vem hum filho d'hum lavrador, e traç hum cesto  
 cuberto e húa lebre e dous capões, e chegando ao  
 Clerigo diç :*

GONÇALO.

Ora Deos vos dê prazer.

*CLE.* Que he isso que levas hi ?

*GON.* Huns marmelos levo aqui,  
 Samicas pera vender,  
 E esta lebre pera haver  
 Dinheiro dos cortezões :  
 E levo este par de capões,  
 E limões pera os comer,  
 Qu'elles dinheiro terão.

*CLE.* Pois que vas vender á côrte,  
 Olha bem pelo virote,  
 Não te fies de rascão.

- GON. E rascões que aves são ?  
Samicas são alguns bichos.  
CLE. Mas são lobos pera michos,  
E raposos de nação.

GONÇALO.

- Bem hei de saber vender.  
CLE. E elles melhor comprar.  
Se te puderem furtar  
As orelhas, has de ver.  
GON. Não me quero mais deter ;  
Vou-me e Deos va comigo.  
CLE. Olha bem por ti, amigo.  
GON. Bem sei o que hei de fazer.

*Entrão douz moços do Paço muito louçãos, hum chamado Duarte, outro Almeida, o qual começa dizendo ao Duarte :*

ALMEIDA.

- A tormenta da ma vida  
Que eu levo neste Paço,  
Sabes que conta lhe faço ?  
Que vou n'húa nao perdida,  
Rota pelo espinhaço.  
DUA. Bom dizer he esse, porém  
Dae a Deos tal apontar.  
ALM. Isso não será zombar ?  
Ja me disse não sei quem  
Bem do vosso motejar.

DUARTE.

- Abasta : folguei de ver  
Sair-vos Tullio do seio :  
Muitos criará o centeio,  
Mas poucos de tal saber.  
ALM. Logo vos forão dizer  
Qu'era eu ratinho, senhor.  
DUA. Não sei, vós tomastes côr,  
Eu não sei o que isso quer ser.  
E vejo-vos, mano, morto,  
E tendes ar de mirrado.  
ALM. Vós estais mais aguçado  
Que canivete do Porto.  
Viva o Conde do Redondo,  
Que lhe furtais quanto tendes ;  
Mas da sua graça mendes  
Vos acho eu todo mundo.

## DUARTE.

Logo fallais per mondar,  
 Como homem daquella terra :  
 Já vós verieis na serra  
 Algum gadozinho andar,  
 Não digo eu pera o guardar,  
 Senão ve-lo-heis pacer,  
 E pera vosso prazer  
 Sabereis assobiar.

## ALMEIDA.

Per muitas fórmas zombais,  
 Fórmas bem as conheceis ;  
 Olhae não vos demudeis  
 Primeiro que m'entendais.

- DUA. Assi como bafejais,  
 Inda me cheirais a nabos.  
 ALM. Bem parece que a dous cabos  
 Cozeis tudo o que fallais.

## DUARTE.

Eu vejo vir hum villão,  
 Hei-o certo de abraçar,  
 Porque se pôde acertar  
 Que será algum vosso irmão. —  
 Guarda-porcos, dá ca a mão.  
 GON. Nunca os guardei per mi,  
 Mas ja eu a vosso pae vi  
 Morder hum bom cordavão.

## ALMEIDA.

Parece-me que per sua arte  
 Vos sacode elle a badana.  
 Dos michos desta somana  
 Te dou, villão, minha parte. —  
 Olhae ca, Senhor Duarte.

- DUA. Almeida, que me quereis ?  
 Tantas cousas pareceis,  
 Que não sei de qual me farte.  
 Porque he certo que eu vos vi  
 Levar ja a merenda á vinha,  
 E ca pregais a boquinha  
 Como Dom Priol daqui.  
 E propriamente assi  
 Sabeis tudo, ah narizinhos !  
 E onde fordes vizinhos  
 Grande frio fará alli.

## GONÇALO.

Bofá vejo eu Portuguezes  
 Da côrte muito alterados,  
 Mais propinquos dos arados  
 Que parentes dos Menezes.

DUA. Oh fideputa avisado !  
 E o villão he castiço :  
 O rapaz rapa chouriço,  
 Rapaz mouro emgrageijado.

## GONÇALO.

Vós sombreiro acutilado,  
 Cuidareis que sois alguem ?  
 Pois vos eu conheço bem,  
 Fallae vós mais conchavado.

DUA. Rapaz, es tão namorado !  
 Ora falla sem sabor,  
 Rapaz, que mudas a côr.  
 GON. Ora estais bem aviado.

## ALMEIDA.

Vendes a lebre, villão ?

GON. Si, fidalgo.

ALM. Mostra ca :

Quanto a dás ? que custará ?

GON. Samicas meio tostão.

ALM. E no cesto, que tens lá ?

GON. Trago aqui estes capões,  
 E bons marmelos valentes,  
 Se delles fordes contentes ;  
 E er tambem trago limões  
 Pera aguçardes os dentes.

*Enquanto Gonçalo se abaixa a descobrir o cesto pera mostrar tudo o que traç, foge Almeida e leva a lebre, e Gonçalo achando-a menos, diç :*

## GONÇALO.

E a lebre que foi della ?

DUA. Que sei eu ?

GON. Hu-lo parceiro ?

DUA. Não te deu elle o dinheiro ?

GON. Pardeos de graça vai ella :  
 Lá a leva elle o escudeiro.

DUA. Vae, vae correndo asinha,  
 Que inda agora vai per hi.

GON. Olhae-me vós perequi,  
 Porque ella não era minha,  
 E he mal perdê-la assi.

## DUARTE.

Oh que gostoso villão,  
E que boa festa temos !  
Almeida e eu partiremos  
Como irmão com irmão.

GON. Hou mulher do amarello,  
Viste ca, se vem á mão,  
Hum fidalgo terrastão  
Com húa lebre no capello ?  
Hou vós do sacco de palha,  
Viste-me ca minha lebre ?  
Oh ! dou-me a Deos que me leve,  
Não hei de achar nem migalha.  
Dize, senhor sapateiro,  
A minha lebre vai ca ?  
Pera que he buscá-la ja !  
Dou ó demo o escudeiro.  
Leve-a por amor de Deos,  
Pola alma de meus finados,  
Porque lhe somos obrigados,  
Em e todos meus ereos.

*Duarte tanto que Gonçalo se partio a buscar a lebre,  
foi-se e levou o cesto e os capões, e diz Gonçalo quando  
não acha novas da lebre :*

Peor he que me dá ca  
Na vontade que os capões  
Forão c'os outros rascões  
Caminho da ira ma.

Pardeos, tal vos he ella a vós :  
Isto he o com que eu renego.  
Fizera mais hum Gallego  
Na metá de huns matos sos ?  
Húa escandola com'esta  
Enche de birra a pessoa ;  
Nem tal chufa não he boa  
Pera vespera de festa.

Como assi se usa ca ?  
Ai eramá que he mal ;  
Que quem furta hum furto tal  
Outro melhor furtará.  
As almas dos cortezões  
São coma nao sem govêrno,  
Porque cuidão que o inferno  
Que se come com limões.

O carmelita nos sermões  
Bem lhes mostra o paraiso,

Mas tanto vem elles isso  
Como eu vejo os meus capões.

*Indo assim Gonçalo tornando pera a sua aldea, torna  
a achar o Clerigo, o qual lhe diç:*

CLERIGO.

- Ja tu, Gonçalo, vendeste ?  
Alinha tu despachaste.  
GON. Praza ao martyr Santiaste  
Que nunca lh'a lebre preste.  
Abaste, eu não fui sesudo.  
CLE. Conta, rogo-t'o, Gonçalo.  
GON. Mais porei eu em contá-lo,  
Que elles em furtar-me tudo.

CLERIGO.

- Estava isso mao de ver.  
GON. Sois proféteguo, padrinho :  
Mas se eu torno outro caminho,  
Não ha ella assi de ser.  
Porém quereis-me dizer  
Hum responso ou húa aquesta,  
Que m'apare Deos a cesta,  
E dar-vos-hei do que tiver ?

CLERIGO.

- Se queres *miracula* ver,  
Torna lá c'hum par de patos.  
Que se os capões vão baratos,  
Estes assi hão de ser.  
*Calamitas demones* has de trazer ;  
Porém o dinheiro será de mao mez.  
*Cedunt mare vincula res*  
Que *perdunt* quanto vieres vender.  
Quero ora ir catar  
Cousa que me mate a brasa.  
GON. Eu não ouso d'ir a casa ;  
Meu pae ha me de coçar.  
CLE. Spera-me a par do logar,  
E eu irei lá comtigo,  
E rogar-lh'hei como amigo,  
Que não te deixe de dar.  
Se topares lá em fundo  
Hum negro, põe-te a recado,  
Porque he hum perro malvado,  
O maior ladrão do mundo.  
Não olhes no que fallar,

Qu'he muito falso o cabrão.  
 Olha per teu chapeirão,  
 Porque elle ha-te de atentar  
 Se tens tu ôlho ou não.

*Indo Gonçalo seu caminho, apartando-se do Clerigo, topa hum Negro grande ladrão, e entra cantando buscando hum mulato: e diz Gonçalo, depois de cantar o Negro :*

GONÇALO.

Dize, negro, es da côrte ?

NEG. Qu'esso ?

GON. S'es da côrte ?

NEG. Ja a mi forro, nam sa cativo.

Boso conhece Maracote ?

Corregidor Tibão he.

Elle comprai mi primeiro ;

Quando ja paga a rinheiro,

Daita a mi fero na pé.

He masa tredora aquelle,

Aramá que te ero Maracote.

GON. Mais tredor era o rascote

Que m'a mim furtou a lebre.

NEG. Qu'he quesso que te furtai ?

GON. Húa lebre de meu pae,

De meu cunhado huns capões,

E marmelos e limões ;

Abonda tudo lá vai.

NEGRO.

Jesu, Jesu, Deoso consabrado !

Aramá tanta ladrão !

Jesu ! Jesu ! hum caralasão :

Furunando sá sapantado.

Jesu ! cralasam.

Pato nosso santo paceto ranho tu e figo valente tu e cinco sego salva tera pão nosso quanto dão dá noves caro he debrite noses ja libro nosso gallo. Amen Jeju, Jeju, Jeju.

Sa pantaro Furunando.

Dize, rogo-te, fallai :

Conhece tu que furtai ?

Porque tu nam bruguntando ?

GON. Perguntarei por meu pae.

NEG. Cal-te : Deoso cima sai,

Que furtai ere oiai.

Deoso nunca vai dormi,

Sempre abre oio assi  
 Tamanha tu sapantai.  
 Guarda mar esso mal,  
 E senhora Prito santo.  
 Nunca rirá homem branco  
 Furunando furta real.  
 No sabe mi essa carreira :  
 Para qne ? para comê ?  
 Muto comê muto bebê,  
 Turo turo sa canseira.  
 Vira mundo turo canseira :  
 Senhor grande, canseira ;  
 Home prove, canseira ;  
 Muiere fermoso, canseira ;  
 Muiere feio, canseira ;  
 Negro cativo, canseira ;  
 Senhor de negro, canseira.  
 Vai missa, canseira ;  
 Prégâo longo, canseira ;  
 Crerigo nam tem muiere, canseira ;  
 Crerigo tem muiere, canseira,  
 Grande canseira :  
 Firalgo sólto, canseira ;  
 Chovere muto, canseira ;  
 Não pôde chovere, canseira :  
 Muito filho, canseira ;  
 Nunca pariro, canseira ;  
 Papa na Roma, canseira ;  
 Essa ratinho, canseira ;  
 Não vamo paraiso, grande canseira :  
 Vira resa mundo turo turo he  
 Canseira.  
 Mi nam falla zombaria.  
 Pos para que furtai ?  
 Que riabo sempreza !  
 Abre oio turo ria.  
 Mi busca mulato bai,  
 Ficar abora, ratinho.  
 GON. Eu aguardo meu padrinho,  
 Que va comigo a meu pae.  
 Eu vou ao rio perem,,  
 Porque hei sêde e beberei.  
 E sicais que nadarei  
 Emquanto o clérigo vem.  
 Leixarei o chapeirão  
 Mettido nesta mouteira,  
 E o cinto e esmoleira,

Porque lá logo o verão,  
Não me aqueça outra tal feira.

*Espreita o negro como Gonçalo esconde o chapeirão e o al, e tanto que se vai entra dizendo :*

NEGRO.

A mi abre oio e ve  
Ratinho tira besiro :  
Ere dexa aqui condiro :  
Não sei onde elle mettê.  
Senhora Santo Francico,  
Santa Antonia, San Furunando !  
Pois mi ha d'andar buscando,  
E levare elle na bico  
O servo Santa Maria.

Sabe a regina Matho misericoroda nutra d'hum cego  
savel até que vamos. A oxulo filho d'egoa alto soso  
peamos ja mentes ja frentes vinagre qu'elle quebráro  
em balde ja ergo a quante nossa ha ilhos tue busca  
cordas oculos nosso convento e geju com muito fruta  
ventre tu ja tremes ja pias. Seuro santa Maria dinhero  
me lá darão he ve esa carta da me mucho que furte  
cantara Furunando.

*Acabada assim esta salve regina, acha o Negro  
o que Gonçalo deixou escondido, e diz :*

Ei-lo aqui sa ! Deoso graça.  
Graça Deoso esse he capote ;  
Nunca dexa aqui palote :  
Ratinho, quem te forcasse !  
Aramá que te ero villão !  
Que palote saba sam,  
Barete tambem bo era.  
Mi cansai e á deradera  
A maior fica sua mão.

Vejamos bolsa que tem :  
Hum pente para que bo ?  
Tres ceitil sa qui so :  
Ratinho nunca bitem.  
O riabo ladarão !  
Corpo re reos consabrado !  
Essa villão murgurado  
Sa masa prove que cão.

Quando bolsa mi achase  
Fernão d'Alvaro, esse si ;  
Nunca pente sa alli.  
Ah reos ! quem te furtasse

Bolsa, Nuna Ribeiro !  
 Home bai busca rinheiro :  
 A toro ere rise :  
 Ja rinheiro feito he.  
 Aramá que tu ero gaiteiro !  
 Fernão d'Alvaro m'acontenta ;  
 Elle nunca risse nam.  
 Logo chama ca crivam,  
 — Crivaninhas esormenta ;  
 Toma rinheiro, vas embora.  
 Boso, home de bem, que buscae ?  
 — Mi da cureiro agarba sae.  
 — Boso que buscae corte agora ?  
 — Buscae a Rei jam João,  
 Paga minha casamento.  
 — Dá ca, moso, trae esormenta ;  
 Crivaninhas boso, crivão :  
 Home, tomae hum dos quatro sete :  
 Vas embora turo turo.  
 Sua rinheiro sa segura,  
 Mioro que elle promete.  
 Marco Estevez moladeiro  
 Elle rise : Santa Maria !  
 Rinheiro boso queria ?  
 Bai bai dormir paieiro. —  
 Boso que pedir, muieiro ?  
 — Tanta filho mi tem qui...  
 — Quem manda boso pari,  
 Boso grande parideiro ?  
 — Boso seria muito bô :  
 Vaca ne Francico paia ;  
 Tenha seis filho e mi so  
 Nam temo comere ni migaias.  
 Elle rise :  
 Que culpo tem a Rei jam João ?  
 Boso parir como porco,  
 Bai buscai sua pae torto,  
 Que dai a sua fio pão.  
 Velha, que boso querê ?  
 — Molla, que a mi pobre sai.  
 Elle rise :  
 Porque boso nam guardai  
 Rinheiro que boso bebê ? —  
 Jesu ! Jesu ! moladeiro  
 Sa riabo aquella home ;  
 Quando a mi more da fome  
 Nunca buscai sua rinheiro.

Porém graça a Reos, a mi  
 Nunca minga que furtá ;  
 Pouco ca, pouco relá,  
 Pouco requi, pouco reli,  
 Grão e grão gallo fartá.  
 Quem furtá, home sesuro :  
 E louvar a Reos com turo  
 E senhor o Prito Santo.  
 A mi bai furtá emtanto  
 Camisa que sá na muro.

*Vem Gonçalo tremendo com frio e diz :*

**GONÇALO.**

Mui mao nadar faz verão  
 Até meado o Janeiro ;  
 Mas agora he o ribeiro  
 Que corta homem como cão.  
 Jesu ! e o meu chapeirão  
 E o cinto e a esmoleira ?  
 Pois esta era a mouteira  
 E este he o mesmo chão.

Agora merecia eu  
 Hum par de trochadas boas,  
 Porque fiar nas pessoas  
 Nunca outro fructo deu.  
 Bem vi eu que o guineu  
 Me vio tudo aqui leixar ;  
 Mas o seu negro prégar  
 Me levou a mi o meu.

Quem se faz mais verdadeiro,  
 Crede que he o mentiroso ;  
 E nunca vistes medroso  
 Que não finja de guerreiro,  
 E o ladrão de piadoso.  
 Ja todo o mundo he raposo  
 Ja não ha hi que fiar,  
 A mi mesmo hão de furtar  
 Se m'eu daqui não acosso.

*Roubado assi Gonçalo vem húa velha e traç comsigo  
 Cezilia da Beira em que falla Pedreanes.*

**VELHA.**

Amara do meu fadairo !  
 Hui Fernando neto meu,  
 Qu'he do que teu pae te deu ?  
 Que lá contou o Vigairo  
 Quão pouco trazes do teu.

E teu pae he tão cruel,  
 E tua mão tão sandia,  
 Que trouxe da estrebaria  
 Hūa vara d'azemel  
 Pera te tirar a azia.  
 Quando vi tamanha aquella,  
 Trago esta demoninhada  
 A Cezilia nomeada  
*Falla Pedreanes nella,*  
 E descubrirá a cilada. —  
 Pedreanes !

- CEZ. Aqui 'stou.  
 VEL. E aqui haveis d'estar,  
 E haveis-vos d'assentar ;  
 E pois sabeis quem roubou  
 Meu neto, fazei-lh'o achar.

## CEZILIA.

- Não ha muito de tardar ;  
 Mas logo aqui virão ter  
 Quem isso lhe foi fazer ;  
 E se quizerem pagar  
 Eu bem lh'o hei de dizer.  
 Que he o que me furtarão ?  
 Vejamos se adivinhais.  
 Dous mancebos t'enganarão,  
 E os limões que te leváram  
 Vendêram por seis reaes.  
 E hūa moça corcovada  
 Está agora depennando  
 O capão de tua cunhada,  
 E o outro se está assando,  
 E a lebre pendurada.  
 Ainda por mais signal  
 Cubrirão-na c'hum sombreiro  
 Em casa d'hum alfaiaate.  
 Que besteiro he este tal !  
 Este he o Déxemo inteiro  
 Em trajos de carafate.  
 Mais hei hoje de saber,  
 Pois m'eu acho aqui á mão.  
 Assi Deos te dê prazer  
 Que tu me queirás dizer  
 S'hei de casar cedo ou não ?  
 Casarás polo natal  
 Com mulher sem tua perda ;  
 Seu corpo como cristal,

E achar-lhe-has hum signal  
No meio da coxa esquerda.  
E tem na teta direita  
Hum lūar com tres cabellos ;  
Pola cinta muito estreita,  
De hūa nadega contreita,  
E zambra dos cotovelos.

**GON.** Não hei de casar dess'arte,  
Nem Deos não ha de querer.

**CEZ.** Esta mesma has tu d'haver,  
Nem cases em outra parte,  
Senão pouco has de viver.

## VELHA.

Bento e louvado serás  
Deos e a Virgem da Franqueira,  
Que me tirou de canseira  
De casarás, não casarás,  
Sei freira, não sejas freira.

**CEZ.** Pois que vós isso dizeis,  
E não me perguntais nada,  
Antes de hum anno e hum mez  
Vós haveis de ser casada  
C'hum criado do Marquez.

## VELHA.

Agora me quero eu rir :  
Sabedes vós isso certo ?  
**CEZ.** Digo que estais tão perto  
Como eu de me partir  
Pera o meu negro deserto.  
**VEL.** Pedreanes, não vos vades,  
Rogo-vo-lo, que ainda he cedo.  
Sabedes vos — eu hei medo  
Serem isso vaidades,  
E essoutro estar-se quedo

*Vem Duarte e Almeida.*

## DUARTE.

Mantenha-vos Deos, Brancanes,  
Deos vos dê sempre boa hora.

**VEL.** Não falleis em Deos agora,  
Porque está aqui Pedreanes,  
Que chegou agora est' hora.

**DUA.** A elle buscamos, senhora,  
Que o havemos bem mester,  
E dar-lh' hemos, d'alma em fóra,

Tudo quanto elle quizer,  
Que o leve muito embora.

## VELHA.

Pedreanes a hum grou  
Achará o rasto no ar,  
Pois que m'elle foi achar  
Que velha assi como estou,  
Hei ainda de casar.  
Creio-o-lh'o polo que vejo,  
Porque eu sou muito sadia,  
E tenho a pelle macia  
Como costas de cranguejo  
Ou lagosta d'Atouguia.

E tenho minhas arnellas :  
Ponde m'ora aqui a mão,  
Mancebo. E haja eu perdão,  
Ainda eu como co'ellas  
Hūa posta de cação.  
O bafo, a Deos louvores,  
He coma algalia d'Arruda.  
Ora eu farei outras côres,  
Porque hei d'entrar em muda,  
Como fazem os açores,  
Então venhão meus amores.

## DUARTE.

Pedreanes.

- CEZ. Aqui estou.  
 DUA. Estae por amor de mi,  
E não vos vades daqui ;  
Porque minha fé vos dou  
Que somos vossos emfim.  
 CEZ. Se quereis levar na mão  
Isso porque me buscastes,  
Pagae a este villão  
A lebre que lhe tomastes,  
E tres vintens por capão,  
E hum tostão dos marmelos,  
E pagãe-lhe seus limões.  
 VEL. Parece-me a mi, rascões,  
Que vos tornais amarellos.  
 DUA. Paguemos-lhe tres tostões.  
 ALM. Duarte, tendes vós hi  
Dinheiro na fraldisqueira ?  
 DUA. Eu vendi patos na feira ?  
 ALM. Nem eu tampouco os vendi,  
Nem tenho eira nem beira.

## CEZILIA.

Gonçalo, sei tu lembrado  
 Que dixeste que por Deos  
 Lhe havias por perdoado  
 Pola alma de teus ereos,  
 E não te devem cornado.

Vae pedir o chapeirão  
 Ao negro do Maracote.

GON. Ora fiae de rascão,  
 Que farpa todo o pelote,  
 E não se farta de pão.

ALM. Ja nós somos sabedores  
 Que he muito teu poder,  
 E queriamos saber  
 Planetas d'alguns senhores,  
 E sinos de seu nacer.  
 E a que são inclinados  
 Por sua costellação,  
 E quaes são mais namorados.  
 E tambem as condições  
 De que planeta lhes vem,  
 Declarado por item.

CEZ. Dizei embora, rascões,  
 Qu'eu sei isso muito bem.  
 Porque por astrolomia  
 Conheço os seus nascimentos,  
 E pola filosomia  
 Sei todolos pensamentos  
 Que trazem na fantesia.

## DUARTE.

Qual he o mor namorado  
 De Portugal e Castella ?

CEZ. He o Conde de Penella ;  
 Mas anda dissimulado  
 Por amor da sua estrella.

ALM. O senhor Embaixador  
 Do Cesar Imperador  
 Creio que naceo no ceo ;  
 Mas se na terra naceo,  
 Qual planeta em seu favor  
 Foi a que lhe aconteceo ?

## CEZILIA.

Naceo húa noite clara  
 Quando a lua apparecia,  
 E Venus tomava a vara

Com que as graças repartia,  
 Como em elle se declara.  
 E estando assi lustrosa,  
 O fez tão sabio e humano,  
 De condição tão graciosa,  
 Que não tem em nada grossa,  
 Senão so ser Castelhano.

## DUARTE.

O Conde de Marialva  
 Sabes quanto ha de viver ?  
**CEZ.** Mao he isso de saber,  
 Que elle não he flor de malva  
 Que apodrece sem chover.  
 Com todas suas feridas,  
 E muito enferma canseira,  
 Contratou-se de maneira,  
 Que Deos lhe deve tres vidas,  
 E esta he inda a primeira.

## ALMEIDA.

Do Védor he necessario  
 Saber a planeta sua.  
**CEZ.** Sua planeta he a lua,  
 O sino he Sagitario,  
 Com húa frecha d'atabua.  
 Tem folego como gato,  
 Digo vida perlongada ;  
 Porém não coma de pato  
 Senão so húa talhada,  
 Inda que custe barato.

## DUARTE.

Sabes quantos annos ha  
 Que Vasco de Foes he nado ?  
**CEZ.** Quando foi a do Salado,  
 Era elle mancebo ja,  
 Mas não era tão barbado.  
**ALM.** O senhor Conde meu senhor  
 Do Redondo em que estrella,  
 Ou que Planeta he aquella  
 Que o fez tão sabedor,  
 Pera que adoremos nella ?

## CEZILIA.

Esse Conde e outros assi  
 Por agora hão de ficar,

D'outrem podeis perguntar :  
 Mas eu tornarei aqui,  
 E vós me ouvireis fallar.

ALM. Affonso d'Albuquerque, irmão,  
 Que foi ao Imperador,  
 Que sino tem por senhor,  
 E porque a sua condição  
 Não pudera ser melhor ?

## CEZILIA.

Mercurio he a sua estrella,  
 E sera bem esquençado  
 Se jogar jogo assentado ;  
 Porém se jogar a pelle,  
 Não lhe ficará cruzado.

DUA. Eu tenho Jorge de Mello  
 Por hum Padre San Gião ;  
 Traz sempre contas na mão,  
 Mas não sei lá no capello  
 Como vai á devaçāo.

## ALMEIDA.

Elle reza pola rua,  
 Que traz contas todo o dia ;  
 Ou he por galantaria ?

CEZ. Mui boa vontade he a sua,  
 Mas o cuidado o desvia.  
 Reza mais que cinco donas,  
 E Deos se está sem paixāo.

DUA. Que lhe pede na oração ?

CEZ. Que lhe dê sete atafonas  
 A' porta de Sant'Antāo.  
 E que lhe dê tanto gado  
 Como Isaac trazia,  
 E hūa capitania,  
 Com que fosse tão honrado  
 Como elle merecia.

ALM. Gaspar Gonçalves, Pedreanes,  
 Em que sino nasceria ?  
 Faze-me esta obra pia ;  
 E olha que não m'enganes,  
 Porque vai sobre perfia.  
 Desejo sabê-lo em cabo.

CEZ. Nasceo no Escorpião,  
 Afagua-vos co'a razāo, .  
 Mas despeja-vos c'o rabo  
 No cabo da concrusāo.

DUA. E Brezeanes guardador  
Das damas, que es perro viejo ?  
CEZ. Esse Brezeanes, senhor,  
O seu sino he de cranguejo,  
Porque anda a travez do amor  
E atravez do desejo.  
E he tomado da lúa,  
Muito seco dos esp'ritos,  
Porque ha hi sinos malditos  
Que não tem graça nenhūa.  
E o que quereis saber  
Das damas e amadores,  
O domingo que vier  
Eu direi quanto souber  
Dellas e seus servidores.  
Ensinar-vos-hei então  
Cantigas com que folgueis ;  
E agora não canteis,  
Fique por concrusão  
Que este dia cantareis.

# Obras Varias.

## OBRAS VARIAS.

---

### PARAPHRASE DO PSALMO L.

*Miserere mei, Deus, secundum magnam &c.*

Que farei angustiado,  
Onde caminho perdido,  
Onde vou descaminhado  
Peccador desatinado,  
Homem embalde nascido !  
Ceos e terra contra mi,  
E toda outra creatura,  
Todos me lanção de si,  
Porque o meu Deos offendí  
Por minha desaventura.

O mar pera mi sanhoso,  
A terra treme comigo ;  
O sol tão manso e fermoso  
Contra mi se volve iroso,  
Como meu mortal imigo.  
Acho a noite escandalosa,  
E maldizem-me as estrellas ;  
A manhan clara e graciosa  
Contra mi se rompe irosa  
E me' mostra mil querellas.

O dia se despedaça  
Com graves sanhas supernas ;  
O ar me acusa da praça,  
E o fogo m'ameaça  
Com vivas chamas eternas.  
Horas, pontos e momentos,  
Os cursos da natureza  
Me desejão dar tormentos ;  
Os mais ledos elementos  
Me presentão mais tristeza.

No paço celestial  
Todos tem guerra comigo ;  
Onde irei vaso infernal ?

Que farei a tanto mal,  
 Que lhe não acho abrigo ?  
 Eu se desesperarei,  
 Onde estou o peccador ?  
 A quem me soccorrerei ?  
 A ti, meu Deos e meu Rei,  
 Meu immenso Redemptor.

E direi a sua Alteza :  
 Amercea-te de mi,  
 Deos, segundo a grandeza  
 Da misericordia e largueza  
 Que tu es e ella he ti.  
 E segundo a multitude  
 De teus amerceamentos,  
 Destrue minha maldade  
 Secuta gran piedade  
 Em meus desfalecimentos.

*Miserere mei*, Senhor  
*Deus, cui proprium est* ;  
*Miserere*, Redemptor,  
 O' justo amercedor  
 Desta alma que tu me déste :  
*Miserere*, que tu es,  
 Todo o al por ti tem ser ;  
*Miserere*, pois que ves  
 Que sam lançado a través,  
 E não me posso valer.

Daqui avante lava a mi  
*Ab iniquitate mea*,  
 E do mal que consenti  
 De peccados contra mi,  
 Lava o que tanto me afea.  
 Porque certo eu conheço  
 A minha grave maldade ;  
 Bem conheço que pereço,  
 Ave dó, Senhor, te peço  
 De tão grande enfermidade.

Meu peccado he contra mim  
 Sempre que nunca me leixa.  
 Lava-me, fonte sem fim,  
 Olha que a ti so me vim,  
 E minha alma a ti se queixa.  
 A ti so, Senhor, pequei,  
 Ante ti fiz a maldade,  
 Justifica-me, gran Rei,  
 Que podes mudar a lei  
 De justiça em piedade.

E serás justificado  
 Nas palavras que disseste.  
 Ves-me aqui atribulado,  
 De todos desemparado,  
 Cumpre o que me prometteste :  
 Que nunca te acordarás  
 Dos males do penitente,  
 Quando julgado serás  
 Que te vingas cruelmente.

Que venças digo, Senhor,  
 Contra taes murmuradores ;  
 Esqueça-te o meu error,  
 Que me sinto peccador  
 O maior dos peccadores.

Em maldades concebido.  
 E em peccados me gerou  
 Minha mãe enfaquecido,  
 De torpe terra vestido,  
 Em miseria me formou.  
 Não, Senhor, porque isto abaste  
 Escusar-me de peccado ;  
 Porque a verdade amaste,  
 As cousas me revelaste  
 Incertas a meu cuidado.

As occultas conheci  
 De tua sabedoria,  
 Manifestaste-as a mi,  
 E eu ingrato consenti  
 Sujar-te minha alegria.  
 Com hyssope espargerás,  
 E serei limpo mui breve ;  
 Tu, Senhor, me lavarás,  
 E minha alma leixarás  
 Muito mais alva que a neve.

Porque a obra que fizeste  
 De baixa massa terrena,  
 Que de terra compozeste,  
 E esta alma que tu me déste  
 Mandes que saia de pena.  
 Meus ouvidos folgarão  
 Com prazer alegre, e assi  
 Os ossos reviverão,  
 Que humilhados estão  
 Tremendo diante ti.

De meus disformes peccados  
*Averte faciem tuam ;*  
 Crimes e mal confessados,

Senhor, não sejão lembrados,  
 Minhas maldades se estruam.  
 Coração limpo em mi cria,  
 Deos, que de nada criaste  
 A mais alta hierarchia,  
 E ao corpo onde eu jazia  
 Minha alma de lá mandaste.

Ves-me aqui tornado nada,  
 Renova em mi espirto direito ;  
 Per minha mão foi damnada ;  
 Faze tua obra acabada,  
 Não olhes que he defeito.  
 E obrado este lavor,  
 Meu Deos, que te peço tanto,  
 Não tires de mi, Senhor,  
 Tua face e resplendor  
 E o teu espirto sancto.

Porque obrando mais, mais mal.  
 Torna-me aquella alegria  
 De tua saude eternal,  
 E de spirito principal  
 Me confirma cada dia.  
 Que não tenho fôrças não  
 Sem ti pera defender-me ;  
 Tu es Deos pera perdão,  
 Eu homem pera afflição,  
 E tu pera soccorrer-me.

Aos mais ensinarei  
 O caminho da verdade,  
 E converter-se-hão a ti  
 Quando se doer de mi  
 Tua eternal piedade.  
*Libera me* dos sangues, Deos,  
 Deos de minha saude,  
 Que são os proximos meus,  
 E sendo criados teus  
 Offendi mui a miude.

E querellão diante ti  
 Por minha condenação ;  
 Dá tu sentença por mi :  
 Pois que ja me arrependi  
 Passe por satisfação.  
 E minha lingua louvará  
 Tua justiça clemente,  
 Todo o Ceo se alegrará,  
 Todo o peccador virá  
 A ti mui devotamente.

Os meus beiços abrirás,  
E minha boca apregoará  
O teu louvor onde estás :  
Outras cousas não quereras,  
Nem dadiva te alegrará.  
Porque, Senhor, se tu quizessest  
Sacrificio, da-lo-hia ;  
Se presentes recebesses,  
Se por peitas te vencesses,  
Tudo te offereceria.

Mas não te deleitarás  
Nas offertas temporaes,  
Tu as tiras, tu as dás,  
Senhor, não te alegrarás .  
Com estes serviços taes.  
O sacrificio a Deos aceito  
He o spirito atribulado  
Polos males que tem feito,  
Porque não andou direito,  
Porque se ve condemnado.

E vendo-o tu, Senhor, afflito,  
Com gloria o receberás ;  
Porque o choroso espirto  
E o coração contrito  
Tu o não desprezarás.  
Ave mercê de Sião,  
Madre Igreja que fundaste,  
Por quem padeceo paixão,  
Morte cruel sem rezão  
Hum so filho que geraste.

E serão edificados  
Os muros de Jerusalem,  
Os que forão derribados  
Aquellos anjos damnados  
Que perdêrão tanto bem.  
Os quaes muros refarás  
Sem trabalho nem preguiça  
Quando formos onde estás,  
Entonces receberás  
Sacrificio de justiça.

Sendor meu Deos, tu recebe  
Em offerta esta oração,  
E a minha alma percebe  
Que caminhe como deve  
Pera minha salvação.

## A' MORTE D'ELREI D. MANUEL.

Quem longa vida deseja  
 Deseja ver-se enganar,  
 Pois que lhe vejo chamar  
 Vida, não que vida seja,  
 Senão a modo de fallar ;  
 E pois no triste acabar  
 Se começa o desengano,  
 Não sei quem vai desejar  
 Que dure vida de engano.

Riqueza ou grande poder,  
 Ou muito alta senhoria,  
 Ou bonança ou alegria,  
 Pois logo deixa de ser, —  
 Quando era, o que seria ?  
 Oh vida van e vazia,  
 Occupada em presumpção,  
 Aprende com discrição,  
 Porque cada hora do dia  
 Te dá o mundo lição.

Oh quem vio as alegrias  
 Daquellas naves tão bellas,  
 Bellas e pod'rosas velas,  
 Agora ha tão poucos dias,  
 Pera ir a Iffanta nellas !  
 Vai buscar o senhor dellas,  
 Rei que o mundo maçdou,  
 Verás que tal se tornou ;  
 E verei como te velas  
 Da vida que o enganou.

Vela-te, vida, na vida,  
 Não sejas morte na morte :  
 Guia-te per este norte  
 De tão supita partida  
 D'hum Rei tão são e tão forte :  
 Derão-lbe a terra por côrte,  
 Dos cortezãos apartado,  
 E hum lençol por reinado ;  
 Porque o mundo desta sorte  
 Desengana o enganado.

## R O M A N C E.

ao mesmo assumpto.

Pranto fazem em Lisboa,  
 Dia de Santa Luzia,  
 Por El Rei Dom Manuel,  
 Que se finou nesse dia.  
 Chórão Duques, Mestres, Condes,  
 Cada hum quem mais podia ;  
 Os fidalgos e donzelas  
 Muito tristes em porfia ;  
 Os Iffantes davão gritos,  
 A Iffanta se carpia ;  
 Seus cabellos, fios d'ouro,  
 Arrincava e destruia ;  
 Seus olhos maravilhosos  
 Fontes d'agua parecia.  
 Bem merecem ser escriptas  
 As lástimas que dizia.  
 « Paço tão desamparado  
 « Derribado merecia,  
 « Pois a sua fortaleza  
 « Se tornou em terra fria.  
 « O' minha senhora madre  
 « Rainha Dona Maria,  
 « Quem a vós levou primeiro  
 « Mui grande bem vos queria,  
 « Pois que vos livrou da pena  
 « Que passamos neste dia. »  
 E outras magoas que de tristes  
 Contar não nas ousaria.  
 O Principe dava suspiros,  
 Que a alma se lhe sahia ;  
 Suas lagrimas prudentes,  
 Como a gran senhor cumpria :  
 De dia sempre velava,  
 De noite nunca dormia.  
 A Rainha estrangeira  
 Ja chorar o não podia :  
 Com ronca voz dolorosa  
 Estas palavras dizia :  
 « Oh Reina desamparada !  
 « Qué haré sin compaňia,  
 « Pues que en esta triste vida  
 « Sola una vida tenia !

« Y pues me la llevó la muerte,  
« Pera qué quiero la mia ?  
« Oh sin ventura casada  
« Tres años no mas habia,  
« Quien tan presto fue viuda,  
« Triste para que nascia ;  
« Niña sola en tierra agena,  
« Huérfana sin alegría ! »  
Se húa vez acordava  
Outras sete esmorecia ;  
Assi pedia a Deos morto  
Como quem pede alegría,  
Dizendo : « Llévenme luego,  
« Que esta tierra ya no es mia :  
« Por la mar por donde fuere  
« Algun peligro venía,  
« Que me matase á mi sola  
« Salvando la compañía. »  
O bom Rei em seu acôrdo  
Deste mundo se partia :  
Sua morte conhecendo,  
Com muita sabedoria,  
Per palavras piedosas  
Os sacramentos pedia ;  
Fallando sempre com todos,  
Deu sua alma a quem devia.  
Morto levão o gran Rei  
Senhores de gran valia,  
Dizendo huns aos outros :  
Oh que triste romaria !  
Que grande amigo perdemos  
E que doce companhia !  
Ja passada a meia noite,  
Tres horas antes do dia  
Mettido em hum ataude  
O qu'inda ha pouco regía,  
O gran senhor do Oriente  
Dos seus Paços se partia.  
Seiscentas tochas accezas,  
Escuras a quem as via ;  
Triste pranto até Belem  
Nem passo não se esquecia.  
Em terra fica enterrado,  
Porque assi mandado havia,  
Conhecendo que era terra  
A mundanal senhoria.  
Disse que os vãos thesouros

A' morte não pertencia.  
 Desque ficou enterrado  
 Cada hum se despedia,  
 Dizendo estes versos tristes  
 A' gloriosa Maria.

Oração dos Grandes de Portugal a N. Senhora, depois  
 de enterrado D. Manuel.

*O Duque de Bragança.*

Senhora Virgem gloriosa,  
 Que leixaste sepultado  
 O verbo deificado  
 Vestido da carne vossa,  
 Do mundo desamparado ;  
 Este vosso encommendado  
 Rei, que tanto vos queria,  
 Que lhe dês tanta algria,  
 Como nos leixa cuidado  
 Neste dia.

*O Mestre de Santiago.*

Senhora dos tres Reis Magos,  
 E de todolos Senhores,  
 Coroa d'Imperadores,  
 Que tragaste tantos tragos  
 Tristes polos peccadores ;  
 Polas vossas sanctas dores,  
 Que este Rei que era nosso  
 Haja de vós os favores,  
 Como hum dos servidores  
 Que foi vosso.

*O Marquez de Villa Real.*

O' d'ab initio Senhora  
 Perservada e conservada,  
 Ante que os anjos criada,  
 Por sua superiora  
 No seio de Deos guardada ;  
 Pois que fez esta pousada  
 El Rei em vossa memoria,  
 Ponde sua alma na gloria  
 Per vossa mão laureada  
 De victoria.

*O Marquez de Torres.*

Senhora, que o Rei dos Ceos  
 Viste na cruz espirar,  
 Espirar e lamentar,  
 Dizendo : « Oh Deos, meu Deos !  
 Foste-me desamparar ! »  
 Vós queirais lá emparar  
 Este Rei que aqui leixamos  
 Em tão escuro logar,  
 E a nós alumiar,  
 Que vos vejamos.

*O Conde de Marialva.*

Senhora, Senhora nossa,  
 Senhora nossa avogada,  
 Sereis deste Rei lembrada,  
 Por aquella sancta hora  
 Que fostes encommendada.  
 Ca vos fica soterrada  
 Sua Alteza e consumida :  
 Dae-lhe lá vida mudada,  
 Porque a vida aqui lograda  
 Não he vida.

*O Bispo d'Evora.*

Ca vos fica este Senhor  
 Pobremente sepultado :  
 Senhora, seja lembrado  
 Que em vosso sancto louvor  
 O achei sempre occupado.  
 Hi fica desemparado,  
 C'o pago que o mundo dá,  
 De terra emparamentado :  
 Senhora, tende cuidado  
 Delle lá.

*O Conde de Tentugal.*

Senhora, nós nos partimos  
 Desconsolados e tristes,  
 Como quando vos partistes  
 Donde vosso filho ouvimos  
 Que morto enterrar o vistes.  
 Peço-vos, pois que o paristes  
 Deos e homem natural,

Que a esta alma Real  
Deis o bem que descubristes  
Eternal.

*O Conde da Feira.*

Imperatriz das alturas,  
Sôbre os coros enxalçada,  
Pera sempre alumizada,  
Aqui vos fica ás escuras  
O Rei da gran nomeada.  
Acabou sua jornada  
Senhora, muito improviso :  
O' Virgem toda paraíso,  
Dae-lhe gloria desejada,  
Pois sois isso.

*O Conde de Penella.*

Senhora, nossa esperança,  
Triumpho da nossa vida,  
Nave de certa guarida,  
Fiel de fina balança,  
Nossa carreira sabida :  
O' sem mágoa concebida,  
Redemptora d'Israel,  
Dae a ElRei Dom Manuel  
A gloria que nos foi havida  
Per Gabriel.

*O Conde d'Alcoutim.*

Querello-me, Senhora, a vós  
De nossa vida enganosa,  
Que alem de trabalhosa,  
Parte-se breve de nós  
Pera terra tenebrosa.  
Lá queirais ser piedosa  
Ao Rei que ora enterramos,  
E a nós, que isso esperamos,  
Nos dae esperança vossa .  
Até que vamos.

*O Conde Portalegre.*

O' Virgem que a Deos paristes  
Junto com Jerusalém,  
No sancto logar de Belem ;  
Consolae os choros tristes

Que Lisboa agora tem.  
 Aqui leixamos seu bem,  
 Tornado nem bem nem mal :  
 O' Rainha imperial,  
 Amerceae-vos de quem  
 Deveis mais que a ninguem  
 Em Portugal.

## R O M A N C E.

à acclamação de D. João III.

Desanove de Dezembro,  
 Perto era do Natal,  
 Na cidade de Lisboa  
 Mui nobre e sempre leal,  
 Foi levantado por Rei  
 Dos reinos de Portugal  
 O Principe Dom João,  
 Principe angelical.  
 Sahio n'hña faca branca,  
 Parecia de cristal,  
 Guarneida de maneira  
 Que não se vio sua igual.  
 Opa leva roçagante,  
 Tudo fio d'ouro tal,  
 Forrada de ricas martas,  
 Bem parecia real ;  
 Pelote de prata fina,  
 Prata mui oriental,  
 Barrado de pedraria  
 Vinha-lhe mui natural.  
 De perlas não fazem conta  
 Porque he baixo metal ;  
 So hum collar que levava  
 Toda Alexandria val ;  
 Na cabeça leva preto,  
 Por seu padre natural ;  
 Sabio com lagrimas tristes,  
 Como filho mui leal.  
 O seu rosto tão fermo  
 Que parece divinal,  
 Seus olhos resplandecião  
 Como estrellas igual ;  
 Os cabellos da cabeça

D'ouro erão que não d'al ;  
Sua boca graciosa  
Com ar mui angelical,  
Hum semblante soberano,  
Hum olhar imperial.  
Nao foi tal contentamento  
No povo todo em geral  
Como ver na Rua nova  
Ir o seu Rei natural  
Com tanta graça e lindeza,  
Que não parece humanal.  
Os forasteiros dizião :  
Mui ditoso he Portugal.  
O Iffante Dom Luis  
Leva o estoque Real ;  
O Iffante Dom Fernando,  
Outro seu irmão carnal,  
Ao estribo direito  
A pe, não lhe estava mal,  
Porque em tal solemnidade  
Tudo lhe vem natural :  
Todolos Grandes a pé,  
Quantos ha em Portugal.  
O Conde Priol levava  
A bandeira principal.  
Chegou assi a San Domingos,  
Onde estava o Cardial :  
Benzeo o mui alto Rei  
De benção pontifical,  
E deu logo juramento :  
Jurou n'hum livro missal  
De fazer cumprir as leis  
Como lei imperial ;  
Confirmou os privilegios  
Desta cidade Real.  
Os povos muito contentes  
De Rei tão especial,  
De pequeno sempre grande,  
Magnifico e liberal,  
Que he virtude julgada  
Dos Principes principal.  
Isto tudo assi acabado,  
Disserão : Arraial ! Arraial !  
Alli tocão as trombetas,  
Atabales outro tal :  
Todos lhe beijão a mão  
Os senhores em geral.

Aqui diz o Autor o que cada hum dos senhores de Portugal  
dirião ao beijar da mão.

Eu estava ca no chão,  
Como outro desmazelado,  
Do theatro tão alongado,  
Que via beijar-lhe a mão,  
Mas não ouvia o fallado.

E occupei o cuidado  
No que cada hum diria,  
Assi de minha fantesia,  
Segundo vi o passado  
E a mudança que via.

O novo Rei sabedor  
Diria com san vontade :  
Nome da Sancta Trindade,  
E seja por seu louvor  
E por bem da Christandade ;  
Não me dá a prosperidade  
Vangloria de meu reinado,  
Pois Salomão diz verdade,  
Que tudo he vaidade,  
Bem olhado.

Diria mui humilhado  
O senhor Duque de Bragança :  
Alto Rei, nossa esperança,  
Deos que vos deu o reinado  
Vos dará sempre bonança.  
Esta supita mudança  
Bem parece obra divina ;  
E com esta segurança  
Fazei que vossa balança  
Seja fina.

O Mestre de Santiago,  
De quem sempre mercê vejo,  
Diria d'amor sobejo :  
Eis aqui minha alma trago,  
Com que servir-vos desejo :  
De todo o meu me despejo.  
E fique-me o coração  
Onde está tanta affeiçao ;  
Que sempre em vós me revejo,  
Com rezão.

O Marquez de Villa Real  
Diria lagrimejando :  
O' neto d'ElRei Fernando,  
Todo de sangue Real,  
Pera bem vos seja o mando.

E diria aconselhando :  
 Governae polo antigo,  
 Que este pasto está em p'rigo.  
 As ovelhas suspirando  
 Sem abrigo.

O Bispo d'Evora creo  
 Que ouvindo esta rezão,  
 Diria : Pera redempção  
 Foi *homo missus a Deo*,  
 Cujo nome era João.  
 Bejo-vos, Senhor, a mão,  
 E ferrae sôbre o velho,  
 Não cureis daquelle espelho  
 Que cegou a Reboão,  
 De meu conselho.

O Conde de Marialva sei  
 Que diria assocegado :  
 Reino bem aventurado,  
 Louva teu Deos por tal Rei,  
 Que agora estás povoado.  
 Mandae chamar vosso gado  
 E perguntae-lhe que ha,  
 E de pouco pera ca  
 O porque anda arrepiado  
 Vos dirá.

Diria o Conde de Penella,  
 Como todos mui leal :  
 Beijo vossa mão Real,  
 E guiae-vos pola estrella  
 De vosso bom natural.  
 Sêde isento e liberal,  
 Provedor de lavradores  
 E pae dos povos menores ;  
 C'os grandes muito Real,  
 E moderados favores.

Diria o Conde Priol,  
 Depois de lh'a mão beijar :  
 Deos vos queira prosperar ;  
 Este he bom *re mi fa sol*,  
 Porém forte de cantar.  
 Quero-vos aconselhar  
 Que façais grande thesouro  
 Antes de fama que d'ouro ;  
 E tende o muito cubiçar  
 Por agouro.

Diria o muito jucundo  
 Senhor Conde de Tentugal :

Houvera de ser Portugal  
 Todo universo mundo  
 Pera Rei tão cordeal.  
 Conselho vos dou Real :  
 Que se elle for mester,  
 Seja de homem, a meu ver,  
 Sabio, velho e leal,  
 Que he o que o conselho quer.

Diria o Conde da Feira :  
 Senhor, sam certificado  
 Que so Deos dá o reinado ;  
 E, pois vo-lo deu, elle queira  
 Que o logreis prosperado.  
 Porém sereis avisado  
 Que a todo o julgador  
 Deis gran tença de temor,  
 Porque o povo coitado  
 Não coma pão de dolor.

Diria o Conde d'Alcoutim  
 Beijando a mão preciosa :  
 Deos vos dê vida ditosa  
 E tire os dias de mi  
 Pera vossa vida e nossa.  
 E pera ella ser fermosa  
 Sêde livre e não mandado :  
 Açamae qualquer criado  
 Que não seja, diz a grossa,  
 Mais que vós, á custa vossa,  
 Adorado.

O de Portalegre diria,  
 Mui catholico privado :  
 Senhor, sejais bem casado,  
 E sempre com alegria  
 Logreis vós vosso reinado.  
 E porque mui nomeado  
 Por todo o mundo sejais,  
 Herejes não consintais,  
 Porque está Deos assanhado  
 Nos mostrão os temporaes.

*Conde de Villanova.*

Este senhor mui prudente  
 Diria : Seja louvado  
 Deos que voz fez laureado,  
 E seu fiel presidente,  
 E dino de mor reinado.

Pera bem aconselhado,  
Não ouçais mexeriqueiros,  
Nem os que forem primeiros  
Não vos fação ser irado,  
Sem ouvir os derradeiros.

O Conde do Vimioso,  
Como quem sabe d'açor,  
Diria com grande amor :  
Assi como sois fermoso,  
Tal será vosso lavor.  
Conselho-vos, Rei, meu senhor,  
Por vossa honra e proveito  
Que deis ao bom servidor  
Antes renda que favor  
Muito estreito.

Diria o Conde Almirante  
A ElRei mui excellente :  
Fazei, como gran prudente,  
Que vosso reino se mande  
Per vossa Alteza somente.  
Por quanto o commum da gente  
He dizer : *eu tenho lá* ;  
E onde rezão não ha  
A descobre hum bom presente  
De mui pouco pera ca.

Diria o Bispo do Funchal :  
Senhor, beijo-vo-la mão  
Por christianissimo Romão,  
Rei terceiro em Portugal  
Do sancto nome João.  
Pois conselho aqui vos dão,  
O conselho que eu daria,  
Que perdessem a valia  
As adherencias, pois são  
As que dão vida ao ladrão  
Cada dia.

O Regedor lhe diria,  
Tambem o Governador  
Neste dia : O Senhor  
Do mundo de vós confia  
Os gados de que he pastor :  
A vós fez seu guardador,  
E não, Senhor, pola renda :  
Outro vos reja a fazenda,  
Porque o vosso lavor  
Na justiça so entenda.  
Dirião os Vereadores

Da nobre e sempre leal :  
 Pois que nacestes Real,  
 Vós seguireis os primores  
 D'Alexandre e Annibal ;  
 E pera mais divinal  
 Não estimeis o dinheiro,  
 E a todo bom cavalleiro  
 Sêde muito liberal  
 E esquivo ao lisongeiro.

Diria o Povo em geral :  
 Bonança nos seja dada,  
 Que a tormenta passada  
 Foi tanta e tão desigual,  
 Que no mundo he soada.  
 E pois a mão vos he dada,  
 Fazei-nos sorte ditosa,  
 E praza á Virgem gloriosa  
 Que guardais esta manada  
 Como vossa.

### PRANTO DE MARIA PARDA

por que vio as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas  
 tavernas e o vinho tão caro, e ella não podia viver sem elle.

Eu so quero prantear  
 Este mal que a muitos toca ;  
 Que estou ja como minhoca  
 Que puzerão a seccar.  
 Triste desaventurada  
 Que tão alta está a canada  
 Pera mi como as estrellas ;  
 Oh coitadas das guelas !  
 Oh guelas da coitadas !

Triste desdentada escura,  
 Quem me trouxe a taes mazelas !  
 Oh gengivas e arnellas,  
 Deitae babas de seccura ;  
 Carpi-vos, beiços coitados,  
 Que ja lá vão meus toucados,  
 E a cinta e a fraldilha ;  
 Hontem bebi a mantilha,  
 Que me custou dous cruzados.  
 Oh Rua de San Gião,  
 Assi 'stás da sorte mesma

Como altares de quaresma  
E as malvas no verão.  
Quem levou teus trinta ramos  
E o meu mana bebamos,  
Isto a cada bocadinho ?  
O' vinho mano, meu vinho,  
Que ma ora te gastamos.

O' travéssa zanguizarra  
De Mata-porcos escura,  
Como estás de ma ventura,  
Sem ramos de barra a barra.  
Porque tens ha tantos dias  
As tuas pipas vazias,  
Os toneis postos em pé ?  
Ou te tornaste Guiné  
Ou o barco das enguias.

Triste quem não cega em ver  
Nas carnicerias velhas  
Muitas sardinhas nas grelhas ;  
Mas o demo ha de beber.  
E agora que estão erguidas  
As coitadas doloridas  
Das pipas limpas da borra,  
Achegou-lhe a paz com porra  
De crecerem as medidas.

O' Rua da Ferraria,  
Onde as portas erão mayas,  
Como estás cheia de guaias,  
Com tanta louça vazia !  
Ja m'a mim aconteceo  
Na manhan que Deos naceo,  
A' hora do nacemento,  
Beber alli hum de cento,  
Que nunca mais pareceo.

Rua de Cata-que-farás,  
Que farei e que farás !  
Quando vos vi taes, chorei,  
E tornei-me por detras.  
Que foi do vosso bom vinho,  
E tanto ramo de pinho,  
Laranja, papel e cana,  
Onde bebemos Joanna  
E eu cento e hum cinquinho.

O' tavernas da Ribeira,  
Não vos verá a vós ninguem  
Mosquitos, o verão que vem,  
Porque sereis areeira.

Triste, que será de mi !  
 Que ma ora vos eu vi !  
 Que ma ora me vós vistes !  
 Que ma ora me paristes,  
 Mãe da filha do ruim !  
 Quem vio nunca toda Alfama  
 Com quatro ramos cagados,  
 Os tornos todos quebrados !  
 O' bicos de minha mama !  
 Bem alli ó Sancto Espírito  
 Ia eu sempre dar no fito  
 N'hum vinho claro rosete.  
 Oh meu bem doce palhete,  
 Quem pudera dar hum grito !  
 O' triste Rua dos Fornos,  
 Que foi da vossa verdura !  
 Agora rua d'amargura  
 Vos fez a paixão dos tornos.  
 Quando eu, rua, per vós vou,  
 Todolos traques que dou  
 São suspiros de saudade ;  
 Pera vós ventosidade  
 Naci toda como estou.  
 Fui-me ó Poço do chão,  
 Fui-me á praça dos canos ;  
 Carpi-vos, manas e manos,  
 Que a dezaseis o dão.  
 O' velhas amarguradas,  
 Que antre tres sete canadas  
 Sohiamos de beber,  
 Agora, tristes ! remoer  
 Sete raivas apertadas.  
 O rua da Mouraria,  
 Quem vos fez matar a sêde  
 Pela lei de Mafamede  
 Com a triste d'agua fria ?  
 O' bebedores irmãos,  
 Que nos presta ser christãos,  
 Pois nos Deus tirou o vinho ?  
 O' anno triste cainho,  
 Porque nos fazes pagãos ?  
 Os braços trago cansados  
 De carpir estas queixadas,  
 As orelhas engelhadas  
 De me ouvir tantos brados.  
 Quero-m'ir ás taverneiras,  
 Taverneiros, medideiras,

Que me dem hūa canada,  
Sôbre meu rosto fiada,  
A pagar lá polas eiras.

*Pede fiado á Biscaïnha.*

O' Senhora Biscaïnha,  
Fiae-me canada e meia,  
Ou me dae hūa candeia,  
Que se vai esta alma minha.  
Acudi-me dolorida,  
Que trago a madre cahida,  
E çarra-se-me o gorgomilo :  
Emquanto posso engoli-lo,  
Soccorei-me minha vida.

*Biscaïnha.*

Não dou eu vinho fiado,  
Ide vós embora, amiga.  
Quereis ora que vos diga ?  
Não tendes isso aviado.  
Dizem lá que não he tempo  
De pousar o cu ao vento.  
Sangrade-vos, Maria Parda ;  
Agora tem vez a Guarda  
E a raia no auento.

*A João Cavalleiro, Castilhano.*

Devoto João Cavalleiro,  
Que pareceis Isaías,  
Dae-me de beber tres dias,  
E far-vos-hei meu herdeiro.  
Não tenho filhas nem filhos,  
Senão canadas e quartilhos ;  
Tenho enxoaval de guarda,  
Se herdardes Maria Parda,  
Sereis fóra d'empecilhos.

*João Cavalleiro.*

Amiga, dicen por villa  
Un ejemplo de Pelayo,  
Que una cosa piensa el bayo  
Y otra quien lo ensilla.  
Pagad, si quereis beber ;

Porque debeis de saber  
 Que quien su yegua mal pea,  
 Aunque nunca mas la vea,  
 El se la quiso perder.

*Vai-se a Branca Leda.*

Branca mana, que fazeedes ?  
 Meu amor, Deos vos ajude ;  
 Que estou no ataude,  
 Se me vós não accorredes.  
 Fiade-me ora tres meias,  
 Que ando por casas alheias  
 Com esta sêde tão viva,  
 Que ja não acho cativa  
 Gota de sangue nas veias.

*Branca Leda.*

Olhade, mulher de bem,  
 Dizem qu'em tempo de figos  
 Não ha hi nenhuns amigos,  
 Nem os busque então ninguem.  
 E diz o exemplo dioso,  
 Que bem passa de guloso  
 O que come o que não tem.  
 Muita agua ha em Boratem  
 E no poço do tinhoso.

*Vai-se a João do Lumiar.*

Senhor João do Lumiar,  
 Lume da minha cegueira,  
 Esta era a verde pereira  
 Em que vos eu via estar.  
 Fiae-me hum gentar de vinho,  
 E pagar-vos-hei em linho,  
 Que ja minha lan não presta :  
 Tenho mandada húa besta  
 Por elle a antre Douro e Minho.

*João do Lumiar.*

Exemplo de mulher honrada,  
 Que nos ninhos d'ora a hum anno  
 Não ha passaros oganno.  
 I-vos, que sois aviada.

Em quanto isto assi dura,  
 Matae com agua a secura,  
 Ou ide a outrem enganar,  
 Que eu não m'hei de fiar  
 De mula com matadura.

*Indo pera casa de Martim Alho, vai dizendo :*

Amara aqui hei d'estalar  
 Nesta manta emburilhada :  
 Oh Maria Parda coitada,  
 Que não tens ja que mijar !  
 Eu não sei que mal foi este,  
 Peor sem vezes que a peste,  
 Que quando era o trão e o tramo,  
 Andava eu de ramo em ramo  
 Não quero deste, mas deste.

*Diz a Martim Alho.*

Martim Alho, amigo meu,  
 Martim Alho meu amigo,  
 Tão secco trago o embigo  
 Como nariz de Judeu.  
 De sêde não sei que faça ;  
 Ou fiado ou de graça,  
 Mano, soccorrede-me ora,  
 Que trago ja os olhos fóra  
 Como rala da negaça.

*Martim Alho.*

Diz hum verso acostumado :  
 Quem quer fogo busque a lenha ;  
 E mais seu dono d'acenha  
 Appella de dar fiado.  
 Vós quereis, dona, folgar,  
 E mandais-me a mim fiar ?  
 Pois diz outro exemplo antigo,  
 Quem quizer comer comigo  
 Traga em que se assentar.

*Vai-se á Falula.*

Amor meu, mana Falula,  
 Minha gloria e meu deleite,  
 Emprestae-me do azeite,

Que se me sécca a matula.  
 Até que haja dinheiro,  
 Fiae, que pouco requeiro,  
 Duas canadas bem puras,  
 Por não ficar ás escuras,  
 Que se m'arde o candieiro.

*Falula.*

Diz Nabucodonosor  
 No sideraque e miseraque,  
 Aquelle que dá gran traque  
 Atravesse-o no salvador.  
 E diz mais, quem muito pede,  
 Mana minha, muito fede.  
 Sete mil custou a pipa ;  
 Se quereis fartar a tripa,  
 Pagae, que a vinte se mede.

*Maria Parda.*

Raivou tanto sideraque  
 E tanta zarzagania,  
 Vou-me a morrer de sequia  
 Em cima d'hum almadraque.  
 E ante de meu finamento,  
 Ordeno meu testamento  
 Desta maneira seguinte,  
 Na triste era de vinte  
 E dous desde o nacimiento.

*Testamento.*

A minha alma encommendo  
 A Noé e a outrem não,  
 E meu corpo enterrarão  
 Onde estão sempre bebendo.  
 Leixo por minha herdeira  
 E tambem testamenteira,  
 Lianor Mendes d'Arruda,  
 Que vendeo como sesuda,  
 Por beber, atá peneira.

Item mais mando levar  
 Por tochas cepas de vinha,  
 E húa borracha minha  
 Com que me hajão d'encensar,  
 Porque teve malvasia.  
 Encensem-me assi vazia,

Pois tambem eu assi vou;  
E a sêde que me matou,  
Venha pola cléresia.

Levar-me-hão em hum andor  
De dia, ás horas certas  
Que estão as portas abertas  
Das tavernas per hu for.  
E irei, pois mais não pude,  
N'hum quarto por ataude,  
Que não tivesse agua pé  
O sovenite a Noé  
Cantem sempre a meude.

Diante irão mui sem pejo  
Trinta e seis odres vazios,  
Que despejei nestes frios,  
Sem nunca matar desejo.  
Não digão missas rezadas,  
Todas sejão bem cantadas  
Em Framengo e Allemão,  
Porque estes me levarão  
Ás vinhas mais carregadas.

Item dirão per dó meu  
Quatro ou cinco ou dez trintairos,  
Cantados per taes vigairos,  
Que não bebão menos qu'eu.  
Sejão destes tres d'Almada,  
E cinco daqui da Sé,  
Que são filhos de Noé,  
A que som encommendada.

Venha todo o sacerdote  
A este meu enterramento,  
Que tiver tão bom alento  
Como eu tive ca de cote.  
Os de Abrantes e Punhete,  
D'Arruda e d'Alcouchete,  
D'Alhos-Vedros e Barreiro,  
Me venhão ca sem dinheiro  
Atá cento e vinte e sete.

Item mando vestir logo  
O frade allemão vermelho  
Daquelle meu manto velho  
Que tem buracos de fogo.  
Item mais, mais mando dar  
A quem se bem embebedar  
No dia em que eu morrer,  
Quanto movel hi houver  
E quanta raiz se achar.

Item mando agasalhar  
 Das orphans estas nó mais  
 As que por beber dos paes  
 Ficão proves por casar.  
 As quaes darão por maridos  
 Barqueiros bem recozidos  
 Em vinhos de mui bôs cheiros ;  
 Ou busquem taes escudeiros,  
 Que bebão coma perdidos.

Item mais me cumprirão  
 As seguintes romarias,  
 Com muitas ave-marias,  
 E não curem de Monção.  
 Vão por mim á Sancta Orada  
 D'Atouguia e d'Abrigada,  
 E a Curageira sancta,  
 Que me derão na garganta  
 Saude a peste passada.

Item mais me prometti  
 Nua á pedra da estrema,  
 Quando eu tive a postema  
 No beiço de baixo aqui.  
 E porque gran gloria senta,  
 Lancem-me muita agua benta  
 Nas vinhas de Caparica,  
 Onde meu desejo fica  
 E se vai a ferramenta.

Item me levarão mais  
 Hum gran cirio pascoal  
 Ao glorioso Seixal,  
 Senhor dos outros Seixaes :  
 Sete missas me dirão  
 E os caliz encherão,  
 Não me digão missa sécca ;  
 Porque a dor da enchaqueca  
 Me fez esta devação.

Item mais mando fazer  
 Hum espaçoso esprital,  
 Que quem vier de Madrigal  
 Tenha onde se acolher.  
 E do termo d'Alcobaça  
 Quem vier dem-lhe em que jaça :  
 E dos termos de Leirea  
 Dem-lhe pão, vinho e candeia,  
 E cama, tudo de graça.  
 Os d'Obidos e Santarem,  
 Se aqui pedirem pousada,

Dem-lhes de tanta pancada  
 Como de maos vinhos tem.  
 Homem d'Entre Douro e Minho  
 Não lhe darão pão nem vinho ;  
 E quem de riba d'Avia for  
 Fazê-lhe por meu amor  
 Como se fosse vizinho.

Assi que por me salvar  
 Fiz este meu testamento,  
 Com mais siso e entendimento  
 Que nunca me sei estar.  
 Chorae todos meu perigo,  
 Não levo o vinho que digo,  
 Qu'eu chamava das estrellas,  
 Agora m'irei par'ellas  
 Com grande sêde comigo.

#### A AFFONSO LOPES CAPAIO.

Affonso Lopes Capaio, christão novo que vivia em Thomar, fez hum rifão que andava no Cancioneiro Portuguez, ao qual rifão fizerão muitos muitas trovas e boas. Pedio o Conde do Vimioso a Gil Vicente que fizesse tambem, e elle fez esta trova. Diz o rifão :

*Matou-me Moura e não mouro  
 E quem m'a lançada deu  
 Moura ella e mouro eu.*  
 A Moura que deu ferida  
 A quem nunca foi ferido  
 Nem se vio em arruido,  
 Deve ser Moura fingida,  
 Pois matou Christão fingido :  
 Bem sei que morres ferido  
 Da ferida que sei eu ;  
 Porém com faca se deu.

#### A o M E S M O ,

estando em Santarem muito doente de camaras.

Senhor, eu ia-vos ver,  
 Pera vos ver e ouvir,  
 E eu ouvi-vos gemer,

Hum gemer e espremer  
 Como arremedar parir.  
 Erão camaraſ sem telhas,  
 Pera vós agastadiças;  
 Vós cagado atás orelhas,  
 As vossas calças vermelhas  
 Tinhei-las por corrediças.

Vosso cu com surdos brados  
 Apupava a seus vizinhos,  
 Que estavão dependurados;  
 Hum delles, por seus peccados,  
 Cerceárao-lhe os focinhos.  
 Diz que tinheis tal desmaio  
 Na tripa do cagalar,  
 Que vos disse o mez de Maio,  
 Melhor vos fôra, Capaio,  
 Que cagáreis em Thomar.

*Outras.*

Pois vosso negro bespeiro  
 Se vasa no mez de Maio,  
 Affonso Lopes çapaio.

Que quem tem vida guaiada  
 Coma vós da vossa sorte,  
 Por vós he cousa provada  
 Que quem tem vida cagada,  
 Cagada ha de ser a morte.  
 Quando vierdes á côrte,  
 E o cu vos der desmaio,  
 Dae-o ó demo, çapaio.

Tomareis destes vasculhos,  
 Que pintão polas paredes,  
 Huns á vela, outros ja vêdes,  
 E tapae esses angulhos,  
 Assi que o pousadeiro,  
 Que vos poz em tal desmaio,  
 Se o quereis vedar, çapaio.

## AO CONDE DO VIMIOSO,

a quem EIRei remetteo o autor sôbre hum despacho seu. Foi isto em tempo de peste, e o primeiro rebate della deu por sua casa; e andava então na corte hum Gonçalo d'Ayola, Castelhano, muito fallador, e medrava muito.

Senhor, a longa esperança  
Mui curto prazer ordena;  
Minha vida está em balança  
E a muita confiança  
Nunca causou pouca pena.  
Isto digo

Polo que passo comigo  
Polo tempo que se passa:  
Vejo minha morte em casa  
E minha casa em perigo.

Certo he, nobre senhor,  
Que quiz Deos ou a Fortuna,  
Que quem serve com amor,  
Quanto maior servidor,  
Tanto menos importuna.  
Daqui vem  
Que quem não pede não tem,  
E quem espera padece,  
E quem não parece esquece,  
Porque não lembra a ninguem.

Muito debaixo da sola  
Trouxera quanto desejo,  
S'eu aprendêra na escola  
Onde Gonçalo d'Ayola  
Aprendeo tanto despejo.  
Que ò sesudo  
Dest tempo falla tudo,  
Quer va torto quer direito:  
E tornando a meu respeito,  
Pera mi sempre fui mudo.

Agora trago antre os dedos  
Hûa farça mui fermosa;  
Chamo-a: *A Caça dos segredos*,  
De que ficareis mui ledos  
E minha dita ouciosa.  
Que o medrar,  
Se estivera em trabalhar,  
Ou valêra o merecer,  
Eu tivera que comer,  
E que dar e que deixar.

Porém por cima de tudo,  
 O meu despacho queria,  
 Porque minha fantesia  
 Occupa o mais do estudo  
 Todo em vossa senhoria ;  
 E o cuidado,  
 Quando anda assi occupado,  
 Cuida muito e não faz nada ;  
 A vontade acho dobrada,  
 Mas o espirito cansado.

## C A R T A

que Gil Vicente mandou de Santarem a El Rei D. João III.,  
 estando S. A. em Palmella, sobre o tremor de terra,  
 que foi a 20 de Janeiro de 1531.

*Senhor !*

Os frades de ca não me contentárão, nem em pulpito nem em prática, sobre esta tormenta da terra que ora passou ; porque não abastava o espanto da gente, mas ainda elles lhe affirmavão duas cousas, que os mais fazia esmorecer. A primeira, que pelos grandes peccados que em Portugal se fazião, a ira de Deos fizera aquillo, e não que fosse curso natural, nomeando logo os peccados por que fôra ; em que pareceo que estava , nelles mais soma de ignorancia que de graça do Spirito Sancto. O segundo espantalho, que á gente puzerão, foi, que quando aquelle terramoto partio, ficava ja outro de caminho, senão quanto era maior, e que seria com elles á quinta feira húa hora depois do meio dia. Creu o povo nisto de feição que logo o sahirão a receber por esses olivaes, e ainda o lá esperão. E juntos estes padres a meu rôgo na crasta de S. Francisco desta villa, sobre estas duas proposições lhe fiz húa falla na maneira seguinte. « Reve- « rendos padres, o altissimo e soberano Deos nosso « tem douz mundos : o primeiro foi sempre e pera « sempre ; que he a sua resplandecente gloria, repousou « permanecente, quieta paz, socêgo sem contenda, « prazer avondoso, concordia triumphante : mundo pri- « meiro. Este segundo em que vivemos, a sabedoria « immensa o edificou polo contrário, s. todo sem

« repouso, sem firmeza certa, sem prazer seguro,  
« sem fausto permanecente, todo breve, todo fraco,  
« todo falso, temeroso, avorrecido, cansado, imper-  
« feito ; pera que por estes contrairos sejão conhecidas  
« as perfeições da gloria do segre primeiro. E pera  
« que melhor sintão suas pacíficas concordanças, todo-  
« los movimentos que neste orbe criou, e os affeitos  
« delle são litigiosos ; e porque não quiz que nenhūa  
« cousa tivesse perfeita durança sóbre a face da terra,  
« estabeleceo na ordem do mundo, que hūas cousas  
« dessem fim ás outras, e que todo o genero de cousa  
« tivesse seu contraíro ; como vemos que contra a  
« fermosura do Verão, o fogo do Estio ; e contra  
« a vaidade humana, a esperança da morte ; e contra o  
« fermoso parecer, as pragas da infermidade ; e contra  
« a fôrça, a velhice, e contra a privança, inveja, e  
« contra a riqueza, fortuna, e contra a firmeza dos  
« fortes e altos arvoredos, a tempestade dos ventos ; e  
« contra os fermosos templos e sumptuosos edificios,  
« o tremor da terra, que por muitas vezes em diversas  
« partes tem posto por terra muitos edificios e cida-  
« des ; e por serem acontecimentos que procedem da  
« natureza, não forão escriptos, como escrevérão todos  
« aquelles que forão por milagre, como *Templum Pacis*  
« de Roma, que cahio todo supitamente, no ponto que  
« a Virgem nossa senhora pario ; e o sovertimento  
« das cinco cidades mui populosas de Sodoma, e dos  
« Egipcios no mar ruivo, e a destruicão dos que  
« adorárão o bezerro, e o sovertimento dos que mur-  
« murárão de Moyses e Aram, e a destruicão de  
« Jerusalem, por serem milagrosos e procederem per  
« nova permissão divina, sem a ordem deste segre nisso  
« ter parte. E porque nenhūa cousa ha hi debaixo do  
« sol sem tornar a ser o que foi, e o que virão desta  
« qualidade de tremor havia de tornar a ser por fôrça,  
« ou cedo ou tarde, não o escrevérão. Concruo que  
« não foi este nosso espantoso tremor, *ira Dei* ; mas  
« ainda quero que me queimem, se não fizer certo  
« que tão evidente e manifesta foi a piedade do Senhor  
« Deos neste caso, como a furia dos elementos e  
« damno dos edificios. »

E respondendo á segunda proposição contra aquelles que dizião que logo viria outro tremor e que o mar se levantaria a 25 de Fevereiro, digo, « que tanto que « Deos fez o homem, mandou deitar hum pregão no « paraiso terreal, que nenhum seraphim nem anjo nem « archanjo, nem homem nem mulher, nem sancto nem

« sancta, nem sanctificado no ventre de sua mãe, não  
« fosse tão ousado que se entremettesse nas couosas  
« que estão por vir. E depois no tempo de Moyses  
« mandou deitar outro pregão, que a nenhum advinha-  
« deiro, nem feiticeiro não dessem vida; e depois de  
« feito Deos e homem, deitou outro pregão sobre o  
« mesmo caso, dizendo aos discipulos: *não convem a*  
« *vós outros saber o que está por vir, porque isso per-*  
« *tence á omnipotencia do Padre.* Polo qual mui mara-  
« vilhado estou dos lettrados mostrarem-se tão bravos  
« contra tão horridos pregões e defezas do Senhor,  
« sendo certo que nunca couosas destas disserão, de  
« que não ficassem mais mentirosos que prophetas;  
« e não menos me maravilha daquelle que crem que  
« nenhum homem pôde saber aquillo que não tem ser,  
« senão no segredo da eternal sabedoria; que o tremor  
« da terra ninguem sabe como he, quanto mais quando  
« será e quammanho será. Se dizem que por estrologia,  
« que he sciencia, o sabem; não digo eu os d'agora que  
« a não sabem soletrar, mas he em si tão profundissima,  
« que nem os da Grecia, nem Moyses, nem Joannes de  
« Monteregio alcançaráo da verdadeira judicatura peso  
« de hum oução; e se dizem que por magica, esta carece  
« de toda a realidade, e toda a sustancia sua consiste  
« em apparencias de couosas presentes, e do porvir não  
« sabe nenhūa cousa; se por espirito prophetic, ja  
« crucificaráo o propheta derradeiro: ja não ha de  
« haver mais. Concruso, virtuosos padres, sob vossa  
« emenda, que não he de prudencia dizerem-se taes  
« couosas pubricamente, nem menos serviço de Deos;  
« porque pregar não hade ser praguejar. As villas  
« e cidades dos Reinos de Portugal, principalmente  
« Lisboa, se hi ha muitos peccados, ha infindas esmolas  
« e romarias, muitas missas, e orações, e procissões,  
« jejuns, disciplinas, e infindas obras pias, publicas e  
« secretas: e se alguns hi ha que são ainda estrangeiros  
« na nossa fé e se consentem, devemos imaginar que se  
« faz por ventura com tão sancto zelo, que Deos he  
« disso muito servido; e parece mais justa virtude aos  
« servos de Deos e seus prégadores animar a estes  
« e confessá-los e provocá-los, que escandalizá-los e  
« corrê-los, por contentar a desvairada opinião do  
« vulgo. » E porque tudo me louvárao e concedêrao  
ser muito bem apontado, o mañdei a V. A. por escripto,  
até lhe Deos dar tanto descanso e contentamento  
como em todos seus reinos he desejado, pera que por  
minha arte lhe diga o que aqui fallece. E porém saberá

V. A. que este auto foi de tanto seu serviço, que nunca cuidei que se offerecesse caso em que tão bem empregassee o desejo que tenho de o servir, assi visinho da morte como estou: porque, á primeira pregação, os christãos novos desapparecerão e andavão morrendo de temor da gente, e eu fiz esta diligencia e logo ao sabado seguinte seguirão todolos prégadores esta minha tenção.

---

### EPISTOLA DEDICATORIA A D. JOÃO III.

Os livros das obras que escriptas vi, Serenissimo Senhor, assi em metro, como em prosa, são tão florecidas de scientes materias, de graciosas invenções, de doces eloquencias e elegancias, que temendo a pobreza de meu engenho, porque naceo e vive sem possuir nenhūa destas, determinava leixar minhas miserrimas obras por imprimir, porque os antigos e modernos não leixárão cousa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descubrir. Assi que, pera passar seguro da pena que minha ignorancia padecer não escusa, me fôra fermosa guarida não dizer senão o que elles disserão, ainda que eu ficasse como eco nos valles, que falla o que dizem, sem saber o que diz. Porém querendo eu no presente preambulo ajudar-me do seu costumado estilo, em querer louvar as excellencias de V. A., como elles fazem aos senhores a quem suas obras endereção, que farei? sendo certo que, aindaque fosse em mí so a sua oratoria tão facunda como em todos elles, e me fosse traspassado o espirito de David, não presumiria escrever de V. A. a minima parte de sua magnifica bondade, de sua nobilissima condição, de sua discreta mansidate, do perfeito zélo da sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, gravidade, conselho, sabedoria, liberalidade, prudencia, e finalmente do seu christianissimo firmamento. Outro si querendo navegar pola róta do seu exordio delles, pedindo a V. A. favor e emparo para que minha enferma escritura não seja ferida de linguas damnosas; parece-me injusta oração pedir tão alto esteio pera tão baixo edificio; quanto mais que, ainda que digno fôra de tão nobre emparo, tenho considerado que Christo filho de Deos, sob emparo do poderio eternal do Padre, e todos seus bemaventurados Sanctos, não passárão por esta vida tão livres, que dos malditos detractores

não fossem julgadas suas divinas obras por humanas leviandades, sua sancta doutrina por maxima ignorancia, sua manifesta bondade por falsa malicia, sua sanctissima graça por sorreticio engano, sua excelça abstinencia por vil hypocrisia, sua celeste pobreza por terreno vicio. Pois rustico peregrino de mi, que espero eu ? Livro meu, que esperas tu ? Porém te rogo que quando o ignorante malicioso te reprender, que lhe digas : se meu mestre aqui estivera, tu caláras. Finalmente que por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem proposito de imprimir minhas obras, se V. A. m'o não mandára, não por serem dinas de tão esclarecida lembrança, mas V. A. haveria respeito a serem muitas dellas de devação, e a serviço de Deos endereçadas, e não quiz que se perdessem, como quer que cousa virtuosa, por pequena que seja, não lhe fica por fazer. Por cujo serviço trabalhei a copillação dellas com muita pena de minha velhice e gloria de minha vontade, que foi sempre mais desejosa servir a V. A., que cubiçosa de outro nenhum descanso.

## INDEX.

	Pag.
PREFACIO . . . . .	V
ADVERTENCIA . . . . .	LXI

## FARÇAS.

Auto da Mofina Mendes . . . . .	2
Auto Pastoril Portugues . . . . .	24
Auto da Feira . . . . .	44
Auto da Alma . . . . .	72
Auto da Barca do Inferno . . . . .	96
Auto da Barca do Purgatorio . . . . .	122
Auto da Historia de Deos . . . . .	146
Dialogo sobre a Resurreição . . . . .	175
Auto da Cananea . . . . .	186
Exhortação da Guerra . . . . .	208
Cortes de Jupiter . . . . .	226
Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrella . . . . .	246
Romagem de Aggravados . . . . .	268
O Velho da Horta . . . . .	298
Farça dos Almocreves . . . . .	320
O Clerigo da Beira . . . . .	342

## OBRAS VARIAS.

Paraphrase do Psalmo L. . . . .	367
A' morte d'ElRei D. Manuel . . . . .	372
Romance ao mesmo assumpto . . . . .	373
Romance á acclamação de D. João III . . . . .	378
Pranto de Maria Parda . . . . .	384
A Affonso Lopes Çapaio . . . . .	393
Ao mesmo . . . . .	393
Ao Conde do Vimioso . . . . .	395
Carta que o Poeta mandou de Santarem a ElRei D. João III . . . . .	396
Epistola dedicatoria a D. João III . . . . .	399